Aventuras de Tom Sawyer

Mark Twain

LIVROS UNIBOLSO - 55

Digitalização e Arranjo

Agostinho Costa

MARK TWAIN

AVENTURAS DE TOM SAWYER

Texto integral

TíTULO ORIGINAL

TOM SAWYER

TRADUÇÃO DE

LUISA DEROUET

CAPA DE
JOSÉ ANTUNES

ESTA EDIÇãO UNIBOLSO FOI REALIzADA POR ACORDO COM A PORTUGåLIA EDITORA, LDA.
da Biblioteca dos Rapazes

ïndice

1 - Tom brinca, luta e esconde-se 7/0
2 - O caiador glorioso 14/0
3 - FEITOS DE GUERRA E AMOR 20/0
4 - EXIBIÇÃO NA ESCOLA DE DOUTRINA 25/1
5 - A CAROCHA E A SUA PRESA 34/1
6 - TOM ENCONTRA BECKY 39/1
7 - UMA CARRAÇA CORREDORA E UM DESGOSTo.... 49/2

8 - PIRATA AUDACIOSO 55/2
9 - UMA TRAGÉDIA NO CEMITÉRIO 60/2
10 - UIVOS AGOIRENTOS 66/3
11 - CONSCIëNCIA ATRIBULADA 72/3
12 - O GATO E O TƒNICO 77/3
13 - OS PIRATAS PÕEM-SE A CAMINHO 81/3
14 - O alegre acampamento dos piratas ... 88/4
15 - A VISITA FURTIVA DE TOM 93/4
16 - AS PRIMEIRAS CACHIMBADAS E UMA NAVALHA PERDIDA 97/4
17 - OS PIRATAS ASSISTEM AOS SERVIÇOS FûNEBRES POR SUA ALMA 105/5
18 - TOM REVELA O SEU SONHO 108/5
19 - "EU NÃO PENSEI" 116/5
20 - TOM DEIXA-SE CASTIGAR EM LUGAR DE BECKY 119/5
21 - EXAMES 124/6
22 - HUCK FINN FAZ CITAÇÕES DA BïBLIA . 130/6
23 - A SALVAÇÃO DE MUFF POTTER 133/6
24 - DIAS MARAVILHOSOS E NOITES DE PAVOR..... 139/6
25 - EM BUSCA DE UM TESOURO ENTERRADO . 141/6
26 - LADRÕES DE CARNE E OSSO ROUBAM O TESOURO 148/7
27 - NOVOS EMPREENDIMENTOS 156/7
28 - NO COVIL DE INJUN JOE 159/7
29 - HUCK SALVA A VIûVA 162/7
30 - TOM E BECKY NA GRUTA 168/8
31 - Encontrados e perdidos outra vez . 176/8
32 - LEVANttem-se! OS PEQUENOS APARECERAM! 184/8
33 - O DESTINO DE INJUN JOE 187/9
34 - RIOS DE DINHEIRO 196/9
35 - O RESPEITåVEL HUCK ENTRA PARA A QUADRILHA 199/9
36 - CONCLUSÃO 204/9

1. TOM BRINCA, LUTA E ESCONDE-SE

- Tom!

Ninguém respondeu.

- Tom!

Nada.

- Sempre gostava de saber onde se meteu aquele rapaz. TOM!

Silêncio absoluto.

A velhota puxou os óculos para baixo e, por cima deles, olhou o quarto em volta; tornou a puxá-los para cima e olhou através deles. Raras vezes ou nunca procurava de óculos uma coisa tão pequena como um rapaz, mas este par era o de luxo, o seu orgulho; eram só para vista, e não para serviço, pois via tão bem por eles como através das portas do fogão. Durante um momento pareceu indecisa e, por fim, disse, não muito de rijo, mas em voz suficientemente alta para os móveis a ouvirem:

- Garanto-te que, se te apanho, te...

Não acabou, porque nesta ocasião estava curvada a dar

vassouradas debaixo da cama e se continuasse a falar faltava-lhe o ar. Só conseguiu fazer sair de lá o gato.

- Nunca vi um rapaz como este!

Foi à porta, abriu-a e ficou a olhar para fora, procurando-o entre os tomateiros e as outras plantas que constituíam a horta. Nem sombra de Tom.

Então elevou a voz, para poder ser ouvida a distância, e gritou:

- ƒ T-O-M!

Ouviu um pequeno barulho atrás dela e voltou-se precisamente a tempo de agarrar o rapaz por uma ponta do fato e prendê-lo.

- Anda cá! Eu bem podia ter-me lembrado daquele armário. O que estiveste ali a fazer?

7

- Nada.

- Nada? Olha para as tuas mãos. Olha para a tua boca. O que é isso?

- Não sei, tia.

- Pois eu sei. É compota, é o que é! Já te disse quarenta vezes que, se não deixasses de mexer na compota, te tirava a pele. Dá cá essa vara.

tia A vara fez um movimento no ar, e o pequeno, vendo o caso mal parado, disse:

- Olhe para trás de si, tia.

A senhora deu uma reviravolta e apanhou as saias, que estavam em perigo.

No mesmo instante o rapaz fugiu, saltou por cima da vedação de madeira e desapareceu.

A tia Polly ficou um momento surpreendida e por fim deu uma gargalhada.

- Que diabo de rapaz! Eu nunca hei-de aprender? Tantas partidas como esta me tem feito, que eu já devia calcular onde ele podia estar. Mas quanto mais velha mais tola, é o caso. Burro velho não aprende línguas, lá diz o rifão. Mas a verdade é que ele não faz duas vezes a mesma partida e não é possível adivinhar o que vai acontecer. Parece que sabe ao certo quanto tempo me pode atormentar antes que eu me zangue e já percebeu que, quando consegue distrair-me por um minuto ou fazer-me rir, não sou capaz de lhe tocar. Bem sabe Deus que não tenho cumprido o meu dever com este rapaz! Não é fácil de educar crianças sem lhes bater, está provado. Ando a preparar um futuro triste para nós ambos, bem sei. Ele tem o diabo no corpo, mas, valha-me Deus, é o filho da minha irmã que morreu, e não tenho alma de o castigar. Sempre que o deixo escapar, pesa-me a consciência, se lhe bato dói-me o coração. Lá diz a Bíblia que as pessoas, mal nascem, começam a passar trabalhos. É uma grande verdade! Ele esta tarde há-de faltar à escola e amanhã ver-me-ei obrigada a fazê-lo trabalhar para o castigar. É muita severidade impôr-lhe trabalho aos sábados, quando todos os rapazes andam a brincar, mas ele detesta o trabalho acima de tudo e eu tenho de cumprir o meu dever com ele, ou acabo por ser a sua ruína.

Tom faltou realmente à escola e andou a divertir-se. Voltou para casa precisamente na altura de ajudar Jim, o pretinho, a serrar a lenha para o dia seguinte e a rachar as acendalhas antes da ceia, e chegou pelo menos a tempo de contar as suas aventuras a Jim, enquanto este fazia três quartos do trabalho. A tarefa que competia ao irmão mais novo de Tom - ou antes, ao meio-irmão de Tom -, Sid, e que era juntar as acendalhas, estava já quase

toda feita, porque Sid era um rapaz sossegado que não tinha aventuras, nem fazia maldades.

Enquanto Tom ceava e roubava torrões de açúcar sempre que podia, a tia Polly fez-lhe várias perguntas cheias de malícia e muito profundas, porque queria armar-lhe uma ratoeira e levá-lo a fazer revelações. Como muitas outras pessoas de alma simples, a sua maior vaidade era acreditar-se dotada de um talento especial para as complicações diplomáticas e julgava as suas mais ingénuas artimanhas como maravilhas de habilidade. Assim, perguntou:

- Não achaste que estava hoje muito calor na escola?
- Sim, tia.
- Mesmo muito quente, não?
- Sim, tia.
- Não te apeteceu ir nadar, Tom?

Tom sentiu passar através do seu espírito qualquer coisa como uma suspeita e olhou para o rosto da tia Polly. Não percebendo nada, respondeu:

- Não, nem por isso.

A senhora estendeu a mão para apalpar a camisa de Tom e observou:

- Mas não estás muito quente agora, apesar disso.

Lisonjeava-a a ideia de ter descoberto que a camisa estava seca, sem ninguém perceber a sua intenção. Mas Tom adivinhou-lhe o pensamento e calculou qual ia ser a pergunta seguinte.

- Alguns rapazes puseram a cabeça debaixo da bomba. Eu fui um deles e a minha ainda está húmida. Ora apalpe.

A tia Polly sentiu-se vexada ao aperceber-se de que tinha esquecido aquela prova, por onde devia mesmo ter principiado. Mas logo teve nova inspiração.

- Tom, não tiveste que descoser o colarinho no sítio em que cosi? Desabotoa o casaco.

Tom respirou fundo. Abriu o casaco e mostrou o colarinho cosido.

- Que maçada! Tira-te daqui. Estava certa de que tinhas faltado à escola e andado a nadar. Perdoo-te, Tom. Reconheço que te acusei injustamente. És melhor do que pareces.

Estava entre triste, por ver que a sua sagacidade tinha falhado, e alegre, por reconhecer que Tom tinha sido obediente, pelo menos por uma vez. Mas Sidney disse:

- Parecia-me que a tia lhe tinha cosido o colarinho com

linha branca,

mas foi com preta.
- Cosi com branca, Tom.
Porém, Tom não esperou pelo resto, e, no momento em que ia a sair da porta, prometeu:
- Hei-de te dar uma chibatada por conta disso, Siddy.
Em lugar seguro, Tom examinou duas grandes agulhas que tinha pregado na lapela do casaco com linha enrolada à volta. Uma estava enfiada de branco e outra de preto.
- Ela nunca teria dado por isso, se não fosse Sid. Maldito costume! Umas vezes cose-me o colarinho com branco, outras vezes com preto. Porque demónio não escolherá ela uma ou outra? Assim não lhe dou vencimento. O que garanto é que hei-de sovar Sid por conta disto. Há-de aprender!
Ele não era o rapaz modelo da aldeia. Sabia perfeitamente quem merecia esse nome e detestava-o.
Dentro de dois minutos ou talvez menos tinha esquecido todas estas preocupações, não porque fossem menores ou menos amargas para ele do que as de um homem são para esse homem, mas porque outra coisa as afastou de momento do seu espírito, exactamente como as desgraças dos homens passam para segundo plano na excitação de novos empreendimentos. Este novo interesse era um curioso modo de assobiar, que um negro lhe ensinara e que estava ansioso por praticar à vontade. Consistia em imitar a voz dos pássaros, uma espécie de gorgeio produzido pelo toque da língua no céu da boca, com pequenos intervalos, enquanto assobiava com os lábios. Se o leitor já foi rapaz lembra-se provavelmente de como se faz isso. Com diligência e atenção, em breve apanhou o jeito e foi andando rua abaixo com a boca cheia de sons harmoniosos e a alma cheia de gratidão. Sentia o que sente um astrónomo ao acabar de descobrir um novo planeta, mas sem dúvida o prazer do rapaz era muito mais forte, profundo e puro do que o do astrónomo.
As tardes de Verão são muito compridas. Ainda não estava escuro. Pouco depois, ao ver na sua frente um rapaz mais alto do que ele, Tom moderou o tom do assobio. Qualquer recém-chegado, fosse qual fosse a sua idade ou sexo, era um acontecimento impressionante na pequena aldeia de São Petersburgo. Além disso, aquele rapaz estava bem vestido - bem vestido num dia de semana -, o que era simplesmente espantoso. O boné era uma coisa linda, e o casaco, de pano azul e todo abotoado, era novo e bem feito, assim como as calças. Tinha sapatos calçados, apesar de ser só sexta-feira. Até trazia gravata, feita de um bocado de fita de cor. Tinha um ar citadino que indignava Tom. Quanto mais olhava para aquela esplêndida maravilha, quanto mais arrebitava o nariz a olhar para tanto luxo, mais pobre e mesquinho lhe parecia o seu próprio fato. Nenhum deles falava. Se um se mexia, o outro mexia-se também, mas sem deixarem de estar em frente um do outro nem de se olhar.

Por fim, Tom disse: - Se eu quiser bato-te. - Gostava que experimentasses. - Só se eu não quiser. - Não és capaz. - Sou. - Não és. - Sou.

- Não és.
- Sou.
- Não és.

Seguiu-se uma pausa desagradável, finda a qual Tom perguntou:

- Como te chamas?
- Não é da tua conta.
- Se eu quiser posso fazer com que seja.
- Então porque não fazes?
- Se dizes muitas coisas, faço mesmo.
- Muitas coisas... Muitas coisas... Muitas coisas. Aqui tens.
- Naturalmente julgas que és muito esperto, não? Se eu quiser sou capaz de te bater até com uma das mãos presa atrás das costas.
- Porque não bates, se dizes que és capaz?
- Pois bato se te metes muito comigo.
- Bem sei, já vi famílias inteiras na mesma atrapalhação.
- Que valentão! Se for a ver, julgas que és alguém, não? Olha para aquele chapéu!
- Podes amolgá-lo se não gostas dele. Desafio-te a que Lhe toques, e seja quem for que se atreva apanha a sua conta.
- Mentiroso!
- Mentiroso és tu.
- És um desordeiro e um mentiroso, que não cumpres o que prometes.

10 11 -

Vai passear!

- Se me maças muito com esse palavreado, atiro-te uma pedra à cabeça.
- Ah! Com certeza que sim.
- Pois claro que atiro.
- Então porque não atiras? Para que estás há que tempos a ameaçar se não o fazes? Tens medo.
- Não tenho medo!
- Tens.
- Não tenho.
- Tens.

Outra pausa em que ambos continuaram a olhar-se e a olhar em volta. Instantes depois estavam lado a lado e Tom disse: - Tira-te daqui. - Tira-te tu. - Não tiro. - Também eu não.

Assim ficaram os dois, colocados a pequena distância um do outro, empurrando-se com toda a força e olhando-se rancorosamente. Nenhum quis ceder e, depois de lutarem até ambos estarem suados e vermelhos, largaram-se, vigiando-se cautelosamente um ao outro, e Tom disse:

- És um cobarde e um cachorro. Hei-de fazer queixas de ti ao meu irmão mais velho, que é capaz de te esborrachar só com um

dedo, e hei-de pedir-Lhe que te bata.
- A mim que me importa o teu irmão mais velho? Tenho um ainda mais crescido do que ele e que é capaz de te atirar por cima daquele tapume.
(Ambos os irmãos eram imaginários.) - É mentira.
- Isso era o que tu querias, que fosse mentira.
Tom fez com o dedo grande do pé um risco no chão e disse:
- Se dás um passo para cá dou-te uma sova que nem te tens em pé. Seja quem for que se atreva, apanha!
O recém-chegado passou prontamente por cima do risco e respondeu:
- Sempre quero ver se és capaz de fazer o que prometes.
- Sai da minha vista; deixa-me em paz.
- Disseste que me batias; porque não bates?
- Com certeza que bato e não custa caro.
Então o desconhecido tirou da algibeira duas moedas de cobre e ofereceu-as desdenhosamente ao outro. Tom sacudiu-as para o chão e no mesmo instante ambos os rapazes rolavam e esperneavam na rua, agarrados um ao outro como gatos. Talvez durante um minuto, socaram-se, puxaram o nariz e o cabelo um do outro, rasgaram o fato, cobrindo-se assim de poeira e de glória. Pouco depois a luta entrou em nova fase e, no ardor do combate, Tom apareceu escarranchado no outro, socando-o com os punhos fechados.
- Toma! Toma!
O rapaz procurava libertar-se e chorava, principalmente de raiva.
- Toma!
E a pancadaria continuava.
- Basta...
- Isto é para saberes. Para a outra vez vê primeiro com quem te metes.
O desconhecido afastou-se sacudindo o pó do fato, soluçando e fungando; de quando em quando olhava para trás com um movimento de cabeça que representava uma ameaça do que faria a Tom na primeira ocasião em que o apanhasse a jeito. Tom respondeu-lhe com motejos e seguiu o seu caminho muito contente, mas, logo que se virou, o desconhecido pegou numa pedra e atirou-a, acertando-lhe com ela no meio das costas. Em seguida deitou a correr como um antílope. Tom foi atrás dele até casa e ficou sabendo onde morava. Aí ficou algum tempo junto do portão, desafiando-o para tornar a sair, mas o inimigo só lhe fez caretas através da vidraça da janela e desapareceu. Por fim, a mãe do desconhecido veio, chamou-lhe mau e ordinário, mandando-o depois embora. Ele assim fez, mas disse para consigo que estava decidido a vingar-se do rapaz.
Nessa noite chegou tarde a casa e, ao trepar cautelosamente pela janela, descobriu a tia à sua espera. Esta, quando viu o estado em que trazia o fato, deliberou manter inabalável a sua resolução de o obrigar a trabalhar na tarde de sábado.

2. O CAIADOR GLORIOSO

Chegou a manhã de sábado. Era Verão e tudo estava fresco, brilhante e cheio de vida. Havia uma cantiga em cada coração e, se o coração tinha poucos anos, essa cantiga vinha até aos lábios. Todos se mostravam contentes e andavam com desembaraço. As alfarrobeiras estavam em flor e o perfume dessas flores enchia o ar. para lá e por cima da aldeia o monte Cardiff estava coberto de vegetação e ficava precisamente à distância necessária Para tomar o aspecto de uma Terra de Promissão, convidativa, cheia de sonhos e tranquilidade.

Tom apareceu no passeiojunto da casa, com um balde de cal e um pincel de cabo comprido. Olhou para a vedação, e toda a alegria do seu espírito deu lugar à mais profunda melancolia. Eram trinta jardas de tapume com dois ou três metros de altura. A vida parecia-lhe oca e a existência nada mais do que um fardo. A suspirar, meteu o pincel na cal e passou-o ao longo da tábua mais alta, Repetiu a operação uma e outra vez; comparou a pequena tira caiada com a enorme superfície de madeira por caiar, e sentou-se desanimado no tronco de uma árvore.

Jim saiu aos pulos com um balde de folha, a cantar o «buffalo Gals».,.

Acarretar água do chafariz tinha sido até então, aos olhos de Tom, um trabalho detestável, mas agora não Lhe parecia tanto assim - que havia sempre muita gente, ali, de roda, e que rapazes e raparigas, brancos, mulatos e pretos, esperavam a sua vez descansando, trocando brinquedos, questionando, batendo-se e brincando. Lembrava-se também de que, embora o chafariz ficasse apenas a cento e cinquenta jardas de distância, Jim nunca voltava com um balde cheio de água em menos duma hora, e mesmo assim tinha às vezes de ir alguém chamá-lo.

Tom disse:

- Olha, Jim, vou buscar a água e tu caias aqui um bocado.

Jim abanou a cabeça e respondeu:

- Não poder, menino Tom. Senhora velha dizer que eu ter de ir buscar esta água e que não demorava brincar com ninguém. Ela dizer calcular que menino Tom pedia mim para caiar e dizer que eu ir fazer meu trabalho enquanto ela tomar conta caiação.

- Ora! Não te importes com o que ela diz. Isso é maneira de falar. Dá-me o balde, que eu vou e só me demoro um minuto. Ela nem chega a saber. - Não poder, menino Tom. Senhora velha dizer cortar a minha cabeça e cortar mesmo.

- Corta agora! Ela não bate em ninguém, quando muito dá-nos com o dedal na cabeça, e sempre gostava de saber quem se importa com isso. Diz coisas horríveis, mas o que ela diz não faz doer, pelo menos quando grita. Dou-te uma coisa

maravilhosa. Dou-te um abafador.
  Jim hesitou.
  - Um berlinde, Jim! E é um abafador.
  - ƒ Deus! Também achar coisa maravilhosa! Mas, menino Tom, Jim ter medo senhora velha.
  - Além disso mostro-te o meu pé doente.
  Jim não passava de um ser humano e esta tentação era demasiado forte para ele.
  Pôs o balde no chão, pegou no berlinde e curvou-se cheio de interesse Para o dedo doente, enquanto o outro tirava a ligadura, Mas passado um momento corria pela rua abaixo, com o balde na mão e um certo sítio. a arder. Tom recomeçara a caiar e a tia Polly retirava-se do campo com uma pantufa na mão e um olhar triunfante.
  A energia de Tom foi de pouca duração. Começou a pensar nos divertimentos que tinha planeado para aquele dia, e a sua tristeza aumentou. Em breve passariam por ali os rapazes em liberdade a caminho das mais encantadoras expedições, e iam fartar-se de fazer troça dele por ter de trabalhar.
  Só de pensar nisto sentia-se corar. Tirou do bolso toda a sua fortuna e examinou-a. Eram bocados de brinquedos, berlindes e lixo. Talvez chegasse para comprar uma troca de trabalho, mas não era nem metade do necessário para comprar meia hora de liberdade. Tornou, pois, a meter os seus escassos bens na algibeira e pôs de Parte a ideia de tentar comprar os rapazes.
  Mas no mesmo momento de tristeza e desespero, teve uma inspiração. Nada menos que uma grande e magnífica inspiração.

  Pegou no pincel e pôs-se a trabalhar tranquilamente. Pouco depois apareceu por ali Ben Rogers. De entre todos os rapazes, temia a troça daquele, mais do que de nenhum. Ben vinha a saltar e a pular, o que provava bem como estava alegre e como gozava antecipadamente o que ia fazer. Vinha a comer uma maçã e de vez em quando soltava um melodioso grito seguido por um dingue-dongue-dingue-dongue, por que personificava um barco a vapor. Ao aproximar-se abrandou a velocidade, caminhou pelo meio da rua inclinando-se para estibordo, deu uma volta larga e trabalhosa, pois que representava o Big Missuri e fazia de conta que navegava com três metros de água. Era, ao mesmo tempo, barco, capitão e sinetas, por isso se imaginava na ponte de comando dando ordens e executando-as.
  - Parem! Tlim-tlim-tlingue!
  Como a rota do navio estivesse a terminar, encaminhou-se vagarosamente para o passeio.
  - Marcha à ré! Tlim-tlim-tlingue!
  Endireitou os braços e retesou-os ao longo do corpo.
  - Recuem para estibordo! Tlim-tlim-tlingue! Tchau! Tchau-tch-tchau! Tchau!
  Entretanto, com a mão direita, descrevia grandes círculos, que faziam as vezes duma roda de quarenta pés.

- Recuar para bombordo! Tlim-tlim-tlingue! Tchau! Tch-tchau-tchau!

A mão esquerda começou a descrever círculos.

- Parar a estibordo! Tlim-tlim-tlingue! Parar a bombordo! Avançar para estibordo! Parar! Deixar virar devagar! Tlim-tlim! Tlingue! Tchau-tch-tch! Cuidado com o leme! Depressa, agora! Dois graus a bombordo! O que estão a fazer? Atem uma corda a esse tronco! Encostem agora e deixem seguir. Pararam as máquinas, capitão! Tlim-tlim-tlingue! Cht! Cht! Cht!

(Este barulho era feito pelas caldeiras.) Tom continuou a caiar sem fazer caso do barco a vapor.

Ao fim de um momento, Ben disse:

- ƒ pá! Estás atrapalhado?

Nem palavra. Tom olhava para as últimas pinceladas dadas, com um olhar de artista, depois pegou no pincel e deu outro retoque, tornando a olhar como antes. Ben pôs-se ao lado dele e Tom sentiu crescer água na boca só de olhar para a maçã, mas não parou de trabalhar.

Por Fim Ben perguntou:

- Tens de trabalhar, hem?

Tom voltou-se rapidamente.

- Ah! És tu, Ben! Não tinha dado por ti.

- Olha, vou nadar. Não gostavas de ir também? Já se vê, tens de fazer esse trabalho, não tens? Está claro que tens.

Tom olhou-o por momentos e por fim perguntou-lhe:

- A que é que tu chamas trabalho?

- Então isso não é trabalho?

Tom continuou a caiar e respondeu despreocupadamente:

- Talvez seja e talvez não. O que eu sei é que é muito do agrado de Tom Sawyer!

- Não me queres fazer acreditar que gostas disso. O pincel continuava a mover-se.

- Gostar disto? Não vejo porque não hei-de gostar. Nem todos os dias um rapaz como nós tem ocasião de pintar um tapume.

Isto punha as coisas noutro pé.

Ben parou de comer a maçã. Tom pintava cuidadosamente, movendo o pincel de um lado para o outro, dava um passo atrás para ver o efeito, retocava aqui e ali, tornava a ver o efeito e, entretanto, Ben olhava para tudo aquilo cada vez mais entretido, até que, passados momentos, disse:

- Deixas-me caiar um bocadinho, Tom?

Tom pensou um instante, esteve quase a consentir, mas mudou de ideia.

- Não, não! Não pode ser, Ben. Bem vês, a tia Polly é muito exigente com este tapume. Deita para a estrada... Ainda se fosse do lado de trás não me importava e ela naturalmente também não. Mas ela tem lá umas esquisitices com esta vedação. O serviço tem de ser feito com muito cuidado. Em mil rapazes, talvez até em dois mil, não haveria outro que o fizesse como deve ser.

- Não? É muito difícil? Deixa-me experimentar! Só um bocadinho! Eu, se estivesse no teu lugar e tu fosses eu, deixava.

- Ben, eu também gostava de te deixar, palavra, mas a tia

Polly... Olha, o Jim quis fazer isto, e ela não deixou; Sid quis fazê-lo e ela não deixou. Ela não deixou Sid! Já vês a minha atrapalhação. Se tu caiasses isto e acontecesse alguma coisa?!

- Ora! Tolices! Eu tomo tanto cuidado como tu. Deixa-me experimentar! Olha, dou-te o cascabrulho da minha maçã.

16 17 - Pois sim... Não, Ben, não pode ser. Tenho medo...

- Dou-te toda a maçã que ainda tenho.

Tom abandonou o pincel, mostrando certa relutância, mas, com o coração cheio de alegria e enquanto aquele que pouco antes personificava o Big Missuri trabalhava e suava ao sol, o artista reformado sentou-se num barril à sombra a abanar as pernas, a mastigar a maçã e a planear o sacrifício de outros inocentes.

Material não faltava, porque os rapazes passavam constantemente. Vinham para troçar, mas ficavam a caiar.

Quando Ben estava estafado, Tom aproveitou a ocasião para contratar Billy Fisher, que lhe deu uma estrela de papel em bom uso. Logo que este se mostrou farto, Johny Miller deu um rato morto com uma corda atada ao rabo, para que o deixassem caiar um bocado. O negócio continuou assim, e, quando se chegou ao meio da tarde, Tom deixara de ser o pobre que era de manhã, para nadar em riqueza, pois tinha adquirido, além das coisas já mencionadas, doze berlindes, parte de um berimbau, um estilhaço de vidro azul para ver através dele, o resto de uma espingarda, uma chave que não servia para nada, um pedaço de giz, a rolha de vidro de um frasco, um soldado de chumbo, um casal de rãs, um puxador de uma porta, uma coleira de cão - sem cão -, um cabo de faca, quatro bocados de casca de laranja e um bocado de janela.

Passara um bocado de tempo agradável e a preguiçar, sempre acompanhado, e o tapume levara três demãos de cal. Se se não tivesse acabado a cal, teria conseguido arrastar todos os rapazes da aldeia para a bancarrota.

Afinal, Tom já não achava que a vida fosse tão oca.

Descobrira, sem o saber, uma grande lei que rege a Humanidade e que é: para se conseguir que um homem ou um rapaz cobice uma coisa, basta tornar essa coisa difícil de obter.

Se fosse um grande e sábio filósofo, como o autor deste livro, teria compreendido então que trabalho consiste em tudo que se é obrigado a fazer e que prazer consiste naquilo que se não é obrigado a fazer. Este raciocínio tê-lo-ia ajudado a entender porque se chama trabalho aos trabalhos forçados e a fazer flores artificiais, enquanto que jogar o berlinde ou escalar o Monte Branco não passa de um divertimento. Há senhores muito ricos, em Inglaterra, capazes de guiar carros de passageiros puxados por quatro cavalos num caminho de vinte ou trinta milhas todos os dias no Verão, porque para isso têm de pagar uma quantia considerável, mas que se recusariam a fazê-lo se Lhes oferecessem um ordenado, pois isso passaria então a ser considerado trabalho.

A pensar na mudança bem sensível das suas circunstâncias, o rapaz pôs-se a caminho do seu quartel-general para fazer o relatório.

18 19

3. FEITOS DE GUERRA E AMOR

Tom chegou diante da tia Polly, que estava sentada perto de uma janela das traseiras da casa; essa janela era de uma divisão que servia de quarto de dormir, de casa de jantar e de biblioteca. O calor do Verão, o sossego, o perfume das flores e o sonolento zumbido das abelhas tinham tido o seu efeito: cabeceava sobre o seu trabalho de malha, sem outra companhia além do gato, adormecido no regaço. Puxara os óculos para a cabeça, julgando-os assim mais seguros. Pensara que Tom se devia ter afastado havia muito e ficou deveras surpreendida ao vê-lo aparecer e apresentar-se deste modo:

- Agora posso ir brincar, tia?
- O quê, já? Até onde caiaste?
- Está tudo pronto, tia.
- Não mintas, Tom. Bem sabes que não suporto isso.
- É verdade, tia, está tudo pronto.

A tia Polly confiava pouco nestas palavras e saiu para ver com os seus próprios olhos, pensando que já se daria por satisfeita se vinte por cento do que Tom dizia fosse verdade. Quando chegou e viu todo o tapume caiado, e não só caiado mas com umas poucas de demãos, além de uma tira no chão, o seu espanto foi quase indescritível.

- Francamente! Não se pode negar que és capaz de trabalhar quando te dispões a isso, Tom.

Mas logo diluiu o elogio acrescentando:

- Simplesmente é muito raro que te disponhas a isso, tenho de dizê-lo. Agora vai brincar, mas toma cuidado. Vem cedo, se não apanhas uma sova.

Estava tão maravilhada com o esplêndido feito do rapaz, que o levou junto de um armário, escolheu uma bela maçã e fez-lhe um sermão acerca do valor e gosto de um prémio bem ganho à custa de esforço honesto; enquanto terminava com uma citação da Sagrada Escritura, ele surripiou um bolo.

Em seguida saltou para fora e viu Sid nos primeiros degraus da escada que levava aos quartos do segundo andar. Tom tinha a mão leve, e em pouco tempo os socos choveram sobre Sid. Antes de a tia Polly voltar a si da surpresa e correr a separá-los, seis ou sete socos acertaram em cheio no seu alvo. Tom pulou por cima do tapume e desapareceu. Havia ali uma cancela, mas, como era para o serviço de todos, tinha sempre muita gente e aquela saída era mais rápida.

A alma de Tom estava em paz, agora que tinha ajustado contas com Sid por este ter chamado a atenção da tia para a linha preta, causando-lhe assim uma arrelia.

Tom caminhou junto às casas e voltou para uma rua enlameada,

que dava para as traseiras do estábulo onde a tia tinha a vaca. Passados momentos estava a salvo de que o apanhassem para o castigar.

Então apressou-se para o largo da aldeia, onde os rapazes, formados em duas companhias «militares», deviam encontrar-se para um combate, segundo uma combinação prévia. Tom era general de um desses exércitos e Joe Harper - um amigo de infância - general do outro. Estes dois grandes comandantes não se dignavam combater em pessoa - o que competia a outros de menos importância -, mas ambos, sentados numa elevação do terreno, dirigiam as operações transmitindo ordens aos seus ajudantes-de-campo. Depois de um longo e renhido combate, o exército de Tom ficou vitorioso. Nessa altura contaram-se os mortos, trocaram-se os prisioneiros, combinaram-se os termos do próximo encontro e marcou-se o dia para ele. Em seguida os dois exércitos formaram e marcharam, cada um para seu lado, enquanto Tom voltava sozinho para casa.

Ao passar pela casa onde morava Jeff Thatcher, viu no jardim uma rapariguinha desconhecida, de lindos olhos azuis e cabelo loiro feito em duas tranças compridas, com um vestido branco e pantalonas bordadas. O herói sentiu-se vencido. Uma certa Amy Lawrence desapareceu do seu coração sem deixar atrás de si o mais leve rasto. Pensara amá-la até à loucura, julgara a sua paixão uma espécie de idolatria, e agora via que não passava de uma simples inclinação. Levara meses a conquistá-la e, quando, uma semana antes, se decidira a aceitá-lo, julgara-se o rapaz mais feliz do Mundo. Havia disto uns escassos sete dias quando, ali num instante, ela deixou de fazer parte da sua vida, como uma estranha que tivesse passado por ela.

Olhou furtivamente aquele novo anjo, até que se viu descoberto; então

fingiu ignorar a sua presença e começou a fazer toda a espécie de macaquices para que ela o admirasse. Levou assim certo tempo, mas, no meio de um difícil e perigoso exercício de ginástica, olhou de revés e viu que a pequena ia a caminho de casa. Aproximou-se do tapume e encostou-se muito triste, na esperança de que ela parasse ainda um pouco. A pequena deteve-se na escada e depois encaminhou-se para a porta, mas, quando a viu já na entrada, Tom suspirou. Logo em seguida, o seu rosto iluminou-se porque, antes de entrar, a rapariguinha atirou-lhe um amor-perfeito.

Tom deu meia volta e parou a um ou dois pés de distância da flor; pondo a mão por cima dos olhos a ensombrá-los, olhou para o lado de baixo da rua, como se ali se passasse alguma coisa de grande interesse; em seguida apanhou uma palha, começou a fazer o possível por equilibrá-la no nariz, inclinando a cabeça para trás e, movendo-se de um lado para o outro, foi-se aproximando do amor-perfeito, até lhe pôr o pé em cima. Então, dobrando os dedos, apanhou a flor e afastou-se aos saltos, dobrando a esquina próxima. Demorou-se apenas

alguns minutos, o tempo preciso para guardar a flor no casaco, junto do coração, ou do estômago, talvez, porque não era muito entendido em anatomia, nem por certo muito exigente. Depois voltou e ficou por ali até anoitecer, exibindo-se como antes; a pequena não tornou a aparecer, mas Tom consolou-se com a esperança de que estivesse junto de alguma janela e que as suas atenções lhe não passassem despercebidas. Por fim resolveu-se, a custo, a voltar para casa. Levava a cabeça cheia de visões.

Durante toda a ceia mostrou-se tão alegre que a tia perguntava a si própria o que teria o pequeno,. Apanhou uma grande descompostura por ter sovado Sid, mas não se importou muito com o caso; tentou roubar açúcar mesmo à vista da tia e apanhou nos dedos por conta disso.

- Porque não faz o mesmo a Sid, quando ele rouba açúcar, tia?

- Porque Sid não atormenta uma pessoa, como tu. Se não te vigiasse não fazias outra coisa senão tirar açúcar.

Pouco depois, a tia Polly teve de ir à cozinha, e Sid, contente com esta certeza de imunidade, estendeu a mão para o açucareiro, deitando a Tom um olhar de triunfo insuportável. Mas o açucareiro escorregou-lhe, caiu e quebrou-se. Tom ficou radiante. Radiante a um ponto que conseguiu dominar-se e ficar em silêncio, prometendo a si próprio conservar-se quieto e calado até a tia entrar; só então falaria, e por certo não havia no mundo nada melhor do que ver aquele menino modelo apanhar a sua conta. Estava tão satisfeito, que a muito custo se calou quando a tia voltou e parou, com ar furioso, a olhar para os cacos do açucareiro. Tom disse consigo:

Agora é que é., Mas um momento depois estava estendido no chão e a tia levantava o braço para o baixar de novo, quando Tom gritou:

- Pare! Porque me bate? Foi o Sid quem quebrou o açucareiro.

A tia parou indecisa e Tom esperou que se comovesse, mas ela respondeu:

- Não se perderam as que apanhaste, porque estou certa de que enquanto saí daqui não passaste sem fazer qualquer outra proeza.

Entretanto a consciência remordia-lhe e estava desejosa de dizer alguma coisa que mostrasse a sua ternura pelo sobrinho, mas, julgando que isso equivalia a confessar que não estava na razão, achou-o contrário à disciplina. Assim, calou-se e foi tratar da sua vida com um peso no coração. Sentado a um canto e amuado, Tom exagerava a sua desdita. Sabia bem que a tia estava arrependida e isto consolava-o de certo modo, mas fazia de conta que não dava por nada. Sabia que de vez em quando ela lhe deitava um olhar velado de lágrimas, mas fingia que não percebia. Via-se doente, a morrer, com a tia curvando-se sobre ele a suplicar uma palavra de perdão, enquanto ele se virava para a parede e morria sem dizer essa palavra. O que sentiria ela então? Via-se tirado do rio, morto e trazido para casa, com os caracóis encharcados e o coração magoado em repouso, como ela se arremessaria para ele chorando abundantes lágrimas, como os seus lábios rezariam a Deus pedindo que Lhe restituísse o seu rapaz e prometendo nunca mais ser injusta

para ele! Mas então estaria ali, frio e branco, sem fazer um movimento, uma pobre vítima cujos desgostos tinham chegado ao fim. Pensou tanto nestas coisas, que, para não se engasgar, tinha de estar constantemente a engolir; os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas que transbordavam cada vez que pestanejava e lhe corriam até à ponta do nariz. Deliciou-se a tal ponto a pensar nos seus males, que não podia aceitar, sequer, a ideia de uma alegria terrena. Sentia-se demasiado elevado para poder suportar qualquer contacto, por isso, quando, passados momentos, Mary, a sua prima, entrou a dançar, cheia de vida e alegria por voltar a casa depois de uma semana de ausência no campo, levantou-se e fugiu para a escuridão da rua.

Vagueou por sítios muito diferentes daqueles que os rapazes costumavam frequentar e procurou lugares desolados, em harmonia com o seu estado de espírito. Uma jangada, no rio, pareceu convidá-lo. Sentou-se ali e

olhou a vastidão imensa da corrente, desejando morrer afogado no mesmo momento, inconscientemente e sem ter de suportar os sofrimentos habituais. Lembrou-se da flor. Tirou-a para fora, murcha e engelhada. O seu prazer doentio aumentou. Gostava de saber se quando ela soubesse teria pena dele. Choraria e lamentaria não poder deitar-lhe os braços ao pescoço para o confortar? Ou afastar-se-ia friamente como todas as outras pessoas? Este quadro, que pintava a si mesmo, agradou-Lhe tanto que o estudou sob vários aspectos, até que se aborreceu. Então levantou-se com um suspiro e pôs-se a caminho. Perto das nove e meia ou dez horas, chegou à rua onde morava a sua adorada desconhecida e parou um instante; não se ouvia um som. Uma luz brilhava através de uma cortina numa janela do segundo andar. Estaria ali a sua amada? Trepou o tapume, saltou para dentro do jardim e caminhou por entre flores até chegar debaixo dessa janela; comovido, olhou para cima durante muito tempo e por fim estendeu-se no chão naquele lugar; deitou-se de costas, pondo as mãos sobre o peito e segurando entre os dedos a pobre florzinha murcha. Assim morreria no frio mundo, sem um abrigo por sobre a cabeça, sem mãos amigas para lhe enxugarem na fronte o suor da morte, sem um rosto que se curvasse para ele cheio de piedade quando chegasse a hora da agonia. Nesta posição o veria a pequena quando na luz clara da manhã olhasse através da janela. Oh! Deixaria ela então cair uma lágrima sobre o seu pobre corpo imóvel e daria um suspiro ao ver a sua vida tão rudemente perdida, tão prematuramente ceifada?

A janela abriu-se, a voz desagradável de uma criada profanou o silêncio da noite, e um dilúvio de água encharcou os restos do pretenso mártir!

O impetuoso herói levantou-se indignado, ouviu-se um ruído como de um projéctil no ar, a que se juntou o murmúrio de uma praga, logo seguido por um tinir de vidros, e um vulto,

pequeno e vago, saltou por cima do tapume para desaparecer na escuridão.

Pouco tempo depois, quando Tom, já despido para se deitar, revistava o fato encharcado à luz de um coto de sebo, Sid acordou, mas, se alguma vez tinha pensado em aludir ao que se passara, desistiu por que o olhar de Tom não lhe inspirou confiança.

Este deitou-se, sem se preocupar com rezas, e Sid tomou conta da omissão.

4. EXIBIÇÃO NA ESCOLA DE DOUTRINA

O Sol ergueu-se por sobre um mundo tranquilo e irradiou a sua luz como uma benção pela pacífica aldeia. Acabado o pequeno-almoço, a família reuniu-se à volta da tia Polly, que rezou uma oração feita de citações da Bíblia, coordenadas por algumas frases da sua autoria. Depois recitou um severo capítulo do Velho Testamento, como se falasse no Monte Sinai. Então, Tom preparou-se para agir, por assim dizer, e fez o possível por decorar os seus versículos. Sid aprendera a lição na véspera e Tom fez toda a diligência por aprender cinco versículos e escolheu os do Sermão da Montanha, porque não encontrou outros mais curtos. Ao fim de meia hora, tinha apenas uma vaga ideia geral da lição, porque o seu espírito atravessava todo o campo do pensamento humano, enquanto brincava com as mãos. Mary pegou no livro para o ouvir recitar e Tom tentou desembrulhar aquela meada. - Bem-aventurados os... os... os...

- Pobres.
- Sim, pobres. Bem-aventurados os pobres... hum..., hum...
- De espírito.
- De espírito porque eles... eles...
- Deles...
- Porque deles. Bem-aventurados os pobres de espírito porque deles será o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram porque eles... eles...
- Se...
- Porque eles se...
- SE...
- Porque eles SE... Não sei, não sei o que é.

- Serão!
- Sim, serão! porque eles serão... porque eles serão... Bem-aventurados aqueles que serão... aqueles que... aqueles que choram porque eles serão... Serão o quê? Porque não me dizes, Mary? Porque hás-de ser assim má?

- Oh! Tom! Meu cabeçudo, não é para te arreliar. Não seria capaz de o fazer. Tens de ir estudar isto outra vez e não percas a coragem. Hás-de conseguir, verás, e, se assim for, dou-te uma coisa bonita. Vamos, sê bom rapaz!

- Está bem! O que é Mary? Dize o que tens para me dar.

- Não te importes, Tom. Já sabes que quando eu digo que é bonito, é bonito.

- Garantes que é assim, Mary? Pois bem, vou estudar outra vez.

Foi na verdade estudar outra vez, e, espicaçado pela curiosidade e pelo interesse, estudou tão bem que conseguiu aprender. De prémio, Mary deu-Lhe uma navalha Barlow completamente nova e no valor de doze moedas e meia, que lhe causou um prazer enorme. Em boa verdade a lâmina não cortava nada, mas era uma Barlow autêntica, o que representava para o seu possuidor um motivo de orgulho. Nunca se compreendeu, nem talvez se venha a compreender, onde é que os rapazes do Oeste possam ter ido buscar a ideia de que alguém falsificasse uma arma daquelas! Tom esforçou-se por fazer com ela umas incisões, e preparava-se para começar na secretária quando o mandaram arranjar-se para ir para a doutrina. Mary deu-Lhe um alguidar de zinco cheio de água e um bocado de sabão. Ele passou para fora da porta, pôs o alguidar em cima de um banco, meteu o sabão na água e esfregou-o; arregaçou as mangas, deitou a água fora com muito cuidado e voltando para a cozinha, pôs-se a limpar a cara à toalha que estava atrás da porta.

Mary puxou pela toalha e disse:

- Não tens vergonha, Tom? Como podes ser assim? A água não te faz mal.

Tom ficou um pouco desconcertado.

Quando a prima tornou a encher o alguidar, curvou-se sobre ele e demorou-se assim uns momentos, como a tomar coragem; respirou fundo e começou. Pouco depois entrou na cozinha, de olhos fechados, e procurando a toalha às apalpadelas. Da cara escorria-Lhe água e sabão. Mas, quando afastou a toalha, ainda não estava como devia, porque a região limpa não ia além do queixo e das bochechas. Era como uma máscara. Para baixo e para lá desta linha, havia uma extensão enorme de solo onde a água não tinha chegado. Mary tomou conta dele, e, quando o deu por pronto, já então não havia diferença de cor entre a pele da cara e a do pescoço. Tinha o cabelo encharcado e cuidadosamente escovado, todo em caracóis. (Secretamente e à custa de muito trabalho e dificuldade, Tom costumava alisar as madeixas, fazendo o possível por colar o cabelo à cabeça; achava que os caracóis davam um ar efeminado e os seus arreliavam-no muito.) Então Mary trouxe-lhe a roupa que costumava vestir aos domingos, havia já dois anos, e a que a família chamava simplesmente o outro fato. Por aqui se vê que não tinha muito que vestir. Quando ele se aprontou, a pequena esteve a compô-lo: abotoou-Lhe o casaco até ao queixo, voltou para baixo o enorme colarinho da camisa, escovou-lhe o fato e pôs-lhe na cabeça o chapéu de palha.

Tom parecia agora muito melhor e aborrecido. E estava, na verdade, tão aborrecido como parecia, porque o incomodava e

constrangia extraordinariamente o fato dos domingos e o asseio. Teve esperança de que Mary se esquecesse dos sapatos, mas até esta esperança foi vã; a prima passou-lhos todos com sebo, como era costume, e trouxe-lhos. Tom indignou-se, dizendo que era sempre obrigado a fazer aquilo de que menos gostava, mas Mary pediu-lhe, num tom persuasivo:

- Anda, Tom, sê bom rapaz!

Calçou os sapatos, muito mal-humorado. Mary aprontou-se rapidamente e os três pequenos foram para a escola de doutrina, lugar que Tom detestava de todo o coração e de que Mary e Sid gostavam imenso.

A lição de doutrina costumava durar das nove às dez e meia. Em seguida era o sermão, para o qual ficavam sempre dois pequenos voluntariamente, e Tom por mais fortes razões. Nas cadeiras de espaldar e sem estofo, que havia na igreja, podiam sentar-se cerca de trezentas pessoas. O edifício era pequeno e tinha em cima uma espécie de caixa de madeira a fazer de torre.

æ entrada, Tom ficou para trás e aproximou-se de um camarada, vestido também com fato domingueiro.

- Dize cá, Billy, tens um bilhete amarelo?
- Tenho.
- Quanto queres por ele?
- Quanto dás?
- Um bocado de bolo e um anzol.

- Deixa ver.

Tom mostrou e, como a paga era satisfatória, a propriedade mudou de dono. Em seguida pagou com um par de berlindes três bilhetes vermelhos e com uma outra insignificância mais dois azuis.

Armou assim laços aos outros rapazes, à medida que entravam, e foi comprando bilhetes de várias cores durante mais dez ou quinze minutos. Por fim entrou na igreja com um enxame de rapazes e raparigas muito asseados e barulhentos, foi para o seu lugar e começou a discutir com um rapaz que Ficou perto. O professor, um homem idoso e grave, interveio, mas, mal virou as costas, Tom puxou o cabelo a um rapaz do banco seguinte e mostrou-se absorto na leitura, quando ele se virou para trás; passados momentos espetou um alfinete noutro, para o fazer gritar e apanhar uma reprimenda do professor.

Todos os companheiros de Tom eram do mesmo modelo - irrequietos, barulhentos e maçadores. Quando os chamavam para recitar a sua lição, nenhum sabia bem os versículos e tinham de ser ajudados todo o tempo. Mas assim mesmo isso dava-lhes muito trabalho e cada um deles recebia em recompensa alguns bilhetes azuis, cada um com uma passagem da Bíblia. Um bilhete azul recompensava a recitação de dois versículos. Dez bilhetes azuis valiam um vermelho e podiam trocar-se por ele; dez bilhetes vermelhos valiam um amarelo, e em troca de dez bilhetes amarelos o director dava ao aluno uma Bíblia

modestamente encadernada e de pequeno valor. Quantos dos meus leitores teriam a persistência e pachorra de decorar dois mil versículos, mesmo para receber uma Bíblia de Doré? E no entanto Mary já tinha ganho assim duas Bíblias, que representavam o trabalho paciente de dois anos, e um rapaz, descendente de alemão, ganhara quatro ou cinco. Uma vez recitara sem parar três mil versículos, mas o esforço de memória foi tão grande que desde então ficou quase idiota. Isto foi considerado um desastre para a escola, porque, em grandes ocasiões e diante de visitas, o director costumava chamá-lo para o exibir - como Tom dizia. Só os alunos mais velhos logravam conservar os seus bilhetes e interessar-se por este aborrecido trabalho o tempo suficiente para ganhar uma Bíblia, por isso a entrega de um desses prémios era acontecimento raro e digno de menção. O aluno que o recebia ficava em tal evidência, nesse dia, que todos os outros ambicionavam, pelo menos durante duas semanas, um lugar igual.

É possível que o estômago mental de Tom nunca tivesse ansiado por um desses prémios, mas certamente o resto do seu ser já muitas vezes desejara a glória e o brilho que o acompanhavam.

Na altura precisa, o director, de pé, em frente do púlpito, tendo na mão um livro de hinos fechado e o indicador entre as suas páginas, pediu silêncio.

Quando o director de uma escola de doutrina faz o pequeno discurso do costume, um livro de hinos na mão é-lhe tão necessário como a inevitável folha de papel de música a um cantor que canta um solo num concerto. Porquê, é um mistério, visto que nem o director olha para o livro de hinos nem o cantor para a música. Este director era um homem magro, de uns trinta e cinco anos, com uma barbicha e cabelos amarelados; usava um grande colarinho engomado, quase até às orelhas, e cujas pontas aguçadas se dobravam junto dos cantos da boca, fazendo uma espécie de vedação que o obrigava a olhar sempre em frente e a voltar o corpo todo quando tinha que olhar para o lado; o queixo descansava sobre uma gravata do tamanho de uma nota de banco e com as pontas franjadas. Os bicos das botas estavam tão arrebitados (segundo a moda daquele tempo) que lembravam as pontas das chinelas turcas. Este efeito fora alcançado, paciente e laboriosamente, por Mr. Walters conservando-se durante horas seguidas sentado com os pés apoiados firmemente na parede fronteira. O director tinha um ar honesto, que correspondia exactamente à sua maneira de ser; era tão grande a sua reverência por coisas e lugares sagrados, separava-os tanto de tudo o mais, que, sem dar por isso, a sua voz na lição de doutrina tinha uma entoação muito especial, completamente diferente da dos dias de semana.

Começou assim:

- Meus filhos, quero-os todos sentados com o máximo juízo e que me dêem a mais completa atenção durante um minuto ou dois. Ora bem. É assim que devem fazer os bons rapazes e raparigas. Vejo uma menina que está a olhar para fora da janela, talvez julgando que eu ando por ali, possivelmente em cima das árvores, a fazer um discurso aos passarinhos.

(Sufocados risos de aplauso.) Quero dizer-Lhes quanto prazer

me dá ver tantas crianças reunidas num lugar como este, para aprenderem a ser boas e justas.

E assim por aqui fora. Não é necessário repetir todo o discurso, cujo modelo não varia e é, por conseguinte, conhecido de todos nós. A última terça parte perdeu o seu brilho devido a terem recomeçado as rixas e brincadeiras entre alguns dos rapazes maus, e ao sussurro e segredos que iam abrangendo tudo, chegando a abalar os mais firmes e incorruptíveis, como

Sid e Mary. Mas, de súbito, todos os ruídos cessaram, deixando ouvir a voz de Mr. Walters, e o final do discurso foi escutado num silêncio recolhido.

Parte destes segredos tinham sido ocasionados por um acontecimento mais ou menos raro - a entrada de visitas. Era o advogado Thatcher acompanhado por um homem velho e alquebrado, um outro senhor de meia idade, de cabelo grisalho e ar importante, e uma senhora muito distinta, que devia ser mulher dele. A senhora trazia uma criança pela mão. Tom tinha estado irrequieto e barulhento; mordia-lhe a consciência, e os seus olhos fugiram dos de Amy Lawrence, cujo olhar amoroso não podiam suportar. Mas, quando viu a pequena recém-chegada, a sua alma nadou em bem-aventurança. Momentos depois começou a "exibir-se" o mais que pôde, esmurrando os rapazes, puxando-lhes o cabelo, fazendo caretas, numa palavra, usando todas as artes que lhe pareciam capazes de fascinar uma rapariga e de merecer o seu aplauso. Só uma coisa perturbava a sua alegria: era lembrar-se da humilhação que sofrera no jardim daquele anjo, mas essa mesma ficou muito atenuada sob as ondas de felicidade que o inundavam. Deram o lugar de honra às visitas, e, logo que acabou o seu discurso, Mr. Walters apresentou-se à escola. O senhor de meia idade era afinal uma personagem prodigiosa: nada menos que um dos juizes da província, a mais augusta criação em que aquelas crianças tinham posto os olhos. Maravilhados, perguntavam a si próprios de que matéria seria feito, convencidos de que soltaria rugidos, e quase receando que o fizesse. Era de Constantinopla, a doze milhas dali, por isso tinha viajado e visto mundo. Aqueles mesmos olhos já tinham visto o tribunal da província, que, segundo se dizia, tinha o telhado de zinco. O pasmo que estas reflexões inspiraram estava bem patente no silêncio em que os pequenos esbugalhavam os olhos para ele. Aquele homem era o grande juiz Thatcher, irmão do advogado da terra. Jeff Thatcher adiantou-se para se mostrar familiar com o grande homem e despertar inveja aos outros. Com que prazer ouviria os companheiros segredarem:

- Olha para ele, Jim. Vai falar-lhe. Olha! Olha, vai tocar-lhe a mão. Já está a tocar-lhe a mão. Palavra, não gostavas de estar no lugar de Jeff?

Mr. Walters começou a exibir-se" em toda a espécie de actividades oficiais, dando ordens, fazendo juízos, dando

indicações para um lado e para outro sobre todos os assuntos possíveis. O bibliotecário exibiu-se, correndo de um lado para o outro com braçadas de livros e fazendo aquela confusão em que o insecto autoridade se delicia. As senhoras professoras exibiram-se" curvando-se ternamente sobre alunos a quem acabavam de esbofetear, ameaçando graciosamente com o dedo os rapazinhos maus e acariciando os bons. Os senhores professores exibiram-se, dando pequenas repreensões e fazendo outras demonstrações de autoridade e de amor à disciplina. A maior parte dos professores de ambos os sexos teve que fazer na biblioteca junto do púlpito, por duas ou três vezes, fingindo-se muito contrariados com isso. As rapariguinhas "exibiram-se" de várias maneiras e os rapazes mostraram-se tão diligentes na exibição, que as bolas de papel se cruzavam no ar e se ouvia um murmúrio de rixas. Além de tudo isto, o grande homem, no seu lugar, distribuía sorrisos para todos, muito vaidoso da sua importância e exibindo-se também.

Só faltava uma coisa para a felicidade de Mr. Walters ser completa: era a oportunidade de entregar uma Bíblia como prémio e mostrar um prodígio. Já tinha andado a perguntar entre os melhores alunos e sabia que alguns possuíam bilhetes amarelos, mas nenhum tinha que chegassem. Naquele momento daria tudo para apanhar ali, outra vez de espírito são, o alemãozito de outros tempos.

Mas já essas esperanças estavam perdidas, quando Tom Sawyer se adiantou com nove bilhetes amarelos, nove vermelhos e dez azuis, para pedir uma Bíblia. Foi como um trovão num dia de céu límpido. Nem nos dez anos mais próximos Walters podia esperar semelhante pedido vindo dali. Era inegável. Estavam à vista os bilhetes suficientes e eram autênticos. Tom foi, pois, chamado para junto do juiz e das outras visitas e a notícia foi dada pelas entidades competentes. Era a mais completa surpresa da última década; a sensação causada foi tão profunda que elevou o novo herói ao nível do juiz e toda a escola passou a ter duas maravilhas para admirar, em lugar de uma.

Os rapazes estavam comidos de inveja, mas os mais indignados eram os que se apercebiam, demasiado tarde, que tinham contribuído para aquele triunfo, entregando bilhetes a Tom a troco dos bens que ele adquirira à custa do direito de criação. Estes desprezavam-se a si próprios por terem sido vítimas de um vil engano. O prémio foi entregue a Tom com toda a efusão que o director pôde conseguir naquelas circunstâncias, mas a que faltou espontaneidade, porque o pobre homem sentia que havia ali um mistério que talvez fosse melhor não esclarecer. Parecia-lhe simplesmente absurdo que aquele rapaz tivesse na memória dois mil versículos da Bíblia - ele que sem dúvida não seria capaz de decorar uma dúzia.

Amy Lawrence estava orgulhosa e contente e fazia o possível por

mostrá-lo, mas ele não olhava para ela. Em vista disto, admirou-se, começou a sentir-se perturbada e em seguida assaltou-a uma suspeita; observou e um olhar furtivo disse-lhe muito. Então sentiu o coração despedaçar-se, teve ciúmes, zangou-se, chorou e odiou toda a gente. Tom era o mais detestado, pensava ela.

Apresentaram Tom ao juiz. O rapaz não pôde falar, faltava-lhe o ar, sentia o coração bater apressadamente, em parte por se dirigir a uma pessoa tão superior e também porque essa era da família «dela». Se estivessem às escuras ter-se-ia ajoelhado para o adorar. O juiz pôs a mão na cabeça de Tom, chamou-o um belo rapazinho e quis saber o seu nome. O rapaz gaguejou, atrapalhou-se e por fim respondeu:

- Tom.

- Não, não pode ser Tom. É...

- Ah! Agora sim. Também me parecia que devia ser isso, mas com certeza é mais alguma coisa. Ora dize lá.

- Diz a este senhor como te chamas, Tomás, e dize sir! - recomendou Walters. - É preciso ser bem educado.

- Tomás Sawyer, sir.

- Isso sim! Bom rapaz. Belo rapaz! És um homenzinho. Dois mil versículos é muito. Mesmo muito. E verás que nunca te hás-de arrepender do trabalho que tiveste a decorá-los, porque o saber é de tudo no mundo o que mais vale; faz grandes e bons homens e, quando um dia tu fores um grande e bom homem, Tomás, hás-de olhar para o passado e dizer: "É aos ensinamentos da escola de doutrina da minha meninice que devo isto tudo; e aos meus queridos professores que me ensinaram a estudar, e ao bom director que me encorajou e olhou por mim e me deu uma linda Bíblia, uma esplêndida e valiosa Bíblia para guardar só para mim, sempre, e à boa educação que me deram, que devo o que sou.", Assim hás-de tu falar, Tomás, e nenhum dinheiro pagará estes dois mil versículos. Não, por certo. E agora não te importas de me dizer, e a esta senhora, um pouco do que aprendeste? Com certeza que não, porque bem sabes o prazer que temos em ver que os rapazes aprendem. Sabes, sem dúvida, por exemplo os nomes dos doze discípulos e vais dizer-nos como se chamavam os dois primeiros citados.

Tom puxava desesperadamente por uma casa do casaco e parecia intimidado. Corou, baixou os olhos e Mr. Walters sentiu o coração cair-lhe aos pés. Disse consigo que o rapaz não podia por certo responder à mais simples pergunta e detestou o juiz por lha fazer. No entanto sentia-se na obrigação de falar e disse:

- Responde a este senhor, Tomás. Não tenhas receio.

Tom não se decidia.

- Vamos, ele vai dizer! - insistiu a senhora. - Os nomes dos dois primeiros discípulos eram...

- David e Golias!

Baixemos a cortina da caridade sobre o custo da cena.

5. A CAROCHA E A SUA PRESA

Cerca das dez e meia, o sino da pequena igreja começou a tocar e pouco depois reuniram-se as pessoas que iam ouvir o sermão da manhã. As crianças vindas da aula de doutrina espalharam-se pelo edifício, ocupando lugares junto das famílias, para ficarem sob a sua vigilância. Veio também a tia Polly e os três pequenos sentaram-se junto dela; Tom do lado da nave, para ficar quanto possível longe da janela aberta e do que se passasse lá fora. Pouco a pouco a multidão encheu as naves. Veio o chefe do correio, velho e pobre, que tinha conhecido melhores dias; o corregedor e a mulher, porque, entre outras coisas desnecessárias, havia ali um corregedor; o juiz de paz; a viúva Douglas, loira, bonita, de uns quarenta anos, generosa e boa pessoa, cuja casa na colina era o único palácio da cidade e a mais hospitaleira e larga, quanto a festas, de que São Petersburgo se podia gabar; o major Ward, venerável e muito curvado, e Mrs. Ward; o advogado Riverson, pessoa em evidência naquelas redondezas; a seguir, a bela aldeia, acompanhada por um grupo de raparigas vestidas de cambraia e cheias de fitas, prontas a fazer estragos nos corações; depois os rapazes empregados na cidade, que tinham estado no vestíbulo a chupar o castão das bengalas e formando um círculo de admiradores de cabelo empastado e risonhos, até que passou a última rapariga; e finalmente entrou o rapaz modelo, Willie Mufferson, tomando tanto cuidado com a mãe como se ela fosse de vidro. Levava sempre a mãe à igreja e era o orgulho de todas as velhotas. Não havia um rapaz que o não detestasse por ser tão bom e porque estavam constantemente a mostrá-lo como exemplo. Levava, como sempre ao domingo, o lenço branco a sair da algibeira na aba do casaco, a fingir que era por acaso. Tom não tinha lenço e considerava vaidosos aqueles que o tinham.

Quando a congregação se reuniu, o sino tocou outra vez a chamar os retardatários, e tudo caíu num silêncio profundo, só interrompido pelos risos sufocados e pelo sussurro de segredos no coro. Ouvia-se sempre este mesmo ciciar no coro durante o sermão. Houve uma vez uma igreja onde os cantores não eram mal educados mas não me lembro em que lugar. Foi isto há muitos anos e pouco me recordo do caso, mas parece-me que era no estrangeiro.

O padre anunciou o hino e leu com muito gosto, de um modo especial, muito admirado em toda aquela região. A sua voz começava num tom médio e elevava-se rapidamente até certo ponto, em que acentuava imenso a penúltima palavra de cada verso, baixando depois a voz brandamente.

Subirei aos céus num "leito" florido Enquanto outros lutam em "mares" sangrentos.

Consideravam-no um leitor maravilhoso. Nas reuniões promovidas pelos membros da igreja incumbiam-no sempre de ler versos e, enquanto lia, as senhoras levantavam as mãos, deixando-as cair no regaço, fechando os olhos e sacudindo a cabeça como quem diz: Não há palavras para descrever isto; é belo de mais, belo de mais para este mundo. , Cantado o

hino, o reverendo Mr. Sprague virou-se para ler uns papéis que estavam afixados na parede. Estes anúncios de reuniões e de várias outras formalidades pareciam prolongar-se até ao fim do mundo - um estranho costume ainda hoje usado na América, mesmo nas cidades, e já posto de parte entre nós, nesta época em que os jornais abundam. Acontece muitas vezes que, quanto menos fácil se torna a justificação de certos hábitos, mais nos custa a libertar-nos deles.

Em seguida o padre disse a oração. Uma boa, generosa e extensiva oração. Orou pela igreja e pelos paroquianos; pelas igrejas da aldeia; pela própria aldeia; pela província; pelo Estado; pelos empregados do Estado; pelos Estados Unidos; pelas igrejas dos Estados Unidos; pelo Congresso; pelo Presidente; pelos membros do Governo; pelos pobres marinheiros que navegavam em mares tempestuosos; pelos milhões de pessoas oprimidas sob o tacão das monarquias da Europa e do despotismo do Oriente; por aqueles que tendo a luz a não viam, e que. tendo o bem o não reconheciam; pelos ateus nas ilhas longínquas no mar, e terminou com uma prece para que estas suas palavras encontrassem graça e favor e fossem como semente em boa terra frutificando a seu tempo. åmen.

Houve uma restolhada de saias, e a congregação que estava de pé sentou-se. O rapaz cuja história contamos neste livro não apreciou a oração;

suportou-a, se é que a suportou. Esteve quieto todo o tempo e conservou-se a par dos pormenores da oração, porque sabia mais ou menos como costumavam suceder-se, mas não porque escutasse. No entanto, quando o padre intercalava qualquer nova frase, notava-o e indignava-se, pois considerava isso um abuso. Quando a oração ia em meio, pousou uma mosca nas costas da cadeira à frente dele e ali se conservou torturando-lhe o espírito com os seus movimentos. Esfregava as patas da frente, passava-as por cima da cabeça, friccionando-a tão vigorosamente que dava a impressão de a separar do corpo, e mostrava o fio delgado que era o seu pescoço; passava as pernas de trás pelas asas, alisando-as e aconchegando-as ao corpo como se fossem as abas de um casaco; cuidava enfim dos seus arranjos com uma tranquilidade absoluta, como quem sabe que está livre de perigo. E estava, de facto, porque, por muitos que fossem os formigueiros que Tom sentia nas mãos para a agarrar, não se atrevia a isso, receando perder a sua alma se tal fizesse durante a oração. Mas, mal a frase final começou a ouvir-se, curvou os dedos e foi adiantando a mão de forma que, no mesmo instante em que se ouviu o åmen,, a mosca foi transformada numa presa de guerra. A tia, a quem o facto não passou despercebido, mandou-o libertá-la.

O padre pôs de parte o livro de textos e começou a discorrer sobre um assunto tão maçador que muitas cabeças se viram prender, embora o padre falasse a respeito do fogo do Inferno, de enxofre, e mostrasse um número de eleitos tão reduzido que

quase dava vontade de não ser salvo. Tom contou as páginas do sermão; à saída da igreja sabia sempre de quantas páginas aquele constara, mas raras vezes sabia de que tinha tratado. No entanto, naquele dia tinha-se interessado pelo assunto durante algum tempo, porque o padre descrevera muito ao vivo o que seria a reunião da Humanidade no fim do Mundo, quando o leão e o cordeiro se juntassem e uma criança os conduzisse. O pequeno não pôde abranger o sentido dramático, a lição, a moral do quadro, mas viu o brilho da personagem principal ante o olhar dos outros e iluminou-se-lhe o rosto ao pensar que desejaria bem ser essa criança, contanto que o leão estivesse domesticado.

Porém, o sofrimento voltou quando o pádre continuou a discorrer sobre o primeiro ponto. Passados instantes, Tom lembrou-se de um tesouro que possuía e tirou-o do bolso. Era uma enorme carocha guardada numa caixa de cartuchos. A primeira coisa que fez a carocha foi picar-lhe um dedo. O rapaz estremeceu, metendo o dedo na boca, e a carocha caiu pesadamente no chão, virada de costas e a espernear sem conseguir voltar-se. Tom

olhou para ela desejoso de a agarrar, mas não lhe chegou. Entretanto, outras pessoas, a quem o sermão também não interessava muito, viram a carocha e entretiveram-se a olhar para ela.

Pouco depois, um cão felpudo, que andava por ali aborrecido e sonolento por causa do calor e da quietação, aproximou-se, desejoso de uma variante. Via a carocha, e a ponta da cauda começou a agitar-se. Fitou a presa; andou em volta dela; cheirou-a de longe; tornou a andar em volta e, já mais audacioso, cheirou-a mais de perto; então levantou o beiço, tentou apanhá-la com os dentes, mas falhou; tentou outra e outra vez, até que começou a gostar da brincadeira; deitou-se de bruços com a carocha entre as patas e continuou a brincar até que se aborreceu e se distraiu. Principiou a cabecear, e, pouco a pouco, o focinho desceu e tocou no bicho, que o agarrou. O cão deu um uivo, sacudiu-se rapidamente e a carocha caiu mais uma vez de costas e a certa distância. As pessoas à roda agitaram-se reprimindo o riso e algumas esconderam a cara por trás de leques ou de lenços. Tom estava radiante. O cão também parecia divertido e naturalmente o estava, de facto, mas no seu coração havia um certo ressentimento e desejo de vingança. Assim, aproximou-se da carocha e começou de novo a atacá-la, saltando-lhe de vários pontos, caindo sobre as patas da frente a pouca distância dela, fingindo apanhá-la com os dentes cada vez mais perto, abanando a cabeça e fazendo bater as orelhas. Porém, ao fim de um bocadinho, aborreceu-se de novo e tentou apanhar uma mosca; depois, com o focinho rente ao chão, seguiu uma formiga, mas também disto se fartou; bocejou, esqueceu-se da carocha por completo, e sentou-se em cima dela. No mesmo instante ouviu-se um ganido de dor e o cão deu uma corrida pela nave; continuaram os uivos e as corridas.

Atravessou a casa em frente do altar e desceu pela outra nave. Atravessou em frente das portas e continuou a ganir, parecendo procurar o caminho de casa. A dor aumentava, provavelmente, à medida que andava, e, em breve, era como um cometa de lã, que se movesse na sua órbita como o brilho e a velocidade da luz. Por fim, a vítima afastou-se do seu curso e foi estender-se no colo do dono; este fê-lo sair pela janela e os uivos afastaram-se e perderam-se à distância.

Já então toda a gente sufocava o riso a custo e o padre calou-se por momentos. Recomeçou dentro em pouco, mas o discurso tornou-se ainda mais monótono e cheio de paragens; vendo que não conseguia prender a atenção dos ouvintes, que sublinhavam as passagens mais graves com um sussurro de risos irreverentes, como se o assunto que estava a ser

tratado fosse muito engraçado, o padre calou-se.

Foi um alívio para todos o fim da cerimónia. Receberam a bênção e : prepararam-se para sair. Tom Sawyer voltou para casa muito contente, dizendo lá para consigo que não desgostava de assistir às cerimónias da igreja, desde que fossem um pouco variadas; só havia uma coisa que o arreliava: de boa vontade tinha condescendido em que o cão brincasse com a carocha, mas não lhe parecia certo que lha levasse.

6. TOM ENCONTRA BECKY

Na manhã de segunda-feira, Tom acordou mal disposto. Era sempre assim às segundas-feiras de manhã, porque nesses dias recomeçava outra semana de sofrimento na escola. Em geral, nessas ocasiões tinha pena que houvesse feriados, pois achava que estes lhe faziam parecer mais odioso o seu cativeiro.

Pôs-se a pensar e lembrou-se que era uma grande coisa se estivesse doente, pois poderia deixar de ir à escola. Era uma possibilidade vaga, mas em todo o caso começou a examinar todo o seu corpo. Não encontrando qualquer achaque, recomeçou a sua observação. Desta vez julgou aperceber-se de sintomas de cólica que, cheio de esperança, procurou agravar.

Mas em breve enfraqueceram até desaparecerem de todo. Pensou outra vez e de súbito descobriu que um dos dentes da frente, do maxilar superior, estava a abanar. Que sorte! Ia pôr-se a gemer, para principiar", como ele dizia, quando lhe veio há ideia que, se se queixasse disso, a tia lhe tiraria o dente, o que lhe faria então doer. Resolveu portanto guardar o dente para outra ocasião e voltou às suas pesquisas, mas não lhe vinha nada à ideia e só passados momentos se recordou de ter ouvido um médico falar num mal que apoquentava o doente durante duas ou três semanas, com o perigo de o fazer perder um dedo. Julgando ter achado, tirou para fora o pé doente e começou a olhá-lo, mas não sabia quais eram os sintomas. Fosse

como fosse, pareceu-lhe que valeria a pena arriscar-se e pôs-se a gemer com certa força. No entanto, Sid continuou a dormir profundamente.

Tom gemeu mais alto e teve a impressão de que começava a doer-lhe o dedo. Da parte de Sid, silêncio absoluto.

Já cansado de gemer, Tom parou um bocadinho, soergueu-se na cama e soltou uma série de gemidos admiráveis. Sid continuava a ressonar.

38 39 Tom impacientou-se, chamou por Sid e sacudiu-o. Isto deu resultado e Tom tornou a gemer.

Sid bocejou, espreguiçou-se, encostou-se ao cotovelo, a fungar, e começou a olhar para Tom. Este não parou de gemer, até que o irmão lhe disse:

- Tom! Tom! não ouves?

Nem palavra.

- Tom! Tom! O que tens? - perguntava, abanando-o e olhando-o ansiosamente.

Tom murmurou:

- Oh! Sid, não me abanes.

- Mas o que sentes, Tom? Eu vou chamar a tia.

- Não, deixa lá. Talvez isto passe daqui a bocadinho. Não chames ninguém.

- Tem de ser, Tom. Não gemas dessa maneira, que é horrível! Há quanto tempo estás assim?

- Há horas. Ui! Não te mexas, Sid, que me matas.

- Mas porque não me acordaste há mais tempo? Ah! Por Deus, não gemas tanto. Arrepia-me ouvir-te. Que tens?

- Perdoo-te tudo, Sid. (Gemidos.) Tudo o que me tens feito. Quando eu morrer...

- Oh! Tom, tu não estás a morrer, pois não? Não, Tom, não! Pode ser...

- Perdoo tudo a toda a gente, Sid. (Gemidos.) Dize-lhe isto mesmo, e dá o meu bocado de caixilha e o meu gato zarolho àquela menina que chegou há pouco à aldeia. Dize-lhe...

Mas Sid tinha agarrado no fato e saído. æ força de gritar e fingir, Tom já estava convencido de que sofria, e os seus gemidos tinham um tom de sinceridade.

Sid desceu as escadas a correr e disse:

- Tia Polly, venha depressa. O Tom está a morrer.

- A morrer?

- Sim tia, não se demore. Venha depressa.

- Que disparate! Bem acredito eu nisso.

No entanto, subiu a escada a correr, levando atrás de si Mary e Sid. Ia pálida e com os lábios a tremer. Quando chegou junto da cama, perguntou aflita:

- O que tens, Tom?

- Oh! Tia, eu...

- O que tens? O que tens, filho?
- ƒ tia Polly, o meu dedo doente está gangrenado.

A tia deixou-se cair numa cadeira. Riu, chorou, e, depois, riu e chorou ao mesmo tempo. Então, já mais calma, exclamou:

- Que susto me pregaste, Tom! Acaba com esse disparate e sai da cama.

Pararam os gemidos e a dor desapareceu do dedo.

O rapaz, sentindo que tinha feito uma triste figura, disse:

- ƒ tia Polly, parecia mesmo que estava gangrenado, e doía tanto que até me fez esquecer o dente.
- O dente? Que tens no dente?
- Está a abanar e dói-me horrivelmente.
- Vamos, não comeces outra vez a gemer. Abre a boca. É verdade que tens um dente a abanar, mas não vais morrer por causa disto. Mary, dá-me um fio de seda e traze-me um tição da cozinha.

Tom pediu:

- Não, tia Polly, não tire. Já não me dói, e mesmo que doesse não o queria tirar. Não, tia. Eu não quero deixar de ir à escola!
- Pois já se vê que não queres. Logo vi. Todo este barulho era por pensares que tinhas de faltar à escola e ir pescar, não é verdade? Oh! Tom, sou tão tua amiga e tu fazes tudo quanto podes para me ralares com as tuas maldades.

Nessa altura já os instrumentos necessários para a operação, estavam prontos. A senhora atou uma das pontas do fio ao dente de Tom e a outra à cama. Depois agarrou na brasa e aproximou-a da cara do rapaz. No mesmo instante, o dente ficou pendurado no fio.

Todos os males têm as suas compensações, e, nesse dia, Tom, a caminho da escola, foi invejado por todos os rapazes que o encontraram, porque a falta do dente lhe facultava uma forma de cuspir muito engraçada e de novidade. Juntaram-se todos à volta dele para assistirem à demonstração; um dos rapazes que tinha um golpe num dedo, o que fora centro de atracção e de homenagem até então, achava-se agora sem um único admirador e a sua glória pertencia ao passado. Ficou aborrecido, e com desdém que não sentia disse não achar difícil cuspir como Tom Sawyer. Respondeu-lhe outro rapaz que tudo aquilo era pura inveja, e o herói viu-se votado

ao esquecimento.

Pouco depois, Tom encontrou o vadio da aldeia, Huckleberry Finn, filho do bêbado da cidade. Huckleberry era cordialmente detestado e temido por todas as mães da aldeia, porque era preguiçoso, desobediente, ordinário e mau, mas principalmente porque todos os pequenos o admiravam, se deliciavam na sua companhia e tinham pena de se não atreverem a ser como ele. Tom, tal como os outros rapazes, invejava a vida desprezível de Huckleberry e tinha ordens estritas de não brincar com ele, por isso o fazia sempre que tinha ocasião. Huckleberry andava

vestido com fatos de homens, já velhos e esfarrapados: trazia na cabeça um chapéu todo roto e a que faltava um grande bocado da aba; o casaco - quando o tinha - chegava-lhe quase aos calcanhares, e os botões de trás ficavam-lhe muito abaixo da cintura; os fundilhos das calças, por ficarem fora do lugar que lhes competia, pareciam um saco vazio, e as pernas das calças, se acaso se esquecia de as enrolar, arrastavam pela lama, feitas em franjas.

Huckleberry ia e vinha à vontade, quando estava bom tempo dormia nos degraus das portas e, quando estava húmido, dentro de alguma grande pipa desocupada; não tinha de ir à escola nem à igreja, nem de receber ordens de ninguém; podia ir pescar ou nadar quando e onde lhe apetecesse, demorando-se até querer; levantava-se à hora que lhe apetecia; ninguém o proibia de jogar à pancada; era sempre o primeiro a andar descalço na Primavera, e no Outono o último a calçar-se; nunca tinha de se lavar nem de vestir roupa lavada; podia praguejar à vontade; numa palavra, tinha tudo aquilo que torna a vida preciosa! Assim pensavam todos os rapazes de São Petersburgo, que tinham a quem obedecer.

Tom cumprimentou-o:

- Olá, Huckleberry!
- Viva! Vê lá que tal achas isto.
- O que é que tens aí?
- Um gato morto.
- Deixa-me ver, Huck. O meu está quase morto. Onde é que o arranjaste?
- Comprei-o a um rapaz.
- O que lhe deste?
- Dei-lhe um bilhete azul e uma bexiga que arranjei no matadouro - Onde conseguiste o bilhete azul?
- Foi o Ben Rogers que mo deu há duas semanas por uma vara.
- Dize lá para que serve um gato morto, Huck!
- Para que serve? Cura as verrugas.
- Palavra que isso é verdade? Eu sei de outra coisa muito melhor.
- Sabes? O que é?!
- água da chuva que fica nos troncos das árvores.
- Essa agora?! Nunca tal teria pensado...
- Não calculavas, pois não? E já experimentaste isso?
- Não, nunca. Mas experimentou Bob Tauner.
- Quem te disse?
- Foi ele que disse a Jeff Thatcher e Jeff disse a Johnny Baker e Johnny disse a Jim Hollis e Jim disse a Ben Rogers e Ben disse a um preto; o preto é que me disse. Aqui está.
- Ora! Todos eles mentem. Quando não mintam os outros, pelo menos o preto. Eu não o conheço, mas nunca vi um preto que não mentisse. Agora conta-me cá como é que Bob Tauner fez isso.
- Meteu a mão num buraco de um tronco onde havia água da chuva.
- De dia?
- Pois. - Com a cara para o lado do tronco? - Sim. Pelo menos julgo que sim. - E disse alguma coisa?
- Parece-me que não. Isto é, não sei.
- Agora sim! Quem se lembra de querer curar verrugas com

água choca, de uma maneira tão tola como essa? Claro que assim não faz nada. Tem de se ir sozinho para a floresta onde se saiba que há água choca dentro de um tronco, e à meia-noite em ponto viram-se as costas para o tronco, mete-se lá a mão e diz-se: Cevada e milho dentro desta toca Engole-me as verrugas, água choca. Depois dão-se onze passos de olhos fechados, anda-se à roda três vezes e vai-se para casa sem falar com ninguém. Porque se se falar com alguém quebra-se o feitiço.

- Sim, isso parece-me bom, mas não foi assim que fez Bob Tauner.

- Com certeza que não foi porque ele é o rapaz que conheço com mais verrugas, e com certeza não as teria se soubesse servir-se da água choca.

Eu tenho tirado assim milhares de verrugas nas minhas mãos,
Huck. Brinco tanto com rãs, que tenho sempre verrugas novas. Algumas vezes também as tiro com uma fava.

- Sim, o processo não é mau. Já experimentei.

- Já? Como é que tu fazes?

- Pega-se na fava e abre-se ao meio; corta-se a verruga para fazer deitar sangue numa das metades da fava. Depois, à meia-noite, durante o quarto minguante, abre-se um buraco numa encruzilhada; enterra-se essa metade e queima-se a outra. Está bem de ver que o bocado que tem o sangue fica sempre a puxar pelo outro, e isso faz sair o sangue da verruga, que acaba por cair.

- É tal-qual, Huck. É tal-qual. E ainda melhor se, enquanto se enterra a fava, se disser: "Para baixo, fava, para fora verruga, nunca mais me atormentes." É assim que faz Joe Harper e ele já esteve perto de Coonville e em muitos outros sítios. E como é que tu as curas com gatos mortos?

- Pega-se no gato e vai-se ao cemitério, perto da meia-noite, quando tenham enterrado uma pessoa má; à meia-noite vem um diabo, ou dois, ou três; nós não os vemos, mas ouvimos um barulho que parece vento e às vezes ouvimo-los falar. Quando estão a tirar o morto da cova atira-se-lhes com o gato para cima e diz-se: "Diabo segue o morto, gato segue o diabo, verrugas sigam o gato e não me atormentem." Assim, saem as verrugas todas.

- Isso parece-me muito bom. Já experimentaste, Huck?

- Não. Foi a tia Hopkins quem me disse.

- Então deve ser verdade. Eles até dizem que ela é bruxa.

- E é, Tom; eu sei que é. Ela até deitou mau-olhado ao meu pai. Foi ele que o disse. Viu-a um dia deitar-lhe mau-olhado, por isso pegou numa pedra e atirou-lha. Se ela se não tivesse afastado, acertava-lhe. Pois nessa mesma noite o meu pai caiu de um telhado, onde se tinha deitado bêbedo, e partiu um braço.

- Isso é horrível! Como sabe ele que lhe deitou mau-olhado?

- Percebe-se muito bem. O meu pai diz que esteve a olhar para ele imenso tempo. Sempre que as pessoas nos fitam, deitam-nos mau-olhado. Ainda é pior se estão a mexer os beiços: estão a rezar as orações de trás para diante.
- Quando vais experimentar o gato, Huck?
- Logo à noite. Calculo que os diabos vão hoje buscar Hosse Williams.
- Mas ele foi enterrado no sábado... Não teriam ido buscá-lo no sábado à noite?
- Que disparate! Não podiam ir antes da meia-noite e depois foi domingo. Os diabos não andam por aí ao domingo, creio eu.
- Não me lembrava disso, mas é verdade. Deixa-me ir contigo. - Deixo. Não tens medo? - Medo? Não me parece. Mias?
- Sim, e tu respondes, se puderes. Da última vez deixaste-me ficar até que os velhos Hays me atiraram pedras e me disseram: "Maldito gato!" Depois atirei eu com um tijolo à janela deles, mas não digas nada.
- Não digo. Nessa noite não pude miar porque a minha tia me vigiava, mas desta vez mio, verás. O que levas aí?
- Uma carraça.
- Onde a apanhaste?
- No bosque.
- Quanto queres por ela?
- Sei lá! Não quero vendê-la.
- É muito pequenina.
- Dizes isso porque não é tua. Eu gosto dela e para mim chega.
- Há muitas carraças. Eu se quisesse tinha mais de mil.
- Então porque não tens? Porque sabes muito bem que não podes. Esta é pequenina, mas é a primeira que vejo este ano.
- Olha, Huck, dou-te o meu dente se me deres a carraça.
- Mostra.

Tom tirou do bolso um bocadinho de papel que desenrolou sob o olhar atento da Huckleberry. A tentação era forte e por fim disse:

- É verdadeiro?

Tom levantou o beiÇo e mostrou a falta do dente.

- Está bem! - respondeu Huckleberry. - Aceito o negócio.

Tom meteu a carraça na caixa de charutos, que tinha servido de prisão à carocha, e os dois rapazes separaram-se considerando-se ambos mais ricos do que antes.

Quando Tom chegou à escola, entrou rapidamente, como se tivesse vindo sempre apressado. Pendurou o chapéu no cabide e sentou-se. O professor, que na sua cadeira alta dormitava embalado pelo murmúrio sonolento que os rapazes faziam a estudar, acordou.

- Tomás Sawyer!

Tom sabia que, quando o seu nome era dito por inteiro, as coisas não iam bem.

- Senhor.

- Vem cá. Como de costume, chegaste tarde à escola.

Tom ia desculpar-se com uma mentira, quando reparou em duas tranças de cabelo loiro que reconheceu imediatamente.

Junto da dona das tranças estava o único lugar vago do lado das raparigas. Tanto bastou para que dissesse distintamente:

- Demorei-me a falar com o HUCKLEBERRY FINN!

O professor calou-se a olhá-lo surpreendido. O sussurro do estudo interrompeu-se e os outros rapazes perguntaram a si próprios se Tom teria perdido o juízo.

- Que dizes tu?

- Parei a falar com o Huckleberry Finn.

Não podia haver confusão.

- Tomás Sawyer, essa é a mais espantosa confissão que tenho ouvido, e já não chega a palmatória para castigar o que fizeste. Despe o casaco.

E o braço do professor bateu até se cansar.

Então as chibatadas diminuíram de intensidade e seguiu-se esta ordem:

- Vai sentar-te ao pé das raparigas e vê se tens juízo.

O rapaz pareceu envergonhado dos risos dos outros, mas na verdade o que lhe dava aquele ar tímido era a sua adoração pelo ídolo desconhecido e o prazer que lhe causava ir sentar-se no mesmo banco. Ocupou pois o seu lugar, num extremo, e, com um trejeito, a pequena afastou-se para a outra ponta. Entre todos os pequenos se trocaram cotoveladas, piscadelas de olho e segredos, mas Tom sentou-se muito calado, com os braços em cima da carteira na sua frente, e pareceu absorto no livro. Pouco a pouco a atenção dos outros desviou-se e começou de novo a ouvir-se o murmúrio habitual. Passados instantes, Tom principiou a deitar furtivamente os olhos para a pequena. Vendo isto, ela fez-lhe uma careta e voltou-se para o outro lado; quando em seguida se voltou, tinha na sua frente um pêssego. Afastou-o, mas Tom tornou a pô-lo lá. Desta vez rejeitou-o com menos animosidade; pacientemente, Tom colocou-o diante dela e escreveu na pedra; Faz favor de o aceitar- tenho mais., A pequena olhou para as palavras, mas ficou na mesma, e Tom começou a desenhar uma coisa na pedra, procurando esconder o seu trabalho com a mão esquerda. Por uns momentos a pequena fingiu não dar por isso, mas a curiosidade foi mais forte e ela fez um movimento para espreitar. Tom continuou a desenhar, até que a pequena, dando-se por vencida, pediu em segredo: - Deixa-me ver. Tom mostrou parte da triste caricatura de uma casa, com duas abas de telhado e uma espiral de fumo a sair da chaminé. Então, já interessadíssima, esqueceu-se do resto, e, quando Tom acabou o desenho, olhou-o atentamente um instante e disse:

- Está bonito. Vê lá se és capaz de fazer um homem.

O artista desenhou um homem em frente da casa, um homem que parecia um guindaste. Tinha as pernas tão altas que podia saltar por cima da casa, mas a pequena não era exigente e, satisfeita com o monstro, segredou:

- O homem é bonito! Agora põe aí o meu retrato.

Tom desenhou uma ampulheta com uma lua-cheia em cima e braços e pernas de palha. Nas mãos, de dedos abertos, colocou-lhe um leque enorme. A pequena comentou:

- Está tudo tão bonito! Gostava de saber desenhar.
- É difícil! - segredou Tom. - Eu ensino-te.
- És capaz disso? Quando?
- Ao meio-dia. Vais a casa jantar?
- Fico, se tu ficares.
- Está bem, está combinado. Como te chamas?
- Becky Thatcher. E tu? Ah! Já sei. Tomás Sawyer.
- Isso é o nome que eles me chamam para me bater, mas quando sou bom rapaz sou Tom. Chamas-me Tom, sim?
- Chamo.

Tom começou então a escrever na pedra umas palavras que procurava esconder. Mas desta vez Becky não se fez rogada e pediu para ver.

- Não é nada! - respondeu Tom.
- É, sim.
- Não é, não. Não vês.
- Vejo, sim, vejo. Mostra-me.
- Não dizes nada?
- Não digo. Não digo a ninguém, ninguém!
- Não dizes a ninguém? Em toda a tua vida?
- Não digo a ninguém, agora deixa-me ver.

- Tu não queres ver.
- Só por seres assim hei-de ver.

E, dizendo isto, pôs a mãozinha sobre a dele, e seguiu-se uma pequena luta, durante a qual Tom fingiu resistir, mas foi afastando a mão até que ficaram à vista estas palavras: "Amo-te." - És parvo! - respondeu ela, batendo-lhe, mas corando e parecendo satisfeita.

Precisamente, neste momento, o rapaz sentiu que alguém lhe agarrava a orelha, obrigando-o a levantar-se. Assim atravessou a sala e foi até o seu lugar, no meio das risadas de toda a escola.

Ali, o professor ficou uns minutos, até que se encaminhou para a secretária sem dizer uma palavra. Tom tinha a orelha a arder, mas o seu coração rejubilava.

Quando todos na aula se aquietaram, Tom fez o possível por estudar, mas estava muito agitado para o conseguir. As lições foram-se seguindo. Na lição de leitura, Tom fez uma enorme trapalhada, na geografia transformou lagos em montanhas, montanhas em rios e rios em continentes, até que de novo o caos voltou, e, finalmente, no ditado, fez erros nas palavras mais simples, perdendo desta maneira a medalha de estanho, em que fizera tanto gosto durante meses.

7. UMA CARRAÇA CORREDORA E UM DESGOSTO

Quanto mais Tom diligenciava dar atenção ao livro, mais as suas ideias se dispersavam, e, por fim, com um suspiro e um bocejo, desistiu. Parecia-lhe que a saída do meio-dia nunca mais chegava. O ar estava pesado. Não corria uma brisa. Era o mais sonolento dos dias sonolentos. O murmúrio entorpecedor das vozes de vinte e cinco rapazes a estudar embalava o espírito, como o zumbido das abelhas. Ao longe, à luz clara do sol, o monte Cardiff erguia as suas encostas verdejantes, a que o véu trémulo do calor e a distância davam um tom arroxeado; um ou outro pássaro voava muito alto, preguiçosamente; os únicos seres vivos que o olhar de Tom distinguia eram umas vacas, e essas mesmo dormiam. O rapaz ansiava por liberdade ou por alguma coisa interessante que o ajudasse a passar o tempo. Meteu a mão no bolso, e um sorriso alegre, cheio de gratidão, iluminou-lhe o rosto. Sem que o soubesse, era como uma prece. Então, furtivamente, tirou da algibeira a caixa de cartuchos. Libertou a carraça e pô-la em cima da carteira. O animal, naturalmente, sentiu também gratidão, que nesse momento era prematura, pois mal começou a mover-se, Tom, de alfinete em punho, fê-lo mudar de rumo.

O amigo predilecto de Tom estava sentado ao seu lado, sofrendo a mesma angústia que ele sofrera, e começou ao mesmo tempo a interessar-se pelo divertimento. Esse amigo era Joe Harper. Os dois rapazes eram amigos fiéis durante toda a semana, e adversários aos sábados. Joe tirou um alfinete da lapela, para ajudar o outro a exercitar o prisioneiro. O passatempo tornava-se cada vez mais interessante; em breve, Tom descobriu que se estorvavam um ao outro, não gozando tanto quanto podiam, por isso pôs em cima da carteira a ardósia de Joe e desenhou uma linha pelo meio desta, de extremo a extremo, dividindo-as em duas.

- Agora - disse ele - enquanto ela estiver do teu lado podes

mexer-lhe e eu não lhe toco, mas, mal ela passar para o meu lado, tu não lhe mexes e eu faço tudo para a não deixar ir para o teu.

- Está bem! Vamos lá. Começa tu.

Passados momentos, a carraça fugiu de Tom e passou a linha. Era a vez de Joe a atormentar, e assim fez até que ela voltou de novo para o lado de Tom. Deu-se esta mudança umas poucas de vezes e, sempre que um dos rapazes perseguia a carraça, o outro assistia a isso com o maior interesse. As duas cabeças muito juntas inclinavam-se para a pedra e nenhum deles dava pelo resto que se passava em volta. Por fim, a sorte parecia estar sempre do lado de Joe. A carraça tentou uma outra coisa para Lhe fugir; estava já tão excitada como os próprios rapazes. Os dedos de Tom ansiavam por agarrá-la, porém o alfinete de Joe não lhe dava descanso. Tom não pôde suportar aquilo por mais tempo, e, sem conseguir resistir à tentação,

estendeu a mão direita, pronta a entrar em serviço. Mas Joe zangou-se e disse:

- Não lhe toques, Tom.
- Só um bocadinho, Joe.
- Não. Não é justo. Agora não lhe mexes.
- Não te zangues, que eu só lhe mexo um bocadinho.
- Deixa-a, já disse!
- Não deixo.
- Tens de deixar, porque ela está do meu lado do risco.
- Olha lá, Joe Harper, de quem é a carraça?
- Não quero saber de quem é. Está do meu lado e não tens nada que lhe mexer.
- Pois fica sabendo que hei-de mexer, porque é minha. Até me matava se não lhe mexesse as vezes que me apetecesse!

Uma tremenda pancada caiu no ombro de Tom e outra no de Joe. Durante uns dois minutos voaram nuvens de poeira dos dois casacos, o que proporcionou um divertimento ao resto dos rapazes. Os dois amigos, absortos na brincadeira, não tinham dado pelo silêncio que se fizera, enquanto o professor se aproximava nas pontas dos pés. Tinha ficado ali um instante a assistir ao espectáculo e acabara por colaborar nele.

Quando, ao meio-dia, os alunos tiveram licença de sair, Tom correu para Becky Thatcher e segredou-lhe:

- Põe a touca e finge que vais para casa. Quando chegares à esquina deixa passar as outras e volta para trás pelo carreiro. Eu vou pelo outro lado e faço o mesmo.

Assim, cada um deles foi com um grupo de companheiros, e daí a pouco encontraram-se ambos.

Quando chegaram à escola, estavam completamente sós. Sentaram-se ao lado um do outro, com uma ardósia na sua frente; Tom deu a pena a Becky e segurou-lhe na mão, ensinando-a a desenhar outra casa surpreendente. Quando, passados momentos, o interesse pela arte começou a abrandar, conversaram, e Tom, doido de contente, perguntou-lhe:

- Gostas de ratos?
- Não, detesto-os.
- Também eu, mas quando estão vivos. Eu queria saber se gostas de ratos mortos, para lhes atar uma guita e fazê-los andar à roda.
- Não. Não gosto de ratos mortos nem vivos. Do que eu gosto é de chewing-gum.
- Também eu. Quem me dera ter agora um bocado.
- Queres? Eu tenho e dou-te, se depois mo deixares mastigar também.

Concordaram ambos e mastigaram-no cada um por sua vez, batendo com as pernas no banco para mostrarem o seu contentamento.

- Já alguma vez foste ao circo? - perguntou Tom.
- Já. E o meu pai prometeu levar-me outra vez, se eu for boa.
- Eu já fui umas três ou quatro vezes, muitas vezes mesmo. A igreja não se compara com um circo. Num circo passam-se coisas muito engraçadas. Eu, quando for grande, vou ser palhaço de circo.
- Vais? Há-de ser engraçado. Acho-os tão bonitos, todos às

manchas!
  - Pois são, e ganham rios de dinheiro. A maior parte deles ganha um dólar por dia, diz Ben Rogers. Ouve cá, Becky, já alguma vez estiveste noiva?
  - Que é isso?
  - Prometida para casar.
  - Não.
  - E gostavas de estar?
  - Calculo que sim. Não sei... Como é isso?
  - Como? Não sei bem explicar... Mas olha, diz-se a um rapaz que nunca se gostou de ninguém senão dele, nunca, nunca, nunca, dá-se um beijo e pronto. Qualquer pessoa pode fazer isso.
  - Um beijo? Um beijo para quê?

  - Porque... sabes, é para... Enfim, faz-se isso sempre...
  - Todos?
  - Sim, todos que gostam uns dos outros. Não te lembras do que escrevi na pedra?
  - Lembro.
  - O que era?
  - Não digo.
  - Queres que eu diga?
  - Sim, mas para a outra vez.
  - Não, agora.
  - Agora não, amanhã.
  - Agora, Becky. Eu digo baixinho, muito baixinho.
  Como Becky hesitasse, Tom tomou esse silêncio como consentimento e, passando-Lhe o braço em volta da cintura, segredou-lhe as mesmas palavras, pondo-Lhe a boca muito pertinho da orelha e acrescentou:
  - Agora dizes-me tu a mim também em segredo.
  Ela resistiu por momentos, mas por fim cedeu:
  - Vira a cara para lá para não veres. Só assim é que digo. Mas tu não contas a ninguém, ouviste, Tom? A ninguém, hem?
  - A ninguém, prometo.
  Tom voltou a cara para o lado, ela, curvando-se timidamente, afastou-lhe os caracóis da orelha e disse:
  - Amo-te.
  Em seguida endireitou-se e começou a correr à roda das carteiras e dos bancos. Tom perseguiu-a, até que ela se refugiou num canto, pondo o bibe branco a tapar-lhe a cara. O rapaz abraçou-a pelo pescoço e pediu:
  - Vamos, Becky, fizeste tudo, mas não me deste um beijo. Não tenhas medo, que não custa nada. Anda, Becky!
  Dizendo isto, puxava-lhe pelo bibe e pelas mãos.
  Pouco a pouco, a pequena cedeu e afastou as mãos, mostrando a cara vermelha por ter estado a lutar. Então Tom beijou-Lhe os lábios e disse:
  - Agora está tudo pronto, Becky, e depois disto já sabes que nunca mais podes amar ninguém senão a mim, nem casar com

ninguém senão comigo, para sempre, toda a vida. Ouviste?
- Não. Nunca hei-de gostar de ninguém senão de ti, Tom, nem casar com ninguém senão contigo. E tu também não casas com ninguém senão comigo.
- Pois claro! Uma coisa faz parte da outra. E sempre, quando viermos para a escola e formos para casa, tu hás-de ir ao meu lado - quando os outros não estiverem a olhar - e tu só brincas comigo, porque é assim que se faz quando se está noiva.
- Que engraçado! Nunca tinha ouvido falar nisto.
- Ah! É muito agradável, eu e a Amy Lawrence...

Os olhos esgazeados de Becky mostraram a Tom o disparate que acabava de dizer, e este, confuso, calou-se.
- Oh! Tom! Então não é a primeira vez que estás noivo?

Vendo-a chorar, Tom desculpou-se:
- Não te apoquentes, Becky! Eu já não gosto dela.
- Gostas, gostas. Sabes perfeitamente que sim, Tom.

O rapaz tentou passar-lhe o braço em volta do pescoço, mas ela empurrou-o, e, virando a cara para a parede, continuou a chorar. Tom tentou de novo, dizendo-lhe palavras meigas, mas continuou a ser repelido. Então, cedendo ao seu orgulho, afastou-se e saiu; conservou-se no pátio um momento, muito mal disposto, olhando para a porta de vez em quando, à espera de que ela se arrependesse e fosse ter com ele. Não a vendo aparecer, pensou que podia ser inj usto, e teve vontade de fazer nova tentativa de paz. Decidiu-se e entrou. Becky estava ainda sentada ao canto, a soluçar, de cara para a parede. Tom aproximou-se dela e ficou um instante com o coração confrangido, mas sem saber o que fazer, até que disse:
- Becky, eu não gosto de ninguém senão de ti.

Não teve resposta, e os soluços continuaram.
- Becky, não me dizes nada?

Mais soluços.

Tom tirou do bolso a sua melhor jóia, a maçaneta de metal de uma tenaz, e passou-a em volta dela para que a visse, dizendo:
- Não queres aceitar isto, Becky?

Ela atirou o presente para o chão, e Tom saiu da escola no propósito de lá não tornar naquele dia.

Pouco depois, Becky suspeitou da sua intenção. Correu à porta, mas não o viu. Deu a volta ao pátio e, quando se convenceu de que não estava ali, chamou:
- Tom! Vem, Tom!

Escutou atentamente, mas não teve resposta. æ sua roda tudo era silêncio e solidão. Arrependida do que tinha feito, sentou-se e continuou a chorar,

mas nessa altura já os outros alunos estavam de volta. Teve de esconder o seu desgosto e calar os lamentos do seu coração, carregado com a cruz de uma triste e longa tarde entre estranhos, sem ninguém com quem desabafar a sua tristeza.

8. PIRATA AUDACIOSO

Tom caminhou por atalhos, até se afastar completamente do trajecto que costumavam seguir os rapazes na volta para a escola. Então, cabisbaixo, foi andando e atravessou duas ou três vezes um pequeno braço de rio, pois tinha a superstição de que passar por cima da água frustrava a perseguição.

Meia hora depois desaparecia por trás do solar dos Douglas, no alto do monte Cardiff; lá em baixo, no vale, o edifício da escola ficava a perder de vista. Entrou num bosque denso e caminhou por chão não trilhado até ao centro. Aí, sentou-se sobre o musgo, à sombra de um enorme carvalho.

Não corria a mais leve aragem; o calor do meio-dia tinha feito calar até o canto das aves. Toda a Natureza estava imersa num silêncio só cortado de quando em quando pelo ruído longínquo do pica-pau, que parecia tornar mais profunda a solidão.

A alma do rapaz estava afogada em melancolia e o que sentia adaptava-se perfeitamente ao que o rodeava. Durante muito tempo esteve sentado, com os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos, a meditar. Parecia-lhe que a vida consistia apenas em sofrimento, e quase invejava Jimmy Hodges, recentemente libertado destes tormentos. "Que bom devia ser, pensou, dormir e sonhar para todo o sempre, com o vento murmurando nas árvores e acariciando a relva e as flores sobre a campa, sem nada com que se preocupar! Se ao menos tivesse boas notas na aula de doutrina, podia desejar morrer e acabar com tudo. Quanto à rapariga... O que tinha ele feito? Tivera as melhores intenções e fora tratado como um cão - um verdadeiro cão. Mas ela havia de se arrepender um dia, talvez quando já fosse tarde de mais. Se ele ao menos pudesse morrer temporariamente"!

Mas, quando se é muito novo, o coração não se conserva constrangido durante longo tempo, e, assim, passados momentos, Tom recomeçou, quase sem querer, a interessar-se pela vida. Qual seria o efeito se virasse costas

e desaparecesse misteriosamente? O que aconteceria se fosse embora para muito longe, para países desconhecidos, além dos mares, e nunca mais voltasse? O que sentiria ela então? A ideia de se tornar palhaço de circo assaltou-lhe de novo o espírito, mas não lhe agradou. Frivolidade, brincadeiras e calções de cores pareciam-lhe ofensa no meio dos seus pensamentos elevados e românticos. Não. Seria soldado e voltaria muitos anos depois, ilustre e cansado de guerrear. Não! Havia outra coisa melhor ainda. Juntar-se-ia aos índios para caçar búfalos pelas cordilheiras perigosas e nas planícies desconhecidas do Far-West; no futuro voltaria à aldeia, já feito chefe, enfeitado com penas de cores garridas

e de cara horrivelmente sarapintada, irrompendo com um arrepiante grito de guerra pela escola de doutrina, numa manhã sonolenta de Verão, fazendo os companheiros empalidecer de inveja. Mas não. Havia outra coisa ainda mais grandiosa do que todas as outras; seria pirata. Isso sim. Via agora o seu futuro claramente e parecia-Lhe uma carreira cheia de esplendor. Como o seu nome encheria o Mundo, fazendo tremer os povos! Gloriosamente iria pilhando todos os barcos pelos mares agitados, no seu barco comprido e negro, O Temporal, de bandeira negra ondulada à proa. Quando chegasse ao auge da fama, aparecia de súbito na aldeia, entrando na igreja, de pele tostada, vestido de veludo preto com faixa vermelha e botas altas, de pistolas e alfanje metidos no cinto, chapéu largo enfeitado de plumas, agitando a bandeira negra sobre a qual se distinguissem a caveira e as tíbias. Então, à sua volta, os outros segredariam, num êxtase:

- É Tom Sawyer, o Pirata! O Vingador Negro do Mar das Antilhas!

Sim, estava assente. Era aquela a sua carreira e para a seguir sairia de casa na manhã imediata, portanto tinha de começar quanto antes a preparar-se e a reunir os seus haveres. Encaminhou-se para um tronco meio apoderecido que havia ali perto, e começou, com a sua navalha Barlow, a abrir uma cova por baixo de um dos extremos dele. Em breve se ouviu um som de madeira oca, e, metendo ali a mão, Tom pronunciou estas palavras, num tom de voz que pretendia ser impressionante:

- O que aqui não veio que venha! O que aqui está que fique!

Depois afastou a terra; apareceu-lhe um sarrafo, que puxou, pondo à vista uma caixinha engraçada feita de ripas, dentro da qual estava um berlinde. O espanto de Tom foi enorme. Perplexo, coçou a cabeça, murmurando: - É incrível!

Depois, despeitado, arremessou o berlinde para longe e ficou a pensar.

O facto é que acabava de ver falhar uma superstição que ele e os seus companheiros tinham considerado como infalível. Pensavam que, se enterrassem um berlinde, murmurando ao mesmo tempo certas palavras necessárias e deixando-o estar enterrado durante quinze dias, quando, ao fim desse tempo, desenterrassem o berlinde com as palavras que pronunciara, achariam reunidos todos os berlindes que houvessem perdido, por muito longe uns dos outros que tivessem ficado.

Mas, agora, Tom, vendo que se enganara redondamente, sentiu a sua fé deveras abalada. Já muitas vezes tinha ouvido falar deste feitiço como eficaz e nunca tivera notícias de semelhante insucesso. Não lhe ocorreu que já experimentara isto várias vezes sem conseguir depois achar os lugares onde escondera os berlindes. Pensou no assunto algum tempo e por fim supôs que alguma bruxa se tivesse metido no caso, quebrando o encanto. Resolveu então investigar. Olhou em volta, até que descobriu um lugar onde a areia fazia uma pequena cova. Deitou-se de bruços e, pondo a boca junto dessa depressão, disse:

- Formiga-leão, formiga-leão, responde ao que quero saber! Formiga-leão, formiga-leão, responde ao que quero saber!

A areia começou a mover-se. Passados momentos um bichinho

preto apareceu, para logo se sumir outra vez, assustado.
- Não diz! Está claro que foi uma bruxa que se meteu nisto. Bem me parecia!
Sabia perfeitamente que era inútil lutar contra as bruxas, por isso desistiu, mas lembrou-se de que podia apanhar o berlinde que atirara fora e pôs-se a procurá-lo cheio de paciência.
Como não conseguisse encontrá-lo, voltou à caixinha de madeira; colocou-se como lhe parecia ter estado da primeira vez, quando arremessara o berlinde, e, tirando outro do bolso, arremessou-o do mesmo modo, dizendo:
- Irmão, vai buscar o teu irmão!
Observou onde o berlinde tinha parado, e foi ver, mas o segundo devia ter ficado demasiado perto ou demasiado longe, pensou. Tentou mais duas vezes e à terceira foi bem sucedido, pois os dois berlindes estavam a pequena distância um do outro.
Precisamente neste instante, o som de uma corneta de folha ouviu-se noutro ponto da floresta. Tom despiu com ligeireza o casaco e as calças; fez

de um suspensório um cinto; afastou umas ervas por detrás do tronco; tirou de lá um arco, algumas setas, uma espada de madeira e uma corneta de folha; agarrando em tudo rapidamente, correu, de pernas nuas e com a fralda da camisa a voar. Passados momentos parou de baixo de um ulmeiro, tocou a corneta em resposta ao outro e começou a caminhar nas pontas dos pés, olhando, sempre cauteloso, para um lado e para o outro, ao mesmo tempo que dizia baixo, para uns companheiros imaginários:
- Cuidado, homens! Não se deixem ver sem eu tocar!
Apareceu então Joe Harper, tão bem vestido e armado como Tom. Este gritou-Lhe: - Alto! Quem se atreve a entrar sem minha licença na floresta de Sherwood?
- Guy de Gisborne não precisa de licença de ninguém. E tu quem és que... que...
- Ousas falar desse modo? - disse Tom, servindo de ponto, porque eles falavam de cor, mas segundo o livro.
- E tu quem és que ousas falar desse modo?
- Eu? Sou Robin Hood, como a tua vil carcaça em breve saberá.
- Então és tu, de facto, esse famoso proscrito! De bom grado disputarei contigo os caminhos da alegre floresta. Em guarda!
Puxaram pelas espadas de madeira, puseram no chão as outras armas, tomaram uma atitude de combate e principiaram a esgrimir.
- Agora, se és audacioso, despacha-te!
Assim, lá se despacharam,, ofegantes e transfigurados do esforço, mas, dentro de instantes, Tom gritou:
- Cai, anda! Porque não cais?
- Não caio. Porque não cais tu que estás mais maltratado do

que eu?
  - Isto não é nada e eu não posso cair, porque não é assim que está no livro. O livro diz: Então, com um golpe traiçoeiro, ele matou pelas costas o pobre Guy de Gisborne., Tens de te virar, para eu poder ferir-te pelas costas.
  As ordens de quem tem autoridade não se discutem, por isso Joe virou-se, recebeu o golpe e caiu.
  Mas logo, levantando-se, disse: - Agora tens de deixar matar-te. Assim é que está certo. - Não posso, porque não é assim que está no livro. - Não há direito!
  - Bom, Joe, só se tu fores o Frei Tuck ou Much, o filho do moleiro, e sovar-me com um grande pau, ou eu sou o xerife de Nottingham e tu és por um bocadinho Robin Hood, para me matares.
  Era uma boa solução, e como tal foi aceite. Em seguida, Tom voltou a ser Robin Hood e teve do frade traiçoeiro licença para lhe tirar a vida. Por fim, Joe, representando sozinho toda uma tribo de proscritos em lamentos, arrastou-o tristemente dali, pôs-lhe nas mãos enfraquecidas o seu arco, e Tom disse:
  - No lugar em que cair esta seta, sepultem o pobre Robin Hood sob as árvores da floresta.
  Disparou a seta e deitou-se para trás na intenção de morrer, mas caiu sobre um maciço de ortigas e saltou com ímpeto, impróprio de um cadáver.
  Vestiram-se os dois rapazes, esconderam os seus apetrechos de guerra e afastaram-se lamentando que já não houvesse proscritos, pois não sabiam ao certo se a civilização moderna seria suficiente para compensar a perda destes. Pela sua parte, concordavam em que qualquer deles acharia suficiente ser um proscrito durante um ano na floresta de Sherwood a presidente dos Estados Unidos para toda a vida.

9. UMA TRAGÉDIA NO CEMITÉRIO

  Como de costume, às nove horas dessa noite a tia Polly mandou Tom e Sid para a cama. Fizeram as suas orações e Sid adormeceu logo. Tom ficou acordado e esperou na maior impaciência. Quando Lhe pareceu que devia estar quase a amanhecer, ouviu dar dez horas. Que desespero! De boa vontade se mexeria na cama, como os nervos Lhe pediam, mas, com receio de acordar Sid, deixou-se estar muito quieto, de olhos abertos na escuridão. Estava tudo em silêncio, mas a pouco e pouco começaram a sentir-se pequenos ruídos, que se foram definindo. Primeiro, o tic-tac do relógio; depois, as madeiras velhas começaram a estalar misteriosamente, e na escada sentiu-se o mesmo barulho. Era evidente que os espíritos andavam à solta. Do quarto da tia Polly vinha um sussurro do seu ressonar compassado, e logo começou o enfadonho cri-cri de um grilo, que ninguém seria capaz de dizer onde estava. Em seguida, o

zumbido monótono de um besouro na parede, à cabeceira de Tom, fê-lo estremecer, pois significava que estava alguém para morrer. Passados minutos ouviu-se ao longe o uivar de um cão, a que respondeu outro ainda mais longe. Tom estava em ânsias. Finalmente, este sofrimento abrandou, porque, a despeito de si próprio, começou a dormitar; quando o relógio bateu as onze, já não ouviu e, a par dos seus sonhos mal definidos, sentiu os gritos melancólicos de gatos em luta. Depois, o levantar de uma janela, uma voz a enxotar os gatos, e o barulho de uma garrafa vazia, a estilhaçar-se contra as madeiras do telheiro, acordaram-no completamente. Então, não levou nem um minuto a vestir-se e a saltar pela janela. Caminhou de gatas pelo telhado, miando uma ou duas vezes, saltou para o telhado do barracão e dali para o chão.

Lá estava Huckleberry Finn com o gato morto. Os dois rapazes afastaram-se e desapareceram na escuridão.

Ao fim de meia hora caminhavam por entre a relva alta do cemitério. Este era à moda antiga do Oeste. Estava situado numa colina a cerca de
60 milha e meia da aldeia e cercado por uma vedação de madeira, inclinada para dentro nuns lugares e para fora noutros, mas que lá se ia conservando de pé. Relva e ervas ruins cresciam em abundância por todo o cemitério, cobrindo completamente as velhas sepulturas. Não havia ali uma pedra tumular. Sobre cada sepultura havia uma tabuleta carcomida, com a parte de cima, arredondada, mais ou menos tombada e sem ter a que se apoiar. Noutro tempo em cada uma delas tinha sido pintado o nome da pessoa a quem era consagrada, mas, ainda mesmo que houvesse luz, ninguém conseguiria lê-las.

Um vento fraco perpassou nas árvores e Tom receou que fossem os espíritos dos mortos a lamentarem-se de os terem perturbado. Os rapazes falavam pouco e muito baixinho, porque a solenidade da hora e do lugar lhes oprimia o espírito. Encontraram o montículo, feito de fresco, que procuravam, e esconderam-se ambos por trás dos troncos dos grandes ulmeiros agrupados a poucos pés da sepultura. Aí esperaram um espaço de tempo, que lhes pareceu sem fim. O piar de um mocho muito ao longe era o único barulho que cortava o silêncio. Enervado, Tom sentiu que tinha de falar, por força, e segredou:

- Hucky, parece-te que agrada aos mortos a nossa vinda aqui?

- Bem gostava eu de saber! - respondeu o outro. - Não achas que isto tem um ar solene?

- Se tem!

Houve uma pausa durante a qual os rapazes estudaram o assunto, e Tom perguntou:

- Hucky, pensas que Hosse Williams nos ouve falar?

- Está claro que ouve. Pelo menos o seu espírito ouve.

Passados momentos, Tom tornou:

- Tenho pena de não ter dito Mr. Williams, mas não foi por mal. Todos lhe chamam Hoss.

- Uma pessoa não se pode pôr com esquisitices a respeito da maneira como fala dos mortos, Tom.

Isto foi dito em surdina, e logo em seguida calaram-se. Mas, instantes depois, Tom segurou o braço de Huckleberry e exclamou:

- Não faças bulha!
- Que é, Tom?
Agarraram-se um ao outro, com o coração a bater.
- Caluda! Lá está outra vez. Não ouviste?

- Eu?.
- Agora. Não ouves?
- Oh! Meu Deus! Tom, lá vêm eles! Lá vêm eles, com certeza. Que havemos de fazer?
- Não sei. E se nos vêem?
- Oh! Tom, eles vêem no escuro tal-qual como os gatos. Já tenho pena de ter vindo.
- Não tenhas medo. Não me parece que nos façam mal. Nós estamos tão quietos... Se não fizermos barulho, talvez não dêem por nós.
- Vou fazer a diligência, Tom, mas estou todo a tremer.

Com as cabeças muito juntas e quase sem respirar, os dois rapazes esperaram, enquanto o som abafado de vozes se aproximava, vindo do outro extremo do cemitério.

- Olha! Olha para ali! - segredou Tom. - Que é aquilo?
- Parece lume. Oh! Tom, é horrível!

Na escuridão distinguiam-se a custo uns vultos vagos, que se aproximavam balouçando uma lanterna acesa, cuja luz punha no chão inúmeras manchas.

Huckleberry segredou, com voz trémula:

- São os diabos, com certeza! São três. Oh! Deus! Tom, estamos perdidos! Sabes rezar?
- Vou experimentar, mas não tenhas medo. Talvez não nos façam mal. Agora que me deito para dormir...
- Cala-te!
- O que é, Huck?
- É gente. Um deles pelo menos é. Tem a voz de Muff Potter.
- Palavra? Tens a certeza?
- Parece-me que a conheço. Não te mexas nem faças barulho. Ele não dá por nós. Como de costume, vem bêbedo.
- Está bem, eu calo-me. Pararam. Não percebo. Aí vêm outra vez. Quente, quente! Frio. Quente outra vez. Muito quente! Agora vêm para aqui. Huck, parece-me que conheço outra voz, é a de Injum Joe.
- É, é! É esse assassino! Esse mestiço. Nunca me enganei muito quando lhes chamei diabos. Que virão eles cá fazer?

Os dois rapazes calaram-se, vendo que os homens tinham chegado junto da sepultura e parado a pequena distância do seu esconderijo.

- É aqui! - disse a terceira voz.

A pessoa que falou levantou a lanterna, que iluminou a cara do jovem Dr. Robinson.

Potter e Injun Joe traziam uma padiola com uma corda e duas pás. Purem no chão o seu fardo e começaram a abrir a cova. O doutor pôs a lanterna à cabeceira da sepultura e foi sentar-se encostado ao tronco de um dos ulmeiros, tão perto dos rapazes

que estes poderiam tocar-lhe.
  - Aviem-se, homens! - disse em voz baixa. - A Lua pode descobrir-se de um momento para o outro...
  Resmungaram uma resposta e continuaram a cavar.
  Durante algum tempo não se ouviu nenhum ruído além do que faziam as enxadas a abrir a terra, e que era muito monótono. Finalmente, uma delas tocou no caixão, com um ruído oco de madeira, e em poucos minutos os homens içaram-no para fora da cova. Levantaram a tampa, tiraram o corpo e deixaram-no cair rudemente no caixão. A Lua apareceu entre as nuvens e iluminou o rosto pálido. Estava pronta a padiola. Colocaram-lhe o corpo em cima, taparam-no com um cobertor e ataram-no com uma corda. Potter pegou numa enorme navalha de mola, cortou a ponta da corda e disse:
  - Agora que esta maldita coisa está feita, ou me dá outros cinco ou já daqui não sai!
  - Assim é que é falar! - exclamou Injun Joe.
  - Mas que significa isso, afinal? Quiseram ser pagos adiantadamente e eu paguei-lhes.
  - Sim, e fez mais do que isso! - acrescentou Injun Joe aproximando-se do médico, que estava agora de pé. - Há cinco anos pegou-me por um braço e pôs-me fora da cozinha de seu pai quando uma noite lá fui pedir alguma coisa de comer, e disse-me que eu não estava ali por bom; depois jurei que me havia de vingar, nem que esperasse cem anos, e o seu pai mandou-me prender por vadio. Julga que me esqueci! Para alguma coisa me corre nas veias o sangue dos Injuns. Agora que o tenho na mão, vamos ao ajuste de contas.
  Dizendo isto, ameaçava o médico, de punhos fechados para ele, mas o outro deu-lhe uma enorme pancada que o estendeu.
  Potter deixou cair a navalha, exclamando:
  - Não bata no meu parceiro!
  O Médico e Potter envolveram-se e, ambos por terra, agarrados um ao outro, rolaram, abrindo sulcos no chão com os calcanhares. Injun Joe pôs-se de pé num salto, e, com os olhos brilhantes de ira,

agarrou na navalha de Potter e começou a andar de gatas à volta dos outros, esperando uma oportunidade. De súbito, o médico conseguiu libertar-se. Agarrou na tabuleta da sepultura de Williams e derrubou Potter com ela. No mesmo instante, o mestiço, num movimento rápido, enterrou a navalha até ao fundo do peito do rapaz, que deu meia volta e caiu pesadamente por cima de Potter encharcando-o no seu sangue. Nesta altura precisamente as nuvens encobriram a Lua, e os dois pequenos, não podendo ver mais nada, fugiram dali a correr na escuridão.
  Instantes depois, quando a Lua se descobriu outra vez, Injun Joe estava de pé, curvado sobre os dois vultos, a olhá-los. O médico soltou uns sons inarticulados, respirou a custo uma ou duas vezes e morreu.
  - Já mas pagaste, maldito!

Em seguida roubou o que encontrou nos bolsos do médico; pôs a navalha fatídica na mão direita de Potter e sentou-se no caixão meio desmantelado.

Passados talvez cinco minutos Potter começou a mexer-se e a mão fechou-se-Lhe no cabo da faca; levantou-a, olhou para ela e deixou-a cair, com um arrepio. Depois sentou-se, empurrou o corpo do médico para longe dele, olhou em volta e deparou com Joe.

- Como foi isto, Joe? - perguntou.

- É um negócio dos diabos! - respondeu o outro sem se mexer.Para que fizeste isso?

- Não o fiz.

- Isso não pega!

Potter, a tremer, empalideceu ainda mais.

- Julguei que não estava bêbedo, porque não bebi nada esta noite, mas ainda tenho o vinho de ontem na cabeça, e estou pior do que quando aqui cheguei. É uma confusão e não me lembro de nada do que se passou. Ouve lá, Joe, muito a sério, fui eu que fiz isto? Não pensava em tal! Juro pela minha alma e pela minha honra que não pensava em tal, Joe. Como foi isto? É horrível. Ele era tão novo e inteligente!

- Vocês estavam os dois a lutar e ele deu-te uma enorme pancada com a tabuleta, que te estendeu ao comprido; logo em seguida levantaste-te a cambalear, pegaste na navalha e meteste-lha no corpo, exactamente no momento em que ele te descarregava outra cacetada. Então ficaste como morto, até agora.

- Eu não sabia o que fazia, Joe. Eu morra já se sabia! Deve ter sido

tudo por causa do whisky e deste maldito trabalho. Nunca na minha vida me servi de uma arma. Tenho bulhado, mas nunca com armas. Todos sabem que é assim. Oh! Joe, não digas nada a ninguém! Promete que não dizes, Joe, e que és um bom camarada. Sempre fui teu amigo e te defendi também. Lembras-te? Não dizes, pois não?

O pobre homem caiu de joelhos diante do assassino impávido, e pôs as mãos numa súplica.

- Não. Sempre foste leal comigo, Muff Potter, e não te farei o contrário. Parece-me que isto é o mais que se pode dizer.

- Oh! Joe, és um bom camarada. Hei-de abençoar-te até ao último dia da minha vida! - disse ele, já a chorar.

- Acaba com isso. Não é altura de pieguices. Vai por aquele caminho, que eu vou por este. Mexe-te e não deixes ficar rasto.

Potter pôs-se a andar, num passo rápido, que em breve se tornou uma corrida. O mestiço ficou a olhá-lo e resmungou:

- Se ele está aparvalhado da pancada e confuso com a bebida, como parece estar, só se lembrará da navalha quando for longe; então terá medo de voltar para trás e vir sozinho a procurá-la a um lugar destes. Cobarde!

Passados dois ou três minutos a Lua, descobrindo de novo, iluminava o homem assassinado, o outro morto envolvido num cobertor, o caixão sem tampa e a cova aberta, no cemitério agora deserto. O silêncio era absoluto.

10. UIVOS AGOIRENTOS

Mudos de horror, os dois rapazes correram, correram em direcção à aldeia. Volta e meia viravam a cabeça e olhavam para trás, apreensivos, como se receassem ser seguidos. Cada tronco de árvore que se erguia no seu caminho parecia-Lhes um homem e um inimigo, fazendo-os conter a respiração. Ao passarem por uma das casas, um pouco afastadas da aldeia, o ladrar dos cães de guarda pôs-lhes asas nos pés.

- Se conseguíssimos chegar à fábrica de curtumes antes de perdermos as forças! - segredou Tom já quase sem fôlego. - Não posso suportar isto por muito tempo!

A respiração ofegante de Huckleberry foi a sua única resposta. Os dois rapazes fitaram os olhos na meta que pretendiam, e curvaram-se, na esperança de correrem melhor. Chegaram, por fim e entraram pela porta aberta, caindo, estafados e agradecidos, para dentro daquele abrigo. Pouco a pouco os dois corações acalmaram e Tom perguntou baixinho:

- O que calculas que resultará daqui, Huckleberry?
- Se o doutor Robinson morrer, há um que vai para a forca.
- Parece-te.
- Não me parece, tenho a certeza.

Tom pensou um momento e perguntou de novo:

- Quem é que há-de dizer? Nós?
- Que disparate! E se acontecesse qualquer coisa e Injun Joe não fosse enforcado? Matava-nos, tão certo como estarmos aqui.
- Era nisso mesmo que eu estava agora a pensar, Huck.
- Se alguém tem de dizer, Muff Potter que o diga, se ele for tão parvo como isso! Anda sempre bêbedo.

Tom não disse nada e ficou a pensar, até que tornou:

- Muff Potter não sabe o que se passou, como há-de ele dizer?
- Por que motivo é que não sabe?
- Porque, exactamente quando Injun Joe fez aquilo, tinha apanhado uma enorme pancada. Achas que podia ter visto alguma coisa? Achas que sabe?
- Tens razão, Tom! Tens toda a razão!
- Além disso, olha que aquela pancada pode muito bem ter dado cabo dele.
- Não, isso não me parece. Tinha álcool no estômago; via-se bem que tinha, mas, além disso, tem-no sempre. Ora, quando o meu pai está bêbedo, podem arrumar-lhe à cabeça seja com o que for, que não o matam. Pelo menos é ele próprio que o diz. Com Muff Potter há-de acontecer o mesmo, está claro. Se não estivesse bêbedo, talvez aquela pancada pudesse matá-lo; não

sei.
  Depois de reflectir mais um instante, Tom perguntou:
  - Tens a certeza, Huck, que és capaz de te calar?
  - Temos que nos calar, Tom! Sabes isso perfeitamente. Aquele Injun é um diabo, que não se importaria mais de nos afogar a nós do que a dois gatos, se nós déssemos à língua a este respeito, e se ele conseguisse escapar à forca. Olha, Tom, o melhor é jurarmos um ao outro que nos calamos. Isto é o que temos de fazer!
  - Também digo que é o melhor. Estende as mãos e jura que...
  - Não. Assim não. Isso serve para coisas insignificantes, principalmente quando se trata de raparigas, que sempre nos atraiçoam e falam de mais se se vêem aflitas. Mas, tratando-se de uma coisa importante como esta, é preciso escrever. E com sangue.
  Tom achou a ideia genial. Era profunda, tenebrosa e horrível; além disso, adaptava-se na perfeição à hora, às circunstâncias e ao ambiente. Apanhou do chão uma tabuinha, tirou do bolso um bocado de casca de quina, esperou que a Lua descobrisse, e garatujou estas linhas, apertando a língua entre os dentes, o que demonstrava a dificuldade do trabalho:
      A gente morra se disser alguma coisa.
     Huck Finn e Tom Sawyer juram   guardar segredo a este respeito.
     T. S. H. F.
   Huckleberry estava pasmado com a linguagem sublime de Tom e a facilidade com que escrevia. Tirou da lapela um alfinete, e ia picar um dedo

quando Tom atalhou:
  - Espera; não faças isso. Os alfinetes são de latão e podem ter verdete.
  - O que é verdete?
  - É veneno, é o que é. Um dia engole um bocado e verás!
  Em vista disto, Tom desenrolou a linha de uma das suas agulhas, e cada um dos rapazes picou um dedo, que espremeu até deitar uma gota de sangue.
  Fizeram isto por várias vezes e Tom conseguiu assinar as suas iniciais, servindo-se da cabeça do dedo mínimo como se fosse uma pena. Depois ensinou Huckleberry a fazer um H e um F, e o juramento ficou completo. Enterraram a tábua junto da parede, não esquecendo certas cerimónias e rezas, e acharam-se tão obrigados a guardar silêncio como se tivessem feito um juramento sagrado.
  Um vulto surgiu devagar do outro lado da casa arruinada, mas os rapazes não o viram.
  - Tom - segredou Huckleberry - achas que isto nos obriga a ficar calados para sempre, sempre?
  - Pois está claro que obriga. Aconteça o que acontecer, não podemos dizer nem uma palavra. Se dissermos morremos, não sabes?

- Sim, já calculava isso mesmo.

Continuaram a conversar em surdina durante um bocadinho, até que ouviram, a pequena distância, mas do lado de fora, um uivo prolongado e lúgubre.

- Com qual de nós é aquilo? - perguntou Huckleberry.
- Não sei. Espreita aí por essa greta. Depressa!
- Espreita tu.
- Não posso. Não posso fazer isso, Huck.
- Anda, Tom. Lá está outra vez.
- Oh! Meu Deus! Felizmente conheço-lhe a voz! - segredou Tom. - É o Bull Harbison (1).

*1 Se o senhor Harbison tivesse um escravo chamado Bull, Tom referir-se-Lhe-ia chamando-lhe o Bull Harbison, mas tratando-se de um filho ou de um cão do senhor Harbison não podia deixar de Lhe chamar Bull Harbison.

- Ah! Ainda bem! Confesso, Tom, que estava com medo de morrer e ia apostar que era um cão vadio.

O cão uivou outra vez e de novo os rapazes sentiram um aperto no coração.

- Ai! não é, não! Parece-me que não é o Bull Harbison! - exclamou Huckleberry. - Vê lá, Tom.

A tremer de medo, Tom condescendeu a espreitar por uma greta do tapume, e disse numa voz que mal se ouvia:

- Huck, é um cão vadio!
- Vê lá depressa, Tom, para qual de nós é.
- Deve ser para ambos. Estamos tão juntos!
- Estamos perdidos, Tom. E não tenho dúvidas sobre o sítio para onde vou. Tenho sido tão mau!
- Tudo isto é o resultado de faltarmos à escola e fazermos tudo aquilo que nos dizem que não devemos fazer. Eu podia ter sido bom como Sid, se fizesse a diligência; mas não nunca fiz. Agora, se me vejo livre desta, prometo que vou estar com muita atenção na aula de doutrina! - asseverou Tom, a fungar.
- Tu, mau? - perguntou Huckleberry fungando também. - Que disparate, Tom Sawyer! Não passas de um garotinho à vista do que eu sou. Meu Deus! Meu Deus! Assim eu tivesse a minha salvação como tu tens a tua.

Meio sufocado, Tom observou:

- Olha, Huck, olha! Virou-nos as costas".

Com o coração mais leve, Huck olhou.

- É verdade que sim. Teria sido antes de uivar?
- Foi. Mas parece-me que estou parvo e não dei por isso logo. Isto mete medo, sabes? Quem será agora?

Os uivos pararam e Tom apurou o ouvido.

- Não faças barulho!
- Que é isto? - segredou.
- Parece... parece um porco a grunhir.
- Não, é uma pessoa a ressonar.
- É, é. Onde será, Huck?
- Acho que é ali do outro lado. Pelo menos, pelo som dá-me essa ideia. O meu pai costumava dormir ali, às vezes, juntamente com os porcos. Mas ele, quando ressona, até faz ir tudo pelos ares. Além disso julgo

que nunca mais voltou aqui à aldeia.
  Na alma dos dois rapazes despertou uma vez mais o gosto pela aventura.
  - És capaz de lá ir, se eu for adiante, Huck?
  - Não me apetece muito, Tom. Imagina que é Injun Joe!...
  Tom hesitou. Mas logo a tentação se tornou mais forte e os dois rapazes decidiram-se, depois de combinarem deitar a fugir, se deixassem de ouvir ressonar; lá foram em bicos de pés, cautelosamente, atrás um do outro. Quando chegaram a uns cinco passos da pessoa que ressonava, Tom pisou um pauzito que se quebrou com um ruído seco. O homem resmungou, espreguiçou-se e o luar deu-Lhe em cheio na cara. Era Muff Potter.
  O coração dos rapazes tinha dado um salto quando o homem se mexera, mas, vendo que continuava a dormir, tranquilizaram-se. Logo saíram, sempre em bicos de pés, por um intervalo nas tábuas do tapume, e pararam a pequena distância para se despedirem. O uivo longo e lúgubre ouviu-se de novo, e os dois rapazes viram o cão perto do lugar onde Potter estava deitado, de frente para ele e com o focinho levantado.
  - Oh! Meu Deus! É ele! - exclamaram os dois num suspiro.
  - Já ouviste dizer, Tom que um cão vadio foi uivar em volta da casa de Johnny Miller, à meia-noite, há duas semanas, e que nessa mesma noite um noitibó foi piar pousando na varanda da casa? E nem por isso morreu lá alguém!
  - Bem sei. E talvez não morra, mas é verdade ou não que, no sábado a seguir a isso, Gracie Miller caiu no lume da cozinha e ficou muito queimada?
  - É verdade, mas não morreu. E, o que é mais, está bastante melhor.
  - Pois espera e verás. Está perdida, tal qual como Muff Potter. Isto é o que os pretos dizem, Huck, e eles sabem muito a esse respeito.
  Aqui, separaram-se pensativos. Quando Tom saltou pela janela para dentro do quarto, a noite tinha quase passado. Despiu-se com muito cuidado e adormeceu contente por ninguém ter dado pela sua falta. Não se apercebeu de que Sid estava acordado e já assim tinha estado havia mais de uma hora.
  Quando Tom acordou, já o irmão não estava no quarto. Pela luz, pareceu-lhe que era tarde e sentiu um certo alarme. Porque o não teriam chamado como de costume, insistindo até que se levantasse? Com um pressentimento, vestiu-se e foi para baixo em menos de cinco minutos. Sentia-se mal disposto e com sono. A família ainda estava à mesa, mas já tinha acabado de almoçar. Ninguém lhe ralhou, mas todos desviavam o olhar, e havia um silêncio e um ar solene que lhe fez sentir o coração gelado. Sentou-se e diligenciou mostrar-se satisfeito, mas não conseguiu; ninguém respondeu nem se sorriu, e Tom tornou a calar-se muito triste.
  Depois do almoço, a tia chamou-o de parte e Tom quase que se alegrou julgando que ia ser sovado; mas enganou-se. A tia chorou, lamentou-se e perguntou-lhe como podia ser tão mau e

dar-lhe tantos desgostos, acabando por lhe dizer que se assim continuasse a levaria à morte, pois estava convencida agora que era inútil tentar emendá-lo. Isto foi muito pior do que mil sovas e Tom sentia o coração mais martirizado do que o corpo. Chorou, pediu perdão, prometeu fazer-se bom rapaz e teve licença para sair dali, mas foi persuadido de que o perdão era incompleto e que as suas promessas não inspiravam confiança.

Estava demasiado triste para pensar sequer em se vingar de Sid, por isso era absolutamente escusada a este a fuga para as traseiras da casa. Cabisbaixo, pôs-se a caminho da escola, e, mal lá chegou, apanhou, com Joe Harper, uma porção de chibatadas por terem faltado à escola na tarde antecedente.

Através de tudo isto, a sua expressão era a de alguém que tem desgostos grandes de mais para se preocupar com insignificâncias. Foi para o seu lugar, pôs os cotovelos em cima da carteira, a cara nas mãos, e ficou a olhar para a parede com o ar daqueles cujos sofrimentos atingiram os limites, que já não podem aumentar. Sentiu uma coisa dura debaixo do cotovelo, e só ao fim de muito tempo, quando mudou de posição pegou nesse objecto para ver o que era. Estava embrulhado num papel que desenrolou e, com um suspiro fundo viu a sua maçaneta da trempe de latão.

Foi isto a gota de água que fez transbordar o copo.

11. CONSCIëNCIA ATRIBULADA

Era perto do meio-dia quando a notícia horrível se espalhou na aldeia. Não foi preciso o telégrafo, com o qual ainda nem se sonhava. A novidade passou, de homem para homem, de grupo para grupo, de casa para casa, com uma velocidade enorme. O mestre-escola deu feriado nessa tarde, e mal parecia se o não fizesse.

Junto do assassinado tinham encontrado uma navalha ensanguentada, que ninguém reconhecera como pertencente a Muff Potter. Era assim que se contava a história. Diz-se também que um aldeão retardatário encontrara Potter a lavar-se no rio, cerca da uma ou duas horas da manhã, e que Potter se escondera imediatamente. As circunstâncias eram suspeitas, em especial a da lavagem, que não estava nos hábitos de Potter.

Tinham corrido toda a aldeia à procura desse assassino" - o público facilmente arranja provas e condena-, porém não o tinham encontrado.

Mas a guarda a cavalo partira pelas estradas em várias direcções, e o xerife estava confiado em que o homem seria preso antes da noite.

Todos os habitantes da aldeia se dirigiram ao cemitério. A angústia de Tom abrandou um pouco e ele foi com os outros, não porque não preferisse mil vezes ir para outro lado, mas porque uma fascinação irresistível o atraía para ali. Quando lá

chegou, meteu-se por entre os outros, pondo-se à frente de todos, e viu o triste espectáculo.

Parecia-lhe que havia muito tempo que ali estivera.

Pouco depois sentiu um beliscão no braço e, ao voltar-se, deu com os olhos em Huckleberry. Logo ambos olharam em roda, com receio de que alguém os tivesse visto trocar sinais, mas todos estavam entretidos com o espectáculo arrepiante que tinham na sua frente e com as várias opiniões a esse respeito.

- Coitado! Pobre rapaz! Isto devia ser uma lição para os ladrões das sepulturas. Se apanham Muff Potter, com certeza não deixam de o enforcar.

Esta era a opinião geral, e o padre disse:

- Foi um castigo. Anda aqui a mão de Deus.

Nesse momento, Tom sentiu um tremor percorrer-lhe o corpo da cabeça aos pés. Os seus olhos acabavam de se fixar no rosto inexpressivo de Injun Joe, no momento em que a multidão começou a agitar-se e alguém disse:

- É ele que ali vem. É ele.
- Quem? Quem? - perguntaram as vozes.
- Muff Potter.
- Pronto, está preso. Cuidado, não volte para trás! Não o deixem fugir!

Mas uma pessoa que tinha trepado para os ramos de uma árvore, disse, por cima da cabeça de Tom, que Potter não ia voltar para trás nem queria fugir, apenas parecia indeciso.

- Que falta de vergonha! - disse um. - Naturalmente vinha ver o seu trabalho com vagar e não esperava encontrar gente.

Instantes depois, a multidão afastou-se um pouco e o xerife passou, levando Potter agarrado por um braço. A expressão do pobre homem estava transtornada e os seus olhos mostravam bem o medo que sentia. Ao chegar diante do assassinado, tremia como numa sezão, e, escondendo a cara com as mãos, desatou a chorar.

- Não fui eu que fiz isto, amigos. Dou a minha palavra e juro por minha honra que não fiz isto.
- Quem te acusou? - perguntou uma voz.

Este grito fê-lo cair em si e, levantando a cabeça, olhou em volta, triste e desesperado. Então, vendo Injun Joe, exclamou:

- ƒ Injun Joe, prometeste-me que nunca...
- Esta navalha é tua? - perguntou o xerife, pondo-lhe a navalha diante dos olhos.

Se não o agarrassem para o sentar no chão, Potter teria caído, mas, assim mesmo, explicou:

- Havia uma coisa que me dizia que se eu aqui não voltasse para...

Teve um arrepio, e logo, agitando a mão molemente, continuou:

- Conta-lhes, Joe. Conta-lhes como tudo se passou.

Huckleberry e Tom ficaram mudos de espanto ante a maneira como aquele homem cruel e mentiroso contava o caso, e julgavam

a cada momento ver cair do céu claro um raio vingador sobre a sua cabeça. Quando ele

acabou e o viram vivo e inteiro, o seu primeiro ímpeto de quebrar o juramento para salvar a vida do pobre prisioneiro atraiçoado abrandou e desapareceu; estavam agora plenamente convencidos de que aquele descrente tinha vendido a alma ao diabo e que lhes seria fatal intrometerem-se com o possuidor de um poder tão formidável.

- Porque não partiste? Porque quiseste voltar aqui? - perguntou alguém.

- Foi mais forte do que eu! Foi mais forte do que eu! - murmurou Potter. - Quis fugir, mas parece que as pernas não queriam levar-me para outro lado, por isso vim.

Rompeu de novo a soluçar e, passados momentos, quando principiou o inquérito, Injun Joe repetiu as suas afirmações sob juramento, com a mesma calma.

Então, os rapazes, vendo que a vingança de Deus não vinha, mais se persuadiram de que Joe se vendera ao diabo. Aquele homem era agora para eles objecto da mais terrível curiosidade e não conseguiam desviar dele o olhar.

No seu íntimo, resolveram vigiá-lo de noite, sempre que tivessem ocasião, na esperança de avistarem o seu terrível senhor".

Injun Joe ajudou a levantar o corpo da vítima e a pô-lo numa carreta para o levarem dali, e entre a multidão segredou-se que a ferida tinha sangrado um pouco. Os rapazes imaginaram que isto ia indicar a verdadeira pista, mas ouviram dizer com um certo desapontamento, a mais de um aldeão, que o corpo estava nessa ocasião a menos de um metro de Muff Potter.

O terrível segredo de Tom e a sua consciência atribulada fizeram-no passar mal as noites durante mais de uma semana em seguida a isto. Certa manhã, ao primeiro-almoço, Sid disse:

- Dás tantos pinotes na cama e falas tanto a dormir, que me obrigas a ficar acordado parte do tempo.

Tom empalideceu e baixou os olhos.

- Isto é mau sinal - disse muito a sério a tia Polly. - O que te preocupa assim, Tom?

- Nada. Que eu saiba, nada.

No entanto, a mão do rapaz tremia de tal modo que entornou o café.

- E que coisas dizes! - continuou Sid. - A noite passada gritaste: É sangue! É sangue! É o que é!" Repetiste isto não sei quantas vezes e depois pediste: .Não me atormentem! Não me atormentem, que eu digo., Dizes o quê? O que é que tu dizes?

Tom via tudo andar à roda. Não sabia bem o que ia acontecer, mas felizmente a expressão da tia Polly desanuviou-se e, sem o saber, veio em auxílio de Tom, dizendo:

- Tudo por causa daquele crime terrível! Sonho com isso quase todas as noites. Já por mais de uma vez tenho sonhado

que fui eu que o fiz.

Mary disse que também tinha estado muito impressionada e tudo isto pareceu satisfazer a curiosidade de Sid.

Tom saiu dali o mais depressa que pôde, e, desde então, queixando-se de dores de dentes, passou a atar os queixos todas as noites antes de se deitar. Mal sabia que Sid o vigiava de noite, muitas vezes lhe desatava o lenço, ficando a escutá-lo soerguido sobre o cotovelo, e depois lho tornava a atar.

Pouco a pouco as preocupações de Tom foram diminuindo, a dor de dentes tornou-se maçadora e ele desistiu; mas se alguma vez Sid chegou a tirar conclusões das palavras que o irmão murmurava de noite em sonhos, nunca o disse a ninguém.

Parecia a Tom que os seus companheiros de escola não estavam dispostos a acabar nunca mais com inquéritos acerca de gatos mortos, que lhe não deixavam esquecer aquela terrível noite. Sid notou que o irmão nunca queria ter um cargo importante nessas investigações, embora costumasse ser uma personagem de destaque; notou também que Tom não queria nunca fazer de testemunha, o que lhe parecia estranho; tão-pouco lhe passou despercebido o facto de Tom mostrar aversão por essa brincadeira, esquivando-se a tomar parte nela sempre que podia. Tudo isto causava admiração a Sid, mas continuou a não falar no caso.

Entretanto, passaram de moda as investigações, que tão vivamente atormentavam a consciência de Tom.

Durante esta época triste da sua vida, Tom aproveitava todas as ocasiões para ir visitar o assassino" e passar-lhe, através da janela gradeada da prisão, tudo o que podia arranjar. A cadeia era uma casa pequena de tijolo, junto de um pântano, num dos extremos da aldeia, e não tinha guardas, pois raríssimas vezes estava ocupada. Estes presentes davam um grande alívio à consciência de Tom.

Os aldeões de boa vontade castigariam Injun Joe como ladrão de sepulturas, untando-lhe o corpo com alcatrão e rolando-o em penas, mas tão temível era aquele homem que ninguém quis tomar iniciativa, e o projecto foi

posto de parte. Ele tinha tido o bom cuidado de começar ambos os seus depoimentos por contar a luta, omitindo o desenterramento e o roubo que a precedera. Por conseguinte, achou-se mais sensato guardar para depois o julgamento desse caso.

12. O GATO E O TƒNICO

Entre as razões que fizeram desvanecer as preocupações de Tom, a principal foi um cuidado novo que surgiu na sua vida. Becky Thatcher tinha deixado de ir à escola. Tom lutara com o

seu orgulho uns poucos de dias e tentara desinteressar-se dela, mas não conseguiu. Volta e meia encontrava-se a rondar a casa do pai e sentia-se triste. Ela estava doente. Que aconteceria se ela morresse? Só de pensar nisto julgava endoidecer. Já não se interessava por guerras nem pirataria. Todo o encanto da vida desaparecera, deixando apenas tristeza. Pôs de parte o arco e o pau, que já lhe não davam alegria. A tia começou a estar preocupada e a dar-lhe toda a espécie de remédios. Era uma daquelas pessoas que gostam de especialidades e de todos os novos métodos de dar ou fazer recuperar a saúde. Experimentava tudo, e, quando sabia de alguma coisa que acabava de aparecer, ficava ansiosa por tentar uma prova, não em si própria, porque nunca tinha achaques, mas em qualquer pessoa que tivesse à mão. Assinava todas as publicações sobre higiene, e quase todos os disparates que diziam eram para ela como o ar que respirava. Todas as tolices a respeito de ventilação da madeira, como se deve ir para a cama, como se deve sair da cama, o que se deve fazer, em que disposição de espírito se deve viver, que género de fato se deve usar, eram para ela uma espécie de Bíblia, e nunca reparara que na última revista se desmentia tudo o que se afirmava na penúltima. Era uma alma simples e honesta, e por isso uma vítima fácil. Com os ensinamentos adquiridos nas suas revistas e aqueles remédios recomendados para tudo, lá ia no seu cavalo branco, metaforicamente falando, levando consigo mil tormentos. Porém não lhe passava pela ideia que não era um anjo bom, porque se julgava portadora de um bálsamo para cada dor dos seus vizinhos.

O tratamento pela água era novo, então, e o estado de depressão de Tom foi para ela um achado. Fazia-o levantar ao romper do dia todas as manhãs, levava-o para o telheiro e deitava-lhe por cima uma quantidade de água fria; esfregava-o com uma toalha e levava-o para casa, onde o embrulhava num lençol molhado e depois em cobertores, fazendo-o suar

abundantemente, como se quisesse fazer-lhe sair a alma pelos poros, dizia Tom.

Apesar de tudo isto, o rapaz estava cada vez mais pálido, melancólico e deprimido. Experimentou então banhos quentes, banhos de semicúpio, banhos de chuva e banhos de imersão, mas o rapaz continuava triste como a noite, e ela começou a ajudar o tratamento pela água com um regime de caldos de aveia e emplastros vesicatórios. Calculava a capacidade do rapaz como podia calcular a de uma vasilha, e enchia-o todos os dias com remédios para tudo.

Por essa altura já Tom se tinha tornado indiferente. Esta fase foi a que mais consternou a senhora. Precisava a todo o custo quebrar esta frieza. Ouviu então, pela primeira vez, falar num certo tónico e encomendou logo uma porção. Provou-o e ficou radiante. Pôs de parte o tratamento pela água e todas as outras coisas. A sua fé ia agora inteiramente para a

célebre novidade. Deu uma colher de chá de remédio a Tom e, ansiosa, esperou pelo resultado.

Logo as suas preocupações se desvaneceram e a paz voltou à sua alma, pois a indiferença, desaparecera. Se pusessem uma fogueira debaixo de Tom, ele não poderia mostrar maior vivacidade.

Tom achou que era tempo de despertar; aquele género de vida podia ser muito romântico para as suas condições mas começava a ser demasiado sentimental e monótono. Pensou, pois, em vários processos de o modificar, e decidiu por fim mostrar grande predilecção pelo tal tónico. Assim, pedia-o tanta vez que acabou por se tornar maçador, e a tia disse-lhe que o tomasse quando quisesse, sem a importunar. Se se tratasse de Sid, ela ficaria muito descansada com esta solução, mas, tratando-se de Tom, começou a vigiar a garrafa às escondidas; o remédio diminuía, de facto, e não ocorreu à senhora que o rapaz o desse a tomar a uma fenda do chão do quarto.

Um dia, quando Tom estava aplicando esse tratamento, apareceujunto dele o gato amarelo da tia fazendo ronrom e olhando gulosamente, como quem pede para provar. Tom disse-lhe:

- Não mo peças, a não ser que o queiras, Peter.

Mas Peter mostrou que o queria realmente.

- Vê lá bem se tens a certeza. Peter tinha a certeza.

- Já que mo pedes, vou dar-to, porque não sou avarento, mas, se vires que não gostas, não te queixes de ninguém senão de ti próprio.

Peter concordou, por isso Tom conservou-lhe a boca aberta e fê-lo

engolir uma colherada de remédio.

Peter deu um pinote de algumas jardas de altura, soltou um grito de guerra, e pôs-se a correr à roda da casa, tropeçando nos móveis, virando jarras de flores e espalhando a ruína à sua volta. Em seguida, pôs-se de pé nas pernas de trás e deu uns saltos esquisitos, louco de gozo, e proclamando em guinchos a sua felicidade irreprimível. Continuou a correr pela casa, espalhando a destruição no seu caminho.

A tia Polly entrou a tempo de o ver dar várias cambalhotas e, com um guincho fortíssimo, sair pela janela aberta, levando à frente os vasos de flores que ali estavam. A senhora ficou petrificada de espanto a olhar por cima dos óculos, enquanto Tom se deitava no chão, morto de riso.

- Tom, que tem o gato?

- Não sei, tia! - respondeu o rapaz entre gargalhadas. - Não sei, tia Polly. Os gatos brincam sempre deste modo quando estão muito contentes.

- Achas isso?

Havia no tom de voz da tia Polly qualquer coisa que deu apreensões a Tom.

- Sim, tia. Pelo menos eu julgo que sim.

- Julgas?
- Julgo, sim, tia.

A senhora curvou-se a olhar com um misto de interesse e aflição. Só demasiado tarde ele adivinhou o motivo desse interesse. O cabo da colher indiscreta espreitava no chão, por baixo da colcha, e a tia Polly pegou-lhe, mostrando-a ao sobrinho.

Tom virou-se e baixou os olhos, mas, sem hesitações, a tia Polly levantou-o pelo sítio do costume, que era a orelha, e bateu-lhe na cabeça com o dedal.

- Hás-de dizer-me porque fizeste isto ao pobre animal.
- Porque tive dó dele, que não tem nenhuma tia.
- Não tem nenhuma tia! O que tem uma coisa com a outra, meu estúpido?
- Tem muito. Se tivesse uma tia, já a esta hora ela o teria queimado, já lhe teria assado as tripas, tal qual como se ele fosse gente.

A tia Polly sentiu remorsos, pois isto acabava de pôr o caso de outro modo; o que era cruel para um gato podia perfeitamente ser cruel também para um rapaz.

Estava agora arrependida e menos zangada. Com os olhos cheios de lágrimas, pôs a mão na cabeça de Tom e disse com brandura:

- Procedi assim na melhor das intenções, Tom, e o remédio fez-te bem.

Tom olhou para ela com um sorriso quase imperceptível e respondeu:

- Eu sei, tia, e também" foi na melhor das intenções que o dei a Peter". A prova de que o remédio também lhe fez bem a ele, é que nunca o vi como hoje.
- Vai-te daqui, Tom, vai-te daqui antes que me apoquentes mais. Vê se és bom rapaz, ao menos por uma vez, e se não precisas tomar mais remédios.

Tom chegou à escola antes da hora. Não passava despercebido a ninguém que ultimamente isto acontecia sempre. Naquele dia, como de costume, ficou junto do portão do pátio, em lugar de ir brincar com os seus companheiros. Estava doente, dizia, e assim parecia, na verdade. Fingiu ficar a olhar pra todos os lados, menos para aquele que era na verdade. Pouco depois, Jeff Thatcher apareceu, e o rosto de Tom iluminou-se, para entristecer de novo. Quando Jeff chegou, Tom foi ao seu encontro, levando a conversa para coisas que dissessem respeito a Becky, mas o pateta nunca percebeu. Tom olhou e tornou a olhar, cheio de esperança cada vez que via aparecer um vestido, para logo detestar a sua dona, que não era a que queria. Deixaram de aparecer vestidos, e ele voltou à sua tristeza; entrou na escola deserta e sentou-se disposto a sofrer. Nesse momento, outro vestido passou pelo portão, e o coração de Tom alegrou-se. No mesmo instante saiu e começou aos saltos como um índio; gritou, riu, correu atrás dos rapazes, pulou por cima do tapume, arriscando-se a morrer ou a

despedaçar-se, deu cambalhotas, fez pinos, fez, enfim, todas as coisas heróicas de que se lembrou, olhando sempre para ver se Becky Thatcher estava a reparar. No entanto, ela fingia não ver nada e nem sequer se virou. Seria possível não dar pela sua presença? Levou os seus feitos junto da pequenita, correu à sua volta, soltando gritos de guerra, roubou o boné a um rapaz e atirou-o para o telhado da escola; meteu-se pelo meio de um grupo de rapazes, deitando-os ao chão cada um para seu lado; e ele próprio foi cairjunto de Becky, derrubando-a quase. Então ela voltou-se e disse, com ar aborrecido.

- Certas pessoas imaginam-se muito engraçadas e passam a vida a exibir-se!

Tom corou, mas dominou-se e saiu dali aborrecido e de orelha murcha.

13. OS PIRATAS PÕEM-SE A CAMINHO

Estava tomada a decisão de Tom. Sentia-se triste e sem esperanças. Era perseguido, estava sem amigos, disse consigo, "ninguém o estimava; talvez quando se apercebessem daquilo a que o tinham levado, tivessem pena; tentara proceder bem e suportar tudo, mas não tinham deixado; visto que só os satisfazia verem-se livres dele, assim seria. Podiam censurá-lo à vontade. Tinha a certeza de que o fariam, mas que direito tinha ele de queixar-se? Sim, forçavam-no realmente a levar uma vida de crime. Não tinha por onde escolher".

Nesta altura, já ia muito longe de Meadow Lane, e mal ouviu o sino da escola tocar para a entrada. Soluçava agora ao pensar que nunca, nunca mais ouviria aquele velho som tão seu conhecido; era muito duro, mas a isso o obrigavam e, uma vez que o atiravam assim para aquele destino, só tinha que se submeter. Perdoava-lhes, no entanto. Aqui, os soluços tornaram-se maiores e mais frequentes. Precisamente neste momento, encontrou o seu amigo dilecto, Joe Harper, em cujo olhar se via bem que tomara uma grave e triste decisão. Estavam ali muito simplesmente duas almas com um único pensamento. Tom, limpando os olhos com a manga, começou a gaguejar umas palavras acerca da sua resolução de escapar aos maus tratos que lhe davam na aldeia, fugindo para longe, para lugares de onde não voltaria; acabou por pedir a Joe que o não esquecesse, mas em breve percebeu que Joe tinha vindo atrás dele com a mesma intenção. A mãe sovara-o por ter comido umas natas como nunca provara e cujo gosto não sabia; era evidente que estava farta dele e queria afastá-lo de casa; ora, sendo assim, nada mais lhe restava senão submeter-se. Desejava que ela fosse feliz e nunca viesse a arrepender-se de ter atirado o seu pobre filho para o mundo, para sofrer e morrer.

Enquanto os dois rapazes iam andando e lamentando-se, fizeram nova combinação para se conservarem ao lado um do outro, como irmãos, e nunca

se separarem, até que a morte os libertasse dos seus trabalhos. Então começaram a fazer projectos. Joe queria viver como um eremita, comendo umas côdeas numa cafurna longínqua, e morrer, um dia, de frio, de fome e de desgosto, mas, depois de ouvir Tom, concordou que era muito mais vantajosa a vida de crime, e condescendeu em ser pirata.

Três milhas abaixo de São Petersburgo, num ponto em que o Mississipi não chegava a ter milha e meia de largo, havia uma ilha comprida, estreita e arborizada, com baixios num dos extremos, que se prestava para ponto de encontro. Não era habitada e estendia-se para o lado da outra margem numa floresta densa e luxuriante. Assim, a ilha de Jackson foi a escolhida. Quem deviam ser as vítimas da sua pirataria foi assunto em que nem sequer pensaram. Em seguida puseram-se à procura de Huckleberry Finn, que se lhes juntou prontamente, pois, para ele, todas as carreiras eram boas e a seu gosto. Separaram-se instantes depois, prometendo encontrar-se num ponto solitário da margem do rio, duas milhas acima da aldeia, à hora favorita, que era meia-noite. Havia ali uma pequena jangada que tencionavam capturar; cada um deles trazia anzóis, linhas e todas as provisões que pudessem obter da forma mais misteriosa, como competia a proscritos. Antes do anoitecer já todos tinham conseguido gozar a glória de espalhar entre os seus companheiros a notícia de que em breve se saberia ali uma coisa,. Todos a quem deram isto a entender foram avisados de que deviam calar-se e esperar.

Cerca da meia-noite, Tom chegou com um fiambre e mais umas coisas; parou junto de um maciço de arbustos, no alto de uma pequena penedia, de onde se avistava o lugar marcado para o encontro. A noite estava estrelada e tranquila. O rio larguíssimo parecia um mar calmo. Tom escutou um momento e, não ouvindo o mais pequeno som, soltou um assobio baixo, mas vibrante. Responderam-lhe da praia. Tom assobiou mais duas vezes e de novo teve a resposta. Então, uma voz perguntou:

- Quem vem lá?

- Tom Sawyer, o Vingador Negro do Mar das Antilhas. Digam os vossos nomes.

- Huck Finn, o Mãos Sangrentas, e Joe Harper, o Terror dos Mares.

Tom fornecera estes títulos tirados da sua literatura favorita.

- Está bem. Dêem a contra-senha.

Duas vozes roucas responderam em segredo a mesma palavra:

- Sangue.

Então, Tom atirou o fiambre para baixo e deixou-se cair também, rasgando neste movimento as calças e a pele. Havia um caminho bom para descer do rochedo à praia, mas faltavam-lhes as dificuldades e o perigo, de tão grande valor para um pirata. O Terror dos Mares tinha trazido uma porção de toucinho e rasgara-se também ao descer. Finn, o Mãos

Sangrentas, roubara uma frigideira e uma quantidade de folhas de tabaco meio secas; trouxe também alguns carolos de milho para fazer cachimbos, embora nenhum dos piratas fumasse nem mascasse, senão ele. O Vingador Negro do Mar das Antilhas disse que não podiam partir sem fogo, o que foi uma boa ideia, visto que na região os fósforos ainda mal se conheciam nessa época. Viram lume numa jangada, a umas cem jardas abaixo, e foram até lá roubar um tição. Fizeram disto uma aventura importantíssima. De vez em quando davam uns aos outros ordem de silêncio, parando, com um dedo nos lábios; caminhavam cautelosamente, segurando punhais imaginários, e segredavam que, se os inimigos" se mexessem, lhes meteriam os punhais no coração, visto que os mortos não falam. Sabiam de sobra que os homens da jangada estavam lá em baixo na aldeia, onde tinham ido buscar provisões ou beber umas cervejas, mas isso não era desculpa suficiente para que se conduzissem de uma forma pouco própria de piratas.

Pouco depois largaram, com Tom no comando, Huck aos remos e Joe à proa. Tom conservou-se a meio do barco, com um ar preocupado e, de braços cruzados, deu as suas ordens em voz baixa, quase em segredo.

- Todos os homens para cima! Naveguem a favor do vento!
- A favor do vento!
- Mantenham a direcção!
- Mantenham a direcção!
- Um grau a noroeste!
- Um grau a noroeste!

Os rapazes encaminhavam a jangada para o meio do rio, ao mesmo tempo que iam dando ordens só pro forma, pois nada significavam.

- Que velas içaram?
- As velas do mastaréu e a vela pequena.
- Mandem içar a vela de joanete! Uma meia dúzia de homens que venham para cima; eles que firmem o mastaréu de velacho. Depressa, agora!
- Depressa, agora!
- Abram a vela do sobrejoanete maior! Segurem bem as velas. Agora rapazes!

- Segurem as velas!
- Inimigo a sotavento! Naveguem a bombordo! Agora, rapazes! Ele vem aí! Preparem-se para o encontro! Firmes!
- Firmes!

A jangada já tinha passado para além do meio do rio e os rapazes largaram os remos. O rio não levava muita água, por isso não havia mais de duas ou três milhas de corrente. Nos três quartos de hora que se seguiram, os rapazes pouco falaram. A jangada passava agora em frente da aldeia, onde brilhavam duas ou três luzes vacilantes; inconscientes dos acontecimentos tremendos que se estavam dando, os três rapazes estavam nessa altura separados da sua terra por uma toalha de

água, onde as estrelas se reflectiam.

O Vingador Negro, em silêncio e de braços cruzados, deitava um último olhar, para os lugares das suas primeiras alegrias e desgostos recentes, lamentando que ,ela, o não visse agora no mar alto, enfrentando o perigo e a morte, cheio de coragem, aceitando o seu fado com triste sorriso nos lábios. Para ele era fácil imaginar a ilha de Jackson muito longe da aldeia, de maneira que olhava esta pela última vez", com o coração a um tempo dorido e satisfeito. Os outros piratas despediam-se também dos sítios onde tinham passado a sua infância, e tanto olharam para lá que por um triz não deixaram a corrente levar a jangada para além da ilha. Mas, felizmente, descobriram o perigo a tempo de o evitar. Cerca das duas horas da manhã, a jangada aportou ao banco de areia, a duzentos jardas da ponta da ilha, e eles andaram para trás e para diante, a transportar a sua carga, que, fora os mantimentos e objectos já mencionados, consistia numa vela velha que abriram a um canto formado pelos arbustos, fazendo com ela uma tenda onde abrigaram as suas provisões. Dormiriam ao ar livre enquanto estivesse bom tempo. Era assim que competia a proscritos.

Acenderam uma fogueira junto de um tronco enorme, que ali estava estendido no chão a uns vinte ou trinta passos da orla da floresta; na frigideira levada por Huck, cozinharam um bocado de toucinho para a ceia. A essa refeição, comeram metade da provisão de pão que tinham levado. Pareceu-lhes esplêndida aquela refeição comida em liberdade na floresta virgem, no meio de uma ilha desabitada, longe dos outros homens; todos concordaram em que nunca mais voltariam à civilização. As labaredas iluminavam-lhes os rostos e punham um reflexo acobreado nos troncos das árvores e nas folhas verdes e brilhantes das trepadeiras que as ligavam.

Quando acabaram de comer a última fatia de toucinho e a ração de pão, os rapazes estenderam-se sobre a relva. Estavam radiantes.

Facilmente encontrariam um lugar mais fresco, mas encantava-os a fogueira do acampamento.

- Não achas isto alegre? - perguntou Joe.

- Se acho! - concordou Tom. - Que diriam os rapazes se nos vissem agora?

- Que diriam? Ficavam morrendo por vir para o pé de nós. Não achas, Huck?

- Calculo que sim - respondeu Huckleberry. - Eu por mim gosto disto. Não conheço nada melhor. Em geral, nem sequer tenho o bastante para comer e aqui ninguém se mete comigo.

- É desta vida que eu gosto! - disse Tom. - Não tenho de me levantar a horas certas de manhã, nem de ir para a escola, nem de me lavar, nem nenhuma dessas parvoíces. Bem vêem que um pirata quando está em terra não tem que fazer nada. Já um eremita tem de rezar bastante, e, como está sozinho, nunca se diverte. - Tens razão, tens! - disse Joe. - Mas até aqui nunca tinha pensado nisso, sabes? Agora, que experimentei, gosto muito mais de ser pirata.

- Bem vês - continuou Tom -, actualmente já não se vai tanto para eremita como dantes, e um pirata é sempre respeitado. Um eremita tem de dormir no lugar mais duro que encontra, que se

vestir de serapilheira, pôr cinza na cabeça e viver à chuva e...

- Mas para que se vestem eles de serapilheira e põem cinza na cabeça? - perguntou Huck.

- Não sei, mas têm de o fazer. Fazem-no sempre, e serias obrigado a isso se fosses eremita.

- Diabos me levem se eu fazia! - comentou Huck.

- Então o que fazias tu?

- Não sei, mas isso não, com certeza!

- Mas tinha de ser, Huck. Como havias de te arranjar?

- Não me aguentava. Fugia!

- Fugias? Olha que eremita! Seria uma vergonha!

Entretido com outra coisa, o Mãos Sangrentas não respondeu. Acabava de tirar o miolo a um carolo de milho e de lhe adaptar o caule de uma erva. Então, encheu-o de tabaco, chegou-lhe um tição e começou a soprar nuvens brancas de fumo perfumado. Estava satisfeitíssimo. Os outros piratas invejavam-lhe aquele vício majestoso, e, no seu íntimo, resolveram que em

breve o haviam de adquirir também.

Passados momentos, Huck perguntou:

- Que têm então os piratas que fazer?

- Na sua vida há épocas terríveis - explicou Tom. - Apossam-se de navios, queimam-nos, tiram o dinheiro e enterram-no em lugares medonhos na sua ilha, onde têm fantasmas e coisas para o guardar. Matam toda a gente a bordo, atirando-a para o mar...

- Mas não matam as mulheres! - acrescentou Joe. - Levam-nas para a ilha.

- Não, não matam as mulheres, porque são nobres de mais para isso.

E as mulheres são sempre muito lindas.

- E andam vestidos com fatos riquíssimos. Todos de ouro. prata e diamantes! - acrescentou Joe, entusiasmado.

- Quem? - perguntou Huck.

- Os piratas! Quem havia de ser?

Huck olhou tristemente para o fato que trazia.

- Parece-me bem que este fato não serve para um pirata, mas não tenho outro! - comentou com certa consternação.

Então os outros rapazes disseram-lhe que os fatos luxuosos viriam muito em breve, logo que começassem as aventuras, dando-lhe a entender que aqueles tristes farrapos serviam bem para começar, embora fosse costume os piratas ricos terem boas roupas para principiarem a sua carreira.

Pouco a pouco a conversa foi rareando e os três amigos começaram a sentir os olhos pesados de sono. Os dedos do Mãos Sangrentas deixaram escapar o cachimbo e ele em breve caiu no sono dos justos e dos cansados. O Terror dos Mares e o Vingador Negro do Mar das Antilhas tiveram mais dificuldade em adormecer. Rezaram as suas orações em pensamento e deitados, visto que não havia ninguém com autoridade para os fazer

ajoelhar e rezar em voz alta.
  Em boa verdade tinham-se deitado na intenção de as não rezar, mas recearam ir longe de mais e merecer o castigo do Céu. Quando acabaram de rezar, julgaram que iam dormir logo, mas houve uma coisa que os não deixou e que foi a consciência. Começaram a temer que a sua fuga fosse condenável; em seguida lembraram-se da carne roubada e então começou a verdadeira tortura. Tentaram libertar-se dela, dizendo a si próprios que já muitas vezes tinham furtado gulodices e maçãs, mas a consciência não se deixou tranquilizar com tão fracas desculpas; parecia-lhes afinal inegável

que tirar gulodices era apenas surripiar", enquanto que tirar toucinho, presuntos e coisas de valor semelhante era clara e simplesmente roubar,., contra o que havia na Bíblia um mandamento. Foi então que no seu íntimo decidiram que, enquanto tivessem aquela vida, as suas piratarias nunca seriam manchadas pelo crime de roubo. Nessa altura a consciência deu-lhes tréguas e os inofensivos piratas adormeceram profundamente.

14. O alegre acampamento dos piratas

  De manhã, quando Tom acordou, não sabia onde estava. Só depois de se sentar, esfregando os olhos e olhando em volta, compreendeu. Era o romper do dia, com uma luz acinzentada e uma tranquilidade imensa, no silêncio calmo dos bosques. Não se movia uma folha nem se ouvia um ruído. Sobre as folhas e a relva brilhavam milhões de gotas de orvalho. Uma camada branca de cinza cobria o lume e um fio de fumo azulado erguia-se a direito no ar. Joe e Huck dormiam ainda.
  Ao longe, nos bosques, ouviu-se um pássaro; logo outro lhe respondeu, e pouco depois sentiu-se o barulho de um pica-pau. A luz fresca e cinzenta da manhã foi-se tornando mais clara, enquanto os sons se multiplicavam gradualmente e a vida se manifestava.
  A natureza maravilhosa, acordando e seguindo para o seu trabalho, mostrava-se ao rapaz. Um pequeno verme verde arrastou-se sobre uma folha orvalhada, erguendo de vez em quando dois terços do seu corpo para olhar em roda e seguir, depois, como se estivesse a medir as distâncias, pensou Tom. Ao vê-lo aproximar-se de sua livre vontade, sentou-se, quieto como uma pedra, ora cheio de esperança ora sem ela, à medida que o animal se encaminhava para ele ou se mostrava decidido a tomar outra direcção, e quando, finalmente, esteve um bocadinho indeciso para seguir pela perna de Tom, fazendo uma

grande viagem sobre ela, o seu coração alegrou-se. Aquilo significava que ia ter um fato novo, que, sem sombra de dúvida, seria um esplêndido uniforme de pirata. Em seguida apareceu um carreiro de formigas, que vinha não se sabia de onde, e ia para a sua faina; uma ia muito carregada, a arrastar para junto do tronco de uma árvore uma aranha morta, cinco vezes maior do que ela. Uma joaninha de pintas acastanhadas trepou até ao cimo altíssimo de uma folha de relva, e Tom curvou-se para lhe dizer:

- Joaninha, joaninha, vai-te embora, que a tua casa está a arder e os teus filhos estão sozinhos.

Imediatamente o insecto levantou voo e foi ver o que havia. Isto não surpreendeu o rapaz, que conhecia de longa data a credulidade do animalzinho a respeito de incêndios. Apareceu então um escaravelho aos tropeções, e Tom tocou-lhe para o ver encolher as pernas e fingir-se morto. Nesta altura já os pássaros cantavam alegremente. Um tordo - o poliglota do Norte - pousou numa árvore, por cima da cabeça de Tom, e, radiante, começou a imitar os seus vizinhos. Como uma labareda azul, passou um gaio e foi descansar numa haste quase ao alcance do pequeno, virou a cabeça de um lado e doutro, a olhar os estrangeiros com grande curiosidade; um esquilo cinzento e um outro animal maior, da família das raposas, aproximaram-se aos pulinhos, sentando-se de vez em quando para olhar os rapazes e conversar com eles, pois, selvagens como eram, provavelmente nunca tinham visto seres humanos, e decerto não sabiam se deviam temê-los ou não. Já toda a natureza estava acordada e os raios de sol aqui e ali passavam através da folhagem densa. Algumas borboletas voavam em volta.

Tom acordou os outros piratas e todos eles deitaram a correr, gritando; de aí a um ou dois minutos estavam despidos a perseguirem-se e a caírem por cima uns dos outros na água límpida, junto da margem do rio. Não sentiam saudades da aldeia que dormia ao longe, para além da majestosa toalha de água. A corrente tinha levado a jangada, mas isto só lhes deu satisfação, pois o desaparecimento dela significava o corte da ponte que os ligava à civilização.

Voltaram ao acampamento já mais frescos, alegres e cheios de fome. Em breve a fogueira estava de novo acesa. Huck descobriu ali perto uma nascente de água fresca, e os rapazes fizeram taças de largas folhas de carvalho e de uma espécie de nogueira; pareceu-lhes que aquela água adoçada com todos os encantos do bosque podia substituir vantajosamente o café. Enquanto Joe partia fatias de presunto para o almoço, Tom e Huck pediram-lhe que esperasse um instante; correram a um ponto da margem que lhes parecia prometedor, e arremessaram as linhas. Quase imediatamente, o peixe mordeu, e, sem que Joe tivesse tempo de se impacientar, os outros dois voltaram com algumas percas e outro peixe do rio, mais do que suficiente para uma família. Fritaram o peixe com toucinho e admiraram-se

de que nenhum outro até ali lhes tivesse parecido tão bom, pois não sabiam que, quanto mais depressa se põe ao lume o peixe de água doce, melhor ele fica. Além disso, não sabiam também que dormir e fazer exercício ao ar

livre, tomar banho e ter fome contribuem muito para gostar da comida.

Depois do almoço, deitaram-se à sombra, Huck fumou, e, em seguida, foram para o bosque, em viagem de exploração. Caminharam alegremente por cima de troncos apodrecidos, por entre arbustos entrelaçados e árvores solenes, ornamentadas desde o cimo até ao chão com ramadas de vinha brava. De vez em quando encontravam recantos confortáveis, atapetados de relva esmaltada de flores. Viram imensas coisas que os deliciaram, mas nada lhes causou admiração. Descobriram que a ilha tinha cerca de três milhas de comprido por um quarto de milha de largo e que um estreito canal, de menos de duzentas jardas de largo, a separava da margem mais próxima.

Deitavam-se à água para nadar quase de hora a hora, e só ao meio da tarde voltaram ao acampamento. Tinham fome de mais para se demorarem a pescar; mas comeram bem presunto frio, e, depois, estenderam-se à sombra a conversar. Em breve a conversa começou a esfriar, e, por fim, todos se calaram.

O silêncio, a solenidade da floresta e a solidão tinham certa influência no espírito dos rapazes. Puseram-se a pensar e assaltou-lhes o espírito uma espécie de desejo indefinido, que pouco a pouco foi tomando forma. Sentiam a nostalgia de casa, e até o próprio Finn, o Mãos Sangrentas, recordava tristemente as suas soleiras de porta e barris vazios. Mas todos eles tinham vergonha da sua fraqueza e não confessavam o que pensavam.

Havia já algum tempo que os rapazes julgavam ouvir um barulho a distância, exactamente do mesmo modo que às vezes se sente o bater de um relógio sem lhe dar atenção, mas o som misterioso foi-se tornando mais pronunciado, e os rapazes, surpreendidos, olharam uns para os outros, pondo-se à escuta. Houve um longo e profundo silêncio e depois ouviram um estrondo.

- Que é isto? - perguntou Joe, ofegante.

- Não sei! - segredou Tom.

- Não é trovoada - declarou Huckleberry, entre receoso e intrigado -, porque a trovoada...

- Caluda! - disse Tom. - Escuta e não fales!

Esperaram uns momentos, que lhes pareceram sem fim, e de novo o mesmo estrondo quebrou o silêncio.

- Vamos a ver.

Puseram-se de pé e correram para a margem, em frente da aldeia. Aí

espreitaram por entre os arbustos e viram o vapor de transporte mais de meia milha abaixo da aldeia, seguindo a favor da corrente, com o convés cheio de gente. Em volta do vapor havia uma quantidade de barcos de remos, mas os rapazes não distinguiam o que faziam os homens dentro deles. Pouco depois um grande jacto de fumo branco saiu de um dos lados do vapor, espalhando-se numa nuvem vagarosa, ao mesmo tempo que os rapazes ouviram novo estrondo.

- Agora já sei! - exclamou Tom. - Afogou-se alguém.

- É isso, é! - concordou Huck. - Eles já fizeram isto o Verão passado, quando Bill Turner se afogou; dispararam um canhão por cima da água para fazer vir o corpo ao de cima, e deitam à água pães com mercúrio dentro, que vão flutuando até ao sítio onde está a pessoa afogada, e, quando lá chegam, param.

- É, é. Já ouvi dizer isso! - asseverou Joe. - Sempre gostava de saber porque é que o pão faz isso.

- Não é o pão que faz - disse Tom - mas o que lhe dizem antes de o deitar à água.

- Não dizem nada! - informou Huck. - Já os vi fazer isso e sei que não dizem.

- Isso é engraçado! - observou Tom. - Mas talvez digam qualquer coisa baixinho. Dizem, com certeza. Está-se mesmo a ver.

Os outros dois concordaram que havia certa razão nas afirmações de Tom, porque de facto não se podia esperar que um bocado de pão procedesse inteligentemente num caso tão grave, não levando consigo um bruxedo qualquer.

- Palavra que gostava muito de lá estar agora! - exclamou Joe.

- Também eu! - respondeu Huck. - Dava tudo para saber quem foi. Continuaram a escutar e a olhar, até que uma ideia luminosa atravessou o espírito de Tom.

- Já sei quem se afogou, rapazes! Fomos nós.

No mesmo instante sentiram-se heróis. Era um triunfo maravilhoso: davam por falta deles; choravam-nos; por sua causa havia corações que sofriam; derramavam-se lágrimas; havia quem se acusasse de ter pronunciado palavras cruéis para aqueles pobres rapazes e quem se confessasse arrependido e cheio de remorsos; mas o melhor de tudo é que eram o assunto de toda a aldeia e faziam inveja aos rapazes, por causa da notoriedade que

tinham alcançado. Só por isso valia bem a pena ser pirata afinal.

Ao anoitecer o vapor voltou ao seu trabalho habitual e os barcos pequenos desapareceram. Os piratas tornaram ao acampamento, encantados e envaidecidos por se sentirem personagens famosos e pela perturbação que tinham espalhado na

aldeia. Pescaram, cozinharam a ceia e comeram-na; depois, deitados com os cotovelos no chão, puseram-se a calcular o que a aldeia pensava ou dizia a respeito deles. Então, os quadros que fizeram da desolação geral pela sua perda eram uma beleza, segundo eles próprios julgavam. Porém, quando as sombras da noite desceram de todo, os três rapazes foram-se calando e ficaram a olhar para o lume, com o pensamento muito longe dali. A excitação acalmara, e nem Tom nem Joe podiam deixar de recordar certas pessoas da aldeia que não gozavam com eles aquele prazer. Veio a tristeza; sentiram-se perturbados e infelizes; sem darem por isso, suspiraram uma ou duas vezes e, timidamente, Joe aventurou-se a palpitar o que os outros pensavam acerca de um regresso à civilização - não naquele momento - mas Tom chamou-lhe maluco, e Huck, que se sentia ainda satisfeito, pôs-se ao lado de Tom. Então Joe explicou que era apenas para os ouvir, e, intimamente, felicitou-se de escapar sem ser alcunhado de cobarde ou de piegas. Estavam afastadas todas as ideias de se separarem.

æ medida que a noite avançava, Huck começou a cabecear e, pouco depois, a ressonar. Em seguida adormeceu Joe. Tom ficou ainda algum tempo sem se mover, a olhar atentamente para ambos, até que se levantou com cautela e, de gatas, se pôs à procura de uma coisa por entre a relva, à luz trémula da fogueira. Apanhou vários bocados de casca branca de sicómoro, e, por fim, escolheu dois que Lhe pareceram bons. Então, ajoelhado junto da fogueira, escreveu algumas palavras em cada um deles, servindo-se do seu bocado de quina. Enrolou um que meteu no bolso do casaco; pôs o outro no chapéu de Joe, que levou alguns tesouros de grande valor, entre os quais um bocado de giz, uma bola de borracha, três anzóis e um berlinde de cristal verdadeiro. Feito isto afastou-se em bicos de pés, caminhando cautelosamente entre as árvores enquanto calculava que o podiam ouvir, e depois deitou a correr para o baixio.

15. A VISITA FURTIVA DE TOM

Minutos depois, Tom chegou ao rio, que ia atravessar em direcção à margem do Illinois. Fez a primeira parte do caminho a vau, começou a nadar, cheio de confiança, e percorreu facilmente as cem jardas que lhe faltavam. Como teve de fazer uma parte do caminho contra a corrente, que o impeliu com mais violência do que esperava, custou-lhe a chegar à margem. Finalmente, lá conseguiu, e deixou-se flutuar até encontrar um ponto baixo para sair da água. Levou a mão ao bolso do casaco e ficou satisfeito por achar a salvo o seu bocadinho de sicómoro; com o fato a escorrer, meteu pelos bosques, seguindo a linha da margem. Pouco passava das dez horas quando chegou defronte da aldeia ao ponto onde o vapor estava amarrado, na sombra das árvores, perto da margem alta. Tudo estava tranquilo sob a luz das estrelas. Olhando atentamente em

volta, desceu a margem, deixou-se escorregar para a água, nadou duas ou três braçadas, e trepou para a lancha que fazia serviço junto do vapor. Ali estendeu-se por baixo dos bancos dos remadores, e eesperou, ofegante.

Pouco depois tocou a sineta, e uma voz deu ordem de desamarrar. Dentro de dois minutos a viagem principiava. Tom sabia que era aquela a última carreira da noite e estava contente de que tudo tivesse corrido assim. Ao fim de uns longos doze ou quinze minutos, as rodas pararam, Tom saltou com cautela para a água e nadou para a praia, pondo pé em terra a umas cinquenta jardas dos barcos, num ponto em que não corria risco de encontrar algum retardatário.

Meteu por ruas solitárias, em breve se encontrou em frente do tapume do quintal da tia. Trepou por cima dele e, aproximando-se da janela, espreitou pelo vidro, pois havia lá dentro luz acesa. Estavam sentados, a conversar, a tia Polly, Sid, Mary e a mãe de Joe Harper, todos do mesmo lado da cama, e esta ficava entre eles e a porta. Tom deu a volta e começou a levantar devagarinho a aldraba dessa porta, que rangeu quando a empurrou. Continuou a fazer

o possível por abri-la, assustando-se de cada vez que ela fazia barulho. Quando julgou ter espaço suficiente para entrar, ajoelhou-se e começou a meter cuidadosamente a cabeça por essa abertura.

- Porque está a luz a tremer assim? - perguntou a tia Polly.

Tom apressou-se.

- Parece-me bem que a porta está aberta. E está. Que coisas tão estranhas acontecem agora! Vai fechá-la, Sid.

Tom mal teve tempo de se esconder debaixo da cama.

Ficou ali, descansou, e, ao fim de um bocado, arrastou-se até um sítio de onde quase podia tocar nos pés da tia.

- Mas como eu estava a contar - continuou a tia Polly - ele não era mau. Pode dizer-se que ele era só travesso. Era um pateta e um descuidado, sabe? Tão estouvado como um poldro, mas nada fazia por mal, porque tinha bom coração.

Aqui começou a chorar.

- Tal qual como o meu Joe. Sempre a fazer diabruras mas afinal bondoso e nada egoísta. Quando penso que o sovei por tirar aquela nata, sem me lembrar que eu própria a tinha deitado fora por estar azeda ... E nunca mais o tornarei a ver neste mundo! Pobre rapaz!

E Mrs. Harper soluçava como se lhe estalasse o coração.

- Tom está mais feliz agora! - disse Sid. - Em todo o caso, se tivesse sido melhor...

- Sid! - repreendeu a tia.

Tom não podia vê-la, mas sentiu a indignação que passara no olhar da senhora.

- Não quero ouvir uma palavra contra o meu Tom, agora que morreu. Deus olhará por ele, não te preocupes. Oh! Mistress Harper, não sei como hei-de viver sem o meu sobrinho! Não sei

como hei-de viver sem o meu sobrinho! Queria-lhe tanto, apesar de me atormentar a maior parte das vezes!

- Deus o deu e Deus o levou! Abençoado seja o nome de Deus! Mas é tão triste, tão triste! Ainda no sábado passado o meu Joe deitou uma bicha de rabiar mesmo debaixo do meu nariz, e eu sovei-o fortemente. Mal sabia eu que em breve ... Se ele agora fizesse o mesmo outra vez, apertava-o nos braços e dava-lhe a minha bênção.

- Sim, sim, é exactamente o que eu penso, Mistress Harper. Compreendo muito bem essa maneira de sentir. Ontem o meu Tom agarrou no"

gato e deu-lhe a beber o estimulante que comprei para ele; o animal parecia que queria deitar a casa abaixo. Deus me perdoe, mas não pude deixar de bater com o dedal na cabeça do pobre rapaz. Por agora está livre destes trabalhos, coitado! As últimas palavras que lhe ouvi dizer foram de censura ...

Mas estas lembranças eram demasiado fortes para a pobre senhora, que se deixou vencer pelo desgosto e começou a chorar. O próprio Tom tinha os olhos cheios de lágrimas e sentia mais que ninguém a sua perda". Ao ouvir Mary chorar e dizer de quando em quando palavras cheias de bondade a seu respeito, passou a ter de si melhor opinião do que até então. No entanto, a pena que sentia da tia dava-lhe um desejo enorme de sair de onde estava e mostrar-lhe que estava vivo; o desfecho teatral que esta cena podia motivar tentava-o fortemente, mas resistiu e ficou quieto.

Continuou a escutar, e depreendeu, de palavras soltas, que a primeira conclusão tirada fora de que os rapazes se haviam afogado enquanto nadavam; depois tinha-se dado por falta da jangada e logo outros rapazes da aldeia contaram a promessa feita por eles de que, em breve, constaria uma coisa"; então, as pessoas de juízo, ligando tudo, deduziram que os rapazes tinham fugido na jangada e aportariam sem demora à aldeia próxima.

Mas, perto do meio-dia, a jangada fora encontrada junto da margem do Missuri, cerca de cinco ou seis milhas abaixo da aldeia, e todos perderam a esperança. Os pequenos deviam ter-se afogado, se não a fome tê-los-ia obrigado a voltar a casa ao anoitecer ou mesmo antes. Julgava-se que os trabalhos para se encontrarem os corpos seriam infrutíferos, porque, sendo bons nadadores como eram, só se explicava que não viessem para terra por se terem afogado no canal. Fora isto em quarta-feira à noite, e, se os corpos não aparecessem até domingo, toda a ideia de os encontrar se devia afastar, e os ofícios fúnebres seriam rezados nessa manhã. Tom sentiu um arrepio.

Mrs. Harper despediu-se a soluçar e preparou-se para sair, mas, num ímpeto mútuo, as duas pobres mulheres abraçaram-se e choraram consoladamente antes de se separarem. A tia Polly mostrou-se mais terna do que queria, ao dar as boas-noites a

Sid e a Mary. Sid choramingou e Mary saiu dali a chorar copiosamente.

A tia Polly ajoelhou-se e rezou por Tom, duma forma tão tocante, tão comovente, com palavras tão doces pronunciadas em voz trémula que, ainda ela ia em meio, já o rapaz estava debulhado em lágrimas.

Conservou-se em silêncio até muito depois de a tia se deitar, porque ela continuou a fazer lamentações e a suspirar, voltando-se na cama. Por fim,

adormeceu. Então, o rapaz saiu do seu esconderijo e, de pé ao lado da cama, encobrindo um pouco a luz com a mão, ficou a olhá-la cheio de compaixão. Tirou do bolso a sua casca de sicómoro e colocou-a sobre a mesa, mas de repente ocorreu-lhe uma ideia e ficou a pensar.

Essa inspiração iluminou-lhe o rosto; tornou a guardar o rolo na algibeira, curvou-se e beijou a tia. Em seguida saiu rapidamente, fechando a porta atrás de si.

A caminho do ponto onde estava amarrado o vapor, não encontrou ninguém; passou para bordo com audácia, pois sabia que só ali havia um guarda, que costumava deitar-se e dormir como uma pedra. Desamarrou a lancha, deixou-se escorregar para dentro dela e começou a remar com grande cautela. Quando chegou a três quartos de milha acima da aldeia, pôs-se então a remar com mais vigor para atravessar o rio.

Foi-lhe fácil encontrar o lugar que queria na outra margem, porque já estava habituado a esse trabalho. Pensou em capturar a lancha, pois, podendo esta ser considerada um navio, era legítima presa para um pirata, mas sabia também que haviam de procurá-la insistentemente e acabariam por dar com ele; por isso saltou para terra e encaminhou-se para o bosque.

Ali sentou-se a descansar, fazendo o possível por não adormecer; depois pôs-se a caminho. A noite estava quase acabada e já era dia quando chegou em frente da ponta da ilha. Tornou a descansar, e só depois de o Sol ter nascido, dourando o rio com a sua luz, ele se deitou à água. Pouco depois parou, a escorrer, junto do acampamento, e ouviu Joe dizer:

- Não, Huck. Tom é leal e há-de voltar. Não nos abandona. Sabe que isso seria uma vergonha para um pirata, e Tom é orgulhoso de mais para o fazer. É que anda a tratar de qualquer coisa. Gostava bem de saber de quê!

- Seja como for, o que ele deixou é nosso, não é verdade?

- Quase, mas ainda não, Huck. Ele escreveu que era tudo para nós se não estivesse de volta ao pequeno-almoço.

- Mas está! - exclamou Tom, radiante com este efeito teatral e encaminhou-se solenemente para junto dos companheiros.

Prepararam um sumptuoso almoço de toucinho e peixe, e, quando se sentaram a comê-lo, Tom contou as suas aventuras, enfeitando-as muito.

Quando acabou, todos eles se sentiam cheios de vaidade e se consideravam um grupo de heróis famosos. Então, Tom

escondeu-se num canto sombrio, para dormir, e os outros piratas prepararam-se para pescar e explorar.

16. AS PRIMEIRAS CACHIMBADAS E UMA NAVALHA PERDIDA

Depois do jantar, decidiram ir para o banco de areia, à procura de ovos de tartaruga. Ali, iam espetando varas no chão, e, quando encontravam a areia solta, ajoelhavam-se e cavavam com as mãos. Chegaram a tirar do mesmo buraco cinquenta ou sessenta ovos brancos, perfeitamente redondos e do tamanho de nozes vulgares. Tiveram um esplêndido festim de ovos fritos, nessa noite, e outro na sexta-feira de manhã. Quando acabaram o pequeno-almoço, voltaram para o banco de areia, para saltarem e gritarem, correndo atrás uns dos outros, despindo-se até ficarem nus, seguindo pela água contra a corrente forte, que pouco depois lhes batia nas pernas, aumentando imenso o divertimento. De vez em quando paravam num grupo, curvando-se e atirando com as mãos água para a cara uns dos outros; voltavam-se para fugir à espuma, e, por fim, agarravam-se e lutavam, até que o mais forte fazia mergulhar o parceiro. Então, mergulhavam todos, numa confusão de braços e pernas; por fim saíram da água, soprando, cuspindo, rindo e respirando a custo.

Se se sentiam cansados, estendiam-se na areia quente e seca, cobrindo-se com ela até voltarem de novo para a água, a recomeçar uma vez mais a brincadeira. A certa altura, lembraram-se de que a sua pele podia passar por fatos de malha cor de carne, e desenharam um círculo na areia para fazerem um circo com três palhaços, pois ninguém queria ceder o seu lugar.

Em seguida foram buscar berlindes e puseram-se a jogar até que se fartaram. Joe e Huck voltaram então para a água, mas Tom não quis ir; dera por que, ao despir as calças, deixara cair da perna a sua enfiada de anéis de cascável, e não sabia mesmo como passara sem cãibras durante tanto tempo, não levando consigo aquele misterioso talismã.

Não quis ir sem o encontrar e nessa ocasião já os outros estavam cansados e dispostos a estender-se. Afastaram-se uns dos outros, sentindo-se tristes, e, cada um por seu lado, pôs-se a olhar para o lugar onde a aldeia dormitava

ao sol, para lá do rio. Sem saber como, Tom deu consigo a escrever na areia o nome de Becky; apagou-o, aborrecido consigo próprio pela sua fraqueza, mas, sem poder dominar-se, tornou a escrevê-lo. Apagou-o novamente e, para fugir à

tentação, foi ter com os outros rapazes.

Mas o espírito de Joe estava tão deprimido e mostálgico que não era fácil animá-lo. As lágrimas estavam prontas a saltar e com dificuldade as continha. Huck, o próprio Huck, estava também tristíssimo. Tom não estava mais alegre do que qualquer dos outros, mas esforçou-se por se mostrar corajoso e não deixar adivinhar o que sentia. Tinha um segredo que só queria dizer mais tarde, mas se aquele desânimo continuasse ver-se-ia a falar nele.

Com um contentamento bem fingido, começou:

- Ia apostar que já antes de nós houve piratas nesta ilha. Havemos de explorá-la outra vez. Devem ter escondido tesouros em qualquer parte. Que lhes parecia se achássemos por aqui uma arca cheia de ouro e prata?

O entusiasmo suscitado por esta ideia foi fraco, e nenhum dos outros se incomodou a responder. Tom experimentou mais um ou dois projectos, que falharam também. Era de perder a coragem.

Joe, muito triste, sentou-se no chão e pôs-se a remexer a areia com um pauzito. Por fim, disse:

- Vamos desistir, rapazes. Eu quero ir para casa. Isto está tão só!

- Não, Joe. Daqui a pouco já nos sentimos melhor - respondeu Tom. - Lembra-te da quantidade de peixe que há aqui para pescar.

- Não me importo com a pesca. Quero ir para a aldeia.

- Que disparate! És uma criança,. Naturalmente queres ir ver a tua mãe.

- Quero, sim, quero ir ver a minha mãe. E tu também querias, se tivesses mãe. Não sou mais criança do que vocês! - terminou, fungando um pouco.

- Pois então o menino chorão que vá para o pé da mãe, não achas, Huck? Coitadinho, quer ir ver a mamã, não quer? Então que vá! Tu gostas de cá estar, não gostas, Huck? Nós ficamos, não é verdade?

Huck respondeu que sim", sem nenhuma convicção.

- Nunca mais falarei com vocês! - prometeu Joe, levantando-se e afastando-se um pouco para principiar a vestir-se.

- Que ralação! - exclamou Tom. - Ninguém quer saber de ti. Vai para a tua mãe e deixa que se riam à tua custa. És um bom pirata! Huck e eu não somos meninos choramingas e por isso ficamos, não é verdade, Huck? Ele que vá, se quiser, que não faz cá falta nenhuma.

Mas, embora dissesse tudo isto, Tom sentia-se pouco seguro, e via com certo alarme Joe continuar a vestir-se. A maneira como Huck observava esses preparativos, mantendo um silêncio muito significativo, também não era animadora. Quando, já vestido, Joe se pôs a atravessar o rio a vau, Tom sentiu confranger-se-lhe o coração. Olhou para Huck, que desviou a vista, dizendo timidamente:

- Eu também quero ir, Tom. Isto já estava muito só e agora pior fica. Vamos com ele, Tom.

- Não. Podem ir, se quiserem. Eu fico.

- Tom, eu antes quero ir.

- Pois então vai. Quem te estorva?

Huck pôs-se a apanhar o fato que tinha espalhado, e a pedir.

- Gostava que viesses connosco, Tom. Pensa bem. Esperamos por ti do outro lado do rio.

- Podem esperar á vontade, é o que lhes digo!

Huck, muito triste, pôs-se a caminho, e Tom ficou a olhá-lo com forte desejo de pôr de parte o seu orgulho e ir também. Julgou que os rapazes parassem, mas eles continuaram a andar devagar.

De súbito, reconheceu que tudo aquilo se tornara muito só e silencioso; então, vencendo o seu amor-próprio, correu atrás dos outros e gritou:

- Esperem! Esperem! Quero dizer-lhes uma coisa.

Os outros pararam e voltaram-se para trás.

Quando os alcançou começou a contar-lhes o seu segredo; escutaram atentamente, mas com ar de pouca confiança, até perceberem onde ele queria chegar. Nessa altura soltaram um grito de aplauso, acharam o projecto esplêndido e confessaram que, se soubessem daquilo há mais tempo, não teriam pensado em separar-se. Desculpou-se como pôde, mas a verdadeira razão fora o receio de que nem mesmo o segredo os conservasse junto dele muito tempo. Por isso o reservara para o fim, como última sedução.

Os rapazes voltaram para trás, cheios de alegria, recomeçando as brincadeiras e falando animadamente a respeito do plano estupendo de Tom, que achavam genial. Depois de um belo jantar de ovos e peixe, Tom disse que gostava de aprender a fumar. Joe achou a ideia óptima, e quis também aprender, por isso Huck fez dois cachimbos e encheu-os. Até ali nenhum deles tinha fumado senão charutos feitos de parras, que picavam na língua e

não eram próprios de homens.

Deitaram-se de bruços e começaram a fumar com cautela e pouca confiança. O fumo tinha um sabor desagradável que lhes fazia náuseas, mas Tom disse:

- Afinal isto é muito fácil. Se soubesse que era assim, há imenso tempo que tinha aprendido!

- Também eu - concordou Joe. - Tens razão, não custa nada.

- Já várias vezes tenho estado a olhar para pessoas que fumam, e a pensar: gostava de fazer o mesmo! Mas não imaginei que era capaz.

- Tal qual como eu, não é verdade, Huck? Não me tens ouvido já dizer isso? Tu podes ser testemunha.

- Sim, muitas vezes.

- Também eu! - declarou Tom. - Centos de vezes. Uma delas lá em baixo, ao pé do matadouro, não te lembras, Huck? Até lá estava o Bob Tanner, Jonny Miller e Jeff Thatcher, quando se falou no caso. Lembras-te, Huck?

- Muito bem. Foi no dia seguinte àquele em que perdi um abafador. Não, foi na véspera.

- Ainda bem que Huck se lembra! - exclamou Tom.
- Parece-me que era capaz de estar a fumar cachimbo todo o dia! - exclamou Joe. - Não estou nada agoniado.
- Nem eu! - retorquiu Tom. - E tenho mesmo a certeza que era capaz de fumar todo o dia, mas ia apostar que Jeff Thatcher não era.
- Jeff Thatcher! æ primeira fumaça ficava como morto. Havemos de experimentar e verás.
- Pois claro que ficava. E Jonny Miller? Gostava de ver Jonny Miller experimentar.
- Aposto que Jonny Miller não era capaz nem de dar a primeira fumaça.
- Tens toda a razão, Joe. Dava alguma coisa para os rapazes nos verem agora!
- Também eu!
- Olhem, nós não dizemos nada disto, e, um dia, quando estiverem ao pé de nós, vou ter contigo e digo assim: "Joe, tens um cachimbo? Quero fumar. E tu dizes, como se não ligasses grande importância: ,Tenho o meu cachimbo velho e mais outro, mas o tabaco é que não é do melhor., E eu digo-te assim: O que é preciso é que seja forte. Tu então tiras os cachimbos da algibeira, acendem-se e começamos a fumar à vista deles.
- Isso é que vai ser bom, Tom. Quem me dera que fosse já!
- É verdade. E quando nós lhes dissermos que aprendemos isto enquanto andávamos a fazer de piratas, eles hão-de ter pena de não terem estado connosco.
- Oh! Com certeza que têm.

A conversa seguiu sempre assim, mas em certa altura começou a fraquejar. Os silêncios iam-se tornando mais longos e a expectoração aumentava extraordinariamente. Cada poro da boca dos rapazes se transformou numa fonte abundante. Mal podiam esgotar o líquido que se lhes formava debaixo da língua; por vezes, uma parte desse líquido fugia-lhes para a garganta, provocando-lhes vómitos. Estavam ambos muito pálidos e com as feições cavadas. O cachimbo de Joe caiu-lhe dos dedos e o de Tom seguiu o mesmo caminho. A água continuava a crescer-lhes na boca, e Joe disse numa voz sumida:

- Perdi a minha navalha, parece-me que é melhor ir procurá-la.

Com os lábios trémulos e a voz fraca, Tom respondeu-lhe:

- Quero ajudar-te. Vai por ali, que eu vou pelo lado da nascente. Escusas de vir, Huck. Nós procuramos.

Huck tornou a sentar-se e esperou uma hora. Então, achando-se muito só, foi ter com os companheiros, que estavam cada um para seu lado na floresta, ambos muito pálidos e a dormir profundamente, mas alguma coisa se lhes mostrou que fez com que, embora tivessem tido uma hora amarga, esta passasse.

Nessa noite, pouco falaram durante a ceia. Entreolharam-se com um ar humilde, e, quando, no fim da refeição, Huck, depois de preparar o seu cachimbo, ia preparar os deles, disseram que não, que se sentiam indispostos porque o jantar lhes não assentara bem.

Cerca da meia-noite, Joe acordou e chamou os outros; procuraram a companhia amiga do lune, embora não corresse uma

brisa e o calor fosse sufocante. Sentaram-se muito calados e esperaram.

A solene quietação continuou. Para além da zona de luz em volta da fogueira, estava tudo imerso em trevas. Passados momentos, uma claridade vacilante revelou a folhagem, para logo desaparecer. Pouco depois reflectiu-se uma e outra vez, sempre com mais intensidade. Ouviu-se muito ao longe um ruído vago e um sopro perpassou através da floresta; os rapazes estremeceram, pensando que o Espírito da Noite andava perto. Houve uma

pausa. Um relâmpago enorme iluminou tudo, dando relevo até à mais pequena folha de relva e mostrando três caras brancas de pavor. Ouviu-se um trovão que foi ribombando até se perder tristemente a uma grande distância.

Passou uma aragem fria que levou diante de si as folhas e gelou a cinza espalhada à volta do lume. Outro clarão iluminou a floresta, ao mesmo tempo que um ruído seco parecia cortar o cimo das árvores por sobre as cabeças dos rapazes. No meio da escuridão agarraram-se uns aos outros, aterrados. Começaram a cair grossos pingos de água.

- Depressa, rapazes, vamos para a nossa tenda! -exclamou Tom.

Dispersaram-se, aos tropeções nas raízes e nas trepadeiras, por entre a escuridão. A tempestade rugia, dobrando tudo o que encontrava no seu caminho. Os clarões seguiam-se uns aos outros, bem como os trovões. A chuva era torrencial e, impelida pelo vento, abria sulcos na terra. Os rapazes gritavam uns pelos outros, mas o ruído do vento e dos trovões cobria por completo as suas vozes. Assim mesmo, um a um, lá entraram a abrigar-se sob a tenda, frios, arranhados e a escorrer água, mas, se alguma coisa podia haver de bom naquela triste situação, era verem-se acompanhados. Não podiam ouvir-se, porque, ainda mesmo que não houvesse outros ruídos, a vela batia fortemente, impelida pelo vento. A tempestade era cada vez mais violenta e, por fim, a pobre tenda rasgou-se e foi levada pelo vento. De mãos dadas, os rapazes fugiram aos trambolhões e foram procurar abrigo junto de um grande carvalho na margem do rio. A batalha chegara ao seu auge. æ luz dos relâmpagos que riscavam o céu, tudo em volta se destacava com nitidez, tudo tinha um relevo através do véu da chuva: as árvores curvadas, o rio encapelado e branco de espuma, os recortes dos rochedos na outra margem.

A cada momento uma árvore gigantesca tombava vencida pelos elementos, partindo as outras em volta, e os trovões, mais fracos a princípio, eram agora estampidos secos e terríveis.

A tempestade na sua força máxima parecia a um tempo despedaçar a ilha, queimá-la, inundá-la até o cimo das árvores, fazê-la ir pelos ares e ensurdecer todos os seres vivos que ali existiam.

Nunca na sua vida os rapazes esqueceriam aquela trágica

noite passada na floresta.

Finalmente, a batalha terminou e as forças retiraram; as ameaças foram enfraquecendo e a paz voltou a reinar. Embora assustados, os rapazes tornaram ao acampamento, mas acharam que ainda tinham de dar graças a Deus, porque o grande sicómoro, que abrigara as suas camas, estava agora derrubado pela tempestade e eles encontravam-se longe quando isso acontecera.

Tudo no acampamento estava ensopado, incluindo a fogueira, porque eles tinham sido estouvados, como todos os da sua idade, e não se haviam prevenido contra a chuva. Tinham razão para se preocuparem, pois estavam molhados e com frio. Na sua desgraça mostraram-se eloquentes, mas logo descobriram que o lume tinha consumido a parte de baixo do tronco, junto do qual o tinham acendido - no sítio em que este fazia uma curva um pouco acima do chão. Assim, havia um bocado que se não molhara; com muita paciência juntaram bocadinhos de madeira, que lhes pareceu mais seca, e esforçaram-se por reacender o lume. Quando o conseguiram foram empilhando troncos maiores, até que as labaredas voltaram a crepitar e puderam aquecer-se. Secaram o que lhes restava de presunto, comeram e depois ficaram sentados junto do lume a falar da sua aventura até de manhã, pois não havia um palmo de terreno seco onde se deitassem para dormir.

Quando o Sol se ergueu, os rapazes começaram a sentir sono e foram deitar-se no banco de areia. Daí a bocado o calor era intenso e decidiram almoçar. Finda a refeição, sentiram as articulações presas, e uma vez mais se lembraram da família com tristeza. Tom percebeu e fez o possível por alegrá-los conforme pôde, mas nenhum deles se interessava já por berlindes, pelo circo, pela natação ou pelo que quer que fosse. Falou-lhes no segredo e o rosto iluminou-se-lhes. Então lembrou-lhes nova brincadeira. Porque não haviam de deixar de ser piratas por umas horas e fazerem de índios, para variar? Esta ideia sorriu-lhes, e em breve se despiram e se pintalgaram da cabeça aos pés com lama negra, ficando como outras tantas zebras. Todos eles eram chefes, já se vê, e romperam pela floresta para atacar uma colónia de ingleses. Depois dividiram-se em três tribos hostis e caíram uns sobre os outros com gritos de guerra, matando homens aos milhares. Foi um dia sangrento e, por conseguinte, um dia esplêndido.

æ hora da ceia juntaram-se no acampamento, todos esfomeados e contentes, mas surgiu uma nova dificuldade: índios hostis não podiam comer à mesma mesa sem primeiro fazerem as pazes, e estas eram impossíveis se não fumassem uma cachimbada. Que eles soubessem, não havia outro processo. Dois selvagens já estavam arrependidos de não terem continuado a ser piratas. Mas tinha de ser; por isso, com toda a alegria que puderam mostrar, pediram o cachimbo e tomaram a sua fumaça à medida que lhes ia chegando a vez.

Agora já se sentiam satisfeitos de terem enveredado por aquele caminho, porque, como selvagens, tinham ganho alguma coisa. Podiam fumar um bocado sem terem de procurar uma faca perdida, porque já os não agoniava a ponto de se sentirem mal. Não eram pessoas para abandonarem esta perspectiva agradável, por isso, depois da ceia, praticaram mais e, vendo-se bem sucedidos, tiveram uma noite agradabilíssima. Estavam mais vaidosos e felizes com esta nova prenda de seis nações. Deixemo-los, pois, a fumar, a conversar e a gabar-se, visto que não precisamos deles por agora.

17. OS PIRATAS ASSISTEM AOS SERVIÇOS FûNEBRES POR SUA ALMA

Mas na tarde desse sábado não houve animação na aldeia. Os Harpers e a tia Polly estavam de luto, no meio de um grande desgosto e muitas lágrimas. Uma quietação desusada envolvia a aldeia já de si bastante tranquila. Os aldeões faziam o seu trabalho com um ar abstracto, e pouco falavam, mas suspiravam muito. O feriado de sábado pareceu às crianças um pesado fardo. Não havia alegria nas suas brincadeiras, que abandonaram pouco a pouco.

æ tarde, Becky Thatcher achou-se a passear tristemente pelo pátio da escola e sentiu-se muito melancólica. Não havia ali nada que a confortasse, e, de si para si, disse:

- Se ao menos tivesse outra vez a maçaneta dourada da trempe! Mas não tenho nenhuma recordação dele...

Pouco depois, parou, sufocando um soluço.

- Foi aqui mesmo! - murmurou. - Se pudesse voltar para trás não repetiria o que disse, não repetiria o que disse, por nada deste mundo! Mas agora morreu e nunca mais, nunca mais o verei!

Este pensamento venceu-a e ela continuou a passear, com as lágrimas a rolarem-lhe pela cara. Então apareceu um grupo de rapazes e raparigas, companheiros de brinquedos de Tom e de Joe, que ficaram a olhar por cima do ripado e a falar, num tom reverente, na maneira como Tom tinha feito isto" e aquilo" a última vez que o tinham visto, e como Joe dissera uma" ou outra coisa", que lhes parecera insignificante, mas era tão cheia de presságios, como se via agora. Cada um dos que falavam mostrava o sítio exacto onde os pobres rapazes estavam nessa ocasião, e explicava:

- Eu estava mesmo aqui, tal-qual como estou agora, como se tu fosses ele. Estava assim pertinho e ele sorriu assim e eu senti uma coisa passar por mim. Foi horrível, sabes? Mas nunca percebi o que aquilo queria dizer senão agora.

Depois discutiram quem tinha visto os falecidos pela última vez. Todos queriam pertencer a esse número, davam provas e faziam discursos mais ou menos interrompidos pelos que ouviam; mas, quando se decidiu finalmente quem tinha visto e trocado com os desaparecidos as derradeiras palavras, esses tomaram uma enorme importância e foram invejados pelos outros, que os ouviram de boca aberta. Um pobre pequeno, que não tinha mais nada que se gabar, disse com certo orgulho:

- Uma vez, Tom Sawyer deu-me uma sova.

Mas esta pretensa glória foi um fracasso. Ser sovado por Tom Sawyer não tinha nada de especial, visto que a maior parte dos rapazes da aldeia podiam gabar-se disso.

O grupo demorou-se por ali a falar dos heróis desaparecidos.

No dia seguinte, acabada a aula de doutrina, o sino começou a dobrar, em vez de tocar como de costume. Era um domingo tranquilo e o som triste adaptava-se bem ao silêncio da Natureza.

Os aldeões começaram ajuntar-se, demorando-se um momento no vestíbulo a conversar sobre o triste acontecimento. Dentro da igreja não se ouvia segredar, e só o ruído dos vestidos das mulheres, que caminhavam para os seus lugares, interrompia o silêncio. Ninguém se lembrava de ter visto alguma vez a igreja tão cheia.

Por fim, houve uma pequena paragem, e a tia Polly entrou seguida por Sid e Mary; atrás destes vinha a família Harper. Vestiam todos de luto, e tanto os fiéis como o sacerdote se levantaram reverentemente e ficaram de pé até que as famílias enlutadas se sentaram nos lugares da frente. Houve outro silêncio, no meio do qual se ouviam, de quando em quando, soluços abafados. O pastor ergueu as mãos e rezou. Cantou-se um hino comovente, que foi seguido da passagem Sobre a Ressurreição e a Vida". æ medida que os ofícios continuavam, o sacerdote descreveu de tal modo a bondade, as maneiras insinuantes e a inteligência rara dos desaparecidos, que todos os que ali estavam, julgando reconhecer aqueles retratos, sentiram remorsos ao lembrarem-se que não tinham querido ver no feitio dos pobres rapazes senão defeitos e erros.

O sacerdote contou muitos factos da vida dos rapazes que mostravam quanto eram meigos e generosos, e aquela gente via agora a beleza nobre dos episódios referidos e pensava com tristeza que, na ocasião em que se tinham dado, lhes tinham parecido simples patifarias dignas de chicote. Os fiéis foram-se comovendo à medida que estes discursos prosseguiam, até que todos se puseram a chorar num coro de soluços angustiosos e o próprio pastor, no púlpito, chorou também.

Houve na galeria um ruído pelo qual ninguém deu; em seguida, a porta da igreja rangeu; o pastor levantou os olhos cheios de lágrimas e ficou trespassado. Primeiro, um par de olhos, depois, outro e, por fim, todos seguiram os do sacerdote; então, quase ao mesmo tempo, todos os fiéis se levantaram, mudos de espanto, ao verem os três rapazes subirem a nave, Tom à frente, Joe a seguir e Huck atrás, caminhando timidamente coberto de farrapos. Tinham estado escondidos numa galeria de que ninguém se servia, a assistir ao elogio fúnebre.

A tia Polly, Mary e os Harpers correram para os seus ressuscitados, sufocando-os com beijos e dando graças a Deus, enquanto o pobre Huck, muito envergonhado e pouco à vontade, não sabia onde se havia de meter. Hesitou e, por fim, resolveu fugir dali, mas Tom agarrou-o e disse:

- Não é justo, tia Polly. Alguém tem de se mostrar satisfeito por ver aparecer Huck.

- Com certeza. Eu própria gosto muito de o tornar a ver. Coitado dele, que não tem mãe!

Mas as atenções e as demonstrações de amizade da tia Polly tornaram-no ainda mais acanhado e contrafeito.

De súbito, o pastor gritou o mais que pôde:

- Demos graças a Deus pelo bem que nos fez! E de todo o coração!

Assim fizeram. Old Hundred foi quem começou numa voz triunfante, capaz de fazer estremecer as vigas do tecto. Então, Tom Sawyer, o pirata, olhou à sua volta para todos os rapazes, que por certo o invejavam, e, no seu íntimo, confessou que era aquele o melhor momento da sua vida.

Ao sair da igreja, os fiéis, que tinham sido enganados, iam dizendo uns para os outros que de boa vontade se deixariam meter a ridículo outra vez só para ouvirem Old Hundred cantar assim novamente.

Naquele dia, Tom apanhou mais socos e beijos - segundo as variantes de disposição da tia - do que costumava apanhar num ano, e mal poderia dizer qual destas duas manifestações exprimia maior gratidão a Deus e afecto por ele.

18. TOM REVELA O SEU SONHO

Era aquele o grande segredo de Tom - o plano da sua volta à aldeia com os irmãos piratas para assistirem à celebração dos ofícios fúnebres por intenção deles. Tinham atravessado o Missuri sobre um tronco, ao anoitecer de sábado, saltando para terra cinco ou seis milhas abaixo da aldeia; tinham dormido num bosque dos arredores até amanhecer, e, depois de terem atravessado ruas escuras, dormiram ainda um sono na galeria da igreja, por entre uma quantidade de bancos partidos.

Na segunda-feira de manhã, ao almoço, a tia Polly e Mary mostraram-se muito ternas para Tom e cuidadosas em satisfazer todos os seus desejos. Conversou-se mais do que era costume, e, em dado momento, a tia Polly disse:

- Não acho que fosse uma brincadeira muito engraçada deixarem toda a gente a sofrer por vossa causa quase uma semana, enquanto vocês gozavam, mas tenho pena, sobretudo, que tivesses coragem para me fazer sofrer assim. Do mesmo modo que puderam vir ontem, num tronco, para assistirem aos ofícios fúnebres, também podias ter vindo para me dar a entender de uma maneira ou de outra que não estavas morto.

- Sim, podias ter feito isso - disse Mary -, e estou certa

de que o farias se te tivesse ocorrido.
  - Não é verdade, Tom? - perguntou a tia Polly com ar de descontentamento. - Fazias isso se te lembrasses, não é verdade?
  - Sim... Não sei. Isso estragava tudo.
  - Tom, sempre julguei que gostasses de mim o bastante para o fazeres - disse a tia Polly numa voz triste que desconcertou o rapaz. - Se gostasses de mim o suficiente para o fazeres, já não era mau, mesmo que não fizesses.
  - Não vale a pena insistir, tia Polly! - pediu Mary. - Bem sabes que Tom não o fez por mal, mas é um pateta e anda sempre numas tais correrias que nunca se lembra daquilo que deve.
  - Tanto pior! Sid ter-se-ia lembrado e não deixaria de o fazer. Tom, quando um dia recordares o passado, quando já for tarde de mais, hás-de arrepender-te de não teres sido mais meu amigo. Afinal custava-te tão pouco!
  - Oh! Tia, bem sabe quanto lhe quero! - afirmou Tom.
  - Podia saber melhor, se o mostrasses pelo teu procedimento.
  - Tenho muita pena de não me ter lembrado! - disse Tom, mostrando-se arrependido. - Mas em todo o caso sonhei consigo. Já é alguma coisa, não acha?
  - Não é muito, e até um gato o faria, mas é melhor do que nada. O que sonhaste tu?
  - Na quarta-feira, à noite, que a tia estava ali sentada ao lado da cama de Sid na arca, com Mary ao lado dele.
  - E assim estávamos, como de costume. Alegra-me bastante que ao menos sonhasses connosco.
  - Sonhei que estava cá a mãe de Joe Harper.
  - E estava! Que mais sonhaste?
  - Muitas coisas, mas já não me lembro.
  - Vê lá se és capaz de te lembrar.
  - Parece-me que o vento... o vento estava a soprar a. .. a...
  - Vê se te lembras, Tom. O que é que o vento soprou?
  Apertando a cabeça com as mãos e esforçando-se por se lembrar, Tom exclamou:
  - Já sei, já sei, soprou a luz!
  - Oh! Meu Deus! Continua, Tom, continua.
  - Parece-me que a tia disse: aquela porta...
  - Continua, Tom, continua.
  - Deixe-me pensar um bocadinho, só um bocadinho... Sim, a tia disse que a porta estava a abrir-se.
  - E disse. Tão certo como eu estar aqui. Não é verdade Mary? Continua, Tom, continua.
  - Depois... depois... Não estou bem certo, mas parece-me que a tia mandou o Sid...
  - O quê? O quê? O que mandei eu o Sid fazer?
  - Mandou-o... Mandou-o fechar a porta.
  - Meu Deus! Nunca na minha vida ouvi uma coisa destas. Não me

digam que os sonhos não significam coisa nenhuma. Não há-de passar uma hora sem que eu conte isto a Sereny Harper. Sempre quero ver se ela me vem outra vez negar que há telepatia. Conta mais, Tom.

- Agora lembro-me de tudo claramente. Em seguida a tia disse que eu não era mau, mas apenas travesso, pateta e descuidado, tão estouvado como... como... parece-me que falou em poldro.

- E foi assim, na verdade! Meu Deus! Continua, continua, Tom.

Depois começou a chorar.

- Tal-qual! Tal-qual! E não era a primeira vez. E depois?...

- Depois Mistress Harper começou a chorar, disse que Joe era exactamente como eu e que estava arrependida de o ter sovado por ter comido as natas que ela própria deitara fora.

- Tom! Tinhas em ti um espírito. Profetizaste o que se estava a passar. Continua, continua.

- Depois Sid disse... disse...

- Não me parece que tenha dito alguma coisa - respondeu Sid.

- Disseste, sim - afirmou Mary.

- Calem-se e deixem Tom falar. Que disse ele, Tom?

- Disse... Parece-me que disse que eu devia estar mais feliz no lugar para onde tinha ido, mas que se tivesse sido melhor rapaz...

- Ouvem? Foram essas mesmas palavras.

E a tia, muito zangada, mandou-o calar.

- É verdade que sim. Com certeza estava aqui um anjo escondido em qualquer parte.

- E Mistress Harper contou-lhe então que o Joe a tinha queimado com um busca-pé e a tia contou-lhe o que se tinha passado com o Peter e o estimulante.

- Exactamente assim, tão certo como eu estar aqui.

- Depois conversaram um bocado a respeito da rocegagem no rio para nos procurarem e dos ofícios fúnebres de domingo. Então a tia e a Mistress Harper abraçaram-se a chorar antes de ela sair.

- Passou-se tudo como tu dizes. Se tivesses estado presente não poderias contá-lo melhor. E em seguida que aconteceu?

- Pareceu-me que a tia estava a rezar por mim, porque a via ajoelhar e ouvi as palavras que disse. Fiquei tão triste, que, quando se deitou, escrevi num bocado de casca de sicómoro: Não morremos: fugimos para irmos ser piratas. , Pus isto em cima da mesa ao pé do candeeiro, mas, quando olhei para a tia, curvei-me e beijei-a.

- Tu fizeste isso, Tom? Tu fizeste isso? Perdoo-te tudo só pelo que fizeste! - declarou, agarrando-o e abraçando-o com tal força que o rapaz se sentiu o mais criminoso dos vilões.

- Foi uma grande bondade, mesmo não passando de sonho! - resmungou Sid de maneira que o pudessem ouvir.

- Cala-te Sid. Uma pessoa faz em sonhos aquilo que era capaz de fazer acordada. Aqui está uma maçã, Tom, que guardei para te dar, se alguma vez aparecesses. Agora vai para a escola. Voltaste e por isso dou graças a Deus, nosso Pai, que sofreu tanto e perdoou àqueles que O acreditaram e à Sua palavra. Talvez eu não mereça toda a Sua bondade, mas se só os que a merecem tivessem a ajuda da Sua mão nas horas difíceis, poucos

haveria neste mundo que sorrissem ou que viessem a entrar no Seu reino quando chegasse a noite final. Vão-se daqui, filhos. Vão, Sid, Mary e Tom, que já me estorvaram de mais.

Os pequenos saíram para a escola e a tia Polly apressou-se a ir ter com Mrs. Harper, com a intenção de deitar por terra o seu realismo contando-lhe o sonho maravilhoso de Tom. Sid teve o bom-senso de não dar a perceber o que pensava ao sair de casa e que era isto:

- Não acredito lá muito num sonho tão comprido e tão certo.

Tom estava agora transformado num herói. Não ia a correr nem a saltar, mas sim com ar digno, como compete a um pirata que se sente o ponto de mira do público. Era-o de facto, e, embora fizesse o possível por fingír que não via os olhares que o seguiam nem os comentários feitos à sua passagem, tudo isto era para ele um prazer. Os rapazes mais pequenos do que ele juntavam-se à sua volta, tão orgulhosos de que os vissem com ele e tolerados como se Tom fosse o tambor à frente da procissão ou o elefante que conduz o circo à cidade. Os rapazes do seu tamanho fingiam ignorar que estivera longe, mas estavam cheios de inveja. Dariam tudo de boa vontade para terem aquela pele negra e tostada pelo sol e a sua brilhante notoriedade. Tom não sacrificaria estas coisas nem por um circo!

Na escola, as crianças fizeram tanto barulho à volta dele e de Joe e mostraram tão grande admiração no seu olhar que, em breve, os dois heróis se tornaram intoleráveis de vaidade. Começaram a contar as suas aventuras a ouvintes ansiosos, mas só as começavam, porque, com imaginações tão férteis como as suas, nunca chegavam ao fim; quando em certa altura tiraram do bolso os cachimbos e começaram a fumar, atingiram de facto o

auge da glória.

Tom decidiu que podia tornar-se independente de Becky Thatcher, agora que a celebridade lhe bastava e que podia viver sem ela. Talvez, vendo que ele se distinguira, Becky pensasse em fazer as pazes, mas havia de ver que sabia mostrar-se tão indiferente como os outros.

Ela chegou momentos depois, e Tom, simulando não a ver, afastou-se e foi juntar-se a um grupo de rapazes e raparigas, com os quais começou a conversar. Daí a pouco viu que andava de roda dele, corada e de olhos brilhantes, fingindo correr atrás de outras crianças e rindo muito alto sempre que agarrava alguma; não lhe passou despercebido que o fazia sempre perto dele e olhava para ver se tinha dado por isso.

Estes movimentos lisonjeavam a sua vaidade, mas, em lugar de se dar por vencido, Tom mostrou-se ainda mais orgulhoso e fez a diligência por não mostrar que tinha reparado nela. Em breve Becky deixou aquela brincadeira para passear por ali devagar, suspirando e deitando a Tom olhares furtivos. Reparou então que Tom conversava em especial com Amy Lawrence e sentiu-se perturbada.

Tentou afastar-se, mas os pés atraiçoaram-na e levaram-na precisamente para o lado do grupo.

Dirigiu-se a uma rapariga que estava ao lado de Tom, e disse-lhe, com vivacidade mal disfarçada:

- Foste muito má, Mary Austin! Porque não foste no domingo à escola de doutrina?
- Fui, fui, sim! Não me viste?
- Como pode ser isso? Em que lugar estiveste?
- Na aula de Miss Peters, como sempre. Eu vi-te.
- Viste-me? Tem graça, que não te vi. Queria falar-te do piquenique.
- Que bom! Quem vai dar um piquenique?
- É a minha mãe que está a organizar um para mim.
- Ainda bem! E ela deixa-me ir?
- Com certeza que deixa. O piquenique é para mim e podem lá ir todas as pessoas que eu queira. Como quero que vás...
- Vai ser tão engraçado! Quando é?
- Daqui a pouco. Talvez nas férias.
- Vamo-nos divertir muito. Vão todos os rapazes e raparigas?
- Todos que forem meus amigos ou que o queiram ser! - respondeu relanceando um olhar para Tom, que conversava com Amy Lawrence contando-lhe a terrível tempestade na ilha e como uma faísca tinha reduzido a cinzas, o grande cicómoro, estando ele a um metro de distância,.
- Posso ir? - perguntou Gracie Miller.
- Podes.
- E eu? - inquiriu Sally Rogers.
- Também.
- E eu? - quis saber Susy Harper. - E Joe?
- Também.

Assim continuaram, com um bater de palmas alegre, até que todo o grupo pediu que fosse convidado, menos Tom e Amy.

Então, Tom voltou-se, friamente, e, não parando de conversar, afastou-se, acompanhado por Amy. Os lábios de Becky tremeram e as lágrimas chegaram-lhe aos olhos; disfarçou isto falando com uma alegria forçada, mas o encanto do piquenique e de tudo mais desaparecera. Logo que pôde, afastou-se e escondeu-se para se entregar àquilo a que o sexo fraco chama uma crise de nervos. Em seguida, sentou-se com ar de orgulho ofendido, até que tocou o sino. Levantou-se, então, com um olhar vingativo, e sacudiu as tranças, dizendo consigo que já sabia o que havia de fazer.

Por seu lado, Tom, satisfeitíssimo, seguia no seu namoro com Amy, passeando de um lado para o outro, para que Becky o visse e sofresse. Porém, observando-a, sentiu que a sua alegria desaparecia. A rapariga estava sentada confortavelmente num banco por trás da escola, a ver um livro de estampas com Alfred Temple. Estavam tão absortos e com as cabeças tão próximas por sobre o livro que pareciam não dar pelo que se passava em volta. O ciúme fez ferver o sangue nas veias de Tom, que se odiou a si mesmo por ter desprezado a ocasião que Becky lhe proporcionara de se reconciliarem. Chamou-se a si mesmo maluco e todos os nomes feios de que se lembrou. Estava tão arreliado, que tinha vontade de chorar. Radiante e feliz, Amy continuava a conversar enquanto passeavam, mas a língua de

Tom não se movia. Tom não ouvia sequer o que Amy lhe dizia, e, quando ela se calava à espera de resposta, mal podia balbuciar uma palavra ou outra, que nem sempre vinha a propósito. Conservou-se no jardim por trás da escola, a passear e a sofrer com o espectáculo que tinha diante de si. Não podia afastar-se, mas punha-o como doido julgar, segundo as aparências, que Becky Thatcher nem sequer suspeitava de que ainda pertencesse ao número dos vivos. Contudo, ela não se esquecia da sua existência e sabia que estava a ganhar a sua batalha, mas queria fazê-lo sofrer o mesmo que sofrera.

A tagarelice alegre de Amy tornou-se-lhe intolerável e Tom falou em qcoisas que tinha de fazer. Era forçoso que as fizesse, e o tempo fugia. Tudo foi em vão, e a rapariga continuava a conversar.

Nunca mais me verei livre deste diabo?,, pensou ele.

Por fim, afastou-se, dizendo que não podia deixar de ir e, parvamente, ela prometeu esperá-lo quando a escola acabasse. Estas palavras fizeram com que a detestasse ainda mais.

- Podia ser qualquer outro rapaz! - pensou Tom, rangendo os dentes. - Qualquer outro rapaz da aldeia, mas não aquele São Luís janota, que julga vestir bem e ser aristocrata. Já te sovei no primeiro dia que cá apareceste e sovo-te outra vez, meu toleirão. É só questão de te apanhar a jeito. Vou e...

Então, fez todos os movimentos como se sovasse um rapaz imaginário, zurzindo o ar, dando pontapés e socos.

- Gostas, não gostas? Já apanhaste da conta, que é para saberes!

Assim, a suposta sova terminou a seu contento.

Tom foi para casa ao meio-dia. A sua consciência não podia suportar a felicidade e gratidão de Amy, nem o seu feitio ciumento suportava o resto. Becky voltou a ver o seu livro de estampas com Alfred, mas, à medida que os minutos passavam, sem que Tom tornasse para sofrer, o seu triunfo enevoou-se e perdeu o interesse; mostrou-se triste e distraída; por duas ou três vezes apurou o ouvido ao sentir passos, mas frustraram-se-lhe as esperanças e Tom não apareceu. Em certa altura, a sua tristeza era completa, e sentiu-se arrependida de ter levado as coisas tão longe. Quando o pobre Alfred, vendo que ela não lhe dava atenção, sem perceber porquê, lhe disse várias vezes que olhasse para o livro, Becky impacientou-se e respondeu-lhe, muito áspera:

- Não me maces! Não me importo com isso.

Depois desatou a chorar, levantou-se e afastou-se dali.

Alfred levantou-se também e ia segui-la, no intuito de a consolar, quando ela lhe disse:

- Vai-te embora e deixa-me em paz! Detesto-te.

Então, o rapaz parou, perguntando a si próprio o que Lhe teria feito, pois tinha sido ela quem dissera que queria ver estampas durante todo o recreio; entretanto, Becky afastou-se a chorar. Nessa ocasião, Alfred foi para a escola deserta,

pensar nas suas tristezas. Estava fulo e humilhado. Não lhe foi difícil adivinhar a verdade. A rapariga tinha-se servido dele unicamente para despertar o despeito de Tom Sawyer.

Como é de supor, esta ideia fê-lo aborrecer. Tom ainda mais; desejou com ardor descobrir um processo de o meter em trabalhos sem se arriscar, e nesse momento preciso o seu olhar caiu sobre o livro de leitura de Tom. Tinha ali uma oportunidade que não podia perder. Radiante, abriu o livro na lição marcada para a tarde, e entornou tinta por cima dele.

Exactamente nessa altura, Becky, olhando para dentro da aula, sem que a visse, assistiu a tudo e afastou-se sem dizer nada. Pôs-se a caminho de casa, decidida a procurar Tom e a avisá-lo. Ele havia de lhe ficar agradecido e acabavam assim as zangas. Porém, antes de chegar a meio do caminho, já tinha mudado de ideia. Lembrou-se da maneira como Tom a tratara ao ouvir falar do piquenique, e isto reavivou-lhe o despeito. Então resolveu deixá-lo levar uma sova por causa do livro de leitura e odiá-lo toda a vida, ainda por cima.

19. "EU NÃO PENSEI"

Tom chegou a casa muito mal disposto, e a primeira coisa que a tia disse mostrou-lhe claramente que os seus desgostos ainda não tinham acabado.

- Tom, a minha vontade era pelar-te vivo.
- Que fiz eu, tia?
- O que fizeste já foi bastante. Vou daqui a casa de Sereny Harper como uma velha tonta, no intuito de a fazer acreditar em toda aquela história do teu sonho, e, mal lá chego, conta-me ela que tinha sabido por Joe que estiveste aqui e ouviste a conversa daquela noite. Tom, não sei o que pode acontecer a um rapaz que procede assim. Entristece-me tanto pensar que me deixaste ir ter com Sereny Harper e fazer uma figura tão ridícula, sem me dizeres uma palavra!

Este era um novo aspecto da questão. A sua esperteza da manhã parecera a Tom uma boa graça, muito engenhosa, mas agora achava-a mesquinha. Curvou a cabeça e não se lembrou de nada para responder. Só passados momentos disse:

- Tia, estou muito arrependido do que fiz mas eu não pensei.
- Nunca pensas, filho. Nunca pensas nada senão no teu egoísmo. Pudeste pensar em fazer de noite todo o caminho da ilha de Jacson até aqui, para te rires das nossas preocupações, e em me meteres a ridículo com uma mentira acerca do teu sonho. Só não pensaste em ter pena de nós e em nos evitar um desgosto.
- Agora vejo que andei mal, tia, mas não era essa a minha intenção. A sério que não era. Além disso não vim cá naquela noite para me rir de si.
- Então para que vieste?
- Vim para lhe dizer que não estivesse preocupada connosco,

porque não nos tínhamos afogado.
  - Tom! Tom! Bem queria acreditar que tivesses tido alguma vez um pensamento tão bom como esse, mas sabes perfeitamente que o não tiveste e eu também sei.
  - Tive, sim, tia, tive. Que eu nunca mais me mexa daqui se isto não é verdade.
  - Não mintas, Tom, não mintas! As mentiras agravam o caso ainda mais.
  - Não é mentira, tia, é verdade. Eu queria evitar que a tia se ralasse, foi por isso que vim.
  - Daria tudo no mundo para acreditar nisso, que me faria perdoar-te uma quantidade de maldades, Tom. Quase me alegraria de que tivesses fugido e procedido tão mal, mas não posso acreditar. Se vieste para mo dizer, porque não mo disseste?
  - Porque quando comecei a ouvi-las falar dos ofícios fúnebres me ocorreu a ideia de virmos e de nos escondermos na igreja; ora, se eu falasse, estragava-se o efeito. Por isso me calei e tornei a guardar a casca na algibeira.
  - Qual casca?
  - A casca onde escrevera que tínhamos fugido para sermos piratas. Agora até tenho pena de que a tia não acordasse quando a beijei. Palavra que tenho.
  As rugas da cara da tia desfizeram-se, e, por momentos, os seus olhos brilharam de ternura.
  - Tu beijaste-me, Tom?
  - Beijei, sim, tia.
  - Tens a certeza disso, Tom?
  - Tenho, sim, tia, a certeza absoluta.
  - Porque me beijaste, Tom?
  - Porque gosto muito de si e quando a ouvi lamentar-se tive uma grande pena.
  O pequeno parecia dizer a verdade e a tia Polly em vão quis dominar a tremura da voz quando disse:
  - Dá cá outro beijo agora, Tom, e vai já para a escola sem me ralares mais.
  Mal o rapaz saiu, a senhora correu a um armário e tirou de lá a ruína do casaco com o qual Tom tinha sido pirata. Parou, com ele na mão, e disse consigo própria:
  - Não. Não me atrevo. Coitado! Calculo que me mentiu, mas foi uma mentira piedosa e que me deu tamanha consolação!... Deus lhe perdoe!

Sei que Deus lhe perdoa, porque foi o seu bom coração que o fez mentir. No entanto, não quero ter a certeza que me mentiu. Não quero ver.
  Tornou a arrumar o casaco e ficou a meditar um momento. Por duas vezes levantou a mão para lhe pegar e duas vezes se conteve. Aventurou-se ainda uma vez, mas procurou confortar-se com esta ideia:
  - Foi uma mentira piedosa. Foi uma mentira piedosa, por isso

não quero apoquentar-me a pensar nela.
  No entanto, procurou nos bolsos do casaco e, momentos depois, acabando de ler, por entre lágrimas, o que Tom escrevera no bocado da casca, murmurou:
  - Ainda que tivesse cometido um milhão de pecados, era capaz de lhos perdoar depois disto!

20. TOM DEIXA-SE CASTIGAR EM LUGAR DE BECKY

  Na maneira como a tia Polly beijou Tom havia qualquer coisa que o fez esquecer os seus desgostos e sentir-se outra vez feliz. Foi para a escola e teve a sorte de encontrar Becky Thatcher ao cimo de Medow Lane. Tom procedia sempre segundo a disposição de momento, e, sem hesitar, correu para ela, dizendo:
  - Becky, hoje procedi mal e estou arrependido. Nunca mais, nunca mais na minha vida tornarei a ser assim. Queres fazer as pazes comigo?
  A pequena parou e olhou-o desdenhosa.
  - Agradecia-lhe muito que me deixasse em paz, Mister Thomas Sawyer. Nunca mais lhe falo.
  Então, levantou a cabeça e seguiu. Tom ficou tão admirado que só depois de se afastar lhe ocorreu a resposta que ela merecia, por isso não disse nada. Contudo, ficou desesperado e encaminhou-se para o pátio da escola lamentando que ela não fosse um rapaz, para poder dar-lhe uma sova mestra. Encontrou-a pouco depois e fez um comentário desagradável, a que a pequena respondeu com outro do mesmo teor. A zanga era completa. No seu ressentimento, pareceu a Becky que mal podia esperar que a escola recomeçasse. Sentia-se impaciente por ver a tareia que Tom ia apanhar por causa do livro de leitura manchado. Se alguma vez tinha pensado em acusar Alfred Temple, o procedimento de Tom afastara de todo essa ideia.
  Mal sabia a pobre pequena como se aproximava dela uma grande arrelia.
  O professor, Mr. Dobbins, tinha chegado a uma certa idade sem satisfazer a mais ardente das suas ambições. Queria ser médico, mas a falta de recursos decretara que não passaria de um mestre-escola de aldeia. Todos os dias, quando os pequenos não estavam a dizer as suas lições, tirava da gaveta um livro misterioso, em cuja leitura se absorvia. Costumava tê-lo fechado à chave, e todos os garotos da escola morriam de desejo de o ver,

mas nunca havia oportunidade para isso. Cada rapaz e rapariga tinha uma opinião a respeito daquilo que era o livro, mas todas essas opiniões eram diferentes e nenhum conseguia

adivinhar.

Naquele dia, ao passar junto da secretária, que ficava perto da porta, Becky reparou que estava a chave na fechadura. Era uma ocasião única. Olhou em volta, e, vendo-se só, abriu a gaveta e pegou no livro. O título do ante-rosto - Anatomia", pelo professor Fulano de Tal - era pouco elucidativo, por isso começou a folheá-lo. Em breve chegou a uma gravura, a todo o tamanho da página, representando uma figura humana completamente nua. Nesse momento uma sombra projectou-se na página. Era Tom Sawyer, que se adiantara, deitando um olhar para a gravura. Becky quis fechar o livro muito depressa, mas teve a pouca sorte de rasgar a página quase pelo meio. Atirou o livro para dentro da gaveta, deu a volta à chave e rompeu a chorar de vergonha e arrelia.

- Tom Sawyer, és o pior possível! Vieste atrás de mim para veres para onde eu estava a olhar.

- Como podia saber que estavas a olhar para alguma coisa?

- Devias ter vergonha de ser assim, Tom Sawyer; sei perfeitamente que vais acusar-me, e então que hei-de fazer? Sim, que hei-de fazer? Apanho a pancada, o que nunca me aconteceu na escola.

Pouco depois, batendo com o pé, acrescentou:

- Essa acção fica contigo! Também sei uma coisa que vai acontecer! Espera e verás. És mau, mau, mau!

E, dizendo isto, saiu a chorar.

Tom ficou calado e surpreendido por esta acusação, mas, passado um instante, disse consigo:

- Que coisa estranha é uma rapariga! Nunca apanhou pancada na escola. Disparates! Como se apanhar pancada fosse uma grande coisa. É mesmo de rapariga. São todas muito sensíveis e medrosas. É claro que não vou acusar esta pateta ao velho Dobbins, porque há muitas outras maneiras menos mesquinhas de me vingar dela. Mas, que irá passar-se? O velho Dobbins há-de perguntar quem rasgou o livro e ninguém responde. Então, faz como de costume. Pergunta a um, depois a outro, e, quando chegar à rapariga, que foi, fica logo sabendo, mesmo sem ela responder, porque a cara das raparigas denuncia-as sempre. Não tem presença de espírito. Já se vê que vai apanhar, e isso para ela é uma atrapalhação de que não pode sair.

Tom estudou o assunto ainda mais um momento, e por fim concluiu:

- Deixá-la lá! Ela gostava de me ver numa atrapalhação destas, então que se governe.

Tom foi juntar-se ao grupo de crianças que brincava lá fora. Daí a pouco chegou o professor e a escola recomeçou.

Tom não tinha grande interesse pelo estudo, e, de cada vez que relanceava um olhar para o lado das raparigas, a cara de Becky fazia-Lhe pena. Não queria compadecer-se dela, mas não podia dominar-se inteiramente. Pouco depois foi descoberto o desastre do livro de leitura, e, durante um momento, o espírito de Tom esteve absorto pelos seus próprios desgostos.

Becky pareceu despertar e interessou-se muito pelo que se passou. Não esperava que Tom se salvasse de apanhar negando ter entornado a tinta, e teve razão. A sua negativa teve como resultado agravar ainda mais o caso, mas Becky supusera que

isto lhe daria alegria e, por muito que diligenciasse convencer-se de que assim era, não estava bem certa disso. Quando as coisas chegaram ao ponto culminante, teve uma vontade enorme de se levantar e acusar Alfred Temple, mas dominou-se e ficou quieta, dizendo consigo própria:

- Ele vai acusar-me de ter rasgado a gravura do livro, por isso não digo uma palavra, nem para lhe salvar a vida!

Tom deixou-se bater e voltou para o seu lugar, sem desânimo, porque pensou que, talvez, de facto, tivesse entornado tinta no livro, sem dar por tal. Negara pro forma e porque era esse o costume, e sustentara a negativa por princípio.

Passou uma hora. O murmúrio do estudo e o calor davam uma sonolência terrível; o professor cabeceava na sua cadeira, até que, num dado momento, se endireitou, bocejou, abriu a gaveta e estendeu a mão para o livro, mas pareceu indeciso se havia de o tirar ou não. A maior parte das crianças olhava indiferente e só duas, de entre elas, observavam atentas todos os seus movimentos. Com um ar distraído, Mr. Dobbins pegou no livro, tirou-o da gaveta e acomodou-se para ler. Tom relanceou um olhar para Becky, cujo aspecto lhe lembrava o dum coelho que uma vez se vira perseguido por um caçador que lhe apontava a espingarda. Por momentos esqueceu a sua zanga. Era preciso fazer alguma coisa e rapidamente, mas a própria gravidade da situação lhe paralisava a inventiva. Teve então uma inspiração: correr agarrar no livro e fugir. Mas hesitou um momento, e a oportunidade passou, porque o professor abriu o livro. Como voltaria a tê-la outra vez? Era demasiado tarde. Já nada podia valer a Becky, dizia consigo.

Momentos depois, o professor olhou para todos, e todos baixaram os olhos. Mr. Dobbins tinha o poder de enervar mesmo os que estavam inocentes. Houve um silêncio durante o qual se poderia contar até dez. O professor sentia crescer a ira, e, por fim, resmungou:

- Quem rasgou este livro?

Não se ouviu um som. Sentir-se-ia cair um alfinete. O silêncio continuou, e o professor procurou descobrir, em todos os rostos, sinais de culpa.

- Benjamim Rogers, rasgou este livro?

Uma negativa e outra pausa.

- Joseph Harper?

Outra negativa.

O mal-estar de Tom aumentava durante estas formalidades torturantes. O professor fitou todos os rapazes, pensou um momento e começou, virando-se para as raparigas:

- Amy Lawrence?

Um movimento negativo da cabeça.

- Gracie Miller?

O mesmo sinal.

- Susan Harper?

Outra negativa. Seguia-se Becky Thatcher.

Tom tremia dos pés à cabeça, enervado pela gravidade da situação.

- Rebecca Thatcher?

Tom olhou para a cara dela, que estava branca de medo.

E o professor continuou:

- Rasgou... Não baixe os olhos, olhe para mim. Rasgou este livro?

As mãos dela erguiam-se numa prece, e uma ideia passou rapidamente pelo cérebro de Tom, que se levantou gritando:

- Fui eu que o rasguei.

Todos olharam pasmados ante esta loucura inacreditável.

Tom ficou de pé um instante para coordenar ideias, mas, quando se adiantou, para receber o castigo, a surpresa, a gratidão, a adoração que brilhavam nos olhos da pobre Becky pareceram-lhe recompensa mais do que suficiente para um cento de sovas. Animado pelo esplendor do seu próprio acto, suportou sem uma queixa a mais terrível sova que já alguma vez Mr. Dobbins tinha dado, e recebeu com a maior indiferença a ordem cruel de ficar duas horas na escola depois de os outros saírem, porque bem sabia que o esperariam lá fora até que acabasse o seu castigo. Assim, não contava aquele tempo como perdido.

Nessa noite, Tom foi para a cama projectando vingar-se de Alfred Temple, pois, envergonhada e arrependida, Becky contara-lhe tudo, sem omitir a sua própria traição; mas, em breve, até o seu desejo de vingança cedeu o lugar a pensamentos mais agradáveis, e, por fim, adormeceu tendo ouvido aquelas palavras de Becky:

- Tom, como pudeste ser tão nobre?

21. EXAMES

As férias estavam à porta. O professor, sempre severo, tornou-se mais exigente e austero do que nunca, porque queria que os alunos fizessem provas brilhantes no dia do exame. A sua vara e a sua palmatória poucas vezes paravam agora, pelo menos entre os alunos mais pequenos. Só os rapazes mais velhos e as raparigas dos dezoito aos vinte escapavam às suas tareias. Estas eram muito vigorosas, porque, embora sob o chinó ocultasse uma cabeça completamente calva, não era velho e não havia sinais de fraqueza nos seus músculos. æ medida que se aproximava o grande dia, toda a tirania que fazia parte do seu feitio vinha mais à superfície. Parecia ter um prazer vingativo em castigar as faltas mais insignificantes. A consequência disso era que os rapazes mais pequenos passavam os seus dias aterrados e a sofrerem, e as suas noites a combinarem vinganças. Não desperdiçavam as ocasiões de fazerem partidas ao mestre, mas ele triunfava sempre, pois o castigo que se seguia a cada uma dessas partidas era tão violento que os rapazes nunca deixavam de se retirar, vencidos, do campo de

batalha. Ao fim de muito conspirarem, assentaram num plano que prometia uma vitória das mais brilhantes. Chamaram para o seu grupo o filho do pintor de tabuletas, disseram-lhe do que se tratava e pediram-lhe auxílio. Ora ele tinha as suas razões para ficar encantado, porque o mestre estava hospedado em casa da família do pai e já tinha dado ao rapaz razões de sobra para o detestar. A mulher do mestre devia ir de visita ao campo dentro de poucos dias e nada o estorvaria de realizar o seu projecto. O professor preparava-se sempre para as grandes ocasiões, bebendo até ficar um pouco ébrio, e o filho do pintor prometeu que, quando ele estivesse na conta e a dormir na sua cadeira, na própria tarde do exame, trataria de tudo". Depois, acordava-o à hora certa para se pôr sem demora a caminho da escola.

Chegou por fim o grande dia. æs oito da noite a sala da escola estava brilhantemente iluminada e enfeitada com grinaldas de folhagem e flores.

O professor sentou-se na sua enorme cadeira sobre um estrado, tendo o quadro por trás dele. Estava com ar jovial. Três filas de bancos de cada lado dele e seis filas na sua frente eram ocupadas pelos dignatários da cidade e pelos pais dos alunos. æ esquerda, por trás destes senhores, havia um grande estrado provisório, onde estavam sentados os estudantes que deviam tomar parte nos exercícios da noite. Filas de rapazes pequenos, lavados e vestidos do modo mais desconfortável; filas de rapazes crescidos e desajeitados. Frisos de raparigas de várias idades, vestidas de cambraia ou de musselina, muito vaidosas dos seus braços nus, das jóias dos avós, dos laços de fita azul e cor-de-rosa e das flores que tinham no cabelo. O resto da casa estava ocupado pelos estudantes que não tomavam parte na festa.

Começaram os exercícios. Um rapazinho muito pequeno levantou-se deveras acanhado, e recitou: Mal se pode esperar de uma pessoa da minha idade que fale em público, num palco", etc. - acompanhando-se com uns gestos difíceis e desastrados, que lembravam os movimentos duma máquina escangalhada. Lá chegou ao fim sem se perder, embora cheio de medo, e teve uma salva de palmas quando acabou de fazer a sua reverência e voltou a sentar-se.

Uma rapariga muito envergonhada tartamudeou: Mary tinha um cordeirinho,, etc., curvou-se numa cortesia que fazia dó, recebeu o seu merecido quinhão de aplausos e sentou-se, corada e contente.

Tom Sawyer adiantou-se afectando uma grande serenidade, e começou com enorme fúria de gestos o inextinguível discurso: Dai-me liberdade ou antes a morte", mas parou no meio. Apossou-se dele o pavor do palco, tremeram-lhe as pernas e parecia-lhe que ia sufocar. A verdade é que toda a assistência teve pena dele, mas ficou em silêncio, o que era o pior de tudo. O mestre franziu o sobrolho, e o desastre foi completo.

Tom lutou para se dominar, mas por fim, retirou-se, completamente derrotado. Houve uma fraca tentativa de aplausos, que se extinguiram logo.

Seguiu-se O Rapaz do Convés em Chamas", depois A Descida do Assírio" e outras jóias de declamação. Então, houve exercícios

de leitura e provas de ortografia. A escassa classe de Latim fez o que lhe competia. Foi então a vez do melhor número da noite, que eram as composições originais das alunas. Cada uma por sua vez caminhava até à beira do estrado, apurava a voz, abria o seu manuscrito - que vinha atado com uma fita - e começava a ler, apurando-se muito na expressão" e na pontuação,. Os assuntos

eram os mesmos que já tinham sido tratados noutros tempos pelas mães, pelas avós e, sem dúvida, por todas as suas antepassadas desde a época das cruzadas: A Amizade,; Lembranças de Outrora"; A Religião na História"; A Terra dos Sonhos,; ,As Vantagens da Cultura"; ,Contrastes e Comparações entre Formas de Governo"; ,Amor Filial"; Anseios do Coração,; A Melancolia, etc., etc.

Um dos traços principais destas composições era a tendência para a melancolia; outra era a propensão para amontoar palavras e frases empoladas, mesmo quando vinham pouco a propósito; e o que mais especialmente as marcava e prejudicava era a intolerável frase dogmática com que todas terminavam. Fosse qual fosse o assunto, fazia-se sempre um esforço para dar ao trabalho literário um aspecto que parecesse edificante quanto à moral religiosa. Apesar da falta de sinceridade destes finais, nunca se conseguiu abolir das escolas este uso, que tem prevalecido até aos nossos dias e prevalecerá talvez até ao fim do Mundo. Em todas as escolas na nossa terra as raparigas se sentem obrigadas a terminar os seus exercícios de redacção com um dogma, e não é difícil averiguar que, quanto mais frívola e menos religiosa é uma rapariga, mais longo e exageradamente piedoso é o sermão. Mas fiquemos por aqui. A verdade acerca dos nossos é sempre desagradável. Voltemos aos exames. O primeiro trabalho lido intitulava-se: É Então Isto a Vida?, Talvez o leitor possa suportar um resumo:

Com que deliciosa emoção os espíritos jovens gozam antecipadamente uma cena festiva nos trilhos vulgares da vida! Ocupa-se a imaginação a esboçar um quadro róseo de alegria. Em pensamento, a devota da moda vê-se voluptuosamente na confusão da festa o ponto de mira de todos os olhares,. A sua figura graciosa vestida de branco rodopia no labirinto das danças alegres. Tem o olhar brilhante e o passo leve no meio da reunião animada.

Entregue a estes deliciosos pensamentos, o tempo voa e breve chega a hora encantadora em que há-de entrar naquele mundo paradisíaco que lhe inspirou os mais belos sonhos. Tudo aquilo parece um conto de fadas, do qual as cenas se vão sucedendo cada vez mais cheias de encanto. Porém, ao fim de pouco tempo, descobre que para lá daquela aparência sedutora tudo é vaidade: a lisonja que lhe deliciava a alma fere-lhe agora desagradavelmente o ouvido; o baile perdeu os encantos. Com a saúde arruinada e o coração amargurado, afasta-se então, persuadida de que os prazeres terrenos não bastam para satisfazer os anseios da alma!

E assim por aqui fora. Durante a leitura ouvia-se de vez em quando um murmúrio de aprovações, entre o qual se destacavam frases como estas: Que lindo! Que eloquente!" É bem verdade!" etc., etc. E, cada vez que acabavam de ler um trabalho, os aplausos eram entusiásticos.

Em certa altura, uma rapariga de ar triste e melancólico, com a palidez interessante, dos doentes de estômago, levantou-se para ler um trabalho do qual daremos apenas um curto extracto.

"O ADEUS A ALABAMA DE UMA DONZELA DO MISSURI" Adeus Alabama, minha querida Alabama! Tenho de te deixar e, embora não seja por muito tempo, dói-me o coração e tristes recordações turvam a minha fronte. Vagueei pelos teus bosques floridos e junto do suave Talapoosa; escutei as ondas do mar e orei junto do Coosa ao romper da aurora.

Não me envergonho, entretanto, do meu amor por ti, nem coro das lágrimas que os meus olhos derramaram; não é uma terra estranha a que eu deixo nem é por estranhos que suspiro. Foi neste Estado que nasci e onde sempre me rodearam carinhos. E ao deixar os seus vales, ao ver apagar-se no horizonte a silhueta das suas torres, bem frios seriam os meus olhos, coração e espírito, se, querida Alabama, eu não chorasse por ti.

Havia ali poucas pessoas que soubessem o que significava aquele amontoado de palavras, mas assim mesmo agradou muito.

Em seguida apareceu uma rapariga morena, de olhos e cabelos negros, que parou um momento na beira do estrado, assumiu uma expressão trágica e começou a ler, num tom solene e compenetrado:

UMA VISÃO A noite estava escura e tempestuosa. Lá no alto, em volta do trono, nem uma única estrela cintilava; mas a voz profunda do trovão vibrava constantemente, enquanto os relâmpagos aterradores se deliciavam por entre as nuvens do céu, como se escarnecessem o poder exercido sobre os seus efeitos pelo ilustre Franklin! Os próprios ventos tempestuosos saíam das

suas moradas místicas e sopravam como se quisessem ajudar a tornar a cena mais terrível.

Naquela hora, tão escura e tão triste, o meu espírito suspirou por compaixão humana, mas em lugar dela veio até mim o meu maior amigo, meu conselheiro, meu amparo e guia, minha alegria na dor, minha salvação na alegria.

Os seus movimentos eram como os desses seres que os jovens românticos fantasiam a caminhar pelas áleas cheias de sol do Paraíso, como uma rainha de beleza cujos únicos adornos fossem a sua formusura sem par. Era tão leve o seu peso, que mal se ouvia, e passaria despercebida se não fora o estremecimento mágico que comunicava a tudo onde tocava. Ao apontar os elementos em luta e mostrando os dois seres presentes, velava-lhe o rosto uma estranha tristeza, como lágrimas

geladas sobre as vestes de Dezembro." Este pesadelo ocupou umas dez páginas manuscritas e terminou com um sermão, tão contrário a todas as esperanças dos antipresbiterianos que merceu o primeiro prémio. Foi considerado este o trabalho mais brilhante da noite. Ao entregar o prémio à autora, o corregedor da aldeia fez um entusiástico discurso, no qual disse que era, sem dúvida, a coisa mais eloquente que tinha ouvido e que o próprio Daniel Webster se poderia orgulhar de o ter escrito.

Note-se de passagem que o número de trabalhos em que a palavra «formoso» se repetia a cada passo e em que se falava da experiência humana, chamando-Lhe uma página da vida,, ia além da média usual.

Então, o professor, com um ar muito jovial, afastou a cadeira, voltou as costas para a assistência e começou a desenhar no quadro o mapa da América, onde a classe de Geografia devia fazer os seus exercícios; mas tinha a mão pouco firme e desenhou mal. Ouviram-se por toda a casa risos sufocados. Sabendo a razão destes, decidiu emendar o que estava a fazer e começou a apagar as linhas e a traçá-las de novo, porém cada vez estavam mais tortas, e os risos acentuavam-se. Absorveu-se por completo no seu trabalho, decidido a não se deixar vencer pela troça. Sentiu que todos os olhos incidiam sobre ele e, embora lhe parecesse que estava a desenhar bem, os risos continuavam.

Por cima da casa havia um sótão com uma abertura perfeitamente na direcção da cabeça do professor. Por essa abertura saiu um gato suspenso por uma corda atada ao meio do corpo. Trazia um trapo amarrado no focinho, para não miar; à medida que descia procurava agarrar a corda com as unhas, e, não o conseguindo, agitava as pernas no ar. Os risos ouviam-se cada vez mais, e o gato estava já a menos de seis polegadas da cabeça do professor. Desceu mais ainda e deitou as unhas ao chinó, agarrando-o com desespero. Então, puxaram-no rapidamente para o sótão, levando consigo o seu troféu, e a luz reflectiu-se na calva do mestre, que o rapaz do pintor de tabuletas tinha dourado.

Acabou assim a festa. Estavam vingados os rapazes, e as férias iam começar.

Nota - As redacções citadas neste capítulo foram tiradas, sem alteração, de uma obra intitulada "Prosa e Poesia, por Uma Senhora do Oeste", mas são precisamente o género do trabalho usual entre estudantes, e por isso nos pareceram muito mais felizes do que uma simples imitação.

22. HUCK FINN FAZ CITAÇÕES DA BïBLIA

Tom filiou-se na nova ordem de cadetes da Temperança, cujas insígnias vistosas o atraíam. Prometeu abster-se de fumar, de

mascar e de tudo o que fosse profano, enquanto fizesse parte da ordem, mas, em breve, descobriu que basta prometer deixar de fazer uma coisa para que fazê-la nos apeteça mais do que nunca. Atormentava-o um forte desejo de beber e praguejar; este tornou-se tão intenso que só a esperança de poder mostrar-se com a sua faixa vermelha evitou que saísse da ordem.

Estava à porta do dia 4 de Julho, mas não queria esperar tanto; ainda não havia quarenta e oito horas que entrara para a ordem quando pôs as suas esperanças no velho Frazer, juiz de paz, que parecia estar no seu leito de morte e devia ter um grande funeral, visto ocupar um lugar tão importante. Durante três dias, Tom interessou-se muito pela saúde do juiz e mostrou-se ansioso por notícias. Por vezes, tudo parecia correr bem, tão bem que chegou a tirar da gaveta as suas insígnias para se ver ao espelho com elas, mas o juiz parecia hesitar; em certa altura disseram-no livre de perigo e, por fim, entrou em convalescença.

Tom sentia-se indignado e até, de certo modo, ofendido. Saiu logo da ordem, mas nessa noite ojuiz teve uma recaída e morreu. Tom resolveu então nunca mais confiar assim em ninguém.

O funeral foi muito bonito. Os cadetes mostraram-se de uma forma que parecia propositada para fazer morrer de inveja o pobre Tom. Fosse como fosse, estava livre agora, e isso já era alguma coisa. Podia beber e praguejar, mas descobriu, com grande surpresa sua, que já Lhe não apetecia uma coisa nem outra. Bastava-lhe a ideia de que o podia fazer para que imediatamente perdesse todo o encanto.

Dentro em breve apercebeu-se que as tão desejadas férias se Lhe iam tornando aborrecidas.

Tentou escrever o seu diário, mas, como não aconteceu nada de extraordinário durante três dias, abandonou a ideia.

Apareceu na aldeia o primeiro grupo de cantores negros. Fez sensação. Tom e Joe Harper arranjaram um grupo de cantores e foram felizes durante dois dias.

O próprio dia 4 de Julho falhou, de certo modo, porque choveu imenso; em consequência disso não houve cortejo, e o maior homem do Mundo - segundo Tom supunha -, Mr. Benton, um verdadeiro senador dos Estados Unidos, foi para ele uma decepção, porque não tinha nada que se parecesse com vinte e cinco pés de altura.

Apareceu na aldeia um circo e, quando este se foi embora, os rapazes brincaram aos circos durante três dias, em barracas feitas de tapetes velhos.

Esteve em seguida um hipnotizador e, quando retirou, deixou a aldeia ainda mais triste e mais só do que nunca.

Houve algumas festas de rapazes e raparigas, mas tão poucas e agradáveis que faziam parecer os intervalos ainda mais longos.

Becky Tatcher tinha ido para a sua casa de Constantinopla passar as férias com os pais, por isso não havia na vida de Tom nenhum vislumbre de animação.

O terrível segredo do crime era um tormento constante que o martirizava permanentemente.

Houve uma epidemia de sarampo.

Durante quinze dias, Tom ficou prisioneiro, morto para o mundo e para o que se passava. Esteve muito doente e desinteressou-se de tudo. Quando, por fim, pôde levantar-se e, embora fraco, andar pela aldeia, achou tudo e todos muito mudados. Tinha havido um renascimento de crença e toda a gente havia enveredado pela religião, não só as pessoas crescidas, mas até os rapazes e as raparigas. Tom continuou a vaguear por ali, sempre na esperança de encontrar algum rosto de pecador, mas as decepções sucediam-se. Encontrou Joe Harper a ler a Bíblia, e afastou-se com tristeza daquele espectáculo que o deprimia.

Procurou Ben Rogers, que andava a visitar os pobres e a distribuir papéis com passagens da Bíblia. Dirigiu-se a Jim Hollis, que chamou a atenção para a preciosa bênção do último sarampo, que viera como um aviso. Todos os rapazes com quem falou Lhe deram razões para se sentir desgostoso, e, quando, já desesperado, procurou abrigo junto de Huckleberry Finn e este o recebeu citando um versículo da Bíblia, desanimou. Vagarosamente, voltou para casa e para a cama, percebendo então que estava só e que era de

toda a aldeia o único perdido para sempre.

Nessa noite houve uma tempestade terrível, com muita chuva, trovões e relâmpagos. Cobriu a cabeça com a roupa e esperou aterrado que se cumprisse a sua sentença, porque não tinha sombra de dúvida de que todo aquele barulho era por sua causa. Julgava ter abusado até ao extremo da clemência dos altos poderes e que tudo aquilo era o resultado. Podia-se ter lembrado que era demasiada pompa e gasto de munições uma descarga de artilharia para matar um bicho pequenino, mas não lhe pareceu disparatada uma trovoada assim para esborrachar um insecto como ele próprio.

Pouco a pouco, a tempestade afastou-se, sem ter cumprido o seu objectivo, e o primeiro impulso do rapazinho foi dar graças e emendar-se. Mas o segundo foi esperar, porque talvez não houvesse mais tempestades.

No dia seguinte vieram outra vez os médicos. Tom recaía. As três semanas que passou na cama, dessa vez, pareceram-Lhe intermináveis. Quando pôde levantar-se, sentiu-se pouco grato por ter escapado, pois lembrava-se bem como estava só e abandonado pelos companheiros. Desceu à rua e viu Jim Hollis a fazer de juiz num tribunal onde se julgava um gato por crime de assassínio, estando presente e vítima, um pássaro. Encontrou Joe Harper e Huck Finn num caminho, a comerem um melão roubado. Pobres rapazes! Tal como Tom, tinham tido uma recaída!

23. A SALVAÇÃO DE MUFF POTTER

Por fim, a atmosfera sonolenta da aldeia agitou-se, e agitou-se vigorosamente: ia ser julgado o assassino. Este julgamento tornou-se assunto de todas as conversas, e Tom não conseguia abstrair-se dele. Sempre que ouvia qualquer referência ao caso, sentia-se arrepiado, pois o seu receio e a sua consciência pouco tranquila quase o persuadiam de que mencionavam o assunto na sua frente para tactearem o terreno; não podia perceber como suspeitavam de que soubesse qualquer coisa acerca do crime, mas, apesar disso, sentia-se pouco à vontade quando assistia a essas conversas, que Lhe faziam arrepios.

Um dia combinou com Huck encontrarem-se num lugar solitário, para conversarem, persuadido de que Lhe seria um grande alívio conversar com alguém a respeito do seu segredo, repartindo assim com outrem as suas ralações. Além disso, queria assegurar-se da discrição de Huck.

- Huck, disseste alguma coisa a alguém a respeito... daquilo?
- A respeito de quê?
- Bem sabes de quê.
- Ah! É claro que não.
- Nem uma palavra?
- Nem uma palavra! Assim Deus me ajude. Porque perguntas isso?
- Porque estava com medo.
- Mas, Tom Sawyer, bem sabes que não viveríamos nem dois dias depois de o caso constar. Não pensaste nisso?

Tom sentiu-se mais descansado e, passados momentos, tornou:

- Huck, ninguém conseguiria fazer-te dizer, pois não?
- Fazer-me dizer? Se eu dissesse era o bastante para que o mestiço me afogasse. Não escapava, com certeza.
- Bem, já estou mais descansado. Também calculo que, calando-nos, estamos salvos. Mas talvez fosse melhor jurarmos outra vez.

Está bem, concordo.

Assim, juraram de novo, rodeando o caso de solenidades terríveis.

- O que dizem por aí, Huck? Parece que não se fala noutra coi sa.
- Eu, por mim, só ouço falar de Muff Potter, Muff Potter, Muff Potter. Faz-me suar constantemente e dá-me vontade de me esconder num buraco qualquer.
- É tal qual o que sucede comigo. Calculo que é um homem liquidado, mas tenho pena dele. Tu não tens?
- Claro que tenho. Ninguém o defende, e, no entanto, nunca

fez mal a ninguém. Gostava de pescar, quando apanhava dinheiro embebedava-se e vadiava por aí. Mas na verdade todos fazem o mesmo. Pelo menos, a maior parte das pessoas, até as que pregam mais. Mas não é mau. Um dia deu-me metade de um peixe que mal chegava para ele, e muita vez me defendeu quando eu andava com pouca sorte.

- A mim consertou-me muitas estrelas de papel e prendia-me os anzóis à linha. Gostava bem de o livrar desta!

- Também eu, mas não podemos fazer nada, Tom. Além disso, ainda que o ajudássemos a sair da cadeia, de pouco serviria, porque o agarravam outra vez.

- Isso é verdade. Mas não posso ouvir acusarem-no dessa maneira, quando afinal não foi ele que... fez aquilo.

- Estás como eu, Tom, mas a verdade é que todos dizem que ele é o mais sanguinário vilão destes sítios, e admiram-se de que nunca o tenham enforcado.

- Dizem isso, dizem. E também já ouvi que, se fosse posto em liberdade, o linchavam.

- E lincham.

Os dois rapazes conversaram assim longamente, mas nem por isso se sentiram melhor. Ao anoitecer estavam perto da pequena prisão isolada, talvez com uma vaga esperança de que acontecesse alguma coisa que os livrasse de dificuldades. Mas não aconteceu nada. Parecia não haver anjos nem fadas que se interessassem pelo infeliz prisioneiro.

Os rapazes fizeram como faziam sempre. Foram junto das grades da prisão e deram a Potter algum tabaco e fósforos. Ele estava no rés-do-chão e não havia guardas.

A gratidão do preso pelos presentes deles sempre Lhes despertara escrúpulos de consciência, mas naquele dia mais do que nunca. Sentiram-se cobardes e traidores ao último ponto, quando Potter disse:

- Rapazes, vocês têm sido muito bons para mim. Têm sido melhores do que ninguém na aldeia, e não esqueço isso. Muitas vezes digo com os meus botões: costumava remendar as estrelas de papel a todos os rapazes da aldeia e dizer-lhes quais eram os melhores lugares para pescar; agora que o velho Muff se vê em trabalhos, nenhum se lembra dele, mas Tom e Huck não o esqueceram. Da mesma maneira também os não esqueço. Olhem, rapazes, fiz uma coisa terrível num momento em que estava bêbedo - é a única explicação que encontro - e agora vou ser enforcado. É justo... justo e é o melhor que me pode acontecer, naturalmente. Mas não quero falar-Lhes nisto, para não os entristecer. Só quero dizer-Lhes que nunca se embebedem, para não passarem o que eu tenho passado, nem virem aqui parar. Afastem-se um bocadinho para eu os ver. É uma consolação ver caras amigas quando se está infeliz e não vem aqui ninguém senão vocês. Caras amigas! Caras amigas! Trepem às costas um do outro para poder fazer-Lhes uma festa. Assim, agora um aperto de mão. A mão de qualquer de vocês pode entrar pelas grades, mas a minha é grande demais e não cabe. Mãos pequenas e fracas, mas que têm ajudado Muff Potter, e o ajudariam mais se pudessem.

Tom sentia-se infelicíssimo quando foi para casa, e nessa noite teve sonhos horríveis. Nos dias seguintes não se afastou

do tribunal; sentia um desejo irresistível de entrar, mas conseguiu dominar-se. Huck estava como ele. Faziam tudo para se evitar um ao outro, e cada um deles vagueava por seu lado, mas a mesma atracção triste os obrigava a voltar ali. Tom escutava atento o que diziam os que saíam do tribunal, mas as notícias eram tristes e as provas contra Muff Potter iam-se agravando.

No fim do segundo dia, toda a gente na aldeia falava acerca do efeito exercido pelos depoimentos firmes de Injun Joe, e ninguém duvidava já do que o júri resolveria.

Nessa noite, Tom andou por fora até muito tarde e, quando foi deitar-se, saltou pela janela. Ia num estado de agitação tremendo e levou horas para adormecer. No dia seguinte toda a população da aldeia estava reunida em volta do tribunal, pois ojulgamento devia realizar-se nesse dia. Ambos os sexos estavam ali representados e, depois de uma longa espera, o júri apareceu e tomou os seus lugares; pouco depois trouxeram Potter, pálido, desvairado, tímido e triste; sentaram-no num lugar onde todos os curiosos pudessem vê-lo bem. Injun Joe, impassível como sempre, ocupou um lugar

em que ficava tanto à vista como ele. Depois de outra pausa, chegou o juiz, e o xerife disse que estava aberta a audiência. Houve os costumados segredos entre os advogados e uma troca de papéis. Estes pormenores e as demoras subsequentes prepararam uma atmosfera impressionante.

Foi chamada então uma testemunha, que afirmou ter encontrado Muff Potter a lavar-se no ribeiro, na manhã em que o crime fora descoberto, e que ele se afastara imediatamente.

Depois de algumas perguntas mais, a acusação perguntou à defesa se queria interrogar a testemunha.

O acusado levantou os olhos por um momento, mas logo os baixou ao ouvir o seu advogado dizer:

- Não tenho perguntas a fazer.

A testemunha que se seguiu confirmou que a navalha fora encontrada junto do cadáver. De novo a defesa se recusou a interrogar a testemunha. A terceira testemunhajurou que vira muitas vezes a navalha na mão de Potter. Também esta a defesa não quis interrogar. Os rostos dos presentes começavam a mostrar certa indignação. Quereria aquele advogado deixar perder a vida ao seu constituinte sem fazer o mais leve esforço para a salvar?

Várias testemunhas falaram do procedimento condenável de Potter quando o tinham levado ao local do crime, a nenhuma delas a defesa fez perguntas. Todos os pormenores do que se passara no cemitério, naquela manhã, dos quais ninguém se esquecera, foram contados no tribunal por pessoas dignas de crédito, mas nenhuma foi interrogada pelo advogado de Potter. A surpresa e descontentamento de toda a assistência começavam a manifestar-se em murmúrios e provocaram censuras por parte dos juízes. Até que, em certa altura, a acusação disse:

- Pelo juramento dos cidadãos, cuja palavra está acima de

todas as suspeitas, julgamos este crime provado e irremissível a condenação do preso.

Dos lábios de Potter saiu um gemido.

O pobre homem tapou a cara com as mãos, agitando vagarosamente o corpo para um lado e para outro, enquanto um silêncio doloroso reinou na sala de audiência. Muitos homens se comoveram e a compaixão das mulheres manifestou-se.

Então, o advogado de defesa levantou-se e disse:

- Senhor doutor juiz, por aquilo que disse quando principiou o julgamento, deixei perceber a minha intenção de demonstrar que o meu constituinte praticara o crime sob a influência do álcool, mas mudei de ideias e já não será esse o argumento da minha defesa.

Então, dirigindo-se ao escrivão, ordenou:

- Chame Thomas Sawyer.

O rosto de todos os presentes mostrou a maior surpresa. O próprio Potter não escondeu o seu espanto. Todos os olhares se fitaram em Tom quando este se levantou e foi tomar o seu lugar. Via-se que estava intimidado. Apesar disso, fez o seu juramento.

- Thomas Sawyer, onde estava no dia 17 de Junho, cerca da meia-noite?

Tom relanceou um olhar para Injun Joe e não pôde falar. Todos escutavam muito atentos, mas as palavras não vinham. No entanto, passados momentos, o rapaz conseguiu recobrar coragem e dizer de maneira que algumas pessoas o ouvissem:

- No cemitério.

- Um pouco mais alto, por favor. Não esteja assustado. Estava então... - No cemitério. Um sorriso perpassou pelos lábios de Injun Joe. - Estava perto da sepultura de Horse Williams? - Sim, senhor doutor. - Veja se pode falar um poucochinho mais alto. A que distância estava?

- Tão perto como estou agora do senhor doutor.

- Estava escondido ou não?

- Estava escondido.

- Onde?

- Por trás dos ulmeiros que ficam à beira da sepultura.

Injun Joe teve um estremecimento quase imperceptível.

- Estava alguém consigo?

- Estava, sim, senhor doutor. Fui lá com...

- Espere, espere um instante. É melhor não mencionar o nome do seu companheiro até que chegue a altura de ele aparecer. Levava alguma coisa consigo?

Tom não respondeu e pareceu confuso.

- Fale, meu rapaz. Não esteja acanhado. A verdade é sempre respeitável. O que ia lá levar?

- Só um... um gato morto.

Houve um sussurro de risos logo sufocados.

- Mostraremos em breve o esqueleto desse gato, mas, agora, meu rapaz, diga-nos tudo o que se passou. Conte-nos as coisas

como souber, mas não omita nada e não tenha receio.
Tom começou a falar. A princípio mostrou-se hesitante, porém, à medida que se ia entusiasmando com o assunto, as palavras afluíam, e, daí a momentos, não se ouvia o mais leve ruído além da sua voz. Toda a assistência estava com os olhos nele; de boca entreaberta e a respiração apressada, escutava-o, suspensa das suas palavras, sem dar pelo tempo, absorta na fascinação do que ouvia. Mas a emoção crescente chegou ao auge quando o rapaz disse:
- ... e quando o doutor pegou na tabuleta e a descarregou sobre Potter, Injun Joe, de navalha em punho, saltou e...
Rápido como um relâmpago, o mestiço correu para a janela, afastou os que quiseram opor-se e fugiu.

24. DIAS MARAVILHOSOS E NOITES DE PAVOR

Uma vez mais, Tom estava transformado num herói, acarinhado pelos mais velhos e invejado pelos da sua idade. O seu nome foi tornado imortal pela Imprensa, porque o jornal da aldeia o elogiou e houve quem acreditasse que, se ele escapasse à forca, viria um dia a ser presidente.
O mundo, volúvel e inconsequente, começou a acarinhar Muff Potter tão generosamente quanto o tinha insultado até então, mas, como essa espécie de conduta só pode tender a honrar o mundo, não vale a pena criticá-lo por isso.
Os dias de Tom eram esplendorosos e alegres, mas as noites passava-as ele aterrado. Injun Joe aparecia-lhe em todos os seus sonhos e sempre com um olhar que o condenava. Mal anoitecia, não havia tentação, por mais forte, que o levasse a afastar-se de casa.
O pobre Huck estava no mesmo estado de tristeza e medo, pois Tom, na véspera do dia do julgamento, tinha contado a história ao advogado de Potter,e Huck estava apavorado com a ideia de que a parte tomada por ele viesse a saber-se, apesar de a fuga de Injun Joe o ter livrado de depor no julgamento: Na verdade, o infeliz rapaz tinha pedido ao advogado que guardasse segredo do caso, mas de que servia isso? Desde que a consciência aflita de Tom o tinha levado a procurar o advogado para Lhe dizer coisas de que jurara da mais solene maneira guardar segredo, a confiança de Huck na raça humana estava muito abalada.
De dia a gratidão de Muff Potter fazia a felicidade de Tom, que estava satisfeito por ter falado, mas de noite arrependia-se de não ter sabido calar-se.
Parte do tempo Tom receava que Injun Joe nunca chegasse a ser preso e a outra metade receava que o fosse. Estava certo de que não voltaria mais a respirar livremente enquanto aquele homem não morresse e ele visse o cadáver.

Ofereceram-se prémios, procurou-se por toda a região, mas Injun Joe não apareceu. Veio de São Luís uma dessas maravilhas extraordinárias que se chama um detective", fez pesquisas, sacudiu a cabeça, tomou ares de sábio, e conseguiu aquela coisa maravilhosa que alcançam por vezes os da sua profissão, e que é encontrar uma pista. Mas como uma pista não pode ser enforcada pelo crime de assassínio, acabado o seu trabalho, o detective" voltou para a cidade, e Tom sentiu-se tão pouco seguro como dantes.

Os dias arrastavam-se devagar, e cada um que passava aliviava, quase de uma forma imponderável, o peso da sua apreensão.

25. EM BUSCA DE UM TESOURO ENTERRADO

Formalmente, na vida dos rapazes há uma época em que estes desejam com ardor ir à busca de um tesouro escondido. Este desejo também um dia assaltou Tom, que logo procurõu Joe Harper, mas foi mal sucedido. Em seguida, foi a vez de Ben Rogers, que tinha ido pescar. Encontrou-se então com Huck Finn, o Mãos Sangrentas. Huck queria, com certeza, Tom levou-o então a um certo lugar e fez-lhe confidências. Huck ficou encantado. Huck ficava sempre encantado com qualquer empreendimento que servisse de distracção e não exigisse capital, porque tinha invariavelmente uma terrível superabundância dessa espécie de tempo que não é dinheiro".

- Onde vamos nós procurar? - perguntou Huck.
- Em qualquer sítio.
- O quê? Há assim riquezas escondidas por todos os lados?
- Claro que não. Estão escondidas em certos e determinados lugares, Huck. Umas vezes em ilhas e outras em arcas apodrecidas por baixo do extremo da raiz de uma velha árvore, mesmo no ponto onde dá a sombra dela à meia-noite, mas a maior parte das vezes debaixo do sobrado das casas assombradas.
- Quem as esconde lá?
- Ladrões! Quem querias tu que fosse? Os prefeitos da escola de doutrina - Sei lá! Se fossem minhas, não as escondia, gastava-as e passava boa vida.
- Também eu, mas os ladrões não pensam assim, por isso as escondem e as deixam lá.
- E não voltam mais à procura?
- Não. Pensam sempre que hão-de voltar, mas em geral esquecem-se dos sinais ou morrem. De uma maneira ou de outra, as coisas ficam ali enterradas até que enferrujam; passado tempo, alguém acha um papel velho e

amarelado onde se explica quais são os sinais, um papel que leva quase uma semana a decifrar, porque todo ele são sinais e hieróglifos.

- Hieró quê?

- Hieróglifos. Desenhos e riscos que parecem não significar coisa nenhuma.

- Tens alguns desses papéis, Tom?

- Não.

- Mas então como é que vamos procurar os sinais?

- Não precisamos de nenhuns sinais. Eles enterram sempre riquezas debaixo de uma casa assombrada, numa ilha ou debaixo da raiz desenterrada de uma árvore seca. Já procurámos na ilha de Jackson e ainda podemos lá voltar outra vez. Agora temos a casa assombrada no caminho de Still House e muitas raízes de árvores secas.

- E há coisas enterradas debaixo de todas?

- Não. Sempre tens ideias!

- Então, como havemos de saber debaixo de qual delas é?

- Procurando em todas.

- Oh! Tom, mas isso vai levar o Verão inteiro!

- E que mal faz? Se encontrares uma panela de folha com cem dólares lá dentro, ou uma arca cheia de diamantes, que tal te parece?

Os olhos de Huck brilharam.

- Parece-me da primeira ordem! Pelo menos para mim. Dá-me só os cem dólares, que não quero diamantes.

- Está bem. Mas olha que os diamantes também não são para desperdiçar. Há uns que valem vinte dólares, embora outros não valham tanto.

- Palavra? Isso é possível?

- Certamente que é, qualquer pessoa te dirá o mesmo. Nunca viste nenhum, Huck?

- Que me lembre, não.

- Eh! Os reis têm montões deles!

- Eu nunca vi reis, Tom.

- Sim, calculo isso. Mas, se fosses à Europa, havias de vê-los ali a saltar. - Eles saltam? - Saltam? Palerma! Não. - Então para que disseste que saltavam? - Oh! homem, pois não vês que é uma maneira de dizer? Para que haviam de saltar? Quando disse a saltar queria dizer que havias de ver muitos à tua volta. Tal como esse velho corcunda chamado Ricardo.

- Ricardo quê? Que mais se chama ele?

- Não se chama mais nada. Os reis só têm o nome que lhes dão.

- Sério?

- Sério.

- Se gostam assim, deixá-los lá! Mas eu não gostava de ser rei e ter o nome que me quisessem pôr, exactamente como se fosse um preto. Olha, onde vamos nós cavar agora a seguir?

- Não sei, mas talvez pudéssemos ir à raiz daquela árvore seca no caminho de Still House. Que te parece?

- Acho bem.

Assim, com uma picareta torcida e uma pá ferrugenta, puseram-se os dois a caminho, dispostos a andarem umas boas

três milhas.
  Mal chegaram, ofegantes e cheios de calor, atiraram-se para a sombra de um ulmeiro próximo, para descansarem e fumarem um bocado.
  - Gosto disto! - disse Tom.
  - Também eu! - concordou Huck.
  - Ouve lá, Huck, se achássemos aqui muito dinheiro, que farias tu com o teu quinhão?
  - Todos os dias comia empadão e bebia um copo de socta; além disso ia a todos os circos que por aí aparecessem. Ia ter uma rica vida, deixa lá!
  - E não guardavas dinheiro nenhum?
  - Guardar dinheiro para quê?
  - Para ter com que viver mais tarde.
  - Não valia a pena. Qualquer dia aparecia aí o meu pai, deitava-lhe a unha e aquilo era um ar, se eu não o gastasse antes disso. E tu que farias Tom?
  - Compro um tambor novo, uma espada verdadeira, uma gravata encarnada e um cachorro. Depois caso-me.
  - Casas-te?
   - Pois.
  - Oh! Tom tu... tu não estás bom da cabeça!
  - Espera e verás.
  - Pois será assim, mas é a coisa mais parva que podes fazer. Vê lá tu o meu pai e a minha mãe. Sempre à bulha! Lembro-me disso perfeitamente.
  - Isso não quer dizer nada. A rapariga com quem me vou casar não é

pessoa para andar à bulha.
  - Também calculo que não são todas iguais, Tom, mas, seja como for, sempre é uma responsabilidade. Pensa bem nisto. Se o digo é para teu governo. Como se chama a rapariga.
  - Rapariga não; é uma menina.
  - Calculo que é a mesma coisa. Uns dizem rapariga, outros dizem menina, e tanto uns como outros têm razão.
  - Hei-de dizer-te um dia, mas hoje não.
  - Está bem, está combinado. O pior é que se te casas fico ainda mais só do que até aqui.
  - Não ficas, porque vais viver comigo. Mas agora vamos trabalhar.
  Trabalharam e suaram, sem resultado, durante meia hora. Depois, trabalharam ainda outra meia hora, também sem resultado, até que, por fim, Huck disse:
  - Eles enterram sempre o dinheiro num buraco tão fundo?
  - Sempre não. æs vezes. No entanto calculo que tornámos a enganar-nos.
  Escolheram então um outro lugar e recomeçaram. Embora devagar, o trabalho lá ia progredindo, e os dois rapazes conservaram-se em silêncio durante algum tempo, mas, em certa altura, Huck encostou-se ao cabo da enxada, enxugou com a

manga as gotas de suor da testa, e disse:
- Onde vamos nós cavar quando acabarmos aqui?
- Calculo que talvez seja melhor procurarmos junto da árvore grande, lá em cima no monte Cardiff, por trás da casa da viúva.
- Também me parece que deve ser boa ideia, mas não quererá a viúva tirar-nos o dinheiro, visto o terreno ser dela?
- Tirar-nos o dinheiro? Ela que experimente, a ver o que Lhe acontece. Quando alguém acha um tesouro escondido, tem direito a ficar com ele, seja de quem for o terreno onde o encontrou.

Satisfeitos com esta conclusão, continuaram a trabalhar, mas, passados momentos, Huck disse:
- Oh! Diabo! Devemos estar outra vez enganados. Que achas, Tom?
- É curioso, parece-me que já sei porque é. æs vezes as bruxas metem-se no caso e talvez a dificuldade venha daí.
- Olha o disparate! As bruxas não têm poder durante o dia.
- Tens razão. Não me lembrava disso. Agora é que já sei porque é. Só devíamos ter começado a cavar depois de vermos onde dava a sombra à

meia-noite. Que dois parvos que nós somos!
- E andámos nós a trabalhar à toa durante todo este tempo! O que temos a fazer é voltar à noite, apesar de ser um bocado longe. Podes sair?
- Suponho que sim. Acho que é melhor fazermos isso hoje, porque, se alguém vir aqui as ferramentas e os buracos, percebe facilmente de que se trata e rouba-nos o dinheiro.
- Pois fica combinado que passo pela tua casa logo à noite, e mio.
- Então agora vamos esconder as ferramentas naqueles arbustos.

Mais ou menos à hora combinada, os dois rapazes chegaram junto da árvore e sentaram-se uns momentos à espera. O lugar era solitário e a hora cheia de tradições.

Os espíritos segredavam por entre a folhagem, havia fantasmas emboscados nos recantos, e, ao longe, ouviu-se o uivo de um cão, ao qual respondeu um mocho, na sua voz sepulcral. Os dois rapazes estavam oprimidos pela solenidade da ocasião, e pouco falavam. Quando julgaram ter chegado a meia-noite, marcaram o lugar onde a sombra dava e começaram a cavar, animados e cheios de esperança.

Estavam interessadíssimos e trabalhavam activamente. æ medida que a cova se ia tornando mais funda, os seus corações batiam mais acelerados e pareciam saltar de cada vez que as ferramentas batiam em qualquer coisa. Mas era sempre uma nova decepção, porque o que encontravam não passava de uma pedra ou de um tronco ressequido. Num dado instante, Tom disse:
- Ainda desta vez não acertámos, Huck.
- Como pode isso ser? Marcámos sem o mais pequeno desvio o lugar onde dava a sombra.
- É certo, mas há ainda outra coisa.

- O que é?
- Calculámos a hora, mas podemos ter errado, embora com pequena diferença.

Huck deixou cair a pá.

- Aí é que está! Essa é que deve ser a coisa. Temos de desistir desta. Não podemos saber a hora certa e além disso é horrível estar aqui a esta hora da noite, com fantasmas e feiticeiras à nossa volta. Parece-me ter sempre alguém atrás de mim, mas tenho medo de me virar, porque podem estar outros na minha frente à espera de uma oportunidade. Desde que cheguei tenho estado sempre arrepiado.

- Também eu, Huck. Muitas vezes enterram, com o dinheiro, um homem morto, para o guardar.
- Oh! Céus!
- É assim mesmo. Toda a vida ouvi isto.
- Sabes, Tom, não gosto de andar por sítios onde há gente morta. Podemos meter-nos em trabalhos.
- Também não gosto disto. Imagina se este daqui levantasse a cabeça e nos dissesse alguma coisa!
- Oh! Tom, cala-te. Era horrível.
- Pois era, Huck. Tal como a ti, não me agrada pensar nisso.
- Olha, Tom, se puséssemos esta árvore de parte e experimentássemos noutro sítio?
- Pode ser. Acho que é melhor.
- Onde?

Tom pensou uns instantes e disse por fim:

- Na casa assombrada.
- Oh! Diabo! Não gosto nada de casas assombradas, Tom! Ainda é pior que ao pé dos mortos. Os mortos podem falar, é certo, mas não andam à nossa volta amortalhados, saindo de onde menos se espera, nem vêm espreitar por cima do nosso ombro, rangendo os dentes, como fazem os fantasmas. Eu não podia suportar uma coisa dessas, Tom. Nem eu nem ninguém.
- Mas os fantasmas só andam de noite, por isso, se formos de dia, não nos estorvam de trabalhar.
- Tens razão. Mas sabes perfeitamente que ninguém vai à casa assombrada, nem de dia nem de noite.
- Porque ninguém gosta de ir ao lugar onde um homem foi assassinado, mas ainda não se viu nada na casa senão de noite, e mesmo de noite, o que é que se tem visto? Umas luzes azuladas que passam por trás das janelas, mas isso não são fantasmas a valer.
- Não são fantasmas? Tu não sabes, Tom, que onde se vêem essas luzes há fantasmas, com certeza, visto que só fantasmas se servem delas. Isto mete-se pelos olhos dentro.
- Concordo. Mas, como nem as luzes nem os fantasmas aparecem de dia, porque havemos nós de ter medo?
- Pois sim, está combinado que vamos procurar o tesouro na casa assombrada, embora ache que é um bocado arriscado.

Quando a conversa chegou a este ponto, já os dois rapazes

iam descendo a colina. Lá em baixo, no vale, iluminado pelo luar, estava a casa assombrada com as grades partidas havia muito, as ervas invadindo até os degraus da escada, a chaminé esboroada, os caixilhos das janelas quebrados, um canto do telhado arrombado.

Os rapazes olharam por momentos, quase persuadidos de que veriam passar luzinhas azuis por trás das janelas, mas logo, falando em voz baixa, como convinha àquela hora e naquelas circunstâncias, cortaram para a direita e deitaram a correr, deixando para trás a casa assombrada, e meteram pelos bosques do monte Cardiff, a caminho da aldeia.

26. LADRÕES DE CARNE E OSSO ROUBAM O TESOURO

No dia seguinte, perto do meio-dia, os rapazes chegaram junto da árvore seca, para levarem as ferramentas. Tom estava ansioso por chegar à casa assombrada, e Huck também, mas, de repente, disse:

- Olha lá, Tom. Sabes que dia é hoje?

Mentalmente, Tom fez conta dos dias da semana, e logo, fitando o outro com ar admirado:

- Nem tal coisa me passou pela ideia.
- Eu também só agora me lembrei que é sexta-feira.
- É preciso termos cuidado, Huck. Podíamos meter-nos num sarilho, se começássemos um trabalho destes à sexta-feira.
- Podíamos! Metíamo-nos, com certeza. Há dias felizes, mas sexta-feira não é, por certo.
- Isso sabe-se. Calculo que não foste tu quem o descobriu.
- Também não disse que tinha sido, ou disse? Mas, além de ser sexta-feira, tive um sonho terrível esta noite. Sonhei com ratos.
- Sério? São trabalhos. Estavam à bulha?
- Não.
- Ainda bem, Huck. Porque, se não estavam à bulha, é sinal que há trabalhos à nossa volta, e, assim, o que temos a fazer é acautelarmo-nos, para nos livrarmos deles. Pomos esta coisa de parte por hoje e vamos brincar. Conheces Robin Hood, Huck?
- Não. Quem é Robin Hood?
- Era um dos maiores homens que existiram em Inglaterra. Era o melhor. Era um ladrão.
- Quem me dera ser ele! A quem é que ele roubava?
- Xerifes, bispos, gente rica, reis e outros assim. Mas nunca fazia mal aos pobres. Estimava-os e dividia com eles igualmente o produto dos seus roubos. - Devia ser um companheirão!
- E era, sim, Huck. Era o homem mais nobre que havia. Agora já não há disso, garanto. Com uma das mãos atrás das costas podia sovar qualquer outro homem; com o seu arco de teixo era capaz de furar uma moeda de cobre a milha e meia de distância.

- Que é um arco de teixo?
- Não sei. Deve ser uma certa qualidade de arco. E quando não acertava na moeda, gritava e praguejava. Vamos brincar ao Robin Hood? É tão divertido! Eu ensino-te.
- Está combinado.

Brincaram toda a tarde ao Robin Hood, deitando de vez em quando um olhar de cobiça para a casa assombrada e fazendo qualquer observação acerca dos projectos do dia seguinte e da possibilidade de os realizarem.

Quando o sol começou a descer, puseram-se a caminho de casa, através das sombras das árvores, e em breve desapareceram pela floresta do monte Cardiff.

No sábado, pouco depois do meio-dia, encontraram-se de novo junto da árvore seca. Fumaram, conversaram à sombra e, por fim, resolveram cavar mais um bocado no último buraco que tinham aberto, na véspera; não porque tivessem esperança de encontrar alguma coisa, mas simplesmente porque Tom disse serem frequentes os casos em que tinham sido abandonados tesouros no momento em que estavam a duas polegadas, e que outros depois os tinham encontrado na primeira pazada de terra.

Ainda desta vez as pesquisas falharam, mas os rapazes saíram dali com a ferramenta ao ombro, sentindo que não tinham brincado com a sorte e antes tinham cumprido todos os preceitos inerentes à profissão dos que andam em busca de tesouros.

Quando chegaram à casa assombrada, havia ali um silêncio de morte, que na solidão imensa do desolado lugar Lhes fez recear, por momentos, o risco de entrarem.

Passados uns instantes de hesitação, chegaram até à porta e espreitaram. Viram o chão já sem sobrado invadido pelas ervas, as paredes com o estuque esburacado, a escada meio desfeita, as janelas sem caixilhos, e, a um canto, uma chaminé; por todos os lados pendiam teias de aranha esfarrapadas e cobertas de poeira. Momentos depois, entravam, devagarinho e com o coração a bater fortemente; falavam em segredo e apuravam o ouvido para os mais leves ruídos, retesando os músculos, na ideia de fugirem ao

primeiro alarme.

Mas, daí a pouco, já familiarizados com o lugar, sentiam que o medo dera a vez a uma curiosidade cheia de interesse e, admiradíssimos, pensavam na sua audácia. Em seguida lembraram-se de ir ao andar de cima. Dali, a fuga era mais difícil, se não impossível, mas começaram a meter-se em brios um ao outro, e isto só podia ter um resultado. Puseram as ferramentas num vão e subiram.

Em cima havia os mesmos sinais de ruína. A um canto descobriram um armário com ar misterioso, mas tiveram uma decepção, pois não havia nada lá dentro. Estavam já cheios de coragem e decididos a voltarem para baixo, para começarem a

trabalhar, quando Tom disse, pondo um dedo nos lábios:
- Escuta! Não faças barulho.
- Que é? - perguntou Huck, pálido de medo.
- É ali. Não ouves?
- Ouço. Fugimos?
- Cala-te! Não te mexas. Não percebes que se encaminham para a porta?

Os dois rapazes estenderam-se no chão, aproximando os olhos dos nós da madeira no sobrado, e, cheios de receio, puseram-se à espera.

- Passaram. Não, parece que se aproximam. Ali estão eles. Não digas nem mais uma palavra, Huck. Quem me dera estar fora daqui!

Entraram dois homens, e cada um dos rapazes disse consigo:

- É o velho espanhol surdo-mudo, que ultimamente tem vindo à aldeia uma ou duas vezes. O outro é que não sei quem é! Nem me lembro de o ter visto.

Esse outro vinha com o fato roto e tinha uma cara bastante desagradável. O espanhol vinha embrulhado numa capa, tinha suíças brancas e emaranhadas e trazia na cabeça um chapéu de abas largas, por baixo do qual lhe saía o cabelo branco e comprido. Vinha de óculos verdes. Quando entraram, o outro" falava em voz baixa; sentaram-se ambos no chão, de frente para a porta e encostados à parede, e, o outro continuou a falar, mas agora já mais à vontade e com mais clareza.

- Não sei - dizia ele -, pensei muito no caso e acho que é perigoSO.
- Perigoso! - resmungou o surdo-mudo" com grande surpresa dos dois pequenos. - És um medroso.

Esta voz fez tremer de medo os rapazes, que reconheceram nela a de Injun Joe.

Houve um silêncio de alguns instantes, e Joe continuou:

- Queres alguma coisa mais perigosa do que aquele caso de lá de cima? E no entanto não teve consequências.
- É muito diferente. Fica para lá do rio e não há outra casa ali perto. Se não formos bem sucedidos, nunca se virá a saber das tentativas que fizermos.
- E haverá alguma coisa mais perigosa do que a nossa vinda aqui à luz do dia? Qualquer pessoa que nos visse podia suspeitar de nós.
- Bem sei. Mas não havia outro lugar mais à mão em seguida àquele negócio imundo. Estou desejando ver-me livre deste pardieiro. Já ontem queria ter tratado deste assunto, mas pareceu-me inútil tentar sair daqui com aqueles malditos rapazes a brincarem lá em cima na colina, mesmo em frente de nós.

Os malditos rapazes" tremeram ainda, ao ouvir isto e ao lembrarem-se de quanto Lhes valera pensarem que a sexta-feira era mau dia e adiarem a sua empresa para sábado. Só lamentavam não a terem adiado para dali a um ano.

Os dois homens tiraram do bolso um embrulho com comida e principiaram a almoçar.

Findo o almoço e passados longos minutos de silêncio, Injun Joe disse:

- Olha, tu voltas para a outra margem, para o sítio de onde

vieste, e esperas por notícias minhas. Eu aproveito a primeira ocasião para voltar à aldeia, pelo menos uma vez mais, a ver o aspecto das coisas. Só faremos este perigoso negócio depois de eu ter estudado os prós e os contras. Em seguida partimos para o Texas. Fugimos juntos.

Estes projectos pareciam agradáveis. Pouco depois os dois homens começaram a bocejar e Inj un Joe disse:

- Estou morto de sono. Agora é a tua vez de ficares de vigia.

Enroscou-se sobre as ervas e, por fim, começou a cabecear. Foi-Lhe caindo a cabeça e, dentro de poucos momentos, ressonavam ambos.

Os rapazes, aliviados, respiraram fundo e Tom segredou:

- Vamos aproveitar agora para fugir. Vem daí.

- Não posso. Morria de medo se eles acordassem entretanto.

Tom insistiu ainda, mas, como Huck não se resolvesse, levantou-se ele sozinho, decidido a partir. Porém, ao primeiro passo que deu, o sobrado estalou de tal maneira que tornou a estender-se, perdido de medo, e não

a levantar-se, ficando ali ambos a ver passar o tempo, que parecia não ter fim.

Dali a bocado notaram com satisfação que o Sol descia no horizonte e que a luz do dia não tardava a acabar.

Pouco depois, um dos homens deixou de ressonar. Injun Joe sentou-se, olhou carrancudo para o camarada que se tinha ido dobrando até que a cabeça lhe chegou aos joelhos, tocou-lhe com o pé para o acordar e perguntou:

- Olha lá! Tu é que ficaste de guarda, não? Felizmente que não aconteceu nada!

- O quê, estive a dormir?

- A dormitar, pelo menos. Vão sendo horas de nos pormos a caminho. Que vamos fazer com o que temos aqui?

- Não sei, mas talvez se possa deixá-lo cá ficar como das outras vezes. Não vale a pena levá-lo senão no dia em que formos para o Sul. Seiscentos e cinquenta dólares de prata pesam muito para andarmos com eles às costas.

- Está bem. Não me importo de cá voltar ainda uma vez.

- O que me parece melhor é virmos de noite, como costumávamos.

- Sim, mas ouve cá. Pode faltar muito tempo antes que eu tenha ocasião de tratar daquele assunto; pode acontecer um desastre... O lugar não é tão seguro que não seja mais acertado enterrar isto e bem fundo.

- Boa ideia! - concordou o companheiro, que atravessou a casa, indo ajoelhar-se junto da chaminé, para tirar, debaixo de uma das pedras, um saco que tilintou, alegremente.

Tirou de lá vinte ou trinta dólares para si próprio, outro tanto para Injun Joe, e passou-Lhe o saco em seguida. Joe estava de joelhos ao canto, esforçando-se por abrir um buraco com uma navalha de ponta curva.

Os rapazes esqueceram todos os seus receios e tristezas num momento. Com olhos sequiosos vigiavam todos os movimentos dos dois homens no andar inferior. O esplendor do que viam ia muito além do que tinham suposto. Seiscentos dólares era mais do que suficiente para tornar ricos dois rapazes como eles. Aquilo sim, era um tesouro e não uma incerteza.
Acotovelavam-se a cada instante, e essas cotoveladas eloquentes eram fáceis de compreender porque significavam simplesmente isto:

- Foi bom termos cá ficado, ou não?!

Em certa altura a navalha de Joe bateu numa coisa.

- Olá! - disse este.

- Que é? - perguntou o companheiro.

- Uma tábua meio apodrecida. Não, não! É uma caixa. Ajuda aqui para ver se conseguimos tirar isto para fora. Olha, não é preciso, porque já abri um buraco no que quer que é.

Estendeu a mão, e ao tirá-la para fora, exclamou:

- Isto é dinheiro.

Os dois homens examinaram aquela mão-cheia de moedas de ouro. No andar de cima os rapazes estavam tão encantados como os homens.

O camarada de Joe alvitrou:

- Temos de nos despachar. Ali no canto, por entre as ervas, está uma picareta e uma enxada, que vi ainda há um minuto.

Mal disse isto, correu e trouxe a picareta e a enxada dos rapazes. Injun Joe pegou na picareta, olhou para ela com atenção, resmungou qualquer coisa e começou a trabalhar. Passados poucos momentos tiraram a caixa para fora. Era pequena, feita de ferro, e devia ter sido resistente antes de estar ali durante anos a enferrujar. Silenciosos e contentes, os homens contemplaram o tesouro.

- Devem estar aqui milhares de dólares! - comentou Injun Joe.

- Sempre se disse que a quadrilha de Murrel andou por aqui um Verão - observou o outro.

- Sim, e por isto parece que o que se dizia tinha fundamento.

- Agora já não há necessidade de fazer aquele trabalho.

O mestiço franziu o sobrolho e retorquiu:

- Não me conheces, ou então não sabes o que estás a dizer. Não se trata apenas de um roubo, mas também de uma vingança! - disse o outro com um brilho cruel no olhar. - Hei-de precisar da tua ajuda e, quando tudo estiver acabado, vamos para o Texas. Volta para a tua Nance e para os teus filhos e deixa-te por lá ficar até receberes notícias minhas.

- Se assim o queres... E, agora, que vamos fazer disto? Enterramos tudo outra vez?

- Enterramos. (Enorme satisfação no andar de cima.) Não, não! É preferível não enterrarmos. (Desânimo absoluto no andar de cima.) Já me ia esquecendo que havia terra húmida agarrada àquela picareta. (Os rapazes sentiram um medo horrível.) A que propósito estavam aqui uma pá e uma picareta? Quem as teria trazido e para onde iria quem as trouxe? Ouviste alguém? Viste alguém? Se enterrarmos isto outra vez e deixarmos tudo aqui, podem vir e ver o chão revolvido. Não me parece muito seguro.

É melhor levarmos isto para o meu buraco.
  - Tens razão. E eu já podia ter-me lembrado disto antes. É ao Número Um que te referes?
  - Não, é ao Número Dois por baixo da cruz. O outro lugar não me parece bom.
  - Acho que já vai ficando bastante escuro para nos pormos a caminho. Injun Joe levantou-se, e andou, de janela para janela, espreitando cautelosamente. Por fim disse:
  - Quem teria trazido para aqui as ferramentas? Julgas que pode estar alguém lá em cima?
  Os rapazes nem respiraram. Injun Joe agarrou a navalha, parou um momento, indeciso, e voltou-se para a escada.
  Tom e Huck pensaram no armário, mas não tiveram força para se mexer. Os passos de Injun Joe fizeram ranger a escada, e o perigo iminente obrigou os dois pequenos a tomarem uma decisão. Iam levantar-se para correrem a esconder-se no armário, quando ouviram um barulho de madeira que se despedaçava, e Injun Joe foi estatelar-se no chão entre os despojos da escada carcomida. Levantou-se, a praguejar, e o parceiro disse-Lhe:
  - Não percebo para que é isso tudo. Se está alguém lá em cima, deixá-lo estar. Se querem saltar cá para baixo e meter-se em trabalhos, que saltem. Dentro de cinco minutos a escuridão será completa, e, se quiserem seguir-nos, que nos sigam. Pouco me importa. Na minha opinião, quem aqui pôs as coisas viu-nos e tomou-nos por fantasmas, diabos ou qualquer coisa dessas. Ia apostar que deitaram a correr e ainda não pararam!
  Joe resmungou qualquer coisa, mas, por fim, concordou com o amigo em que deviam aproveitar o que restava da luz do dia para os preparativos da partida, e, daí a pouco, saíam de casa, encaminhando-se para o rio e levando a preciosa caixa.
  Huck e Tom levantaram-se, fracos, mas muito aliviados. Espreitaram através das fendas da casa. Segui-los? Não se metiam em tal. Estavam bem contentes de se apanharem de novo em terra firme sem se despedaçarem. Puseram-se a subir a colina a caminho da aldeia. Pouco falaram. Iam entretidos, a amaldiçoarem a sorte que os tinha obrigado a deixar ali a pá e a picareta. Se não fossem essas coisas, Injun Joe nunca teria suspeitado. Teria escondido a prata com o ouro enquanto não pudessem satisfazer o seu instinto vingativo, e, nessa altura, veria com desespero que Lhe faltava o dinheiro. Pouca sorte aquela de trazerem para ali a pá e a picareta!
  Decidiram então não perder de vista o espanhol, quando voltasse à aldeia, à espreita de uma oportunidade para se vingar, e segui-lo ao Número Dois, onde quer que esse fosse. Então, uma ideia horrível acudiu ao espírito de Tom. - Vingança? Quereria ele referir-se a nós, Huck? - Não digas isso! - pediu Huck, quase a desmaiar. Lá foram discutindo o assunto e, quando chegaram à aldeia, ambos concordavam que ele

podia referir-se a outra pessoa, ou que, pelo menos, não se referia a Huck, visto que apenas Tom servira de testemunha no julgamento.

Para Tom não era uma grande consolação ver-se sozinho em perigo, pois a companhia de um amigo confortá-lo-ia imenso.

27. NOVOS EMPREENDIMENTOS

A aventura do dia deu a Tom sonhos horríveis naquela noite. Por quatro vezes teve na mão o tesouro e por quatro vezes o viu escapar-se por entre os dedos; então acordava e, com o acordar, vinha-Lhe à ideia toda a triste realidade. De manhã cedo, ainda deitado, enquanto revia todas as minúcias da sua grande aventura, parecia-lhe tudo tão apagado e distante como se se tivesse passado num outro mundo ou muitos anos antes. Então ocorreu-Lhe que tudo aquilo podia ser apenas um sonho. A favor disto havia um forte argumento: era que aquela enorme quantidade de dinheiro era grande demais para ser real. Até aí nunca vira mais de cinquenta dólares de uma vez e, como todos os rapazes da sua idade e nas suas circunstâncias, calculava que as referências a centos e milhares eram apenas maneiras de falar, mas que não existiam quantias daquelas no Mundo. Não supunha nem por um momento que alguém pudesse possuir qualquer coisa como cem dólares, e, se fossem realizadas as suas ideias acerca de tesouros escondidos, chegar-se-ia à conclusão de que na sua fantasia estes consistiam numa simples mão-cheia de moedas de cobre e numa fanga de vagos, esplêndidos e inatingíveis dólares.

æ força de pensar, os pormenores da sua aventura foram-Lhe aparecendo mais distintos e claros, dando-Lhe finalmente a impressão de que podia não ter sido um sonho. Fosse como fosse, tinha de esclarecer o assunto. Almoçaria a correr e iria ter com Huck.

Huck estava sentado na amurada de um barco, balouçando os pés dentro de água e parecendo melancólico. Tom resolveu deixar ver se Huck encaminhava a conversa para esse assunto. Se não falasse em tal, estava provado que a aventura não passava dum sonho.

- Olá! Huck!
- Olá! Tom!

Silêncio por um minuto.

- Tom, se tivéssemos deixado as malditas ferramentas ao pé da árvore seca, a esta hora o dinheiro seria nosso. Não achas que é horrível?
- Então não foi um sonho? Antes queria que fosse. Eu seja cão se isto não é verdade!
- Não foi um sonho o quê?
- Aquilo de ontem. Quase cheguei a pensar que sim.
- Sonho! Se as escadas não tivessem desabado, havias de ver se era sonho. Sonhos tive eu toda a noite, com o diabo do

espanhol dos olhos vendados à minha procura.
- Épreciso encontrá-lo! Encontrá-lo e saber onde está o dinheiro.
- Nunca o saberemos, Tom. Uma coisa daquelas só acontece uma vez na vida. Não pudemos aproveitar a ocasião... Mesmo eu, se o visse, ficava a tremer.
- Também eu, mas, assim mesmo, gostava de o ver e de encontrar a pista do seu Número Dois.
- Sim, do Número Dois. Estive a pensar nisso, mas não consigo perceber o que é. Que calculas que seja?
- Não sei. É muito profundo. Talvez o número de uma porta.
- Meu Deus!... Não, Tom, isso não pode ser. E, se assim fosse, não era terra do lá-vem-um. Aqui não há números nas portas.
- É verdade. Deixa-me pensar um minuto. Escuta! Naturalmente é o número de um quarto, numa estalagem. Que te parece?
- Olha que deve ser isso! E como há só duas estalagens, depressa se encontra.
- Fica aqui, Huck, que venho já.

Tom partiu a correr. Não queria que o vissem na companhia de Huck. Passou meia hora. O quarto n.o 2 da melhor estalagem havia muito que estava ocupado por um advogado. Na outra, mais modesta, o n.o 2 era um mistério. O filho do dono da taberna disse que estava sempre fechado à chave, e que nunca via ninguém entrar ou sair de lá, a não ser de noite. Não sabia a razão disto, que já Lhe despertara curiosidade, mas contentara-se com a ideia de que havia ali almas do outro mundo; ainda na noite anterior tinha lá visto luz.
- Isto foi o que consegui saber, Huck, e calculo que este número dois é precisamente o que procuramos.
- Também eu calculo, Tom. Que vamos fazer agora?
- Deixa-me pensar.

Depois de pensar muito tempo, Tom disse:
- Olha, a porta traseira desse número dois dá para uma ruazinha estreita que fica entre a estalagem e aquela arrecadação de tijolo toda desconjuntada. Tu vê se deitas a mão a todas as chaves de porta que puderes arranjar, eu surripio todas as da minha tia, e na primeira noite escura vamos lá e experimentamos; mas não deixes de vigiar Injun Joe, porque ele disse que havia de voltar à aldeia ainda uma vez, a ver se tinha possibilidade de se vingar. Se o vires, segue-o, e se não for ao tal número dois é porque não é esse o lugar.
- Céus! Mas eu não quero segui-lo sozinho.
- Claro que isto há-de ser de noite. Talvez não te veja, mas se te vir é possível que não perceba nada.
- Está combinado. Se estiver escuro, sigo-o. Não sei. Vou fazer a diligência.
- Pois eu sigo-o se estiver escuro, Huck. Podes estar certo. Se ele se convencesse de que não podia vingar-se, com certeza ia directamente buscar o dinheiro.

- Tens razão, Tom. É assim mesmo. Eu sigo-o. Palavra que sigo.
- Isso é que é falar! Mas não fraquejes, Huck, que eu, pela minha parte, também não!

28. NO COVIL DE INJUN JOE

Nessa noite, Tom e Huck estavam prontos para as suas aventuras. Andaram pelas proximidades da estalagem até depois das nove, um de vigia na ruela, a uma certa distância, e outro de sentinela à porta. Ninguém passou pela rua, e ninguém que se parecesse com o espanhol entrou ou saiu da estalagem. A noite prometia estar clara, e, em vista disso, Tom foi para casa, tendo combinado que, se viesse a escurecer, Huck iria miar à sua porta, a avisar para se escapar levando consigo as chaves; mas o tempo conservou-se claro e, perto da meia-noite, Huck deu por finda a guarda e foi deitar-se numa barrica vazia.

Na terça-feira correu tudo do mesmo modo, e na quarta-feira, como a noite prometia estar melhor, Tom saiu de casa cedo, levou consigo a velha lanterna de folha e uma grande toalha para a embrulhar. Escondeu a lanterna dentro da barrica de Huck e começaram a guarda. æs onze horas, a estalagem fechou e as luzes - as únicas que se viam ali no sítio - apagaram-se.

Do espanhol, nem sinal. Ninguém tinha entrado pelo lado da travessa. Tudo parecia bem encaminhado. A escuridão era completa e o silêncio apenas interrompido pelo ribombar dos trovões muito longe.

Tom foi acender a lanterna dentro da barrica, envolveu-a na toalha, e os dois rapazes encaminharam-se com cautela para a estalagem. Huck ficou de sentinela e Tom seguiu pela azinhaga. Esperaram durante algum tempo, em que a ansiedade pesou arrobas sobre o espírito de Huck. Este queria, a todo o custo, ver o clarão da lanterna. Sabia que ia ter medo, mas, ao mesmo tempo, esse clarão anunciava-Lhe que Tom estava vivo. Parecia-lhe que tinham passado horas e horas desde que Tom desaparecera. Começou a recear que tivesse desmaiado ou até morrido. Podia ter-lhe estalado o coração em consequência do medo. No meio da sua aflição, Huck foi-se aproximando da estalagem, receando as coisas mais horríveis e esperando a cada instante

que sucedesse uma catástrofe capaz de lhe tirar a pouca respiração que ainda lhe restava. Batia-lhe tão desesperadamente o coração, que, com certeza, não podia suportar aquilo por muito tempo. De súbito viu a luz da lanterna e, logo em seguida, Tom apareceu ao pé dele.

- Corre! - disse Tom. - Corre o mais que puderes! Não foi preciso repetir mais vezes; uma foi o bastante para Huck

passar a fazer trinta ou quarenta milhas à hora: Nenhum dos rapazes parou senão quando chegaram ao telheiro, que fora noutros tempos o matadouro, na parte baixa da aldeia. Mal se abrigaram ali, estalou a tempestade e começou a cair uma chuva torrencial. Logo que Tom pôde respirar, disse:

- Foi horrível, Huck! Experimentei duas chaves o mais cuidadosamente que pude, mas faziam tal barulho e tive tanto medo, que quase não respirava. Não davam a volta na fechadura, mas, afinal, sem saber como, pus a mão no puxador da porta e ela abriu-se. Não estava fechada à chave. Entrei, tirei a toalha da lanterna, e o que vejo eu?!
- O que foi que viste, Tom?
- Oh! Huck, foi por um triz que não pisei a mão de Injum Joe.
- Sério?
- Sério. Estava a dormir profundamente, deitado no chão, com a pala no olho e os braços abertos.
- Oh! Céus! Que fizeste tu? Ele acordou?
- Não. Calculo que estava bêbedo! E não fiz mais que agarrar na toalha e fugir.
- Nunca me teria lembrado da toalha.
- Pois eu lembrei-me. Não, que a minha tia fartava-se de ralhar se eu a perdesse!
- Ouve cá, Tom, viste a caixa?
- Não tive tempo de olhar à minha volta. Não vi a caixa, não vi a cruz, não vi nada. Só vi uma garrafa e um púcaro de folha, no chão, ao lado de Injun Joe. Sim, vi também dois barris e mais uma porção de garrafas no quarto. Estás a perceber agora o que são as almas do outro mundo lá no quarto?
- Então o que é?
- É whisky. Naturalmente, todas as estalagens têm um quarto com almas do outro mundo, como aquele, Huck! - É bem possível que tenhas razão. Quem havia de dizer uma coisa dessas! Mas não achas, Tom, que seria agora uma boa ocasião de ir buscar a caixa, visto Injun Joe estar bêbedo?
- É. Vai lá tu, se és capaz!

Huck estremeceu.

- Talvez não seja, não.
- Pois claro que não és, Huck. Só uma garrafa ao pé de Injun Joe não basta. Se estivessem lá três seria o suficiente para estar muito bêbedo, e eu tinha-a trazido.

Houve uma longa pausa e, então Tom disse:

- Olha, Huck, é melhor não tentarmos nada disto sem termos a certeza de que Injun Joe não está lá. Assim é muito arriscado. Vamos vigiar todas as noites e, quando estivermos bem certos de o ter visto sair, entramos lá e tiramos a caixa num instante.
- Está bem. Concordo. Vigio todas as noites e toda a noite, se tu prometes fazer a outra parte do serviço.
- Combinado. O que tens tu que fazer é subir a Rua Hooper e miar. Se eu estiver a dormir, atiras terra à minha janela para me acordares.
- Fica descansado, que faço isso.
- E agora, Huck, que a tempestade passou, vou para casa. Daqui a pouco começa a romper o dia. Volta para a tua barraca

e vígia bem a estalagem.
- Prometi e cumpro. Durante um ano não me afastarei de lá. Durmo de dia e vigio de noite.
- Boa ideia. Mas onde vais dormir?
- No palheiro de Ben Rogers. Tanto ele como o criado preto, o tio Jacke, me deixam lá ficar. Acarreto água para o tio Jacke, quando precisa, e, por sua vez, quando não tenho que comer, peço-lhe e ele reparte comigo. É muito bom, aquele preto. Gosta de mim, porque não o trato como se ele fosse menos do que eu e até já algumas vezes tenho comido ao pé dele. Mas escusas de ir contar isto. Há coisas que as pessoas fazem quando têm muita fome, mas não gostam que se saiba.
- Está bem. Se não precisar de ti durante o dia deixo-te dormir e não vou lá maçar-te, mas se vires que de noite se passa alguma coisa, vai num salto até à minha rua e mia.

29. HUCK SALVA A VIûVA

A primeira coisa que Tom ouviu, na sexta-feira de manhã, foi uma boa notícia: a família dojuiz Thatcher tinha chegado à aldeia na véspera à noite. Então Becky ficou no primeiro plano, e Injun Joe, como o tesouro escondido, passaram para um lugar secundário, no espírito de Tom. Este viu Becky e passou com ela e outros companheiros um bocado encantador, a correr e a jogar. Para coroar este dia esplêndido, Becky pediu muito à mãe para marcar o tão falado e adiado piquenique para o dia seguinte, e a mãe condescendeu. A alegria da pequena não teve limites e a de Tom não foi menor. Os convites foram mandados antes do pôr-do-Sol, e logo toda a criançada da aldeia ficou numa alegria doida, gozando antecipadamente a festa do dia seguinte. O nervosismo de Tom obrigou-o a estar acordado até muito tarde, sempre na esperança de ouvir Huck miar e de levar consigo no dia seguinte o tesouro, que faria a admiração de Becky e dos outros companheiros. Mas, em lugar disto, teve um desapontamento, porque nessa noite não se ouviu o sinal. Por fim chegou a manhã e, perto das onze, um grupo alegre e ruidoso juntou-se à porta do juiz Thatcher. Estava tudo pronto para a partida. Não era costume irem pessoas de mais idade aos piqueniques perturbar os novos com a sua presença, pois se achava que as crianças iam muito bem sob a protecção de algumas raparigas e rapazes entre os dezoito e vinte e três anos. O velho barco a vapor fora fretado para a ocasião; pouco depois do encontro, o alegre grupo seguia pela estrada principal, carregado com os cestos da comida. Sid estava doente, por isso teve de ficar, e Mary ficou em casa para olhar porele. A última coisa que Mrs. Thatcherdisse a Becky foi:
- Com certeza que não voltam cedo, por isso talvez seja melhor ficares em casa de alguma das pequenas que vivem perto do cais.

- Então fico em casa de Susy Harper.
- Pois sim, mas vê como te portas e não maces ninguém.

Pouco depois, quando já iam a caminho, Tom disse a Becky:

- Sabes o que vamos fazer? Em lugar de ires para casa do Joe Harper, subimos a colina e ficamos em casa da viúva Douglas. Ela deve ter sorvete. Tem-no todos os dias em grande quantidade, e vai gostar imenso de nos ver lá.
- Oh! Que bom!

Mas Becky reflectiu um momento e depois comentou:

- E que dirá a minha mãe?
- A tua mãe não sabe de nada.

A pequena continuou a pensar no caso e tornou:

- Parece-me que não está lá muito certo, mas...
- Não sejas pateta! A tua mãe não chega a saber... Que mal faz? O que a tua mãe queria é que tu estivesses bem, e estou certo que te teria dito para ires para lá, se se tivesse lembrado. Sei mesmo que dizia.

A esplêndida hospitalidade da viúva Douglas era uma tentação bem forte, que, juntamente com os argumentos de Tom, venceu a resistência de Becky. Decidiram, pois, não dizer nada a ninguém a respeito do programa da noite. Passados momentos, ocorreu a Tom que talvez Huck fosse nessa mesma noite miar à sua porta, e esta ideia perturbou de certo modo o seu prazer, mas, apesar disso, não desistiu de ir a casa da viúva Douglas. Porque havia ele de desistir? pensou. Se não tinha ouvido o sinal na véspera, qual a razão para Huck o fazer nesse dia? O prazer certo dessa noite pesou mais na balança da sua consciência do que o tesouro incerto, e, como rapaz que era, decidiu ceder à tentação maior e não tornar a pensar na caixa do dinheiro durante todo o dia.

O barco amarrou junto de um vale arborizado, três milhas abaixo da aldeia. Aquela multidão de crianças desembarcou e, em breve, todo o bosque e os pontos mais escarpados ecoaram de gritos e de risos. Fizeram tudo com que podiam aquecer e cansar-se, por isso, daí a certo tempo, voltaram cheios de fome. Começou então o desgaste nas coisas boas que levavam. Depois do banquete, estenderam-se ou sentaram-se, a repousar e a conservar à sombra dos grandes carvalhos. Ficaram ali um bocado, até que alguém perguntou:

- Quem quer ir à gruta?

Todos quiseram. Prepararam-se maços de velas e começaram todos a subir o monte, visto que a entrada da gruta ficava na parte superior deste.

A abertura tinha o feitio da letra A e a porta, grossíssima, de carvalho, fechava com uma aldraba. Dentro havia uma divisão, fria como um frigorífico, e por cujas paredes calcárias corria sempre uma certa humidade. Era romântico e misterioso, ao mesmo tempo, estar lá dentro na escuridão, a olhar para o vale verde e alegre, inundado de sol. Mas o interesse da situação em breve diminuiu, e o silêncio deu

lugar a vozes e risos. Mal se acendeu uma vela, todos correram para aquele que a segurava. Houve uma luta, o possuidor da luz fugiu, mas, finalmente, cansados também daquele divertimento, desfilaram todos pela descida íngreme, que levava à galeria principal da gruta, cada um levando na mão uma luzinha trémula, que ía revelando as saliências das paredes rochosas e baixas quase até o ponto onde estas se uniam por cima das cabeças. Esta galeria principal tinha de oito a dez pés de largo, e, a cada passo, outras mais estreitas, mas de tectos baixos também, abriam-se de um e de outro lado desta, pois a gruta de Mc Dougal não passava de um labirinto de corredores cheios de curvas, que se ramificavam para chegarem não se sabia onde. Havia quem dissesse que se podia andar lá dias e noites, caminhando por aqueles corredores que se entrecruzavam, sem conseguir chegar ao fim da gruta. Dizia-se também que esses caminhos desciam cada vez mais fundo e formavam labirintos, numa continuidade sem fim.

Nenhum homem conhecia a gruta, mesmo porque isso seria impossível. Muitos dos rapazes que iam já tinham percorrido a maior parte dela e, habitualmente, não se afoitavam além dos caminhos já andados. Tom Sawyer sabia dela tanto como qualquer dos outros.

Todos seguiram ao longo da galeria principal, numa extensão de três quartos de milha, mas então, em pares e em ranchos, começaram a enveredar pelos corredores transversais e aparecendo uns aos outros de surpresa nas encruzilhadas destes caminhos. Alguns grupos conseguiram fugir uns dos outros durante meia hora, sem no entanto se afastarem das passagens conhecidas.

Pouco a pouco, todos voltaram à entrada da gruta, ofegantes, risonhos, pingados de sebo das velas, com o fato sujo de pó e encantados com os divertimentos do dia. Ficaram surpreendidos quando viram que não tinham dado pelo decorrer do tempo e era quase noite. Havia meia hora que a sineta do barco tocava, a chamá-los, mas este final da sua aventura era romântico e, por conseguinte, satisfazia-os. Quando o barco, com todos os seus ruidosos passageiros, começou a descer o rio, ninguém pensou no atraso que levava senão os homens do barco.

Huck já estava de sentinela quando viu as luzes do barco passarem para além do cais. Não ouviu barulhos a bordo, porque iam todos calados e quietos, como é costume depois de um dia muito fatigante; não percebeu que barco era aquele nem o motivo por que não parava no cais, mas, atento como estava à sua missão, não pensou mais no caso. A noite ia-se tornando escura e enevoada. Cerca das dez horas, o barulho dos carros cessou, começaram a apagar-se as luzes dispersas, desaparecendo os transeuntes, e a aldeia entregou-se ao sossego habitual, deixando a pequena sentinela sozinha com o silêncio e os fantasmas. Bateram onze horas e as luzes da estalagem apagaram-se. A escuridão era geral. Huck esperou um tempo que lhe pareceu muito longo, sem que nada acontecesse, e a esperança começou a fraquejar. Para que estava ali? Valeria realmente a pena? Não seria mais acertado desistir e deixar-se dormir?

De súbito, ouviu barulho e pôs-se à escuta. A porta da ruela

fechou-se mansamente. De um salto chegou à esquina. Logo dois homens passaram por ele; pareceu-lhe que um levava uma coisa debaixo do braço e calculou que seria a caixa. Iam então levar o tesouro. De que serviria chamar Tom? Seria absurdo, porque entretanto os homens afastar-se-iam com a caixa para nunca mais serem vistos.

Seguiram pela rua ao lado do rio e, ao fim de três quarteirões, cortaram à esquerda, caminhando por uma rua transversal, até chegarem ao caminho do monte Cardiff, por onde meteram. Passaram pela casa do velho galês, a meio da encosta, sem parar; continuaram sempre a subir.

- Bem! - pensou Huck. - Vão enterrar a caixa na pedreira.

Mas não pararam ali e encaminharam-se para o cimo. Quando chegaram junto do maciço de sumagres, desapareceram por trás destes. Huck aproximou-se, certo de que não o podiam ver. Ao fim de uns passos, começou a mover-se cautelosamente, receando chegar perto demais; dava um passo e parava à escuta, mas não ouvia barulho além das pancadas do próprio coração, que parecia querer saltar. Ouviu o piar agoirento de um mocho lá em cima, no alto do monte, mas nem o mais leve ruído de passos. Por certo estava tudo perdido. Dispunha-se a saltar, quando sentiu um homem apurar a voz, a menos de quatro pés de distância; o coração de Huck pareceu-lhe vir até à garganta, mas engoliu-o e ficou ali a tremer, como se o tomasse uma sezão, tão fraco que receou cair. Sabia onde estava. Sabia que amenos de cinco passos dali estava a cancela que dava para as terras da viúva Douglas, e pensou:

- Vão enterrar aqui o tesouro. Ainda bem, porque neste sítio é fácil encontrar. Mas então ouviu uma voz, muito baixa, que era a de Injun Joe. - Maldita! Se calhar está de companhia, porque apesar de ser tão tarde ainda tem luz acesa. - Não vejo luzes. Esta era a voz do estranho, do estranho da casa assombrada. Um frio percorreu a espinha de Huck, ao pensar que eles vinham por causa da vingança". A sua vontade foi fugir, mas lembrou-se de que a viúva Douglas fora boa para ele mais de uma vez e que talvez aqueles homens fossem matá-la. Então, desejou ter coragem de ir avisá-la, mas sabia que nunca ousaria fazê-lo. Pensou tudo isto e muito mais, no espaço de tempo que decorreu entre a observação do homem e a resposta de Injun Joe que foi:

- Não vês as luzes porque o maciço fica em frente dos teus olhos. Chega-te para cá. Vês agora?

- Vejo. Calculo que deve ter lá alguém. O melhor é desistirmos.

- Desistirmos e irmo-nos embora para sempre, não? Desistirmos e não termos outra oportunidade! Já te disse e repito que pouco me importo com o roubo. Podes ficar com ele, se quiseres. Mas o marido dela tratou-me asperamente várias vezes, e principalmente era o juiz de paz quando me julgaram por vadio. E isto não é tudo. Isto não é nem a milionésima

parte. Ele mandou-me açoitar"! Mandou-me açoitar diante da prisão, como se eu fosse um negro! æ vista de todos da aldeia. Mandou-me AÇOITAR. Com preendes? Fez de mim o que quis, e morreu, mas ela vai pagar-mas todas.

- Não a mates, não faças uma coisa dessas.

- Matar? Quem falou em matar? Matava-o a ele, se pudesse, mas a ela não. A melhor maneira de nos vingarmos de uma mulher não é matá-la, mas dar-lhe cabo da cara. Rasga-se-lhe o nariz ou cortam-se-lhe as orelhas como uma porca.

- Mas isso é...

- Guarda a tua opinião para ti, que é melhor. Ato-a à cama e, se ela sanar até morrer, que culpa tenho eu?! Olha que não vou pôr-me a chorar se assim for! Tens de me ajudar a fazer isto, amigo. Sabes perfeitamente que não vieste para outra coisa e que eu talvez não possa sozinho. Se te recusas, mato-te, e, se tiver de te matar, mato-a a ela também, porque assim calculo que ninguém virá a saber como as coisas se passaram.

- Bem, pois se tem que se fazer, faça-se e quanto mais depressa melhor, que estou todo arrepiado.

- Fazer isso agora? Tendo ela lá alguém de fora? Começo a desconfiar de ti. Não. Esperamos até que se apaguem as luzes, porque não há pressa nenhuma.

Huck sentiu que ia seguir-se um silêncio trinta vezes mais arrepiante do que esta conversa, por isso conteve a respiração e deu um passo para trás pondo o pé cautelosamente, depois de cambalear e quase cair; em seguida deu outro passo, com o mesmo cuidado e correndo igual perigo. Caminhou assim uma pequena distância, até que uma haste lhe estalou debaixo dos pés. Parou de respirar e escutou. Ao aperceber-se de que o silêncio era absoluto, deu graças ao destino e, voltando-se devagar, entre os sumagres, procurou um caminho, que seguiu rapidamente, mas com cautela. Ao chegar à pedreira, sentiu-se seguro e deitou a correr pela encosta abaixo em direcção à casa do galês. Bateu à porta e, daí a pouco, o velhote e os dois filhos apareceram à janela.

- Que barulho é este? Quem está aí? O que quer?

- Deixe-me entrar depressa. Já digo tudo.

- Porquê? Quem és tu?

- Huckleberry Finn.

- Huckleberry Finn, de facto! Não parece um nome capaz de fazer com que se abram as portas! Mas deixem-no entrar, filhos, e vamos ver o que ele quer.

- Por tudo lhes peço que não digam que fui eu que lhes contei! - suplicou Huck mal entrou. - Eram capazes de me matar, com certeza, mas a viúva já tem sido boa para mim muitas vezes e quero dizer... Conto tudo se prometerem que não me denunciam.

- O rapazinho tem com certeza alguma coisa que dizer! exclamou o homem. - Fala lá, que ninguém vai acusar-te, rapaz!

Passados três minutos, o velho e os filhos, bem armados, subiram a colina e meteram por entre os sumagres, nos bicos dos pés e de armas assestadas. Huck não chegou mais longe. Escondeu-se por trás de uma pedra enorme, e ficou à escuta. Houve um longo silêncio, ao fim do qual se ouviram tiros e um

grito.
  Huck não esperou mais para deitar a correr pela encosta abaixo, tão depressa quanto as suas pernas podiam levá-lo.

30. TOM E BECKY NA GRUTA

  Nos primeiros vestígios da luz do dia, no domingo de manhã, Huck seguiu a encosta e bateu cautelosamente à porta do galês. Todos dormiam, mas de um sono leve e sobressaltado, em vista dos episódios da noite. Alguém perguntou da janela:
  - Quem está aí?
  A voz tímida de Huck respondeu baixinho:
  - Deixem-me entrar! Sou Huckleberry Finn.
  - É um nome que basta para que esta porta se abra quer de dia quer de noite. Entra, rapaz, e sê bem-vindo.
  Estas palavras eram estranhas ao ouvido do pequeno vagabundo, e as mais agradáveis que até então lhe tinham sido dirigidas, pois não se lembrava que já alguém as tivesse dito a ele.
  Abriram-lhe a porta rapidamente e Huck entrou.
  Deram-lhe uma cadeira, e tanto o velhote como os filhos se vestiram num instante.
  - Agora, meu rapaz, estás de saúde e calculo que deves ter fome, mas o almoço estará pronto logo que o Sol nasça. Vamos ter um dia quente. Põe-te à vontade! Sempre julguei que voltasses cá e ficasses connosco a tarde passada.
  - Estava cheio de medo e, mal ouvi disparar as pistolas, deitei a correr, para só parar a três milhas de distância! - disse Huck. - Vim agora porque queria saber o que se passou, e vim antes de amanhecer porque tinha o pavor de encontrar aqueles diabos, ainda mesmo que estivessem mortos.
  - Coitado! Pobre rapaz, vê-se que passaste uma noite terrível, mas há aqui uma cama para ti e vais deitar-te logo que acabes de almoçar. Não, não estão mortos, e bastante pena temos disso. Pelo que nos disseste, nós sabíamos bem o que tínhamos que fazer, por isso caminhámos na ponta dos pés, até chegarmos a menos de quinze pés deles - estava escuro como num buraco, por entre os maciços de sumagres -, mas então senti que ia espirrar. É o que se chama pouca sorte! Tentei suster o espirro mas não pude. Eu ia à frente, de pistola levantada, e, quando espirrei, senti os patifes mexerem-se. Gritei: "Fogo, rapazes!" E alvejei o lugar em que os tinha sentido. Os rapazes fizeram o mesmo, mas os dois malvados escaparam-se num abrir e fechar de olhos. Fomos atrás deles por aí abaixo, sem nunca os agarrarmos. Cada um deles disparou também antes de deitar a fugir. No entanto, as balas assobiaram perto de nós sem nos tocarem. Quando deixámos de ouvir o barulho dos passos, desistimos de os perseguir e fomos à aldeia chamar a polícia. Então, mandaram uma porção de homens guardar as

margens do rio e, logo que amanheça, o xerife vai com um grupo passar uma busca pela floresta. Os meus filhos também vão. Gostava bem de saber como são aqueles patifes, pois isso seria de uma grande utilidade. Calculo que no escuro não pudeste vê-los, não é verdade?

- Vi. Vi-os lá em baixo na aldeia e segui-os.

- fptimo! Então dá os sinais deles, meu rapaz. Descreve-mos.

- Um é aquele espanhol surdo-mudo, que já por uma ou duas vezes apareceu na aldeia, e o outro traz um fato esfarrapado...

- Pronto, meu rapaz, já sabemos quem são. Encontrei-os um dia no bosque por trás da casa da viúva, e eles afastaram-se logo. Despachem-se rapazes! Vão dizer isto ao xerife! Amanhã de manhã almoçam.

Os dois irmãos saíram imediatamente e, quando chegaram à porta, Huck insistiu:

- Peço-Lhes por tudo que não digam a ninguém que fui eu que os denunciei!

- Se és tu que assim o queres, Huck, fazemos-te a vontade, mas acho que a ti é que competia a honra do que fizeste.

- Não! Não! Por tudo lhes peço que não digam.

Depois de os dois rapazes saírem, o velhote observou:

- Nem eles nem eu. Mas porque não queres tu que se saiba? Por nada do mundo Huck diria o que sabia acerca de um dos homens, nem a razão por que não queria que lhe constasse que estava ao facto do que se passara, pois tinha a certeza de que isso representaria a sua morte.

O velhote prometeu uma vez mais guardar segredo e perguntou:

- Porque seguiste aqueles dois homens? Pareceram-te suspeitos?

Huck ficou calado um momento, a ver se se lembrava de uma resposta,

e por fim explicou:

- Bem vê, eu não sou boa pessoa - pelo menos é o que todos dizem, sem que eu saiba como defender-me - e às vezes não consigo dormir e pensar nisto e a ver se descubro maneira de me emendar. Aconteceu isso a noite passada. Não pude dormir e, como pela meia-noite ainda andava na rua a pensar na minha vida, fui até perto daquela velha arrecadação de tijolo junto da Estalagem da Temperança. Encostei-me à parede e nesse mesmo momento passaram por mim dois homens. Um deles levava uma trouxa e calculei que a tinha roubado. Um ia a fumar e o outro pediu-lhe lume. Pararam na minha frente e os charutos iluminaram-Lhes as caras. Reparei então que o mais alto era o espanhol surdo-mudo, porque Lhe vi as suíças e a pala no olho; o outro ia todo roto.

- Viste-Lhe o fato roto à luz dos charutos?

Huck ficou atrapalhado, mas logo respondeu:

- Não vi, mas tive a impressão que era assim.

- Então eles seguiram, e tu...

- Eu fui atrás deles. Foi mesmo assim. Queria saber o que se passava. Vieram andando e eu sempre no encalço deles até à cancela da viúva, onde parei na escuridão e ouvi o do fato roto pedir ao outro que não matasse a viúva, mas o espanhol jurou que havia de Lhe estragar a cara, exactamente como Lhe contei a si e aos seus dois...

- O quê? O surdo-mudo disse tudo isso?

Huck tinha-se descaído outra vez. Queria à viva força esconder do velhote quem era o espanhol, mas a sua língua parecia decidida a traí-lo. Diligenciou sair daquela atrapalhação, mas o homem não tirava os olhos dele, e as tolices seguiam-se. Por fim, o galês disse:

- Não tenhas medo de mim, meu rapaz. Por coisa alguma te faria mal. Pelo contrário, quero proteger-te. Esse espanhol não é surdo-mudo; já o confessaste sem querer e, agora, não podes desdizer-te. Tu sabes qualquer coisa acerca desse espanhol e queres guardar segredo. Confia em mim. Conta-me tudo com confiança, que não te trairei.

Huck pôs o olhar dele no do velhote e, ao fim de um momento, curvou-se e segredou:

- Não é um espanhol. É Injun Joe!

O outro quase saltou da cadeira.

- Agora sim! Agora percebo tudo! Quando falaste de cortar as oreLhas e cortar o nariz, julguei que era fantasia sua, porque os brancos nunca se vingam assim, mas um mestiço... O caso então muda de figura!

Durante o almoço continuou a conversa. O homem contou que, na noite anterior, a última coisa que ele e os filhos tinham feito antes de irem para a cama tinha sido pegarem numa lanterna e ir examinar a cancela e tudo em volta, à procura de manchas de sangue. Não tinham encontrado nenhuma, mas haviam apanhado no chão um grande embrulho de...

- De quê?

Se as palavras fossem relâmpagos não teriam saído mais velozes dos lábios de Huck. De olhos muito abertos e respiração suspensa, esperou a resposta, enquanto o outro, surpreendido, o fitou em silêncio durante três, cinco, dez segundos, replicando finalmente:

- De ferramentas" de larápios. Porquê? Que tens tu?

Huck encostou-se, ainda ofegante, mas dando graças pelo que ouvia. O velhote olhou-o com ar grave e curioso, acrescentando pouco depois:

- Parece-me que isto te deu um certo alívio. Porque te transtornaste assim? O que pensaste que tínhamos encontrado?

Num momento daqueles, com o olhar inquiridor do velhote posto nele, Huck daria tudo para que lhe ocorresse uma resposta plausível, mas não lhe acudiu nada à ideia, e o outro não deixava de o olhar. Então, sem pensar mais, respondeu em voz fraca e quase à toa:

- Sei lá! Talvez livros de doutrina!

O pobre Huck estava muito apoquentado para sorrir, mas o velho riu alegremente, numas gargalhadas que o sacudiam todo da cabeça aos pés, acabando por dizer que um riso daqueles era melhor do que ter dinheiro na algibeira, porque curava mais doenças que os remédios receitados pelos médicos.

Passados momentos disse ainda:

- Coitado de ti! Estás pálido e cansado e compreende-se que não te sintas bem. Não é de admirar que estejas um bocado desnorteado, mas isso passa. Depois de dormires e repousares, verás que ficas bom.

Huck estava irritado de pensar que fora suficientemente tolo para deixar ver o seu nervosismo, porque, pela conversa que ouvira junto da cancela da viúva, já pusera de parte a ideia de que o embrulho trazido da estalagem fosse o tesouro. ;; I No entanto, apenas pensara, que não era o tesouro, mas não tinha a certeza disso, e por tal razão se traíra ao ouvir falar no embrulho.

170 171 De qualquer modo, estava satisfeito, pois sabia

agora de certeza que aquele não era o embrulho". Assim, tudo parecia caminhar bem: o tesouro devia estar ainda no n.o 2; os homens seriam capturados e metidos na cadeia nesse mesmo dia, e ele e Tom poderiam ir à noite buscar o ouro, sem receio de que alguém os estorvasse.

Precisamente quando acabavam de almoçar, alguém bateu à porta. De um salto, Huck pôs-se à procura de lugar para se esconder, pois não queria de modo nenhum estar metido no caso. O galês mandou entrar alguns homens e senhoras; entre essas pessoas vinha a viúva Douglas. Outros grupos subiam o monte, no intuito de verem a cancela e ouvirem contar a história da noite, que já tinha constado. O galês teve de repetir a mesma coisa uma quantidade de vezes, e a gratidão da viúva era indescritível.

- Aqui para nós, minha senhora, quero dizer-lhe que há outra pessoa mais merecedora da sua gratidão do que eu e os meus rapazes, mas não me autoriza a falar no seu nome. No entanto, se não fosse essa pessoa, nós não teríamos lá ido.

Como é de calcular, isto excitou a curiosidade a tal ponto entre as visitas que estas quase se esqueceram do assunto principal, mas o galês deixou-os ficar sem saber nada, pois não lhes disse o segredo. Quando a história já estava bem sabida, a viúva explicou:

- Fui para a cama ler e adormeci tão profundamente que não ouvi nada do barulho. Porque não me acordaram?

- Pareceu-nos que não valia a pena. Era de calcular que os bandidos não voltassem, tanto mais que não tinham as ferramentas necessárias. Para que serviria então acordá-la e amedrontá-la? Os meus três criados negros ficaram de sentinela à sua porta e só vieram há bocadinho. Foram chegando mais visitas e a história foi sendo repetida vezes sem conto.

Durante as férias não costumava haver aulas de doutrina, mas naquele dia todos chegaram cedo à igreja. Os factos da noite já então se contavam um pouco fantasiados, e constava que não havia sinais dos bandidos. Quando o sermão acabou e Mrs. Harper se dispunha a descer a igreja para sair, Mrs. Thatcher passou por ela e disse:

- A minha Becky será capaz de ficar a dormir o dia todo?

Já calculava que ela ficasse muito cansada...
- A sua Becky?
- Sim - tornou a outra, com um olhar admirado. - Ela não ficou na

sua casa a noite passada?
- Não.
Mrs. Thatcher empalideceu e deixou-se cair numa cadeira. Por coincidência, passava nesse instante a tia Polly, a conversar com uma aniga.
- Bom dia, Mistress Thatcher. Bom dia, Mistress Harper. Calculem que o meu rapaz ainda não me apareceu. Suponho que ficou em casa de alguma das senhoras a noite passada e agora teve receio de vir à igreja e que ralhasse com ele.
Mrs. Thatcher fez-se mais pálida ainda e, com um gesto de desânimo, respondeu:
- Ele não ficou em casa de nenhuma de nós.
No rosto da tia Polly vincaram-se sinais de aflição.
- Joe Harper, já viu hoje o Tom?
- Não, minha senhora.
- Quando é que o viu pela última vez?
Joe fez a diligência por se lembrar, mas não estava bem certo.
Entretanto, as pessoas que iam a sair da igreja pararam e começaram a segredar.
Havia um certo mal estar, que se foi espalhando pouco a pouco. As crianças foram ansiosamente interrogadas, bem como as professoras de doutrina que se tinham incumbido delas. Todos disseram que não se lembravam bem se, na volta para casa, Tom e Becky vinham ou não. Ao chegarem ao caisjá era escuro e a ninguém ocorrera ver se faltava alguma pessoa. Um rapaz aventou a hipótese de terem ficado na gruta e, ao ouvir isto, Mrs. Thatcher desmaiou, enquanto a tia Polly chorava e torcia as mãos com desalento. Os receios foram-se transmitindo de pessoa para pessoa, de grupo para grupo, de rua para rua, e, em menos de cinco minutos, os sinos dobravam desesperadamente, chamando os habitantes da aldeia.
O episódio do monte Cardiff perdeu parte do seu interesse, os bandidos foram relegados para segundo plano e esquecidos. Selaram-se cavalos, tripularam-se barcos, fretou-se o vapor, e, antes de decorrer meia hora, iam a caminho da gruta duzentos homens. Durante toda a tarde a aldeia pareceu vazia e morta. Muitas mulheres visitaram a tia Polly e Mrs. Thatcher, tentando consolá-las e chorando com elas, o que era preferível a quanto pudessem dizer-lhes. Toda a noite se esperou por notícias e quando, por fim, rompeu o dia, o único recado que veio da gruta foi um pedido para mandarem mais velas e mais comida.

Mrs. Thatcher estava como louca e a tia Polly também; os próprios recados cheios de esperança que mandava o juiz Thatcher não conseguiam encorajá-las.

Quando o velho galês voltou para casa, quase ao amanhecer, com o fato pingado de sebo das velas e sujo de cal, encontrou Huck ainda na cama que lhe tinham dado para dormir, e a delirar com febre. Todos os médicos tinham ido para a gruta, por isso a viúva Douglas foi tomar conta dele, disposta a fazer pelo pequeno tudo o que pudesse, pois, quer fosse bom ou mau, era uma criatura de Deus, e, como tal, não devia ser desprezada. Quando o galês afirmou que Huck tinha qualidades óptimas a viúva respondeu:

- Não me custa acreditar. As boas qualidades são o sinal das mãos de Deus, e tudo o que é obra Sua traz esse sinal.

No princípio da tarde começaram a chegar à aldeia grupos de homens extenuados, mas outros mais fortes continuavam a procurar. Sabia-se apenas que se tinha percorrido sítios da gruta onde ninguém tinha chegado antes disso; que todos os recantos tinham sido revistados; que, por todos os lados, no imenso labirinto de corredores, se viam ao longe brilhar luzes, que davam por vezes a ilusão de pertencerem às crianças. Então soltavam-se gritos e davam-se tiros de pistola, cujo ruído ecoava pelas galerias sem fim; mas tudo isto terminava numa desilusão, porque essas luzes eram, afinal, de outras pessoas que andavam também em pesquisas.

Num certo lugar, muito além dos pontos onde costumavam chegar os turistas, foram vistos os nomes de Becky e Tom escritos na parede rochosa, com fumo de vela, e, perto dali, encontrou-se um pedaço de fita sujo de sebo que Mrs. Thatcher reconheceu como pertencendo à filha. A chorar, disse que era uma recordação que lhe ficava e que nenhuma outra lhe era tão querida, porque fora aquela a última coisa que estivera junto dela antes de a morte a levar.

Contava-se que, mal se via brilhar uma luz, se chamava pelos pequenos e uma porção de homens corria na esperança de os agarrar.

Passaram assim três dias e três noites horríveis, e já toda a aldeia começava a perder a confiança. Ninguém tinha coragem para trabalhar.

Quando, por acaso, se descobriu que nas dependências da Estalagem da Temperança havia uma provisão de álcool, o público não se interessou pelo caso, que noutra altura seria considerado tremendo. Num pequeno espaço de tempo em que esteve lúcido, Huck falou de estalagens e perguntou cheio de receio se tinha sido descoberta alguma coisa na Estalagem da Temperança, desde que estava doente.

- Descobriram, sim! - disse a viúva.

De olhos espantados, Huck sentou-se na cama.

- Que foi? Que encontraram?

- Encontraram álcool, e em vista disto fecharam a casa. Deita-te. Pregaste-me um susto!

- Diga-me só uma coisa, sim? Foi Tom Sawyer quem o descobriu?

A viúva começou a chorar.

- Cala-te, filho, cala-te! Já te disse que não podes estar a falar. Estás muito doente.

Então só tinha sido descoberto álcool! Devia ser assim, na verdade, porque, se tivessem encontrado mais alguma coisa, o barulho seria muito maior. O tesouro desaparecera para sempre, para sempre! Mas porque estaria ela a chorar? Era estranho que ela chorasse.

æ força de pensar nestas coisas que não percebia, Huck adormeceu e a viúva disse consigo:

- Coitado, acabou por adormecer. Se Tom Sawyer descobriu o álcool! Quem nos dera a nós que alguém descobrisse Tom Sawyer! Infelizmente, já poucos têm esperança ou energia para continuar a procurar.

31. ENCONTRADOS E PERDIDOS OUTRA VEZ

Voltemos agora à parte que Tom e Becky tomaram no piquenique. Foram caminhando pelos corredores sombrios como os outros companheiros. e admirando as maravilhas já conhecidas da gruta, maravilhas tornadas famosas, com nomes descritivos como: "Sala de Desenho", "Catedral", e "Palácio de Aladino". Pouco depois começou o alegre jogo das escondidas, e os dois pequenos tomaram parte nele com entusiasmo, até se sentirem cansados; então desceram por uma galeria sinuosa, levantando as velas para lerem a teia de nomes, datas, endereços e máximas que outros tinham escrito com fumos de vela nas paredes rochosas. Sempre a andarem e a conversarem, mal deram por que tinham chegado a uma parte da gruta cujas paredes não tinham nada escrito. Escreveram eles os seus nomes por baixo de uma saliência e seguiram. Pouco depois chegaram a um lugar onde um pequeno veio de água, correndo vagarosamente por sobre um degrau, tinha formado ao fim de séculos de continuidade uma renda de pedra que lembrava uma miniatura do Niágara. Para Becky poder ver melhor, Tom meteu o seu corpo delgado por detrás disto, no intuito de iluminar, e deparou-se-Lhe então uma espécie de escada íngreme entalada entre paredes sinuosas. Sem demora, apoderou-se dele uma ânsia de descobrir coisas. Falou nisso a Becky, que logo condescendeu. Fizeram na parede um sinal com fumo, para se guiarem mais tarde, e puseram-se a caminho.

Andaram para um lado e para o outro, descendo sempre nas profundidades secretas da gruta, fizeram outro sinal, e cortaram para um dos lados, sempre em busca de novidades para contarem aos outros que tinham ficado em cima. Em certa altura, chegaram a uma espaçosa caverna de cujo tecto pendia uma porção de estalactites, do comprimento e grossura da perna dum homem. Caminharam ao longo dela, até que a deixaram, para entrarem num dos numerosos corredores que abriam para lá e que os levou a uma nascente com a concha coberta de pequenos

cristais brilhantes, como se fosse geada; esta estava no meio de uma caverna; o tecto apoiava-se numa infinidade de pilares fantásticos, formados da junção de enormes estalactites e estalagmites, resultado do cair de gotas de água durante séculos. Pegados ao tecto havia milhares de morcegos agrupados em cachão; espantados pelas luzes, os animais desceram às centenas, guinchando e arremessando-se, furiosos, contra a chama das velas. Tom conhecia-lhes os hábitos e sabia o perigo que eles representavam, por isso pegou na mão de Becky e puxou-a com ligeireza para o primeiro corredor que se Lhes deparou; não foi sem tempo, porque um morcego bateu com as asas na vela de Becky, apagando-a no próprio instante em que saíam da caverna. Os morcegos perseguiram os dois pequenos durante algum tempo, mas eles foram entrando em quantas galerias encontraram, conseguindo, por fim, ver-se livres dos perigosos animais. Deste modo, Tom foi parar junto de um lago subterrâneo, que se estendia até que a sua forma se perdia nas sombras. Quis explorar-lhe as margens, mas concluiu que era preferível sentarem-se e descansarem um bocado. Só então, pela primeira vez, o silêncio profundo daquele lugar pesou sobre o espírito das crianças e Becky disse:

- Não dei por isso, mas agora parece-me que há já muito tempo que deixei de ouvir os outros.

- Na verdade, Becky, devemos estar muito abaixo deles, e não sei em que direcção, não sei se é norte, sul, este ou qual é. Nem podemos ouvi-los aqui.

Becky começou a ficar apreensiva.

- Gostava de saber há quanto tempo estamos cá em baixo, Tom. Talvez fosse melhor voltarmos para trás.

- Sim, calculo que sim. Tens razão, vamo-nos embora.

- E sabes o caminho, Tom? Para mim é tudo muito confuso.

- Penso que me será fácil encontrá-lo. O pior são os morcegos. Se nos apagam as nossas duas velas, vai ser uma atrapalhação. O que devemos é experimentar outro caminho, para não termos de passar por ali. - Contanto que não nos vamos perder. Seria horrível!

A pequena estremeceu só de pensar no que seria se tal acontecesse. Enveredaram por um corredor, caminhando em silêncio e relanceando um olhar para cada nova passagem que se lhes deparava, a ver se Lhe conheciam o aspecto, mas todas eram igualmente estranhas. De cada vez que

Tom fixava o olhar numa nova parede, Becky, muito atenta, examinava a cara dele à espera de um sorriso animador, e ele dizia com ar prazenteiro:

- Está bem! Está bem! Esta passagem não é ainda a que nós procuramos, mas lá chegaremos.

No entanto, de cada vez que chegava a esta conclusão, a sua esperança diminuía, e, numa dada altura, começaram a seguir por corredores ao acaso, numa ânsia de encontrarem aquele que pretendiam. Tom continuava a dizer que tudo estava bem, mas

tinha tal tristeza no coração que, sem ele querer, as palavras soavam como se dissesse que estava tudo perdido.

Caminhando ao seu lado, cheio de medo, Becky fez tudo para segurar as lágrimas, mas, por fim, não pôde mais e disse a chorar:

- Oh! Tom, não te importes com os morcegos e vamos por aquele caminho. Assim parece que cada vez estamos mais longe.

Tom parou e disse:

- Escuta.

Profundo silêncio. Tão profundo, que eles sentiam distintamente a sua própria respiração. Tom gritou, e esse grito foi ecoando pelos corredores vazios para se extinguir à distância, num tom quase imperceptível, que parecia uma risada trocista.

- Não tornes a fazer isso, Tom. É horrível! - pediu Becky.

- É horrível, mas é útil, Becky; assim podiam ouvir-nos, sabes?

Gritou outra vez.

O «podiam» era ainda mais horrível do que a risada trocista, porque confessava uma esperança que morria. De pé e em silêncio, as crianças escutaram, e não ouviram nada. Tom, então, voltou-se com rapidez para o caminho por onde viera, e começou a andar, mas, em breve, Becky notou, pela indecisão com que ele se movia, o facto tremendo de que se não lembrava qual era o corredor.

- Oh! Tom, não fizeste sinais!

- Fui um doido, Becky! Um verdadeiro doido! Nunca me passou pela cabeça que pudéssemos ter de voltar para trás! Agora não sei o caminho. É uma confusão.

- Tom, perdemo-nos! Perdemo-nos e nunca mais sairemos deste lugar medonho! Ai! Porque havíamos de nos ter separado dos outros?

Deixou-se cair no chão e começou a chorar, num tal desespero que Tom se sentiu horrorizado com a ideia de que a sua companheira pudesse morrer ou endoidecer. Sentou-se junto dela e pôs-lhe os braços em volta do pescoço; Becky encostou a cabeça ao ombro dele e contou-lhe todos os seus horrores, o seu arrependimento, mas os sons eram transportados pelo eco em risos sarcásticos. Tom quis fazer reviver a esperança, mas, reconhecendo que não conseguia, começou a censurar-se a si próprio de a ter levado a uma triste situação. Estas palavras tiveram melhor efeito, porque, ao ouvi-las, Becky fez o possível por se levantar e prometeu segui-lo para onde quer que fosse, contanto que ele não tornasse a falar daquele modo, porque não era em coisa nenhuma mais digno de censura do que ela, dizia.

Seguiram, pois, sem um fim, andando ao acaso e apenas para não ficarem quietos. Durante algum tempo a esperança pareceu reviver, não porque houvesse razão para isso, mas só porque a esperança morre dificilmente no espírito dos que têm pouca idade, e, por isso, não estão familiarizados com a desgraça. Passados momentos, Tom pegou na vela de Becky e apagou-a. Esta economia era muito importante, e nem foram precisas palavras para Becky compreender e perder de novo coragem. Sabia que Tom tinha uma vela inteira e vários bocados

na algibeira e, apesar disso, precisava de pou par.

Dentro em pouco, o cansaço começou a fazer-se sentir. A princípio, as crianças não quiseram dar atenção, pois sabiam que era horrível sentarem-se ali numa ocasião em que o tempo era tão precioso e em que andar, fosse para onde fosse, podia finalmente ser proveitoso. Sentarem-se era chamar a morte e facilitar a sua missão.

Mas, por fim, os membros frágeis de Becky recusaram-se a levá-la mais longe, e ela sentou-se. Tom ficou a seu lado e puseram-se a falar da aldeia, dos amigos que lá tinham deixado, das camas confortáveis e, em especial, da luz. Becky chorou e Tom quis lembrar-se de alguma coisa para Lhe dar alento, mas tudo o que pudesse dizer-lhe perdera o efeito à força de ser repetido e parecia uma ironia. A fadiga foi aumentando e, por fim, Becky adormeceu. Tom ficou satisfeito. Pôs-se a olhar para a sua cara e, pouco a pouco, viu a expressão acalmar-se-Lhe sob a natural influência de sonhos agradáveis, chegando mesmo os lábios a entreabrir-se num sorriso. Havia no seu rostozinho uma tranquilidade que fez com que Tom pensasse nos tempos idos. Em certa altura Becky acordou, com um sorriso alegre, que logo se lhe gelou nos lábios.

- Como pude eu dormir? - disse em voz triste. - Antes nunca tivesse acordado. Não. Não, Tom, não olhes assim para mim, porque não torno a dizer isto.

- Fico contente por teres dormido, Becky. Agora estás mais descansada e podemos ir procurar o caminho.

- Vamos tentar, Tom, mas vi coisas tão bonitas nos meus sonhos, terras tão risonhas de onde parecem chamar-me, que é naturalmente para onde tenho de ir.

- Talvez não! Talvez não! Ânimo, Becky, e vamos tentar mais uma vez.

Levantaram-se e andaram por ali de mãos dadas e com pouca esperança. Quiseram calcular quanto tempo teria passado depois de entrarem para a gruta; parecia-Lhes que teriam decorrido dias e semanas, mas sabiam que isso era impossível, porque as velas ainda se não tinham acabado. Muito tempo depois - embora não soubessem dizer quanto - Tom disse que deviam ir devagarinho e de ouvido à escuta, a ver se sentiam o barulho da água, porque precisavam de encontrar uma nascente. Na verdade, deparou-se-lhe uma, logo depois, e Tom foi de opinião que deviam sentar-se para descansar. Estavam ambos fatigadíssimos, mas Becky disse que era capaz de andar ainda mais um bocado. Com grande surpresa dela, Tom discordou. Embora sem compreender esta opinião, Becky condescendeu e ambos se sentaram. O rapaz pegou a vela à parede e ficaram em silêncio, até que Becky disse:

- Tom, tenho tanta fome!

Ele tirou uma coisa da algibeira e perguntou:

- Lembras-te disto?

- É o nosso bolo de noivos! - respondeu a pequena, fazendo um esforço para sorrir.

- Sim. Bem queria eu que fosse do tamanho de um barril, mas só temos este bocadinho.

- É a sobra do que levei para o piquenique, e guardei-o para fazer como as pessoas crescidas com o bolo de noivos, mas este vai ser o nosso...

Não acabou a frase. Tom repartiu o bolo e, enquanto Becky comeu, com grande apetite, pôs-se a tirar umas migalhas da sua metade.

Depois, acabaram o banquete com água fresca, que tinham em abun dância, mas, quando Becky falou em se pôrem de novo a caminho, Tom respondeu, passados uns momentos de silêncio:

- Tens coragem para ouvir uma coisa que vou dizer-te, Becky?

A pequena empalideceu, mas disse que sim.

- Temos de ficar aqui, Becky, porque aquele coto de vela é o único que nos resta.

Becky deu largas às lágrimas e lamentações e, apesar de Tom fazer tudo o que pôde para a consolar, não o conseguiu. Por fim, ela lembrou:

- Tom!

- O que é?

- Não achas que hão-de dar por falta de nós e procurar-nos?

- É possível que sim. É mesmo certo!

- Talvez já andem à nossa procura.

- É de calcular que andem. Tenho esperança que assim seja.

- Quando dariam por falta de nós, Tom?

- Talvez quando embarcassem.

- Mas nessa altura já estaria escuro. Teriam dado por que nós não íamos?

- Não sei, mas seja como for, a tua mãe há-de notar a tua falta, logo que eles cheguem a casa.

O olhar de Becky deu ao seu companheiro a consciência do que acabava de dizer. Lembrou-se então que ela não devia ir dormir a casa naquela noite. Ficaram calados mais uns momentos e novas demonstrações de desgosto da parte de Becky mostraram a Tom que ela fizera o mesmo raciocínio. Já a manhã de domingo devia ir adiantada, quando Mrs. Thatcher descobrisse que a filha não estava em casa de Mrs. Harper.

Os dois pequenos puseram-se a olhar para o resto da vela; viram-na derreter-se vagarosamente, deixando ficar apenas a meia polegada de pavio fumarento. Viram elevar-se a chama até ao alto da delgada coluna de fumo, durar ali um momento e extinguir-se, mergulhando-os na mais horrível e completa escuridão.

Quanto tempo Becky esteve meio inconsciente a chorar nos braços de Tom, nenhum deles o soube. Tudo o que sabiam era apenas que lhes parecia ter decorrido um intervalo imenso quando ambos acordaram daquele torpor para pensarem de novo na tristeza da sua situação. Tom disse que já devia ser domingo ou talvez segundafeira. Tentou fazer falar Becky, mas a sua desolação oprimia-a de tal modo que nada conseguia distraí-la. Tom afirmou que deviam ter dado por falta deles havia muito tempo e que por certo andavam a procurá-los.

As horas foram passando e os dois prisioneiros de novo

sentiram fome; havia ainda a metade do bolo que era o quinhão de Tom. Repartiram-na e

comeram-na, mas, no fim, tinham ainda mais fome, pois a pequena refeição só serviu para lhes despertar o apetite.

Passados momentos, Tom disse:

- Não faças barulho. Ouves?

Ambos sustiveram a respiração e escutaram. Distinguia-se como que um grito muito, muito ao longe. Imediatamente Tom respondeu e, pegando na mão de Becky, adiantou-se pelo corredor na direcção em que se sentira o grito, mas agora mais de perto.

- São eles! - disse Tom. - Vêm aí. Anda, Becky! Agora tudo há-de correr bem.

A alegria dos prisioneiros era imensa, mas, apesar disso, caminhavam devagar, porque sabiam que havia muitos buracos e tinham de se precaver contra esse perigo. Em breve chegaram junto de um que tanto podia ter três como cem pés de profundidade. Fosse como fosse, não podiam caminhar para além dele.

Tom deitou-se de bruços e estendeu o mais que pôde um braço para dentro da cavidade. Não lhe encontrando o fundo, decidiu que tinham de ficar ali e esperar que os outros viessem ao seu encontro. Escutaram, mas era evidente que os gritos se iam afastando. Passados momentos, deixaram de se ouvir.

Que desolação! Tom gritou até ficar rouco, mas de nada lhe serviu. Becky mostrou-se sempre cheia de esperança, mas os sons não tornaram a ouvir-se.

Cautelosamente, os dois pequenos voltaram para trás, para o lugar da nascente. O tempo arrastou-se; dormiram outra vez e acordaram esfomeados e abatidos pela tristeza. Tom supunha que devia ser terça-feira. De repente, veio-lhe à ideia uma coisa. Havia corredores transversais muito perto e por certo seria mais vantajoso explorar alguns deles do que ficar ali pasmados a deixar correr o tempo. Tirou do bolso a guita de um papagaio, atou-a a uma saliência, e tanto ele como Becky se puseram a caminho; Tom ia à frente e desenrolando a guita à medida que se adiantavam. Ao fim de uns vinte passos o corredor terminava num despenhadeiro. Tom ajoelhou-se apalpou o caminho até onde pôde, conseguindo chegar a uma espécie de esquina, onde o corredor voltava. Aí, fez o possível por se estender um pouco mais para a direita e, a menos de vinte jardas, viu a mão de um homem segurando uma vela. Tom soltou um grito, mas, logo em seguida, apareceu por trás de uma rocha o corpo ao qual pertencia a mão, e que era o

de Injun Joe. Tom ficou paralisado e só tornou a respirar

quando viu o Espanhol, deitar a correr.

Surpreendido, Tom perguntava a si próprio se Joe o teria reconhecido e viria matá-lo por causa do seu depoimento no tribunal. Mas o eco teria possivelmente transformado a sua voz, pensou. Disse consigo que, se tivesse força para voltar junto da nascente, ficaria lá e nada o tentaria a afastar-se e a correr o risco de encontrar de novo Injun Joe. Teve o bom cuidado de não dizer a Becky o que vira, asseverando que gritara ao acaso.

Porém, a fome e o cansaço acabaram por poder mais que tudo. Ao fim de outro sono e de outro espaço de tempo à espera de uma coisa que não vinha, Tom mudou de ideia. Os pequenos acordaram torturados pela fome. Tom calculou que já devia ser quarta, quinta ou até sexta-feira ou sábado e que tinham já desistido de os procurar.

Então, disposto a afrontar o perigo de encontrar Injun Joe, propôs a Becky explorarem outro corredor, mas ela estava muito fraca. Caíra numa espécie de torpor e não condescendia em caminhar. Disse que esperaria onde estava até morrer, o que por certo não demorava muito. Tom que fosse com a guita do papagaio, se quisesse; no entanto, pediu-lhe que voltasse atrás de vez em quando e Lhe falasse, fazendo-o prometer, além disso, que estaria junto dela e lhe agarraria a mão quando chegasse o momento terrível.

Tom beijou-a com uma impressão estranha na garganta, e mostrou-se muito confiante em que encontraria os que os procuravam ou uma saída da gruta; depois, pegou na ponta da guita e, cheio de fome e de maus pressentimentos, seguiu de gatas por um dos corredores.

32. LEVANTEM-SE! OS PEQUENOS APARECERAM!

Acabou a tarde de terça-feira, chegou a noite e a aldeia de São Petersburgo continuava de luto. Não se tinham encontrado os pequenos. Fizeram-se preces por eles, houve muito quem rezasse em particular e com fervor, mas, ainda assim, da gruta continuavam a não vir notícias. Muitas das pessoas que tinham ido procurá-los já tinham desistido e voltado às suas ocupações de todos os dias, dando como certa a perda dos dois pequenos.

Mrs. Thatcher estava muito doente, e delirante a maior parte do tempo. Dizia-se que fazia dó ouvi-la chamar pela filha, levantar a cabeça do travesseiro e escutar, para logo a deixar cair desanimada e com um suspiro. A tia Polly estava mergulhada na mais profunda tristeza e com o cabelo quase todo branco. Todos da aldeia se deitaram na terça-feira muito desgostosos, mas, no meio da noite, ouviu-se tocar o sino alegremente e, num momento, a multidão gritava:

- Levantem-se! Levantem-se! Os pequenos apareceram! Os

pequenos apareceram!

O barulho de latas e cornetas aumentou o ruído, e a população, toda junta, desceu em direcção ao rio, ao encontro das crianças, que vinham num carro puxado por aldeões. Reuniu-se a eles a multidão, tornando mais denso o grupo e entrando pouco depois na rua principal da aldeia, iluminada. Já ninguém voltou para a cama; era aquela a noite mais festiva da aldeia. Durante meia hora, os aldeões, em cortejo, desfilaram pela casa do juiz Thatcher, abraçaram-no e beijaram os pequenos que tinham sido salvos, apertaram a mão de Mrs. Thatcher; tentaram falar, mas não puderam, e seguiram, com as lágrimas a cair-lhes pela cara.

A felicidade da tia Polly era completa, e, para que a de Mrs. Thatcher também o fosse, só faltava que as pessoas enviadas à gruta com a boa nova chegassem à fala do juiz.

Tom, deitado num sofá, rodeado de um auditório interessadíssimo, contou a história da sua aventura maravilhosa, de certo modo embelezada, e terminou com a descrição da forma como deixara Becky para ir em viagem de exploração, seguindo por duas galerias a todo o comprimento da guita do papagaio antes de enveredar pela terceira, onde numa curva divisara uma réstea de luz, que Lhe pareceu do dia; da maneira como deixara a guita para caminhar cautelosamente até lá, como metera a cabeça e depois os ombros pela abertura, vendo correr ali perto o largo Mississipi. E pensar que se fosse de noite nunca teria visto a mancha de luz, nem, por conseguinte, seguido por aquele corredor! Contou depois como voltara junto de Becky a dar-lhe a notícia e ela lhe pedira que não Lhe dissesse coisas daquelas, porque estava cansada, ia morrer e só queria acabar. Descreveu o trabalho que tivera a convencê-la e que ela quase morrera de alegria ao encaminhar-se para o ponto onde, de facto, via brilhar a mancha de luz; o modo como ele conseguira meter-se pelo buraco e puxá-la; como se tinham sentado fora da gruta e chorado de alegria; como alguns homens se tinham aproximado num barquito, e como os chamara, para Lhes dizer em que situação se encontravam e pedir de comer; o modo como os homens tinham duvidado do que dizia, alegando que estavam ao nível do rio, que era cinco milhas abaixo do vale onde ficava a gruta; como depois esses homens os tinham tomado a bordo, remando para um ponto da margem onde havia uma casa, para Lhes dar de cear, para fazê-los descansar até ser noite fechada e então levá-los a casa.

Antes do romper do dia, o juiz Thatcher e o grupo de homens que com ele procuravam os pequenos na gruta foram alcançados pelos dois mensageiros que tinham ido em sua demanda, e informados do acontecimento.

Três dias e três noites de cansaço e fome na gruta deixaram sinais difíceis de apagar, como os pequenos em breve puderam ver. Tom e Becky estiveram de cama todo o dia de quarta e quinta-feira e parecia-lhes que cada vez se sentiam mais fatigados. Só ao anoitecer de quinta-feira Tom se levantou um bocadito, mas andou pela rua quase todo o dia de sexta e sábado. Becky só saiu do quarto no domingo, e o seu aspecto era o de uma pessoa convalescente de uma grande doença.

Tom soube que Huck estivera muito mal, e foi lá a casa na sexta-feira, mas não teve licença de entrar no quarto. Do mesmo modo o não viu no sábado nem no domingo; depois disso, passou a entrar todos os dias, mas recomendaram-lhe que não contasse nada da sua aventura, nem falasse em assuntos sensacionais, e a viúva Douglas assistia à visita para ter a certeza

de que lhe obedecia.

Pela família, Tom soube dos acontecimentos do monte Cardiff e que o corpo do homem do fato roto, fora encontrado por acaso junto do cais. Parece que se tinha afogado quando tentava fugir.

Cerca de quinze dias depois de Tom sair da gruta, um dia em que ia visitar Huck, já restabelecido e suficientemente forte para ouvir falar de qualquer assunto, decidiu contar-lhe a sua história.

A casa do juiz Thatcher ficava-Lhe em caminho e ele entrou para ver Becky. O juiz e alguns amigos, em conversa com Tom, perguntaram-lhe por ironia se era capaz de voltar à gruta. Tom respondeu que não se importava nada, e o juiz retorquiu:

- Não me custa a crer e é de calcular que haja outras pessoas da mesma opinião, mas por isso mesmo já tratámos do assunto. Ninguém mais se perderá na gruta.

- Porquê?

- Porque a mandei tapar com uma grande porta soldada na rocha, onde se puseram duas fechaduras, cujas chaves estão em meu poder.

Tom fez-se pálido.

- Que tens, rapaz? Tragam depressa um copo de água!

Trouxeram a água e o juiz molhou com ela as fontes de Tom.

- Já passou? Que foi isso? Que tiveste, Tom?

- ƒ senhor doutor, é que Injun Joe está na gruta!

33. O DESTINO DE INJUN JOE

Dentro de minutos a notícia correu, e uma dúzia de barcos, cheios de homens, seguiu rio abaixo em direcção à gruta; daí a pouco partiu o vapor carregado de passageiros. Tom Sawyer seguiu no mesmo barco do juiz Thatcher.

Quando a porta da caverna foi aberta, deparou-se à vista de todos um triste espectáculo. Injun Joe estava estendido no chão, morto, com a cara junto da frincha da porta, como se nos últimos momentos os seus olhos ansiosos se tivessem fixado na luz do dia e na alegria da liberdade. Isto comoveu Tom, que sabia por experiência própria quanto o infeliz devia ter

sofrido. No entanto, apesar de isto Lhe despertar piedade, deu-lhe também uma sensação de alívio e segurança, que o fez avaliar como nunca o peso do receio que pesava no seu espírito desde o dia em que erguera a voz contra Injun Joe no tribunal.

A navalha curva do morto estava ao lado dele, com a lâmina quebrada em duas. Tinha-se servido dela para tentar cortar a soleira da porta. Este trabalho, tão difícil e penoso, fora em absoluto inútil, porque a soleira era de rocha e formava um pequeno degrau, cuja parte mais alta ficava do lado de fora. O único dano fora à própria navalha. Mas, ainda que não houvesse aquela obstrução, a navalha não conseguiria nunca abrir uma fenda suficientemente larga para dar passagem ao corpo de Injun Joe, e ele sabia-o. Era, pois, fácil de concluir que se entregara àquele labor só para fazer alguma coisa, passar o tempo, que parecia não ter fim, e gastar as suas energias.

Era costume encontrarem-se no vestíbulo muitos bocados de vela que, ao sair de lá, os turistas deixavam entaladas nas fendas das rochas, mas naquela ocasião não havia nenhum, porque o prisioneiro os tinha comido. Conseguira também apanhar alguns morcegos que comera, deixando apenas as unhas. O desgraçado tinha morrido de fome. Perto dele, uma estalagmite tinha-se elevado do chão, formada pelas gotas de água que caíam

duma estalactite por cima dela. O cativo quebrara a estalactite sobre a qual pusera uma pedra, onde abrira um buraco, com o fim de receber a gota que caía de três em três minutos, com a regularidade do bater de um relógio, numa quantidade que chegaria para encher uma colher de sobremesa em cada vinte e quatro horas. Essa gota já caía quando se fizeram as pirâmides; quando Tróia foi destruída; quando se abriram os alicerces de Roma; quando Cristo foi crucificado; quando o Conquistador criou o Império Britânico; quando Colombo navegou; quando o massacre de Lewington foi uma novidade,. Continua a cair ainda agora e cairá talvez quando todas estas coisas se tiverem perdido na penumbra da história e forem engolidas pelo esquecimento. Será certo que cada coisa se destina a um fim e tem uma certa missão? Teria essa gota caído pacientemente durante cinco mil anos para aquele mísero insecto humano pudesse recolhê-lo e matar com ela a sede? Não interessa. Já decorreram muitos anos desde que o desgraçado mestiço cavou a pedra para guardar umas tristes gotas de água, mas ainda hoje os turistas olham para essa pedra e param a ver essa gota de água vagarosa antes de seguirem a ver as outras maravilhas da gruta de McDougal, em cuja lista a taça de Injun Joe tem o primeiro lugar. O próprio palácio de Aladino não pode rivalizar com ela.

Injun Joe foi enterrado perto da entrada da gruta, e muita gente, das vilas e aldeias em redor, foi até lá em barcos e carros; levaram os filhos e toda a espécie de provisões, confessando depois que tinham passado ali umas horas tão

agradáveis como as que contavam passar no enforcamento de Inj
un Joe.

Este fim pôs termo a uma coisa, que foi a petição feita ao governador a favor de Injun Joe e que tinha muitas assinaturas. Tinham-se realizado inúmeras reuniões, e uma comissão de mulheres resolvera em segredo ir de luto pesado lamentar o caso ao governador e implorar-lhe um perdão estúpido, que significaria a desobediência ao seu dever. Supunha-se que Injun Joe tinha morto cinco aldeões, mas que tinha isso?

Ainda mesmo que se tratasse do próprio Satanás, sempre haveria pessoas capazes de pôr o seu nome numa petição de perdão e deitar uma lágrima de parvoíce.

Na manhã seguinte à do funeral, Tom chamou Huck de parte para conversar num assunto particular. Nesta altura já Huck tinha sabido pelo galês e pela viúva Douglas, toda a aventura de Tom, mas este calculava que uma coisa fora omitida, e era sobre esse ponto que queria falar.

A expressão de Huck velou-se.

- Sei do que se trata. Foste ao número dois e encontraste lá whisky. Ninguém me disse que foste tu, mas, logo que ouvi falar nesse caso, calculei tudo. Soube também que não tinhas encontrado o dinheiro, porque, se o tivesses, já terias arranjado maneira de me dizer, mesmo que guardasses segredo para todas as outras pessoas. Tenho um pressentimento de que essa fortuna nunca nos chegará às mãos.

- Não, Huck, não fui eu que denunciei o estalajadeiro. Lembras-te que, no sábado em que fui para o piquenique, tu estavas de sentinela à estalagem? Bem sabes que tudo estava ali em sossego.

- Sim, sim. Tudo isso parece que foi já há muito tempo. Foi na mesma noite em que segui Injun Joe até casa da viúva.

- Tu seguiste-o?

- Segui, mas não digas nada a ninguém. É de calcular que Injun Joe tenha deixado amigos, e não quero que me metam em trabalhos nem me façam mal, pois, se não fosse eu, ele estaria no Texas e de perfeita saúde.

Então, Huck contou confidencialmente a Tom toda a história, da qual o galês Lhe contara apenas uma parte.

- É fácil de ver - concluiu Huck voltando ao assunto principal da conversa - que quem descobriu o whisky, no número dois descobriu também o dinheiro. Seja como for, nunca mais o veremos, Tom.

- Não, Huck, o dinheiro nunca esteve no número dois.

- O quê? - perguntou Huck com o olhar fito na cara de Tom.Encontraste outra vez a pista do dinheiro?

- Está na gruta.

- Repete isso, Tom!

- O dinheiro está na gruta.

- Isso é a sério ou estás abrincar?

- É a sério, Huck. O mais a sério possível. Queres ir lá buscá-lo comigo?

- Claro que quero! Quero, se pudermos encontrar o caminho sem nos perdermos.

- Podemos e sem grande trabalho.

- Então vamos. Mas o que é que te faz pensar?...
- Espera até lá irmos. Se não o encontrarmos, condescendo em dar-te o meu tambor e tudo o que tenho. Palavra que dou.
- Está bem, é um contrato. Quando vamos?

- Já de seguida, se quiseres. Sentes-te suficientemente forte?
- É muito para dentro da gruta? Já há três ou quatro dias que ando a pé, mas não posso fazer grandes caminhadas. Pelo menos assim o penso.
- Fica a cerca de cinco milhas, indo por um caminho onde só eu posso chegar, mas há um atalho de que só eu sei e que nos leva lá direitos, Huck. Vamos de barco. Remo até lá e depois para cá sozinho. Tu não precisas nem de mexer um dedo.
- Então vamos já, Tom.
- Bem, precisamos de um bocado de pão e carne; levamos os nossos cachimbos, um ou dois saquitos, umas guitas de papagaio e algumas dessas coisas que inventaram agora e que se chamam fósforos. Não calculas a falta que me fizeram quando lá estive.

Pouco depois do meio-dia, os dois rapazes partiram, servindo-se para isso de um barco pertencente a um aldeão que estava ausente. Quando chegaram, umas poucas de milhas abaixo da entrada da gruta, Tom disse:

- Vês aquela escarpa além? Tudo aquilo parece igual. Não há casas, nem bosques, nem arbustos. Mas vês, um pouco mais longe, uma mancha branca num lugar onde houve um desabamento? É um dos meus pontos de referência. É ali que vamos desembarcar.

Assim fizeram.

- No sítio onde estamos, Huck, é fácil chegar com uma vara de pesca ao buraco por onde saí. Vê lá se o encontras.

Huck procurou mas não o viu. Então, orgulhoso, Tom entrou num maciço de sumagres e disse:

- Aqui está ele. Olha para cá. É o buraco mais escondido da região. Mas não digas nada. Sempre tive vontade de ser ladrão, mas sabia que precisava de ter uma coisa como esta para onde fugir. Aqui é que estava a dificuldade, mas, agora que já temos um esconderijo, não dizemos nada. Só deixamos cá entrar Joe Harper e Ben Rogers, porque já se vê, tem de haver uma quadrilha, senão não tem graça nenhuma. A quadrilha de Tom Sawyer: soa bem, não soa, Huck?
- Muito bem, Tom! E quem vamos nós roubar?
- Certas pessoas. Arma-se-Lhes uma cilada, que é o melhor sistema.
- E matam-se?
- Não, nem sempre. Escondem-se na gruta, até que nos ofereçam um resgate.
- Que é um resgate?
- Dinheiro. Faz-se com que ofereçam o mais possível; por vezes metem nisso os amigos e, ao fim de um ano de lá estarem,

se não oferecerem tanto quanto nós queremos, matamo-los. Assim é que é costume, mas não se matam as mulheres. Prendem-se, mas não se matam. São sempre lindas, ricas e muito medrosas. Tira-se-Lhes o relógio e as jóias, mas só se lhes fala de chapéu na mão e com muita delicadeza. Não há ninguém mais delicado que os gatunos. Vê-se isso em todos os livros. As mulheres acabam por gostar de nós e, ao fim de estarem na gruta uma semana ou duas, param de chorar. Por vezes é até impossível fazer com que nos deixem e, ainda que se vão levar a um sítio muito distante dali, voltam sempre para nós. Também vem isto em todos os livros.

- Isso é esplêndido, Tom! Ainda me parece melhor que ser pirata.

- De certo modo é, porque fica perto de casa e pode-se ir aos circos e a essas coisas.

Nesta altura já tudo estava em ordem e os dois rapazes entraram no buraco. Tom ia à frente. Seguiram até ao fim do túnel e aí, depois de atarem as guitas dos papagaios a uma saliência, voltaram por outro corredor, que os levou à nascente. Quando chegaram àquele lugar, Tom sentiu um arrepio. Mostrou a Huck um bocado de pavio pegado à rocha e contou-lhe como ele e Becky tinham assistido à luta da chama até se extinguir. Com o espírito opresso começaram a falar, em segredo.

Continuaram a caminhar e, passados instantes, entraram noutra galeria, que conduzia ao lugar do despenhadeiro". À luz das velas viram então que não se tratava realmente de um precipício, mas que estavam na parte superior dum monte de gesso cujo declive era íngreme e tinha cerca de seis metros de alto. Tom levantou a vela e segredou:

- Agora vou mostrar-te uma coisa, Huck. Para lá do canto, olha para o mais longe que possas. Vês o que ali está? Na rocha, lá em cima, feito com fumo de vela.

- Tom, é uma cruz"!

- Aqui está o nosso número dois. Por baixo da cruz", hem? É mesmo no sítio em que vi Injun Joe com a vela na mão.

Huck olhou para o sinal místico e disse, com a voz a tremer:

- Vamo-nos embora daqui, Tom.

- O quê? Ir embora daqui e deixar o tesouro?

- Sim, deixa tudo. O fantasma de Injun Joe deve andar por aqui.

- Não anda, Huck, não anda. Deve andar no lugar onde morreu, lá

em cima, na entrada da gruta, a cinco milhas daqui.

Tom começou a recear que o amigo tivesse razão, mas, de súbito veio-lhe à ideia uma coisa.

- Olha lá, Huck. Que palermas que nós somos! Com certeza que o fantasma de Inj un Joe não anda à volta de um lugar onde há uma cruz.

O caso era muito para considerar e a frase teve o efeito

desejado.
  - Não me tinha lembrado disso, Tom, mas tens razão. Para nós é uma sorte estar aqui esta cruz. Parece-me que o melhor que temos a fazer é descer e procurar a caixa.
  Tom desceu primeiro, caminhando, com dificuldade, pelo gesso. Huck seguiu-o. Da pequena caverna para onde dava a rocha enorme, partiam quatro corredores. Os rapazes examinaram três sem resultado, mas no último acharam, junto da base da rocha, uma pequena reentrância com um catre tapado com cobertores, uns suspensórios velhos, um bocado de toucinho e ossos de duas ou três aves, mas não viram a caixa. Procuraram, tornaram a procurar, mas tudo foi em vão. Então, Tom lembrou-se:
  - Eles disseram por baixo da cruz e este lugar fica, na verdade, por baixo da cruz. Por baixo da rocha não será, porque me parece bastante firme.
  Procuraram uma vez mais e, por fim, sentaram-se já desanimados. Huck não conseguia sugerir nada, mas, ao fim de algum tempo, Tom observou:
  - Olha lá, Huck. Há sinal de passos e pingos de sebo no gesso, a um dos lados junto da rocha. Para que pode ser isso? Ia apostar que o dinheiro está debaixo da rocha. Vou cavar no gesso.
  - Não é má ideia, Tom! - disse Huck, já animado.
  Num momento, Tom tirou do bolso a sua autêntica Barlow,, e ainda não tinha cavado quatro polegadas quando bateu em madeira.
  - Ouves, Huck? Ouves isto?
  Huck começou também a cavar e a afastar o gesso. Em breve ficaram à vista algumas tábuas que os rapazes puseram para o lado, deixando a descoberto uma fenda natural aberta por baixo da rocha. Tom meteu-se por ela, estendendo o mais que podia o braço com a luz, mas não conseguiu ver-Lhe o fundo e propôs ao outro entrarem lá. Dobrou-se e passou. O caminho estreito descia gradualmente. Seguiu todas as suas curvas, primeiro à direita, depois à esquerda, levando sempre o companheiro atrás de si. Por fim, virou-se uma vez mais e exclamou:
   - Meu Deus! Olha para ali, Huck!
  Numa cavidade da rocha estava, na verdade, metida a caixa do tesouro, bem como duas espingardas nas suas bolsas de cabedal, dois ou três pares de sapatos de pele de corça, um cinto de couro e mais umas trapalhadas abolorecidas pela humidade da rocha.
  - Conseguimos, finalmente! - disse Huck, passando os dedos entre as moedas marcadas. - Estamos ricos, Tom!
  - Sempre calculei que isto nos viria ter às mãos, Huck, mas é tão bom que até parece mentira. Não achas que é melhor não nos demorarmos aqui? Toca a levar a caixa! Deixa ver se posso com ela.
  Pesava perto de cinquenta libras, por isso Tom levantou-a depois de grandes esforços, mas viu que não seria capaz de a transportar.
  - Já pensava isto mesmo, porque, na casa assombrada, quando Lhe pegaram, também me pareceu que devia ser muito pesada. Bem fiz eu em trazer os sacos.

Os dois rapazes passaram o dinheiro para os sacos e levaram estes para junto da rocha onde estava a cruz.

- Agora vamos buscar as espingardas e as outras coisas! - propôs Huck.

- Não, não! Deixamo-las lá ficar. É exactamente daquilo que nós precisamos quando formos roubados, por isso guardamo-las ali mesmo, porque aquele há-de ser o lugar das nossas orgias. Acho que, assim escondido, é um sítio óptimo para orgias.

- O que são orgias?

- Sei lá! Mas os ladrões têm sempre orgias e já se vê que nós também havemos de as ter. Vamo-nos embora, Huck. Já aqui estamos há muito tempo e calculo que se vai fazendo tarde. Tenho fome e, quando chegarmos ao barco, vamos comer e fumar.

Passado pouco tempo, saíram pelo buraco escondido no maciço de sumagre, olharam em volta e, não vendo ninguém, correram para o barco, onde comeram o farnel que levavam. Depois, quando o Sol começou a baixar, desceram o rio. Ao anoitecer, Tom encaminhou o barco para a margem. Conversaram alegremente e, logo que a escuridão foi completa, desembarcaram.

- Agora, Huck - disse Tom -, escondemos o dinheiro no telheiro da viúva e amanhã de manhã vamos lá contá-lo e dividi-lo; em seguida procuramos um lugar nos bosques para o pormos a salvo. Fica aqui quieto, de

guarda a isto, que eu vou num instante buscar o carrinho de mão de Benny Taylor. Não me demoro nem um minuto.

Desapareceu e, passados instantes, voltou com o carrinho. Pôs ali os sacos, tapou-os com uns farrapos, e começaram ambos a caminhar, puxando a carga atrás deles. Quando chegaram à casa do galês, pararam a descansar e, no momento em que se dispunham de novo a caminhar, apareceu o velhote, que perguntou:

- Quem está aí?

- Huck e Tom Sawyer.

- Ainda bem! Venham cá, rapazes. Venham comigo. Andem depressa, que está toda a gente à espera de vocês. Sigam à frente, que eu levo o carro. Mas que é isto? O carro pesa muito mais do que eu esperava. Levam aqui tijolos? Ou ferro-velho?

- Ferro-velho - respondeu Tom.

- Já calculava. Os rapazes desta aldeia cansam-se mais à procura de ferro velho para vender na fundição do que se cansariam noutro trabalho qualquer onde pudessem ganhar o dobro, mas a natureza humana é mesmo assim! Depressa, depressa rapazes!

Os dois pequenos quiseram saber para que era tanta pressa.

- Não se importem; logo sabem quando chegarem a casa da viúva Douglas.

Habituado como estava a que o acusassem injustamente, Huck disse, um pouco apreensivo:

- Mister Jones, nós não estivemos a fazer mal...

O galês riu.

- Não sei nada disso, meu rapaz, não sei nada disso. Tu e a viúva não são bons amigos?

- Pelo menos tem sido minha amiga.

- Então porque hás-de estar assim assustado?

Ainda o raciocínio lento de Huck não tinha encontrado resposta a esta pergunta, quando os dois rapazes se sentiram empurrados para a sala de Mrs. Douglas. Mr. Jones deixou o carrinho à porta e entrou também.

A sala estava profusamente iluminada e via-se ali toda a gente de certa importância da aldeia: os Thatcher, os Harpers, os Rogers, a tia Polly, Sid, Mary, o pastor, o director do jornal e muitas outras pessoas. Todos envergavam os seus fatos domingueiros. A viúva recebeu os dois rapazes com o máximo de cordialidade que se podia dispensar a duas pessoas com aquele aspecto. Traziam o fato sujo de gesso e de sebo das velas. A tia Polly sentiu-se corar de vergonha e sacudiu a cabeça, franzindo o sobrolho para Tom. No entanto, ninguém se sentia tão mal como os próprios rapazes.

Mr. Jones disse:

- Tom ainda não estava em casa, por isso já tinha desistido de o procurar, mas encontrei os dois à minha porta e disse-lhes que viessem comigo depressa.

- Fez muito bem! - aprovou a viúva. - Venham comigo, rapazes - disse, levando-os a um quarto de cama. - Lavem-se e vistam-se. Estão aqui dois fatos novos completos, com camisas, peúgas e tudo. São de Huck - não me agradeças, Huck -, Mr. Jones comprou um e eu comprei o outro, mas ambos devem servir igualmente a qualquer de vocês. Vistam-nos, que nós esperamos que vocês desçam quando estiverem prontos.

E saiu do quarto, deixando os dois rapazes.

34. RIOS DE DINHEIRO

- Se tivéssemos uma corda, podíamos fugir pela janela, que não é muito alta! - disse Huck.

- Que disparate! Porque é que queres fugir?

- Não estou habituado a ver tanta gente e não me sinto bem. Nem vou lá abaixo!

- Que maçador! Que importância tem isso? Eu não me importo nada. Deixa, que tomo conta de ti.

Entretanto, apareceu Sid, que disse:

- A tia esteve toda a tarde à tua espera e a Mary preparou o teu fato de domingo. Já toda a gente estava com cuidado em ti. Olha lá, o que tens no fato não é gesso e sebo de velas?

- Sabe que mais, Mister Jones, meta-se com a sua vida! Afinal porque é tanto barulho?

- Esta festa é uma das muitas que a viúva costuma dar. A de hoje é em honra do galês e dos filhos, por causa de lhe terem salvo a vida naquela noite. Sempre lhes posso dizer uma coisa,

se vocês querem saber.
- Que é?
- É que o velho Mister Jones se reserva para dar uma notícia a esta gente toda, mas eu ouvi-o falar nisto em segredo à tia e suponho que o caso já não é surpresa para ninguém. Já todos sabem, até mesmo a viúva, embora ela finja que não! Mister Jones tinha grande empenho em que Huck aqui estivesse, pois dizia que não podia contaro segredo sem a presença dele.
- Segredo a respeito de quê, Sid?
- A respeito de o Huck seguir os ladrões até casa da viúva. Suponho que Mister Jones estava à espera de fazer um grande sucesso com a sua surpresa, mas agora já não o conseguirá! - concluiu Sid com um risinho de satisfação.
- Foste tu que disseste, Sid?
- Não importa quem o disse. Alguém foi. O resto não interessa.
- Só há nesta aldeia uma pessoa suficientemente mesquinha para o dizer, e essa pessoa és tu, Sid. Se tivesses estado no lugar de Huck, tinhas-te escapado pela colina abaixo sem falar nos ladrões a ninguém. Só sabes fazer coisas mesquinhas e não podes ver elogiar ninguém por fazer coisas boas. Não me agradeças, como diz a viúva! - rematou Tom, socando as orelhas de Sid e pondo-o fora do quarto a pontapé. - Agora vai dizer à tia se és capaz e amanhã pagas todas juntas.

Instantes depois, os convidados da viúva estavam sentados à mesa da ceia, e umas doze crianças ocupavam mesas pequenas, como era costume da região e da época.

No momento preciso, Mr. Jones fez um pequeno discurso, no qual agradeceu à viuva a honra que lhe dava e aos filhos, embora houvesse outra pessoa cuja modéstia...

E assim por aqui fora, até que disse, da maneira mais dramática que podia, qual fora a parte tomada por Huck na aventura daquela noite, mas a surpresa ocasionada pelas suas palavras foi muito fingida e não tão ruidosa e efusiva como ele tinha esperado. Ainda assim, a viúva mostrou-se muito admirada e fez tais elogios a Huck, mostrou-Lhe tal gratidão, que ele, pouco habituado a ser alvo dessas manifestações, sentiu um mal-estar ainda maior que o que Lhe dava o fato novo. A viúva disse que tencionava chamar Huck para sua casa e mandá-lo educar: disse ainda que projectava montar-lhe um negócio modesto, logo que tivesse dinheiro para isso.

Era o momento propício para Tom falar e, sem o desperdiçar, exclamou:

- Huck não precisa disso, porque é muito rico!

Só por serem muito bem educadas é que as pessoas presentes não sublinharam esta frase com francas gargalhadas, mas, passados instantes, Tom interrompeu o silêncio, para continuar:

- Talvez não acreditem, mas tem muito dinheiro. Esperem um minuto que já lhes vou mostrar.

Tom correu para a porta. Nesse meio tempo, as pessoas que estavam entreolharam-se, interessadas e perplexas; depois olharam Huck, mas este não disse uma palavra.

- Oh! Sid, Tom não está bom! - exclamou a tia Polly. - Não há maneira de eu entender este rapaz. Não consigo...

Tom entrou, curvado ao peso dos dois sacos, e a tia Polly não chegou a acabar a frase.

O rapaz despejou o dinheiro em cima da mesa e disse:

- Aqui está. Do que vêem, metade é de Huck e metade é minha. Quem tinha razão?

Diante deste espectáculo os outros quase nem podiam respirar. Todos olhavam pasmados, mas só passados os primeiros momentos pediram explicações. Tom prometeu dá-las e cumpriu. Contou a história, que era longa e cheia de interesse.

Encantados, os outros só de longe em longe o interrompiam com uma ou outra exclamação. Quando acabou, Mr. Jones disse:

- Julguei que tinha preparado uma grande surpresa para Lhes dizer, mas vejo bem que, depois disto, a notícia que lhes dei ficou a perder de vista e reconheço que têm razão.

Contou-se o dinheiro. A quantia montava a doze mil dólares. Embora alguns dos presentes tivessem muito mais do que aquilo em propriedades, nenhum tinha visto ainda uma soma daquelas junta.

35. O RESPEITåVEL HUCK ENTRA PARA A QUADRILHA

Pode o leitor ficar certo de que esta sorte grande de Tom e Huck fez uma tremenda revolução na pequena aldeia de São Petersburgo. Uma quantia daquelas em metal sonante parecia a todos uma coisa quase incrível. Falou-se muito nisso, com palavras elogiosas, até que a razão de alguns aldeões começou a vacilar sob aquela excitação. Todas as casas assombradas" de São Petersburgo e das aldeias em volta foram rebuscadas, tábua por tábua, e os alicerces cavados e remexidos, à procura de tesouros escondidos; e tudo isto foi feito não por rapazes, mas até por certos homens sérios e sensatos. Onde quer que aparecessem Tom e Huck, rodeavam-nos e olhavam-nos com admiração. Não se lembravam os dois rapazes de que alguma vez tivessem ligado importância às suas observações, mas tudo o que diziam agora era repetido e comentado. Tudo o que faziam parecia digno de atenção; é claro que tinham perdido a faculdade de fazer ou dizer coisas vulgares e, o que é mais, a história do seu passado era analisada, conseguindo descobrir-se-lhe sinais de originalidade. O jornal da aldeia publicou esboços biográficos dos dois rapazes.

A viúva Douglas emprestou o dinheiro de Huck a seis por cento e, a pedido da tia Polly, o juiz Thatcher ,fez o mesmo ao de Tom. Assim, cada rapaz ficou com um rendimento simplesmente prodigioso, pois tinham um dólar por cada dia útil da semana e meio dólar aos domingos; era o mesmo que recebia o pastor - ou antes, aquilo que Lhe tinha sido prometido, mas que em geral não conseguia receber. Naquele

tempo, um dólar e um quarto por semana chegavam para pagar o alojamento, a comida, a educação de um rapaz, e ainda para o vestir e pagar a quem Lhe tratasse da roupa.

O juiz Thatcher tinha de Tom uma alta opinião. Dizia ele que um rapaz vulgar não conseguiria tirar a filha da gruta, e a sua comoção foi visível quando Becky lhe contou, muito em segredo, que Tom se deixara sovar na escola para a poupar; quando, depois, ela o defendeu por ter mentido, no

intuito de a livrar, o juiz disse, deveras entusiasmado, que aquela mentira era digna de caminhar de cabeça erguida e ficar na história lado a lado com a célebre frase de George Washington a respeito do machado. Becky pensou que o pai nunca Lhe tinha parecido tão alto nem tão soberbo como quando, ao dizer isto, caminhava pela casa e batia com o pé no chão. Foi dali contar tudo a Tom.

O juiz Thatcher tinha esperança em que Tom viesse a ser um dia grande advogado ou militar. Disse que tencionava fazer com que Tom fosse admitido na escola militar e depois na melhor escola de Direito do país, para poder vir a seguir ambas as carreiras ou uma delas.

A riqueza de Huck Finn e o facto de viver sob a protecção da viúva Douglas deu-lhe entrada na sociedade, ou antes, arrastou-o para lá, e os seus sofrimentos quase iam além do que podia suportar. Os criados da viúva traziam-no limpo e cuidado, penteado e escovado, e metiam-no todas as noites entre lençóis desagradáveis, sem uma única nódoa ou mancha que ele pudesse apertar ao coração como um amigo. Tinha de comer com garfo e faca; tinha de se servir de guardanapo, de chávena e de prato; tinha de aprender pelo livro; tinha de ir à igreja; tinha de falar tão comedidamente que as palavras Lhe pareciam insípidas; para onde quer que se virasse, rodeavam-no as peias da civilização, que o atavam de pés e mãos.

Suportou com coragem todos estes martírios durante três semanas, mas, um dia, fugiu. Desanimada, a viúva procurou-o por toda a parte, durante quarenta e oito horas. Toda a gente se interessou pelo caso e ajudou a procurar, chegando até a rocegar o fundo do rio. Na manhã do terceiro dia, muito cedo, Tom Sawyer foi sensatamente procurá-lo dentro de umas barricas vazias que havia por trás do velho matadouro e, numa delas, encontrou o refugiado. Huck tinha dormido ali e almoçado uns restos de comida que roubara.

Quando o amigo chegou, estava deitado, muito à vontade, a fumar o seu cachimbo. Estava sujo, por pentear e vestido com os mesmos farrapos imundos que o tinham tornado pitoresco nos dias passados, em que ele era livre e feliz. Tom tirou-o de lá, disse-lhe o cuidado em que todos andavam, e insistiu para que voltasse para casa. Então, a expressão de Huck toldou-se e disse:

- Não me fales nisso, Tom! Já experimentei, mas não pode ser. Não é para mim. Não estou habituado. A viúva é boa, é

minha amiga, mas não posso suportar as suas maneiras. Faz-me levantar todos os dias à mesma hora, faz-me lavar e pentear até me levar o diabo; não me deixa dormir na arribana; tenho de usar aqueles malditos fatos que me sufocam, porque parece que não deixam passar o ar através deles; são tão bonitos que não me posso sentar, nem deitar, nem rebolar no chão quando os tenho vestidos. Tenho a impressão de que há já um ano que não me sento numa soleira de pedra; tenho de ir à igreja e suar e suar, porque detesto aqueles sermões amaneirados. Quando lá estou não posso apanhar uma mosca nem mascar. Tenho de andar de sapatos durante o dia todo de domingo. A viúva come ao toque de um sino, vai para a cama ao toque de um sino, levanta-se ao toque de um sino. Enfim, tudo lá em casa é tão certo que uma pessoa não pode suportar tal vida.

- Mas toda a gente vive assim, Huck!

- Não me importo. Eu não sou toda a gente e não aguento aquela vida. É horrível vermo-nos assim amarrados e, mesmo sem querer, começa-se a resmungar. Deste modo já não me interessa a vida. Tenho de pedir licença para ir pescar; tenho de pedir licença para ir andar: tenho de pedir licença para tudo; tenho de falar tão bem que só me apetece estar calado. Todos os dias vou um bocado para o sótão mascar, se não, morro, Tom. A viúva não me deixa fumar; não me deixa gritar; não me deixa bocejar, nem espreguiçar-me, nem coçar-me diante de gente...

Com um ar irritado, continuou:

- O pior de tudo é que leva o tempo a rezar. Nunca vi uma mulher assim! Tive de fugir, Tom, tive de fugir! Além disso, a escola vai abrir e hei-de ter de lá ir. Não suporto isso, Tom. Olha, sabes? Ser rico não é tão bom como parece. Afinal, só se têm maçadas e mais maçadas, a ponto de se desejar a morte. Este fato é que me fica bem, nesta barrica é que gosto de dormir, e nunca mais sairei daqui. Se não fosse o dinheiro, não tinha passado por aqueles trabalhos, mas o melhor é guardares para ti a minha parte e dares-me de vez em quando alguma coisa; não muito nem muitas vezes, porque não preciso de fazer grandes despesas. Vai ter com a viúva e pede-lhe que me faça isto.

- Oh! Huck, bem sabes que não posso fazer o que me pedes. Não é justo e, além disso, se experimentares por mais algum tempo, hás-de acabar por gostar.

- Gostar? Muito! Tanto como se acaba por gostar de estar sentado em cima de um fogão aceso. Não, Tom, não quero ser rico e não quero viver nessas malditas casas onde me faltava o ar. Gosto dos bosques e do rio,

gosto de viver numa barrica e não estou disposto a deixar isto. O diabo que leve o resto! Visto que já temos espingardas num esconderijo da gruta e que ajustámos ser ladrões, para que há-de uma coisa destas estragar tudo?

Tom achou num repente um bom argumento:

- Ser rico não me impede de querer ser ladrão.

- Isso é certo, Tom?
- Tão certo como estar aqui; mas bem sabes que não te posso deixar entrar para a quadrilha desde que não sejas uma pessoa respeitável.

A alegria de Huck vacilou:

- Não me deixas entrar, Tom? Mas deixaste-me ser pirata.
- Sim, mas é diferente. Um ladrão é uma pessoa de categoria mais alta que um pirata. Isto de um modo geral, já se vê, porque, na maioria dos países, vivem entre a nobreza, entre duques e outros que tais.
- Mas, Tom, não tens sido sempre meu amigo? Não vais agora afastar-me de ti. És capaz disso? Não és, pois não, Tom?
- Não quero afastar-te nem te afasto, mas que dirão os outros? Hão-de desdenhar e dizer que na quadrilha de Tom Sawyer só há pessoas de pouca importância e, quando o disserem, referem-se a ti. Tu não gostavas disto, pois não?

Huck ficou em silêncio por momentos, a lutar consigo próprio; por fim, disse:

- Pois bem! Volto para casa da viúva mais um mês, a ver se consigo habituar-me àquela vida, se me prometes que posso entrar na tua quadrilha.
- Está combinado, Huck. É um contrato. Então, vem comigo, que vou pedir à viúva que te dê um pouco mais de liberdade.
- Fazes isso, Tom? Fazes isso? Que bom! Ainda que não me consinta algumas das coisas de que mais gosto, escondo-me para fumar e praguejar, ou então rebento. Quando começamos a pertencer à quadrilha e a ser ladrões?
- Já. Se conseguirmos reunir hoje os rapazes, talvez se possa combinar a iniciação para logo à noite.
- Combinar o quê?
- A iniciação.
- Que é isso?
- É jurar que nos defendemos uns aos outros, que nunca diremos os segredos da quadrilha nem que nos façam em bocados, e que matamos todo aquele, e a sua família, que faça mal a alguém da quadrilha.
- Isso é muito bom, Tom. Isso é muito bom - Pois claro que é. E este juramento tem de ser feito à meia-noite, no ponto mais só e mais medonho que se possa arranjar. O melhor sítio é uma casa assombrada, mas já as deitaram todas abaixo.
- Em todo o caso, à meia-noite é boa hora, Tom.
- Pois é. E tem que se jurar em cima de um caixão e assinar o juramento com sangue.
- Assim é que é! É mil vezes melhor do que ser pirata. Não largo a viúva até morrer, Tom, e, se conseguir alguma vez ser um ladrão encartado e que toda a gente fale de mim, calculo que ela há-de ter orgulho de me ter protegido.

36. CONCLUSÃO

Assim acabou esta história, que, sendo a história de um rapaz,, tem de parar aqui, pois, se continuasse, transformar-se-ia na história de um homem. Aquele que escreve um romance acerca de pessoas crescidas sabe onde deve parar, isto é, no casamento; mas aquele que escreve a história de uma criança termina onde lhe parece melhor.

A maior parte das personagens que entram neste livro ainda vivem e estão prósperas e felizes. Talvez um dia nos pareça bem voltar a contar a história dos mais novos, a ver em que espécie de homens e de mulheres se transformaram. Por conseguinte, parece-me melhor não revelar, por agora, nada do que se seguiu na sua vida.

Fim do Livro

Livros Unibolso

volumes publicados

1. SOMERSET MAUGHAM - O FIO DA NAVALHA
2. EÇA DE QUEIROZ - O SUAVE MILAGRE E OUTRAS PåGINAS
3. GRAHAM GREENE - O AMERICANO TRANQUILO
4. CHRISTIAAN BARNARD- COMO DEFENDER O NOSSO CORAÇÃO
5. ALBERT CAMUS - O ESTRANGEIRO
6. CAMILO CaSTELO BRANCO - A QUEDA DUM ANJO
7. J. K. JEROME - TRêS HOMENS NUM BOTE
8. JORGE AMADO - JUBIABå
9. Tom WERNECK E FRANK ULLMANN - O PODER MENTAL
10. GIOVANNI GUARESCHI - D. CAMILO E O SEU PEQUENO MUNDO
11. VITORINO NEMÉSIO-MAU TEMPO NO CANAL
12. BLAISE CENDRARS - RUM
13. PEARL BUCK - A FLOR OCûLTA
14. URBANO TAVARES RODRIGUES - OS INSUBMISSOS
15. WILLIAM FAULKNER - O SOM E A FURIA
16. VASCO PRATOLINI - CRƒNICA FAMILIAR
17. G. K. CHESTERTON - O HOMEM QUE ERA QUINTA-FEIRA
18. ARTHUR MILLER - FOCUS
19. JûLIO DINIZ- UMA FAMïLIA INGLESA
20. CARLO COCCIOLI - O JOGO
21. BUDD SCHULBERG - QUE FAZ CORRER SAMMY?
22. ERICO VERïSSIMO - UM CERTO CAPITãO RODRIGO
23. LEÃO TOLSTOI - RESSURREIÇÃO
24. JEAN-PAUL SARTRE - AS PALAVRAS
25. MAURICE BARING - O TRONO E O ALTAR
26. ERSKINE CALDWeLL - ILHA DE VERãO
27. ALEXANDRE HERCULANO - EURICO, O PRESBïTERO
28. D. H. LAWRENCE-A SERPENTE EMPLUMADA
29. HERVÉ BAZIN - DE VïBORA NA MÃO
30. EVELYN WAUGH - O ENTE QUERIDO

31. JOSé LINS DO REGO - DOIDINHO
32. BORIS PASTERNAK-O DOUTOR JIVAGO
33. ALDOUS HUXLEy - ADMIRåVEL MUNDO NOVO
34. JORG NimMERGuT - DESENVOLVA A SUA CAPACIDADE CRIATIVA
35. ALBERTO MORAVIA - A ATENÇÃO
36. GEORGE ORwELL - 1984
37. IRENE LISbOA - VOLTAR ATRåS PARA QUê?
38. EDGAR POE - AVENTURAS EXTRAORDINåRIAS DE GORDON PYM
39. HENRY MILLER - UM DIABO NO PARAïSO
40. A. J. CRONIN - A CIDADELA
41. J. E. KLAUSNiTZER - DESENVOLVA O sEu NïVEL DE INTELIGêNCIA
42. FERNANDA BOTELHO - XERAZADE E OS OUTROS
43. JûLIO VERNE - A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
44. TOMASI DI LAMPEDUSA - O LEOPARDO
45. ROBERT CHARROUX - HISTƒRIA DESCONHECIDA DOS HOMENS
46. ERNEST HEMINGWAY - FIESTA
47. EMILE ZOLA - TERESA RAQUIN
48. STEFAN ZWEIG - AMOK
49. HANS HELMUT KIRST - COM ESTAS MINHAS MÃOS
50. H. G. WELLS - A GUERRA DOS MUNDOS
51. N. O. HENDERSON - REVOLUÇãO INDUSTRIAL
52. FRIEDRICH W. DOUCET - A PSICANåLISE
53. SINCLAIR LEWIS - O DR. ARROWSMITH
54. STTAU MONTEIRO - ANGûSTIA PARA O JANTAR
55. MARK TWAIN - AVENTURAS DE TOM SAWYER

a seguir:

56. TOM WERNECK FRANK ULLMANN - LEITURA DiNÅMICA

Data da Digitalização

Amadora, Maio de 1997